**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**A ÁFRICA PRESENTE NO DISCURSO DE RICHARD
FRANCIS BURTON:
Uma análise da construção de suas representações**

Alexsander Lemos de Almeida Gebara

**Tese apresentada ao Programa
de Pós-Graduação História Social, do
Departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo, para obtenção do título de
Doutor em História.**

Orientador: Profa. Dra. Maria Helena Pereira Toledo Machado.

São Paulo

RESUMO:	3
AGRADECIMENTOS	4
APRESENTAÇÃO.	6
CAPÍTULO 1: BURTON E SUAS REPRESENTAÇÕES.....	12
Introdução biográfica.....	13
Um militar inglês na Índia	16
1850 – 60 - A década de aventuras	23
Burton na África.....	34
CAPÍTULO 2: CONTEXTUALIZANDO O AUTOR E O SEU ESPAÇO.....	46
Contextualização da relação entre Inglaterra e África ocidental.	47
Contexto das regiões visitadas por Burton na África Ocidental.	64
Delta do Niger – Contexto.....	65
Daomé – Contexto.....	73
Abeokuta – Contexto.	82
Perspectivas de Burton para a atuação inglesa na África Ocidental.....	90
A posição consular.	97
CAPÍTULO 3: O LUGAR DE BURTON NA INGLATERRA.	102
Espaços institucionais de circulação dos textos de Burton na Inglaterra.....	103
Royal Geographical Society.....	105
Anthropological Society of London.....	113
Burton e o <i>Cannibal Club</i>.	120
Estratificação social e representação racial.	123
CAPÍTULO 4: O LUGAR DE BURTON NA ÁFRICA.	131
O período consular de Burton na África Ocidental.	132
Abeokuta.....	137
O trabalho na costa africana	164
Daomé	187
Delta do Níger e Comitê para a África Ocidental.....	206
MAPA	221

Resumo:

Esta tese procura analisar as representações de Richard Francis Burton na África Ocidental, durante sua permanência como cônsul inglês na Baía de Biafra entre os anos de 1861 e 1865. Para isto, procurou-se reconstituir o contexto histórico das relações inglesas com a região ao longo do século XIX, bem como a história das regiões descritas por Burton em seus textos. Além disto, também analisou-se os espaços de circulação dos textos de Burton na Inglaterra, e a relação do autor com a *Royal Geographical Society* e a *Anthropological Society of London*. O objetivo é recuperar parte da complexidade constitutiva de seus textos, valorizando a experiência pessoal do autor frente a resistência dos africanos à imposição de dinâmicas comerciais e econômicas inglesas. Para a consecução destes objetivos, foi realizada uma comparação entre os diversos registros escritos de Burton: documentos consulares no Foreign Office, artigos para revistas científicas e relatos de viagem.

Abstract:

This thesis tries to analyze the representations of Richard Francis Burton in West Africa, during his consulship at the Bight of Biafra in the years between 1861-1865. To make it, we have reconstructed the historical context of the British relations with the region along the 19th century, as well as the history of the regions described by Burton in his texts. We also analyze the spaces of circulation of Burton's texts in England, and his relations with the Royal Geographical Society and the Anthropological Society of London. The aim is to recover part of the constitutive complexities of his texts, stressing the author's personal experience facing the African resistance to the impositions of British commercial and economic dynamics. To achieve these aims, we make a comparison between the several kinds of Burton's texts: the Foreign Office papers, articles to scientific journals, and travel writings.

Palavras Chave/Keywords.

África Ocidental; Análise do Discurso Colonial; Relatos de Viagem; Inglaterra século XIX; Imperialismo.

West Africa; Colonial Discourse Analysis; Travel Writings; 19th century England; Imperialism.

Agradecimentos

Agradecer às pessoas e instituições que foram importantes no processo de desenvolvimento de uma pesquisa parece ser fácil. Parece ser suficiente lembrar seus nomes e dizer-se agradecido... Acho que todos os que passaram pelo processo de escrever uma tese sabem que isto é impossível. Não dá para medir a ajuda e participação de todas elas no resultado final. E elas foram muitas, desde meus colegas de graduação, ainda durante os primeiros contatos e discussões durante o ano de 1994, os funcionários das Universidades nas quais tive o privilégio de estudar, os professores de graduação e pós graduação, os amigos, a família enfim. Nos estreitos limites do texto escrito, em especial nas exíguas qualidades literárias de meu próprio texto, não cabem os sentimentos que deveriam ser expressos como agradecimento. Todos os que aparecem mencionados aqui, saibam que estas linhas não fazem jus ao quanto vocês foram importantes para mim, mas aceitem-nas como uma forma sincera de dizer obrigado.

À professora Maria Helena Machado, eu agradeço pela orientação precisa e instigante, que durante os sete anos de trabalho incentivou a curiosidade e apresentou sempre novos caminhos bibliográficos que multiplicaram as possibilidades de reflexão; pelas leituras sempre criteriosas dos resultados da pesquisa e por nossas conversas, nas quais sempre soube fazer as críticas pertinentes e os elogios na medida certa; Maria Helena, você sabe que sem sua orientação este trabalho não teria terminado... obrigado.

Ao professor Michael Hall, pelas indicações bibliográficas de valor inestimável; pelo interesse que sempre mostrou sobre meu trabalho; pelas considerações importantes no exame de qualificação; pela ajuda em contatar o professor Lewis na Inglaterra... obrigado.

Ao professor Lynn Mario Menezes de Souza, pela leitura criteriosa e pela arguição instigante na qualificação, e por sua apresentação do trabalho de Homi Bhabha durante um curso da professora Maria Helena Machado (pode parecer pouco, mas marcou o início de um frutuoso percurso de leituras que estão por trás de todo o desenvolvimento desta tese)... obrigado.

Ao Professor Colin Lewis, pela hospitalidade com que me recebeu na Inglaterra; pela presteza com que atendeu minhas solicitações; pelas conversas que tivemos no Brasil e em Londres que apontaram muitos caminhos possíveis para a pesquisa... obrigado.

À professora Silvia Hunold Lara, por ter dado a oportunidade para que eu iniciasse no caminho da pesquisa, ainda durante a graduação (Saiba que esta tese tem raízes nas leituras de relatos de viagem desde aquele tempo), e pelas aulas de introdução e teoria da história que me fizeram ser picado pelo bichinho da pesquisa... obrigado.

Agradeço aqui também aos professores e alunos do grupo de estudos de “História Atlântica”, do departamento de História da USP, que enriqueceram este texto com suas questões e sugestões quando lhes apresentei uma versão preliminar. Muito obrigado a vocês.

Ao CODESRIA (Conselho para o Desenvolvimento de Pesquisa em Ciências Sociais em África) e ao SEPHIS (South-South Exchange Programme for Research on the History of Development), pela possibilidade oferecida de participar de um workshop internacional; aos seus funcionários que tornaram as três semanas em Dakar muito mais do que um simples curso, mas um momento de fazer amigos; e aos demais participantes do Workshop, Radica, Dalea, Anindida, Tanvir, Ntabiseng, Akachi, Oladiti, Adoyi, Anup, Suma, Epsita, Mfon e Obi, e às professoras Samita Sem, Rudo Gaidzawa e Rodah Redock, os nossos debates enriqueceram e refinaram muito o resultado do trabalho. A todos vocês.... obrigado.

À CAPES, pela bolsa de doutorado que financiou boa parte da pesquisa, em especial o auxílio para o estágio de seis meses em Londres, sem o qual seria virtualmente impossível ter realizado a tese.

Enfim, às pessoas mais importantes da minha vida, minha família. Maristela, minha mãe, nem seria necessário mencionar o quanto você tem sido importante, apoiando minhas escolhas e acreditando sempre em mim... Obrigado.

Marta e Luísa, seria impossível colocar em palavras o quanto agradeço a vocês duas. Já tentei escrever dezenas de vezes, procurando sempre as melhores expressões, porém em vão. Algumas destas vezes, fui às lágrimas, elas estão aqui. Só nós sabemos como foi difícil, meses de ausência, muitas vezes, a própria presença era ausente. Mas em nenhum momento sequer vocês estiveram fora de minha cabeça, ou longe de meus sentimentos. Pelo fato de vocês existirem, e fazerem de minha existência um lugar de felicidade e sentidos... Muito obrigado.

Apresentação.

“[Orientalism], then stands as an example of the production of knowledge as negative: stereotyping, Othering, dominatory. Colonial discourse analysis and post colonial theory are thus critiques of the process of production of knowledge about the other. As such, they produce forms of knowledge themselves, better knowledge it is hoped...”¹

Segundo Williams e Chrisman, uma das preocupações da análise do discurso colonial, desde o trabalho fundador de Edward Said² tem sido demonstrar como os povos “subalternos” ou colonizados foram construídos nas representações realizadas na Europa ao longo do processo de expansão colonial e imperial principalmente durante o século XIX e começo do século 20 enfatizando a violência epistemológica presente nestas representações. Ainda segundo eles, muitas vezes a produção cultural destas regiões “periféricas” é vista como um movimento de *resposta* ao contexto desta violência. Desta forma, o problema destas análises encontra-se no fato de que elas ainda continuam a “posicionar a subjetividade colonial/imperial como tendo uma primazia ontológica e epistemológica”, ficando os sujeitos nativos ou subalternos com um papel secundário e apenas reflexivo. Para estes autores:

What has been less explored is the extent to which the subaltern may have played a constitutive rather than a reflexive role in colonial and domestic

¹ Williams, Patrick, and Chrisman, Laura. “Introduction” in: Williams, Patrick, and Chrisman, Laura. (eds.) *Colonial Discourse and Postcolonial Theory: A Reader*. New York: Columbia University Press, 1994. p. 8. (“[Orientalismo], então permanece como um exemplo da produção de conhecimento como negativa: estereotipando, *Outrizando*, dominadora. A análise do discurso colonial e a teoria pós colonial são assim críticas do processo de produção do conhecimento sobre o outro. Sendo assim, elas produzem formas de conhecimentos elas mesmas, um conhecimento melhor é esperado...”)

² Said, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. Originalmente publicado em 1978.

imperial discourse and subjectivity. Rather than being that other onto which the colonizer projects a previously constituted subjectivity and knowledge, native presences, locations, and political resistance need to be further theorized as having a determining or primary role in colonial discourses, and in the domestic versions of these discourses. In other words, the movement may have been as much from the 'periphery' to 'centre' as from the 'centre' to the 'periphery'.³

A proposição é que não se deve pensar em “metrópole” ou “periferia” como locais isolados e opostos de produção de conhecimento, mas como partícipes de um mesmo processo histórico de configuração da conjuntura global contemporânea.⁴

A abordagem desta pesquisa preocupa-se com estas questões, uma vez que seus objetivos principais estão voltados para a análise das enunciações de Richard Francis Burton como processos que incorporam esta violência epistemológica. Entretanto, não se trata de ‘recuperar’ vozes nativas ou subalternas nos textos de Burton, mas analisá-los como constituídos dentro de um processo histórico no qual as agências e resistências dos não europeus são parte importante.

Desta forma, é preciso pensar no espaço de produção do conhecimento ‘ocidental’ de maneira ampliada, como um espaço interativo, relacional que se constitui simultaneamente ao processo material de expansão imperial. Ao utilizar este enfoque, a análise do discurso colonial ganha outros contornos. Não mais se limita a demonstrar a violência epistemológica exercida sobre os não europeus, mas ao fazer isto, recupera as

³ Williams, Patrick, and Chrisman, Laura. *Introduction...*, p. 16. (“O que tem sido menos explorado é a extensão na qual o subalterno pode ter jogado um papel constitutivo mais do que um reflexivo no discurso e na subjetividade colonial e imperial doméstica. Ao invés de ser aquele outro no qual o colonizador projeta uma subjetividade e um conhecimento previamente constituído, resistências políticas, localizações e presenças nativas precisam ser teorizadas mais a fundo como tendo um papel determinante ou principal nos discursos coloniais, e nas versões domésticas destes discursos. Em outras palavras, o movimento pode ter sido tanto da ‘periferia’ para o ‘centro’ quanto do ‘centro’ para a ‘periferia’.”)

⁴ O livro de Gilroy, Paul. *The Black Atlantic, Modernity and double consciousness*. London: Verso, 1993. propõe, por exemplo, um novo signo de representação do espaço de produção da “modernidade ocidental” como sendo um navio em movimento, uma vez que representa o trânsito, relações, o contato, simbolizando a interação em detrimento da oposição.

experiências de embates, resistências e colaborações oriundas do contato cultural e material que criam as necessidades de representações que constituem o próprio discurso colonial.

Entretanto, nem todo o processo imperial se assentou sobre as mesmas bases materiais. Desta forma, embora todas as enunciações imperialistas possam ser comparáveis pelo simples fato de serem imperialistas, elas não respondem unicamente à uma lógica central ou seja, a uma demanda “européia” de legitimação, mas emanam da própria situação material de encontros e “trocas” do espaço ampliado de constituição da “modernidade ocidental”. Afirmar a “troca” não significa retirar do processo sua característica violenta. Ocorre justamente o contrário, compreender as especificidades locais da produção deste discurso pode informar sobre sua produção em situações materiais de conflito que mostram-se intrinsecamente violentas e que são suprimidas pela retórica moral legitimadora do imperialismo.

Os textos de Burton revelam-se como meios interessantes para analisar esta dinâmica de produção de conhecimento “europeu” sobre o “outro” por que seu autor passou grande parte de sua vida adulta justamente em regiões de contato cultural. Neste contexto, o período escolhido nesta pesquisa, a sua primeira experiência como cônsul inglês entre 1861 e 1864 na África Ocidental, também mostra-se interessante, pois foi quando, tanto para Burton quanto para a “antropologia” inglesa, cristalizaram-se mudanças na representação dos não europeus, mais especificamente dos africanos, como será possível verificar ao longo do trabalho.

Para a consecução deste objetivo, entretanto, era preciso ter acesso ao maior número possível de textos de Burton, seus relatos de viagem, seus artigos para revistas científicas, a correspondência oficial entre ele e o *Foreign Office*, e finalmente suas correspondências pessoais. Desta forma, só foi possível realizar este trabalho, graças à bolsa de doutorado com estágio no exterior oferecida pela CAPES, que financiou a viagem e estadia de seis meses em Londres para leitura destes documentos no *Public Record Office* e na *British Library*. Além disto, também foi importante o financiamento da CAPES para a pesquisa no Brasil através da bolsa de doutorado fornecida desde novembro de 2003 até a data da defesa.

Outra experiência de crucial importância para o resultado final deste texto foi a participação no *Extended Workshop in Social History*, no CODESRIA (Conselho para o

desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África) entre os dias 5 e 21 de março de 2006 em Dakar. Se não foram discutidos temas diretamente relacionados à esta pesquisa, os debates no CODESRIA fomentaram importantes reflexões sobre as temáticas da história social em produção na África, que preocupam-se muito com questões sobre a configuração de identidades – regionais, étnicas e culturais – em contextos pós coloniais. As reflexões desenvolvidas durante este evento em Dakar reforçaram a pertinência do estudo dos discursos coloniais quando pensados sob a ótica da interação entre discurso e realidade material na configuração das conjunturas históricas destas regiões.

O que este trabalho procura fazer, portanto, é analisar os textos de Burton no interior de uma dinâmica de contato, sob ação de diversas linhas de força que interagem na construção desta dinâmica. Desta forma, foram levados em consideração o contexto histórico das regiões visitadas e descritas pelo autor; o discurso “científico” geográfico e antropológico “europeu”; a política ou ação política inglesa para a região da África Ocidental no período; a estrutura social inglesa e a posição de Burton, tanto nesta estrutura quanto na burocracia do Estado inglês. Note-se que estes elementos estão separados apenas metodologicamente, uma vez que o argumento da tese é de que não são instâncias separadas no desenrolar do processo histórico.

Como pano de fundo destes objetivos, está a análise da obra de Burton como instrumento interessante para enriquecer o conhecimento sobre a história da relação entre a África Ocidental e a Inglaterra. É possível notar, por exemplo, uma história de resistências africanas, mesmo em textos de conteúdo nitidamente eurocêntrico, trazendo a África e os africanos como agentes históricos atuantes para a configuração destas relações, mesmo que o resultado desta agência possa ter sido o recrudescimento de políticas de controle direto no final do século XIX. Assim, o estudo detalhado da obra de Burton permite, de certa forma, colocar os africanos numa posição de agência que também interfere na configuração da própria imagem da África em construção na Inglaterra, e conseqüentemente das políticas inglesas para a Região.⁵

⁵ Importante ressaltar aqui que recuperar a agência africana no processo histórico de constituição de um discurso sobre a África não resulta necessariamente numa visão mais otimista ou humanista. De fato, parece ocorrer justamente o inverso. A resistência numa relação de poder tão assimétrica pode resultar numa

Desta forma, a tese divide-se em quatro capítulos. No primeiro deles, “*Burton e suas representações*”, encontra-se uma discussão das representações populacionais do autor em seus relatos nas décadas anteriores ao período especificamente estudado como forma de constituir um importante elemento de comparação e de percepção das transformações em suas representações. Ainda neste primeiro capítulo, há uma apresentação da cronologia detalhada do período consular de Burton na África Ocidental, entre 1861 e 1865, procurando mencionar as viagens realizadas pelo autor e as atividades desempenhadas por ele enquanto cônsul inglês, bem como uma apresentação das características das principais fontes utilizadas na pesquisa.

O segundo capítulo “*Contextualizando o autor e seu espaço*”, procura contextualizar, de maneira geral, a relação entre a Inglaterra e a África Ocidental no decorrer do século XIX, e um pouco mais detidamente a história das regiões visitadas por Burton nas proximidades da costa africana e o contexto no qual o autor visitou-as. A idéia é mostrar como a atuação inglesa foi parte importante do processo de configuração da conjuntura encontrada pelo autor e de certa forma impôs limites para a sua própria atuação consular. Neste capítulo também procuro discutir quais as perspectivas com as quais Burton partiu para seu posto, mostrando como as suas expectativas foram de certa forma frustradas pelas especificidades da função consular na costa africana neste momento.

O terceiro capítulo, “*O lugar de Burton na Inglaterra*”, é uma discussão sobre a *Royal Geographical Society* e da *Anthropological Society of London*, que procura sugerir quais foram os projetos “científicos” destas sociedades e a sua importância na configuração dos discursos imperiais sobre regiões “periféricas”. Burton participou ativamente destes dois espaços de debate científico nas décadas de 1850 e 1860, desta forma uma avaliação destas sociedades, bem como da relação do autor com cada uma delas fornece importantes elementos para a compreensão de suas representações neste período. Este capítulo ainda contém reflexões sobre a representação do negro na sociedade britânica procurando mostrar como as imagens das populações africanas podem ser pensadas em relação não apenas com o processo de expansão imperial mas também com transformações internas na estrutura social inglesa na segunda metade do século XIX.

opressão ainda maior, e num discurso de legitimação desta ação política que representa o africano em tons cada vez mais inferiorizados.

No quarto capítulo, “*O lugar de Burton na África*”, encontra-se a discussão das representações de Burton propriamente ditas, analisadas em comparação com as contextualizações realizadas até então, quais sejam, a apresentação de sua atuação como cônsul, suas perspectivas para a atuação nesta função, a relação da Inglaterra com a África Ocidental e o discurso colonial inglês, e enfim, o espaço de publicação e circulação dos textos de Burton e suas afinidades teóricas na década de 1860 do século XIX.

Finalmente, resta mencionar que a maior parte das fontes lidas estão originalmente em língua inglesa. Para preservar o conteúdo da fonte preferiu-se manter os textos em seus originais e, para facilitar a compreensão do leitor quando necessário, todas as traduções encontram-se em notas de rodapé. Entretanto - quando as citações são muito pequenas – algumas passagens foram traduzidas direto no corpo do texto com objetivo de não prejudicar a fluência.⁶

⁶ Ainda resta notar que quando não foi compreendida uma palavra do manuscrito original, reservou-se um espaço sublinhado no local onde ela se encontrava originalmente.

Capítulo 1: Burton e suas representações

Introdução biográfica.

Esta introdução biográfica tem como objetivo apresentar a vida de Richard Burton de maneira a situar melhor o leitor frente às análises posteriores de seus textos. Note-se que este trabalho não intenta dar conta em detalhes da vida do autor, que já foi objeto de uma série de biografias publicadas, algumas das quais serão mencionadas ao longo do texto¹. Entretanto, alguns episódios e períodos de sua vida serão retomados de maneira mais aproximada em partes subseqüentes desta tese sempre que se julgar necessário para uma maior compreensão dos argumentos propostos.

Richard Burton nasceu em Torquay, Inglaterra, em 1821 e foi o primeiro filho de Joseph Burton, tenente coronel do exército inglês e Martha Baker, de família relativamente abastada embora sem nenhuma titulação de nobreza. A infância de Richard foi marcada pela mobilidade da família: seu pai havia sido afastado da ativa e colocado à meio soldo mesmo antes de seu nascimento por questões políticas, e sua mãe trouxera um significativo dote de 30 mil libras ao casal, de forma que não precisavam permanecer fixos em nenhum lugar.² Desta maneira, Burton passou seus primeiros anos viajando constantemente entre França, Itália e Inglaterra, sendo privado de uma formação escolar tradicional ortodoxa comum aos garotos ingleses de sua posição social, recebendo em troca a orientação de tutores. Ele reclamaria da ausência desta formação décadas mais tarde como tendo sido um empecilho à sua carreira diplomática.³

Aos vinte e um anos, após uma breve e frustrada experiência acadêmica em Oxford, seu pai comprou-lhe um posto de oficial na Companhia das Índias Orientais, tendo assim

¹ Tais como as de Rice, Edward. *Sir Richard Francis Burton*, São Paulo: Cia das Letras, 1998; Broadie, Fawn. *The Devil Drives*. New York: Norton, 1984 e Burton, Isabel. *Life of Sir Richard Francis Burton*, London: Chapman and Hall, 1893.

² Ver Rice, Edward, *Sir Richard Francis Burton*, São Paulo: Cia das Letras, 1998. Primeiro capítulo.

³ Na biografia escrita por Isabel, cuja primeira parte é creditada ao próprio Burton, ele menciona que: "...if a father means his boy to succeed in an English career, he must put him to a preparatory school, Eton or Oxford, educate him for his coming profession, and not drag his family about the continent, under governesses and tutors, to learn fencing languages and become wild, and to belong to nowhere in particular as to parish or county". Burton, Isabel. *Life of Sir Richard Francis Burton*, London: Chapman and Hall, 1893, p. 70.

seguido para a Índia para servir como oficial no 16º regimento nativo de Bombaim. Burton esteve no continente indiano por cerca de sete anos entre 1842 e 1849 justamente num período de políticas agressivas de anexação por parte da Inglaterra, que ampliava seus domínios na Índia, agregando os territórios de Scind (em 1842) e Punjab (em 1846 - 49). Foi exatamente para o território de Scind (hoje parte do Paquistão), recém anexado, que Burton se dirigiu em seus primeiros meses no Oriente.

Durante seus anos na Índia, dedicou-se ao aprendizado de línguas e dialetos locais. Graças a seu conhecimento destas línguas, desempenhou funções de espionagem, imiscuindo-se entre os nativos para conseguir informações para a Inteligência do exército da Companhia. Ainda em território inglês na Índia, Burton tomou contato com preceitos da religião islâmica e aperfeiçoou seus conhecimentos na língua árabe, que seriam importantes para suas futuras viagens à África Oriental e Península Arábica.

Tendo voltado à Inglaterra no final de 1849, por motivos de saúde, não permaneceu por muito tempo na Europa. Na década de 50, ao passo em que se afastava cada vez mais do serviço oficial da Companhia, Burton aproximava-se da “carreira” de explorador. Nesta década, realizou três viagens, todas financiadas pela *Royal Geographical Society* (R. G. S.) e esteve de licença quase ininterrupta de suas funções oficiais. As duas primeiras viagens nesta década tiveram, portanto, caráter bastante diferente de sua longa permanência na Índia. Viajou disfarçado de muçulmano e despendeu alguns meses em cada uma delas. Na primeira, Burton realizou a peregrinação mais sagrada para os islâmicos em 1853 e, no ano seguinte, partiu para conhecer a cidade de Harar, também grande centro muçulmano e importante entreposto comercial da região oriental africana.⁴

O financiamento da R. G. S. para estas viagens é bastante esclarecedor quanto aos objetivos explícitos destes empreendimentos, quais sejam, tornar conhecidas regiões estranhas à Europa, preencher vazios nos mapas europeus e possivelmente abrir caminho para o desenvolvimento de atividades comerciais. Além disto, a relação entre a RGS e o Império britânico são praticamente diretas. Segundo Robert Stafford, “durante todo o

⁴ Como se tornou praxe para Burton, cada uma de suas viagens deu origem à novos volumes de narrativa, neste casos foram: *Personal Narrative of a Pilgrimage to al Medina and Meccah*. Londres: Longman, Brown, Green and Longmans, 1855 – 1857. e *First Footsteps in East Africa or an Exploration of Harar*. Londres: Longman, Brown, Green and Longmans, 1856.

século dezenove, a Inglaterra sustentou um programa de exploração científica ligado diretamente com seus interesses comerciais e imperiais”.⁵

Ainda da década de 50 do século XIX, Burton realizou uma terceira viagem financiada pela R. G. S., trata-se da épica e famosa expedição buscando a nascente do Nilo entre 1856 e 1859. Durante este empreendimento, ele penetrou pela região da atual Tanzânia, atingindo o “mar de Ujiji”, rebatizado por ele de Lago Tanganika.⁶

No início de 1861, depois de uma breve viagem aos Estados Unidos no ano anterior, casou-se com Isabel Arundell, católica de família tradicional e importantes contatos políticos. Poucos meses depois foi nomeado cônsul inglês em Fernando Pó, permanecendo em suas funções até o ano de 1865, quando foi transferido para o porto de Santos, no Brasil. Este período entre 1861 e 1865, no qual Burton exerceu as atividades consulares na África Ocidental é de fato aquele para o qual as atenções desta tese estão voltadas. Foram anos de extrema prolixidade na produção escrita de Burton. Além dos extensos relatórios enviados ao *Foreign Office*, que em determinados anos somam mais de 300 páginas, o autor publicou uma série de artigos em revistas científicas inglesas, e mais seis volumes de relatos de viagem.⁷

Burton faleceu no ano de 1890, após outras experiências consulares em Damasco e Trieste. Ao longo de sua vida, além das viagens de exploração, dedicou-se em especial ao estudo de línguas não europeias e à tradução de importantes obras literárias para o inglês, entre elas a grande obra erótica oriental *Kama Sutra*, um conjunto de contos Hindus denominado *Vikram e o vampiro*, *Os Lusíadas* de Camões, e muitas outras, incluindo algumas de literatura brasileira como *Iracema* e *O Guarani*.

⁵ Stafford, Robert. *Scientific Exploration and Empire*. in: *The Oxford History of British Empire*, vol 3, Andrew Porter (Ed.), Oxford and New York: Oxford University Press, 1989, p. 294, minha tradução. Uma discussão pormenorizada sobre a RGS e a relação de Burton com a instituição encontra-se no capítulo 3 desta tese.

⁶ Desta vez suas aventuras foram compiladas no relato *The lake regions of Central Equatorial Africa, with notices of the lunar mountains and the sources of the white Nile; being the results of an expedition undertaken under patronage of His Majesty's Government and the Royal Geographical Society of London*. Londres, W. Clowes and Sons, 1860.

⁷ Os livros e artigos de Burton neste período, bem como os relatórios consulares constituem as principais fontes primárias desta pesquisa e estão elencados no tópico “**Fontes e Bibliografia**” ao final deste texto.

Com sua morte, sua esposa Isabel, católica fervorosa, trancou-se em seu gabinete pessoal, selecionou grande parte dos seus escritos não publicados e queimou os que foram considerados por ela como agressivos à moral, procurando dissociar a imagem de Burton da literatura erótica oriental.

Neste primeiro capítulo, serão analisadas as descrições populacionais de Richard Burton nas décadas anteriores à sua estadia na África Ocidental, bem como mencionados alguns elementos de suas referências à população africana durante seu período consular. Estas reflexões são originalmente resultado da pesquisa de mestrado e foram em grande parte publicadas num artigo.⁸ Entretanto, como constituem análises importantes para a compreensão da construção discursiva de Burton sobre as regiões não européias e sua relação com as ações políticas inglesas para com a África Ocidental, é necessário retomá-las brevemente aqui.

Ainda nesta primeira parte do texto, encontra-se uma apresentação da cronologia detalhada do período consular de Burton na África Ocidental, entre 1861 e 1865, procurando mencionar as viagens realizadas pelo autor e as atividades desempenhadas por ele enquanto cônsul inglês, bem como uma apresentação das características das principais fontes utilizadas na pesquisa

Um militar inglês na Índia

Como já foi mencionado, Burton esteve na Índia entre os anos de 1842 e 1849 como militar da Companhia das Índias Orientais. Durante este período, como resultado de suas experiências, coletou material para escrever seus dois primeiros relatos de viagem, *Goa and the Blue Mountains*, e *Scinde or the Unhappy Valley*, ambos publicados em 1851.⁹

É com base em um destes textos, *Goa and the Blue Mountains*, que será apresentada a primeira análise de suas descrições populacionais. Para compreender estas representações,

⁸ Gebara, Alexsander Lemos de Almeida. “As representações populacionais de Richard Francis Burton – uma análise do processo de constituição do discurso sobre populações não européias no século XIX”. *Revista de História*, n. 149, segundo semestre 2003, pp. 181-210.

⁹ Burton, Richard, *Goa and the Blue Mountains*, Londres: Richard Bentley, 1851 e *Scinde or the Unhappy Valley* Londres: Richard Bentley, 1851.

entretanto, faz-se necessário recuperar o lugar de autoridade no qual ele se colocou para narrar suas aventuras em terras indianas. E, de fato, pode-se notar, já no primeiro capítulo, a clara delimitação do lugar de todos os envolvidos na dinâmica do relato, quais sejam, os habitantes nativos, o próprio autor e, finalmente, o leitor europeu, mais especificamente inglês.

Burton procurou valorizar sua experiência de cinco anos em terras orientais através da constante referência a elementos do cotidiano na Índia que pareciam soar incompreensíveis ao leitor europeu. De fato, já no primeiro parágrafo do texto pode-se notar claramente esta estratégia. Estando de saída da “pestilenta” Scinde onde estivera a serviço da Companhia, Burton embarca em seu *Pattimar*,

“His what?

Ah! We forget. The gondola and the barque are household words in your English ears, the budgerow is beginning to won an old familiar sound, but you are right – the pattimar requires a definition.”¹⁰

Ao mesmo tempo em que se aproximava do leitor e identifica-o, tratando-lhe por “você” e dirigindo-se a “ouvidos ingleses”, Burton assumia a sua posição privilegiada em razão do conhecimento experiencial do lugar que descreve. Ele faz questão de se mostrar tão próximo da realidade colonial que até mesmo “se esquece” de que o leitor poderia não conhecê-la.

Mais importante, entretanto, para a compreensão das descrições populacionais presentes neste relato é o lugar no qual o autor se colocava frente ao nativo indiano, pois é a partir dele que lhe seria possível construir a idéia de manutenção do império inglês na Índia. E quanto a esta questão, Burton não nos deixa dúvidas. Segundo ele, o domínio inglês nas regiões orientais era um “*império assentado na opinião*”, ou seja, “*baseado na boa opinião que os nativos têm de nós e na sua má opinião para com eles mesmos*”.¹¹ No texto, portanto, o nativo submete-se ao colonizador; ele não só considera o europeu superior, como também frente a ele cria uma imagem negativa de si mesmo.

¹⁰ “Seu o que? Ah!, esquecemo-nos. A Gôndola e a barca são palavras comuns para seus ouvidos ingleses, o budgerow começa a ganhar familiaridade, mas você está certo, o pattimar requer uma definição” Burton, *Goa and the Blue Mountains...* p. 1.

¹¹ Burton, *Goa and the Blue Mountains...* p. 157.

Esta dupla posição de autoridade, em relação ao leitor e à própria população nativa, proporciona as condições para que o autor possa criar seu oriente. O leitor não conhece a Índia, e os indianos reconhecem-no como senhor. Não importa de fato a relação entre a descrição de Burton e a realidade observada, é o autor do texto que domina a cena e confere-lhe significação. A imagem oferecida da população colonial está, certamente, submetida a essas prerrogativas.

Tendo em vista essas colocações, é possível partir para a análise das descrições propriamente ditas. Pode-se perceber claramente em *Goa and the Blue Mountains* três diferentes abordagens quanto à descrição populacional, condicionadas de certa forma pelo próprio itinerário da viagem: a primeira delas diz respeito à população sob domínio português, cujas observações tiveram lugar durante sua passagem por Goa; a segunda aparece quando Burton entra em domínios ingleses; e na terceira pode-se observar a descrição de povos ditos “selvagens”, habitantes das *Montanhas Azuis*, lugar onde estava instalado o balneário inglês e onde Burton passou boa parte de seus meses de licença.

Segundo Burton, “a população de Goa é composta de três elementos heterogêneos, a saber, portugueses puros, cristãos negros e pagãos¹²”. A separação mais clara, e a primeira que aparece, é entre Europeus “puros” e os demais habitantes. A referência aos portugueses trata exclusivamente da condenação da política de casamentos inter-raciais. De fato, a própria adjetivação “puro”, que acompanha a separação entre portugueses e demais habitantes, e algumas outras passagens mencionando a degeneração dos mestiços e criticando a política de miscigenação poderiam indicar unicamente uma crítica do resultado “biológico” do cruzamento de “raças”, entretanto, uma leitura mais atenta tende a relativizar essa interpretação.

De acordo com as concepções manifestadas por Burton neste momento, mesmo que não houvesse mistura de sangue, havia “a mistura de ar ou clima, o que vem a ser a mesma coisa”.¹³ Sua crítica parece muito mais direcionada à relação de proximidade estabelecida pelo antigo colonizador português com o indiano colonizado - resultado da política de casamentos - do que propriamente à mistura de sangue; ainda mais quando se pensa no

¹² Burton, *Goa and the Blue Mountains...* p 36.

¹³ Burton, *Goa and the Blue Mountains...* p. 89.

caráter do “império de opinião” avalizado pelo autor, que se baseava justamente na demonstração de diferença e superioridade por parte do conquistador europeu.

Seguem-se, na caracterização do autor da população goesa, os outros dois “elementos heterogêneos”. Sob a classificação de “cristãos negros”, agrupam-se duas ordens diferentes, hindus convertidos e mestiços euro-indianos, e sua descrição se limita a algumas referências à sua feiúra e degradação.¹⁴ Finalmente, a referência aos “pagãos” também se resume a poucas palavras: os hinduístas são fisicamente descritos unicamente por uma menção à pele amarelada, seguida da divisão interna das castas, e, aos muçulmanos, Burton reserva apenas um parágrafo:

*“The Moslem population at Panjim scarcely amount to a thousand. They have no place of worship, although their religion is now, like all others tolerated. The distinctive mark of the faithful is the long beard. They appear superior beings by the side of the degenerate native Christians.”*¹⁵

Notem-se algumas características da divisão realizada por Burton neste primeiro momento, quais sejam: a divisão dos elementos é em si heterogênea, incluindo fatores geográficos (Europeus) e religiosos, e não funciona quando se pensa em termos de hierarquia social, pois os mestiços estão presentes em “todas as classes” segundo o próprio autor. Finalmente, não se pode pensar unicamente em critérios “biológicos”, pois as descrições físicas são muito reduzidas e carecem de elementos de comparação entre elas.

Esta é uma divisão totalmente exterior aos próprios nativos, sua hierarquia, seus valores e suas auto-definições não aparecem. Trata-se de uma divisão totalmente européia, ou seja, são critérios unicamente europeus que orientam a observação.

O que parece relativamente claro nesta parte do relato é que Burton está traçando um exemplo negativo de colonização ao descrever a situação das regiões coloniais

¹⁴ Sobre os mestiços, a referência é: “seria difícil encontrar na Ásia uma raça mais feia ou de aparência mais degradada”, enquanto os cristãos hindus são “decididamente a raça mais baixa na escala da humanidade civilizada que já tivemos oportunidade de descrever até agora”. Burton, *Goa and the Blue Mountains...* pp. 97 e 103 respectivamente.

¹⁵ “A população muçulmana em Panjim dificilmente chega a mil. Eles não têm lugar para orar, ainda que sua religião seja agora, como todas as outras, tolerada. A marca distintiva dos fiéis é a longa barba. Eles parecem seres superiores ao lado dos degenerados cristãos nativos.” Burton, *Goa and the Blue Mountains...*p 106.

portuguesas no continente. Os ingleses deveriam partir para a conquista efetiva, como vinham fazendo, e não somente dominar as rotas de comércio como fizeram anteriormente os portugueses. A capacidade de conquistar e o reconhecimento dela por parte do nativo são elementos importantes para a manutenção do “império de opinião”. O retrato degenerado dos convertidos ao cristianismo serve para corroborar a crítica de Burton à prática portuguesa da conversão praticamente forçada. Mas, principalmente, os ingleses deveriam manter uma segura distância frente aos nativos, para que fosse possível preservar intacta a imagem de superioridade gerada pela conquista. Em passagem mais que reveladora da importância conferida à imagem que o hindu faz do europeu para a manutenção do domínio na região, o autor menciona que “*todos sabem que, se o povo da Índia pudesse ser unânime por um dia, eles poderiam varrer-nos de seu país como poeira frente ao furacão*”.¹⁶

A partir do momento em que Burton entra em domínios ingleses, o tom da descrição muda completamente. Nota-se um interesse muito maior pela compreensão dos valores da população hindu. As descrições, embora continuem exteriores pelo simples fato de que são realizadas por um estrangeiro, buscam recuperar marcos e divisões da sociedade observada. Assim, a história que surge para os leitores não é mais a da conquista, como no caso da região sob domínio português, mas a própria interpretação hindu.¹⁷

No momento da descrição populacional, esta mudança parece também evidente, a classificação agora procurava reproduzir a hierarquia social dos próprios hindus, mencionando casta por casta, seus costumes e as suas relações sociais com as outras. É importante notar que as referências às características físicas continuam muito breves e imprecisas, e que a própria definição da Índia como “terra das maravilhas *etnológicas*” é

¹⁶ Burton, *Goa and the Blue Mountains...*, p. 161.

¹⁷ Entrando na província de Malabar, Burton resume sua origem da seguinte maneira: “A província, agora chamada Malabar, é parte do Kerula Rayja, o reino de Kerula, uma das dezesseis *deshas* ou regiões, enumeradas na antiga história hindu como formando a Bharata Khanda, ou terra da Índia. Supõe-se que ela foi coberta pelo mar na sexta encarnação de Vishnu, o qual, em expiação a um matricídio, deu aos brâmanes, particularmente àqueles da tribo monsut, as amplas terras entre Gokarna e Cabo Camorin”. Burton, *Goa and the Blue Mountains...*, p. 186. Não interessa o status que Burton confere a esta história, aparentemente fabulosa, mas sim o fato de que, de alguma forma, importava recuperá-la.

significativa de que sua atenção está voltada apenas para os costumes e crenças da população, e não para suas supostas características “raciais”.¹⁸

A descrição apresentada por Burton da população sob domínio inglês traz, portanto, significativas diferenças em relação àquela sob domínio português. Seu plano de manutenção do domínio inglês na Índia já estava traçado e, como se viu, pautava-se na afirmação de uma boa imagem do europeu por parte do indiano. Nesta parte do livro, Burton dedica-se muito mais à tentativa de compreensão do funcionamento da sociedade do “outro”. Embora não esboce nenhuma estratégia de ação para criação de uma imagem positiva do inglês, o esforço de compreensão realizado pelo autor nestas passagens é significativo frente a seu projeto demonstrado anteriormente.

Resta, pois, a descrição dos povos “selvagens” das *Montanhas Azuis*, os últimos descritos pelo autor neste relato. Novamente, Burton mudou os parâmetros descritivos. Os cerca de dez mil “selvagens” das montanhas não representavam problema efetivo para as pretensões de domínio inglês, e sua descrição estaria de certa forma livre das preocupações imperiais do autor. Será muito interessante, entretanto, recuperar quais os elementos julgados importantes pelo autor para caracterizar esta população selvagem, para que se possa vislumbrar quais poderiam ser suas filiações teóricas neste momento quanto à concepção sobre populações não européias.

Mencionar-se-á aqui apenas a descrição dos chamados *Todas*, habitantes mais numerosos e antigos segundo Burton, e aos quais ele dá maior atenção. A sua primeira preocupação foi buscar recuperar a origem desta população e, num debate com vários outros autores que anteriormente haviam descrito os *Todas* supondo terem eles uma ancestralidade européia, Burton sugeria contrariamente que:

*“The Todas are merely a remnant of the old Tamulian tribes originally inhabiting the plains, and subsequently driven up the mountains by some event, respecting which history is silent. Our opinion is built upon the rock of language.”*¹⁹

¹⁸ Burton, *Goa and the Blue Mountains...*, p. 212.

¹⁹ “Os todas são meros remanescentes das velhas tribos Tamulians, originalmente habitando as planícies, e subsequentemente empurrados às montanhas por algum evento, sobre o qual a história é silenciosa. **Nossa**

A “rocha da linguagem”, era esta a única fundação segura para que se pudesse afirmar com certeza a origem de um povo, e a língua dos *Todas*, segundo Burton era uma derivação do sânscrito, assim como o Hindustani. Mesmo a diferença de pronúncia não era o suficiente para ir contra a semelhança entre vocábulos e gramática notada por ele. A rigor, nem as grandes dessemelhanças físicas e de costumes eram argumentos suficientes para desautorizar a sua asserção.

É também digno de nota que, embora não houvesse “*nada em seus costumes que não fosse peculiar*”,²⁰ tais como cerimônias de nascimento, costumes infanticidas e poliandria entre outros, Burton consegue traçar uma imagem idealizada do “selvagem”:

*“Ye who would realize the vision of the wise, respecting savage happiness and nomadic innocence – a sweet hallucination, which hitherto you have considered the wildest dream that ever issued from the Ivory Gate – go, find it in the remote corners of Toda Land, the fertile, the salubrious.”*²¹

O reverso desta felicidade poderia ser visto, entretanto, na degeneração ocasionada pelo contato com populações civilizadas, que geravam a ruína moral dos selvagens, que abandonavam valores como a castidade, sobriedade e temperança e sucumbiam à vícios tais como a luxúria e a ganância.²² Note-se, entretanto, que esta degeneração era ocasionada principalmente pela miscigenação cultural e não física.

A busca da origem baseada no instrumento lingüístico, “a rocha da linguagem”, ou seja, a utilização da lingüística comparada no estudo de povos não europeus era característica da corrente etnológica mais influente na Inglaterra neste período do século XIX.²³

opinião é construída sobre a rocha da linguagem.” Burton, *Goa and the Blue Mountains...*, p. 342. Negritos meus.

²⁰ Burton, *Goa and the Blue Mountains...*, p. 347.

²¹ “Você que perceberia a visão da inocência nômade e da felicidade respeitável e sensata do selvagem – (como) uma doce alucinação que até agora você considerou como o mais louco sonho jamais emitido do portão de marfim – vá, encontre-as nos cantos remotos da terra dos Toda, a fértil, a salubre.” Burton, *Goa and the Blue Mountains...*, p. 350.

²² Burton, *Goa and the Blue Mountains...*, p. 350.

²³ George Stocking sugere que na Inglaterra o termo etnologia estava primeiramente associado ao nome de James Prichard, que defendia idéias monogênicas, e cujo pensamento sobre a origem da humanidade estava

Deve-se notar que os elementos recuperados nas descrições populacionais ao longo deste texto foram, em momentos diversos, a origem da população, seus costumes, referências sobre a influência climática na configuração física e moral do povo, entre outros. Isto em detrimento de uma descrição formal mais detalhada, característica de uma antropologia física. A própria utilização do termo “etnologia” e não “antropologia” parece revelador das opções de Burton neste momento.

Sol Tax sugere que se poderia falar de uma “guerra dos trinta anos” na ciência do homem, entre 1840 e 1870, colocando-se de um lado do campo de batalha uma “etnologia”, de caráter mais filosófico, histórico, e com uma conotação humanitária e, do outro lado, uma “antropologia” ligada ao desenvolvimento da biologia enquanto disciplina científica.²⁴ Mesmo que a utilização do termo por Burton pareça ocasional, pois não contém necessariamente a conotação ideológica sugerida por Tax, não deixa de ser interessante notá-lo aqui, pois indica o instrumental descritivo prevalecente na Inglaterra da primeira metade do século XIX, já que, segundo vários autores, a etnologia, por sua vez associada à idéia de uma origem única da humanidade, predominava sobre a antropologia física no ambiente intelectual inglês neste período.²⁵

1850 – 60 - A década de aventuras

Em 1853, referindo-se às tribos de beduínos da Península Arábica, Burton qualificava os nativos como “nobres selvagens”, cujo caráter era “*um composto*

bastante influenciado pelo relato bíblico. A filologia comparada era uma de suas principais ferramentas na sua guerra travada contra as concepções poligênicas especialmente influentes na França. Stocking, George. *Victorian Anthropology*. New York: The Free Press, 1987, pp. 46 – 77. Uma discussão mais pormenorizada dos preceitos da etnologia e antropologia inglesas encontra-se mais a frente neste texto, no capítulo 3, tópico *London Anthropological Society*.

²⁴ Tax, Sol. “The Settings of the Science of Man”, in TAX, Sol. *Horizons of Anthropology*, Chicago: Albine, 1964, pp. 15 – 24.

²⁵ Gould, S. J. *A Falsa Medida do Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, Nancy. *The idea of Race in Science*. Oxford: MacMillan, 1987, Stoking, *Victorian Anthropology*....

verdadeiramente nobre de determinação, gentileza e generosidade”,²⁶ ou seja, o “selvagem” puro continuava apresentando características morais valorizadas na Europa. Por outro lado, no final desta década, em descrição da população da África Centro-oriental (região da atual Tanzânia), a referência a “selvagens” surgia de forma bastante diferente, segundo o autor

*“He appears, therefore, to the civilized man a paralogic being – a mere mass of contradictions; his ways are not our ways, his reason in not our reason. He deduces effects from causes which we ignore.”*²⁷

Há de fato uma grande mudança no juízo do autor para com os “selvagens”, que se processa em um período relativamente curto de tempo. A análise das descrições populacionais do autor nos três relatos escritos nesta década, das ferramentas utilizadas por ele para construir a imagem da população descrita, e da própria experiência da viagem podem fornecer algumas pistas para que se compreenda esta transformação.

Quando Burton partiu para a Arábia, seu conhecimento a respeito da região já era bastante vasto, conhecia a língua árabe e os preceitos da religião islâmica com tal segurança que lhe foi possível realizar toda a viagem disfarçado de muçulmano. Edward Said menciona que

*“ele era sobrenaturalmente instruído sobre a que ponto a vida humana em sociedade é regida por regras e códigos; Toda sua vasta informação sobre o Oriente, evidente em cada página que escreveu, revela que ele sabia que o oriente em Geral e o Islã em particular, eram sistemas de informação, comportamento e crença, que ser oriental era saber certas coisas de certa maneira, e que estas, é claro, estavam sujeitas à história, à geografia, e ao desenvolvimento da sociedade em circunstâncias que lhe eram específicas.”*²⁸

²⁶ Burton, *Personal Narrative of a Pilgrimage to al Medinah and Mecah*. New York: Dover Publications, 1964, vol. 1, p. 86.

²⁷ “ele parece[...] ao homem civilizado um ser paralógico, - uma mera massa de contradições, seus caminhos não são os nossos caminhos, sua razão não é a nossa razão. Ele deduz efeitos de causas que nós ignoramos.” Burton, *The Lake Regions of Central Africa*. New York, Dover Publications, 1995, p. 490.

²⁸ Said, Edward. *Orientalismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1990, p. 203.

A descrição da população da península arábica pôde ser realizada pelo autor com base em conhecimentos anteriores que possuía, oriundos tanto de sua experiência de contato com populações muçulmanas da Índia, como de textos orientalistas europeus. De fato, o livro de Burton na Arábia funciona como afirmação da efetividade do conhecimento europeu produzido sobre o oriente, conferindo à Europa, portanto, um domínio textual efetivo destas regiões. O próprio fato dele ter completado a viagem disfarçado de muçulmano e contado sua história confere grande autoridade ao conhecimento orientalista europeu.

A descrição mais estruturada e significativa presente neste relato é a que se refere aos beduínos da região próxima a Meca, e está dividida em duas partes principais, a primeira física e a segunda moral, colocadas logo em seguida a uma definição da suposta origem desta população.²⁹

A descrição física assemelha-se a um retrato falado de corpo inteiro. Seria cansativo enumerar aqui todas as partes do corpo descritas pelo autor nestas páginas. Basta notar que praticamente nada é deixado de lado, desde o cabelo, passando por todos os elementos da feição, até as canelas e os dedos. Trata-se, na verdade, da construção de um tipo ideal, pois a impressão é que o autor escolheu um representante da comunidade e descreveu-o com a maior quantidade de detalhes possível. Não se trata de formas mais gerais, mas sim de definições estritas de formato, que não permitem muita variação. Talvez esta tenha sido a estratégia do autor para reforçar a afirmação que vem logo em seguida, de que os beduínos não se misturam com outros povos, pois, após este retrato falado de corpo inteiro, a afirmação subsequente é que “*este é o beduíno, e este ele tem sido por eras*”.³⁰

O passo seguinte para a caracterização do beduíno é a sua descrição moral, por assim dizer. Como já se notou, tratava-se de uma população “nobre”, que apresentava

²⁹ A definição da origem desta população é bastante complexa na argumentação de Burton. Importa entretanto, notar que alguns dos principais instrumentos utilizados por ele para atingir seus objetivos são a história antiga e a Bíblia. Além disto, em uma nota sobre a origem dos egípcios, Burton realiza especulações sobre um possível parentesco entre as línguas semíticas e jaféticas, ou entre o árabe e o latim, por exemplo. Burton, *Personal Pilgrimage* ..., vol. 1, pp. 76 – 81.

³⁰ Embora de origem mestiça, a conservação de suas características físicas por longo período de tempo, parece conferir certa pureza a sua “raça”. Burton, *Personal Pilgrimage* ..., vol. 1, p. 84.

qualidades morais elevadas. Características como “generosidade”, “determinação”, e “gentileza” vêm sempre acompanhadas de uma tentativa de explicação dos fatores que levaram aquela sociedade a apresentá-las.

Uma das razões sugeridas pelo autor que colaboravam para a configuração de uma sociedade “gentil” diz respeito ao lugar da mulher nesta sociedade, e merece atenção aqui, pois permite perceber a criação de um juízo novamente favorável a sociedades “puramente selvagens”. Assegurando a existência do sentimento de “amor” entre os beduínos, Burton menciona que a mulher era respeitada e honrada diferentemente da sua posição nas sociedades “*semi-civilizadas*”, pois:

*“...when the barbarian becomes a semi-barbarian, as are the most polished Orientals, or as were the classical authors of Greece and Rome, then women fall from their proper place in society, become mere articles of luxury and sink into the lowest moral condition.”*³¹

A demonstração do cavalheirismo entre os homens e da honra entre as mulheres aparece fortemente assentada sobre exemplos retirados da literatura e da história árabe, numa argumentação que só seria possível a um profundo conhecedor destes dois campos.

Entretanto, apesar de Burton efetuar sua demonstração com base na história e na literatura árabes, é na permanência de costumes ancestrais, e não na sua transformação, que pode ser percebido o valor da pureza de cada *raça*. E os costumes dos beduínos parecem ser tão fixos quanto seu tipo físico. Para Burton, estes costumes e instituições, “*criados pelo seu clima, sua natureza e suas necessidades*”, permaneciam iguais aos de seus ancestrais, desde uma época anterior a Maomé, e deveriam permanecer “*até que não sobrasse nenhum vestígio da Ka’abah*” (a pedra sagrada do templo de Meca).³²

Notem-se alguns dos elementos utilizados pelo autor para realizar a sua “construção” do beduíno. Primeiramente a utilização do texto bíblico e da lingüística como recursos auxiliares na comprovação da origem desta população, em segundo lugar, a descrição dos costumes com ênfase na explicação das causas e na utilização da literatura e

³¹“Quando o bárbaro torna-se semi-bárbaro, como eram os autores clássicos de Grécia e Roma, então, as mulheres caem de sua posição apropriada na sociedade e tornam-se meros artigos de luxuria e afundam na mais baixa condição moral.” Burton, *Personal Pilgrimage ...*, vol. 2, p. 90.

³² Burton, *Personal Pilgrimage...*, p. 84.

da história árabe como fontes, elementos estes que permaneciam coerentes com a descrição dos “selvagens” das montanhas azuis indianas, embora a caracterização do beduíno apresentasse uma estruturação bastante mais definida.

Antes de se analisar a referência à população centro africana, é importante mencionar outro relato de Burton ainda nesta mesma década, que pode lançar luz sobre a transformação em suas concepções neste período.

Em *First footsteps in East África*, publicado em 1856, resultado de uma viagem ainda em 1854, a descrição privilegiada é a dos Somalis, em um capítulo significativamente intitulado “Os Somalis, suas origens e peculiaridades”. Diferentemente dos beduínos ou dos Todas, os Somalis não mereciam mais a definição de “nobres”, pois:

*“The natives of the country are essentially commercial: they have lapsed into barbarism by reason of their political condition [...] but they appear to contain material for a moral regeneration.”*³³

A estrutura formal da descrição é praticamente idêntica à do beduíno, começando por uma recuperação da origem (neste caso indubitavelmente mestiça), seguida de uma descrição física detalhada e de considerações sobre a moral desta população.

Dados significativos que aparecem neste relato, e que não apareciam nos anteriores, são as primeiras referências a características determinadas pela “raça”³⁴. Em sua viagem para Meca, em nenhum momento Burton recorreu a características raciais para explicar qualquer peculiaridade dos beduínos. Sua fonte sempre foi outra: a história, ou a literatura, ou mesmo as generalizações orientalistas. Aqui, estas informações não conseguem mais responder totalmente aos seus questionamentos, pois o autor não consegue recorrer às mesmas ferramentas com as quais **construía** os beduínos.

³³ “Os nativos do país são essencialmente comerciais: eles caíram no barbarismo em razão de sua condição política[...]mas eles parecem conter material para uma regeneração moral.” Burton, Richard. *First Footsteps in East Africa*. New York, Dover Publications, 1987. prefácio p. XXIX.

³⁴ Como exemplo, numa referência ao cansaço apresentado por seus acompanhantes numa caminhada, Burton afirma: “*I had now na opportunity of seeng how feeble a race is the Somali [...] this cannot arise from poor diet, for the citizens, who live generously, are yet weaker than the Badawin.*” (“Eu tive então uma oportunidade de ver quão fraca é a raça somali. [...] Isto não pode se originar da dieta pobre, pois os cidadãos, os quais vivem generosamente, são ainda mais fracos que os beduínos; é uma particularidade da raça.”) Burton, *First Footsteps...*, vol. 1, p. 114.

Algumas idéias podem ser agrupadas de acordo com as descrições populacionais analisadas até este momento: a busca da origem, assentada, como se viu, em comparações lingüísticas (como nos selvagens da Índia); a valorização do elemento cultural puro; a crença na possibilidade de regeneração moral; entre outros fatores, levam a acreditar que Burton estivesse se movimentando dentro de um modelo degeneracionista, no qual o contato parece gerar a degeneração moral.³⁵ Mesmo neste relato sobre a África Oriental, no qual começam a surgir análises baseadas nas características raciais da população, a regeneração moral ainda é possível.

O importante, porém, é notar que Burton parecia realmente pensar ainda dentro de modelos degeneracionistas, uma vez que podia idealizar o selvagem, valorizar suas tradições, e inferir as possibilidades de regeneração. Ainda que se possa avaliar como evolucionista o fato de que ele pensava em estágios de civilização, este evolucionismo é muito ambíguo e certamente não linear.

Em seu relato sobre a região centro-africana, este modelo parece sofrer alterações significativas. Nada mais havia no “selvagem” que fosse merecedor de admiração, este parecia-lhe um ser incompreensível. Faltavam a Burton os instrumentos dos quais dispunha em maior ou menor grau em suas viagens anteriores, a saber, o conhecimento da linguagem, dos costumes e da história da região descrita. De fato, para Burton a ausência de história é um dos elementos que qualificam a região centro-africana visitada. Em clara oposição à antiguidade e nobreza dos beduínos, ou mesmo à possibilidade de regeneração dos Somalis, os africanos em geral constituíam uma “raça nova”, e a etnologia era a “única feição interessante” da África.³⁶ A “raça” africana era insistentemente classificada como “infantil”, “criança”, embrionária”, entre outros termos, como forma de reafirmar sua crença no estágio de “evolução” daqueles povos.³⁷

Juntamente com esta nova caracterização do selvagem, surge uma utilização muito mais ampla do conceito “raça” como determinante de características gerais da população. O

³⁵ De fato, Nancy Stepan sugere que até a década de 50 do século XIX, “tradicionalmente, a degeneração do homem de um estágio originário de civilização era visto como tão provável como seu avanço progressivo”. Stepan, Nancy, *The Idea of Race...*, p. 56.

³⁶ Burton, *The Lake Regions of Central Africa*, New York, Dover Publications, 1995, p. 88.

³⁷ Burton, *The Lake Regions...*, pp. 491-499.

parágrafo que segue é o primeiro de seu ensaio “O Caráter do africano oriental”, colocado no final de seu relato, e demonstra bastante claramente algumas das idéias de Burton então:

*“The study of psychology in Western Africa is the study of man’s rudimentary mind, when, subject to the agency of material nature, he neither progresses nor retrogrades. He would appear rather a degeneracy from the civilized man than a savage rising to the first step, were it not for his apparent incapacity for improvement.”*³⁸

O “selvagem” parecia incapaz de aprendizado, e talvez unicamente por esta característica, não poderia mais ser considerado uma degenerescência moral, mas somente um ser infantil, limitado por características intrínsecas à sua “raça”.

A grande mudança que ocorre neste texto, com relação aos anteriores, é mesmo a classificação do selvagem como criança, e dela derivam uma série de conseqüências. Uma delas é o surgimento de uma tendência ao poligenismo, pois, para considerar o selvagem africano como “infância” da humanidade, a estratégia de Burton é afirmar que seu intelecto é limitado, portanto intrinsecamente diferente do intelecto do europeu. Outra delas é a adoção de um pensamento de certa maneira evolucionista, condicionado pelas características raciais, especialmente no que diz respeito à limitação do intelecto. Ainda que o pensamento evolucionista esteja em aparente contradição com as tendências poligênicas e afirmações de limites raciais.

A idéia de que havia estágios de civilização diferenciados e que tendiam ao progresso em direção à civilização européia, barrados, talvez, por características inerentemente raciais, parece estar bastante clara neste momento para Burton, como nos indica esta passagem sobre a essência do fetichismo:

“By its essence, then, fetishism is a rude and sensual superstition, the faith of an abject fear, and of infant races that have not risen, and are, perhaps,

³⁸ “O estudo da psicologia na África Oriental é o estudo da mente rudimentar do homem, quando sujeita à ação da natureza material, ele nem progride nem retrocede. Ele **pareceria** mais uma degenerescência do homem civilizado do que um selvagem erguendo-se ao primeiro passo, não fosse sua aparente incapacidade para o aperfeiçoamento.” Burton, *The Lake Regions...*, p. 489.

*incapable of rising to theism – the religion of love and the belief of the highest types of mankind.”*³⁹

A experiência de Burton nesta viagem pode ser resgatada para elucidar as aparentes contradições em suas descrições populacionais. Nesta viagem, Burton esteve doente durante boa parte do tempo, não conseguiu aprender a linguagem dos nativos – que sempre havia sido um dos seus principais instrumentos de coleta de informações em viagens anteriores – e, portanto, tinha grandes dificuldades de comunicação, além de não possuir muitos conhecimentos anteriores das populações presentes nas regiões pelas quais viajava.

As dificuldades de compreensão de Burton em relação ao africano, derivadas das condições adversas da viagem e da ausência de instrumentos lingüísticos e históricos, parecem empurrá-lo para explicações antes menos importantes em seu esquema descritivo. Tem-se a impressão de que ele não consegue reproduzir seu esquema degeneracionista e passa a pensar de outras maneiras. Entretanto, ao mesmo tempo em que parece assumir um caráter evolucionista, ao classificar o africano como criança, busca a explicação da sua situação em supostos limites raciais, que o aproxima de concepções poligênicas e, conseqüentemente, não dinâmicas, mas estáticas quanto ao desenvolvimento ao longo do tempo. Um poligenismo evolucionista parece ser relativamente contraditório, mas é justamente esta contradição que permite representar a ambigüidade do pensamento de Burton neste momento. Sua própria experiência africana é relativamente contraditória: sua viagem foi ao mesmo tempo um sucesso e um fracasso, pois, embora tenha conseguido atingir o tão desejado “mar de Ujiji”, ou lago Tanganika, como foi rebatizado por ele, não conseguiu demonstrar que era ali a origem do rio Nilo (e, de fato, não era). E embora o relato possuísse o valor de afirmação do poder europeu sobre a região, Burton sentiu na pele todas as dificuldades da viagem, inclusive a desagradável experiência de descobrir que, sem os africanos, não teria sido possível a realização do *seu* grande feito, o grande

³⁹ “Por sua essência, portanto, o fetichismo é uma superstição rude e sensual, a fé de um medo abjeto, e de raças infantis que ainda não se elevaram, e são, **talvez, incapazes de elevarem-se ao teísmo** – a religião de amor e a crença dos tipos mais elevados da humanidade.” Burton, *The Lake Regions...*, p. 501.

feito europeu, isto é, a tomada de posse simbólica de um dos grandes lagos interiores da África central.⁴⁰

A esta situação experiencial contraditória, soma-se a dificuldade de compreensão em razão da ausência de elementos que Burton possuía quando de suas outras viagens, a Meca e a Somália, ou seja, do recurso à história, das suas fontes e informantes nativos, e da própria boa vontade que podia ter em relação aos beduínos, em virtude de seu conhecimento.

Nota-se, portanto, uma interferência direta das condições da viagem e das experiências do contato nas transformações das concepções do autor ao longo deste relato. Em experiências anteriores, o conhecimento da língua e, em certa medida, da história das regiões através das quais havia viajado, permitia a Burton um tipo de descrição que não era mais possível na África Central. A situação delicada na qual Burton esteve em contato com os africanos moldou de certa maneira suas concepções a respeito destas populações, da mesma forma que seus esquemas classificatórios e descritivos não serviam mais para representar esta nova experiência.

Seus modelos de descrição populacional continuavam a se alterar, e as contradições presentes em seu livro sobre a África Central repercutiram em seus relatos posteriores, na qual sua posição em relação às populações representadas no texto estava assentada sobre uma outra legitimidade, não mais o militar da Índia, ou o aventureiro europeu da Arábia e da África, mas sim na condição de representante consular britânico.

É justamente sobre o período de Burton como cônsul inglês na África Ocidental, entre 1861 e 1865 que estão centradas as análises deste trabalho. Neste momento, suas descrições populacionais assumem um tom mais determinista, conferindo à “raça” um papel fundamental na caracterização da população africana. A população “puramente” africana, era retratada em termos dos mais degradantes. Segundo Burton:

“In his lowest organization he is a prognathous, and dolico-cephalic (sic), with retreating forehead, more scalp than face; calfless, cucumber-

⁴⁰ Burton menciona sua dependência inegável dos nativos africanos e o processo de negociação no qual cede a suas vontades durante a descrição de um dos principais componentes de sua caravana, o africano Kidogo, que, tendo se recusado a obedecer a ordens, consegue finalmente suas regalias, uma vez que Burton percebe que “sem eles eu seria forçado a retornar à costa” .” Burton, *The Lake Regions...*, p. 111.

*skinned, lark-heeled, with large broad and flat feet; his smell is rank, his hair crisp and curly, and his pile like peppercorns. His intellect weak, morale deficient, amiability strong, temperament enduring, destructiveness highly developed, and sensibility to pain comparatively blunt. It is not wonderful that the Caucasian man taught himself by a fable to believe that this race had been cursed to be the “servants of the servants”*⁴¹

Entretanto, neste trabalho, o escopo do estudo não se limita às descrições populacionais, mas estende-se à representação da África de forma mais geral, levando em consideração também as construções espaciais e as relações políticas entre Inglaterra e a região ao redor do Delta do Níger. Desta forma, a descrição da população passa a ser analisada em função de uma representação mais ampla que se insere nas esferas do desenvolvimento da relação imperial entre Inglaterra e África e da construção de um conhecimento legitimador destas possíveis aspirações imperiais. Para isto, foi preciso fazer uso de outras fontes, além dos relatos de viagem, quais sejam, os relatórios enviados pelo autor ao *Foreign Office* e suas versões editadas nos *Parliamentary Papers*, seus artigos publicados em revistas científicas na Inglaterra e finalmente, um pequeno conjunto de correspondências pessoais.

Como foi possível observar na apresentação das transformações nos modelos de descrição populacional do autor ao longo das décadas de 1840 e 1850, uma série de elementos interagem no processo de construção de suas representações, desde a posição e os propósitos explícitos assumidos por Burton em cada uma de suas viagens, passando pelo repertório “científico” e cultural europeu manejado por ele, e finalmente pela experiência específica de cada um dos empreendimentos no qual ele esteve envolvido. Entretanto, ainda outros fatores devem ser considerados importantes para a análise mais aproximada de seus

⁴¹ “Na sua mais baixa organização, ele é dolicocefálico, tem a mandíbula projetada, a testa retraída, mais escalpo que face, sem barriga da perna, com pele de pepino, calcanhar de cotovia (*lark heeled*), com pés largos amplos e chatos; seu cheiro é fétido, seu cabelo é esturricado e crespo, e seus pelos são como sementes de pimenta. Seu intelecto fraco, moral deficiente, amabilidade forte, temperamento resistente, destrutividade altamente desenvolvida, e sensibilidade à dor comparativamente pouca. Não é de maravilhar-se que os caucasianos ensinam a si mesmos por uma fábula a acreditar que esta raça foi amaldiçoada para ser os serventes dos serventes”. Burton, *Wanderings in West Africa*. New York: Dover Publications, 1991, vol. 1, p. 178.

textos. No caso específico do período focado neste trabalho, será importante notar as nuances das relações políticas e comerciais entre a Inglaterra e a África Ocidental ao longo do século XIX, bem como as estruturas discursivas que acompanham estas relações. Além disto, o momento estudado revela-se importante pois compreende uma série de eventos que tiveram significativa influência na transformação das representações de populações não europeias na Europa, tais como a revolta dos cipayos na Índia em 1857, a guerra da secessão nos Estados Unidos no início da década de 1860, a revolta dos negros em Morant Bay na Jamaica em 1865, entre outros.⁴²

Finalmente, não se pode deixar de notar que a produção textual de Burton tem que ser analisada também em função da sua posição social e política no interior da Inglaterra, ou seja, é preciso pensar como suas representações podem estar relacionadas com transformações que colocavam em xeque uma concepção conservadora e aristocrática de estrutura social.⁴³

Para a consecução destas análises, faz-se necessário inicialmente apresentar de maneira mais detalhada tanto a experiência de Burton na África Ocidental como as especificidades das principais fontes utilizadas nesta pesquisa, o que será realizado no tópico seguinte.

⁴² Para uma bibliografia que lida com a importância destes eventos nas transformações das representações raciais na Inglaterra na década de 1860 ver McKay, Brenda. *George Eliot and Victorian Attitude to Racial Diversity, Colonialism, Darwinism, Class, Gender and the Jewish Culture and Prophecy*. Lewiston, New York, Lampeter: the Edwin Mellen Press, 2003, e Bolt, Christine. *Victorian Attitudes to Race*, London: Routledge and Kegan Paul, 1971.

⁴³ Basta mencionar que a Inglaterra passava por profundas transformações sociais desde meados do século XIX, com a revolução industrial, a conseqüente organização da classe trabalhadora e sua luta pela ampliação dos direitos de igualdade social, tais como o sufrágio por exemplo. A “ameaça” da classe trabalhadora – e de uma nova burguesia financeira e politicamente ascendente – aos valores aristocráticos tradicionais por vezes reforça nos círculos políticos conservadores a sensação da necessidade de controle mais firme das camadas baixas da população. As formas de identificação entre as classes trabalhadoras inglesas e os negros africanos, mais especificamente os escravos, nas representações políticas inglesas na segunda metade do 19 também encontram-se nos livros de McKay e Bolt mencionados na nota anterior, bem como em Lorimer, Douglas, *Colour, Class and the Victorians, English Attitudes to the Negro in the Mid Nineteenth Century*. London: Leicester University Press, 1978.

Burton na África.

A viagem que tornou Burton famoso como explorador africano foi sem dúvida a expedição de busca das origens do rio Nilo. Tratou-se de uma viagem épica. Tendo chegado a Zanzibar em 19 de dezembro de 1856, Burton permaneceu ali até a metade do ano seguinte, período no qual realizou pequenas viagens no interior da ilha. Enquanto aguardava a melhor estação do ano para iniciar a expedição, ele arregimentava carregadores e preparava as provisões. Partiu definitivamente em companhia de John Hanning Speke e do restante da caravana em 27 de junho de 1857 para uma viagem da qual só retornaram 21 meses depois, sem estabelecer definitivamente as origens do Nilo, objetivo principal do empreendimento.

Traçar as origens do Nilo parecia ser neste período uma das principais preocupações da *Royal Geographical Society*. (doravante mencionada apenas como *RGS*)⁴⁴ A expedição comandada por Burton foi a primeira de uma série de tentativas de resolver a questão, e a sua escolha para liderá-la revela o destaque que o autor adquirira com as viagens anteriores para Meca e para a África Oriental. Entretanto, logo após a viagem, as relações entre Burton e a *RGS* começaram a tornar-se cada vez mais distantes, principalmente em razão dos embates entre ele e Speke a respeito das considerações sobre a hidrografia do centro do continente africano. Speke retornou antes de Burton para a Inglaterra, supostamente desrespeitando um acordo de cavalheiros feito entre os dois exploradores, de se apresentarem frente a *RGS* juntamente.⁴⁵ Além disto, as hipóteses de Speke sobre a possível origem do Nilo concordavam com as considerações de Roderick Murchinson que então presidia a sociedade e que foi o homem chave para o crescimento de sua importância a

⁴⁴ Para se ter uma idéia, Ian Cameron menciona que entre 1850 e 1872, houve 14 expedições as quais a *RGS* financiou totalmente ou nas quais teve participação no financiamento. Destas, 8 foram para a África, e 5 delas foram especificamente para tentar estabelecer as fontes do rio Nilo. Cameron, Ian. *To the Farthest End of the Earth: the History of the Royal Geographical Society*. London: Macdonald and Jane's, 1980. Ironicamente, a questão só foi resolvida após a expedição de Henry Stanley, em 1872, para encontrar David Livingstone, que não foi financiada pela sociedade.

⁴⁵ Rice, Sir Richard Francis Burton, *o Agente Secreto que Fez a Peregrinação a Meca, Descobriu o Kama Sutra e Trouxe as Mil e Uma Noites para o Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 325.

partir da década de 1850.⁴⁶ Mas as discordâncias entre Burton e a RGS não parecem ter sido apenas geográficas. A representação negativa que ele fazia dos africanos neste momento – como foi possível perceber no capítulo anterior – também era um fator que causava desagrado na sociedade. É possível inferir, a partir de certas passagens das publicações, que a sociedade tendia a preferir as imagens mais humanitárias destas populações, as quais projetassem a África como “civilizável” e um futuro comercial sobre a tutela da Inglaterra, sendo esta a opinião de David Livingstone, o mais famoso explorador africano então (ele mesmo um missionário). No discurso presidencial de 1860, a menção à representação de Burton sobre os africanos surge assim:

*“The nature of life among the negroes of Eastern Africa as pictured in Captain Burton’s pages cannot fail to leave a painful impression on all lovers of the human race”*⁴⁷

Em meio a estas controvérsias na R. G. S., em abril de 1861, Lord Russell, Ministro das Relações Exteriores (*Foreign Secretary, 1859-65*), nomeou Burton cônsul britânico para a Baía de Biafra.⁴⁸ A partida para a África Ocidental, contudo, demorou algum tempo.

⁴⁶ Murchinson expressou sua concordância com as considerações de Speke no discurso anual da presidência frente à *Royal Geographical Society*, justamente quando condecorava Burton pela expedição. (Murchinson, R. “Presidential Address”, *Journal of the Royal Geographical Society*, 1859, vol. 29, p. xcvi). Uma análise mais detida da RGS será desenvolvida em outro momento deste texto. Para a influência de Murchinson e sua importância na consolidação da sociedade no período, ver dentre outros: Stratford, Robert. *Scientific Exploration and Empire*, in: *The Oxford History of British Empire*, vol. 3, Andrew Porter (Ed.); Oxford and New York: Oxford University Press, 1989, e Driver, Felix. *Geography Militant*, Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

⁴⁷ “A natureza da vida entre os negros da África Oriental tal como apresentada nas páginas do Capitão Burton não falha em deixar uma impressão dolorosa em todos os amantes da raça humana.” *Journal of R. G. S.*, 1860, vol. 30, p. xxiii.

⁴⁸ Public Record Office (PRO), F.O. 2/40, 18 de abril de 1861. Edward Rice considera que Burton não estava muito feliz de partir para seu posto consular, segundo ele, embora não cite a fonte, Burton teria dito: “Eles me querem morto, mas pretendo sobreviver só para dar raiva neste demônios.” (Rice, *Sir Richard Francis Burton...*, p. 365). Por outro lado, em carta para Richard Molkton Milnes, Burton manifestou-se interessado em assumir o consulado, pois frente a oferta extra oficial do cargo para ele, escreve: “*needless to say that I gratefully accepted it. The dog that [...?..] the governmental crumb shall now be allowed by a retribution destiny to pound with his molars the governmental loaf.*” *Houghton Papers*, Trinity College, Cambridge,

Apenas em 24 de agosto deixou Liverpool em direção a Fernando Pó, numa viagem que durou cerca de um mês. Foi nesta viagem de navio que Burton coletou dados para o primeiro de seus relatos publicados sobre a região da África Ocidental.⁴⁹

Os primeiros despachos de Burton na África Ocidental indicam que sua perspectiva era a de continuar realizando trabalhos de exploração. Antes mesmo de deixar a Inglaterra, ofereceu-se para qualquer missão para Daomé que estivesse sendo planejada.⁵⁰ Além disto, em uma das primeiras correspondências enviadas de seu posto em Fernando Pó, solicita ao *Foreign Office* o fornecimento de instrumentos, tais como, barômetros para montanha, termômetros, cronômetros, e outros, tradicionalmente usados em viagens de exploração e medição geográfica.⁵¹

De fato, Burton utilizou seu tempo na costa ocidental africana para satisfazer suas aspirações. Realizou uma série de pequenas viagens que formam o conjunto básico a partir do qual o autor escreveu seus relatórios, artigos e livros sobre a região. De acordo com Newbury:

*“Burton used his consulship for his own ends [...]. In his case the aims were travel and research to satisfy a lifelong curiosity about ‘questions of social economy and those physiological observations, always interesting to our common humanity, and at times so valuable.’”*⁵²

Burton à Milnes, 20/03/1861. (“desnecessário dizer que eu aceitei gratamente. Ao cão que ___ as migalhas governamentais deverá agora ser permitido, por uma retribuição do destino, morder com seus molares o pão governamental.”)

⁴⁹ Burton, Richard. *Wanderings in West Africa*, London: Tinsley Brothers, 1863.

⁵⁰ PRO, F.O. 2/40, 10/07/1861.

⁵¹ PRO, F.O. 2/40, 08/10/61. Nos despachos internos do F.O, o inusitado pedido estabelece a seguinte discussão: “*Are there precedents For this? No, I think it would be objectionable _____ to fullfill our consuls with such*”. (“há precedents para isto? Não, eu acho que seria de objetar ___ que se fornecesse tais coisas aos nossos cónsules.”)

⁵² “Burton usou seu consulado para seus próprios fins [...] No seu caso, os objetivos eram viagem e pesquisa para satisfazer a sua curiosidade de vida inteira sobre ‘questões de economia social e aquelas observações fisiológicas, sempre interessantes para a nossa humanidade comum e às vezes tão valiosas.” Newbury, C.W. *Introduction* in: Burton, Richard. *A mission to Gelele King of Dahome*, London: Routledge, 1966.

Desta forma, aproveitando-se da relativa liberdade desfrutada pelos cônsules ingleses em lugares distantes, ele permaneceu relativamente pouco tempo em Fernando Pó, utilizando todas as possibilidades que dispunha para realizar novas viagens.

O trabalho de Burton como cônsul consistia praticamente em supervisionar o comércio entre representantes britânicos e pequenos estados africanos costeiros, além da fiscalização contra o tráfico de escravos.⁵³ Para isto, no entanto, era preciso visitar pessoalmente as regiões onde o comércio britânico estava concentrado, na foz do rio Niger, os chamados *Oil Rivers*. O problema da disponibilidade de transporte fazia com que as visitas fossem um tanto esporádicas.⁵⁴ Burton tinha duas opções de transporte para realizar suas funções: a primeira delas era fazer as visitas aos rios à bordo de algum cruzador do esquadrão britânico de combate ao tráfico escravo, que patrulhava a costa africana desde o início do século,⁵⁵ ou então, viajar como passageiro nos navios comerciais de companhias inglesas que serviam à região desde 1852. A preferência de Burton, entretanto, era viajar em navios da marinha, pois desta forma, segundo ele, poderia atuar de maneira mais eficaz, já que o medo dos cruzadores ingleses parecia-lhe ser o motor do comércio na costa africana neste período.⁵⁶ Contudo, com o passar do tempo Burton foi indispondo-se com os

⁵³ O papel do cônsul britânico, ao menos em teoria ligado ao comércio, consistia na verdade numa grande variedade de encargos, que modificavam-se conforme a localidade na qual servia. Para um estudo sobre o significado e as condições de trabalho consular, ver Platt, D.C.M. *The Cinderella Service*. London: Longman Group Ltd, 1971. Há também um interessante artigo de Sibil Jack que discute a importância da atuação local do cônsul para a configuração das políticas imperiais inglesas (Jack, Sibil. "Imperial Pawns: the Role of the British Consul", in: Screuder, Derick M. (ed.). *Imperialisms*. Canberra: Highland Press, 1991, pp. 33-57). Esta bibliografia será analisada posteriormente.

⁵⁴ A primeira destas visitas foi feita quando ele chegou à costa ocidental, entre 27/09 e 02/10 de 1861. Depois, Burton voltou a percorrer sistematicamente os rios em novembro/dezembro de 1861 e outubro de 1862. Apenas em março e abril de 1864 ele voltou a visitar estes locais. Afora estas ocasiões, aparecem em seus papéis enviados ao F.O. apenas algumas outras visitas pontuais à localidades específicas para resolver problemas comerciais.

⁵⁵ A importância do Esquadrão africano para a política inglesa na África ocidental não pode ser subestimada, e será discutida nos tópicos seguintes.

⁵⁶ Desde o princípio de seu período como cônsul na África, Burton requisitou um navio de guerra para ficar a sua disposição, entretanto, o F.O nunca o atendeu. O primeiro destes pedidos encontra-se em sua correspondência oficial em *PRO, F.O.* 84/1147, 04/10/1861.

oficiais da marinha inglesa, o que tornava cada vez mais difícil conseguir a disponibilidade de algum cruzador e, conseqüentemente, mais esparsas suas visitas aos *Oil Rivers*.⁵⁷

Durante seu período como cônsul, Burton esteve quase tanto tempo fora de sua jurisdição em empreendimentos não oficiais quanto em seu posto ou em missões oficiais. Menos de duas semanas depois de chegar em Fernando Pó pela primeira vez, em setembro de 1861, juntou-se a uma missão que dirigia-se para Abeokuta, principal cidade da população *Egba*.⁵⁸ Apesar da missão ser oficial, Burton foi apenas como acompanhante, sem ter pedido permissão antecipada para o *Foreign Office* (a partir de agora *F.O.*), permanecendo em viagem entre outubro e novembro de 1861.

Depois de retornar à Fernando Pó, e visitar os *Oil Rivers*, ele partiu para realizar outra viagem extra oficial de exploração das montanhas de Camarões, ainda em 18 de dezembro de 1861, da qual só voltou novamente ao seu posto em meados de fevereiro do ano seguinte.⁵⁹ A viagem seguinte de Burton na costa ocidental africana foi realizada entre agosto e setembro de 1862 para a região da cidade de Benim, novamente sem autorização prévia do *F.O.* Desta vez, Burton argumentou que precisou ir imediatamente para a região para resolver um problema entre um comerciante inglês e os nativos, que haviam atacado um estabelecimento comercial. A permanência de mais de duas semanas no local justificou-se pela necessidade do bloqueio do comércio enquanto a situação não era resolvida. Burton

⁵⁷ Alguns despachos entre Burton e Russell discutindo as dificuldades com a disponibilidade de navios de guerra são *PRO FO*, 84/1176 - 26/09/62, e *F.O.* 84/1203, 2/02/63 e 8/05/63. Nestes, Burton solicitava a presença de um cruzador de forma permanente na Baía de Biafra, sob pena de uma revivescência do tráfico escravo.

⁵⁸ Abeokuta localiza-se onde hoje é a região da Nigéria. A localização aproximada desta cidade e das demais localidades mencionadas neste trabalho podem ser vistas no mapa no ao final deste texto.

⁵⁹ Destas duas primeiras viagens, resultou uma série de textos, alguns manuscritos e outros publicados. Os primeiro deles foram relatórios manuscritos sobre a viagem para Abeokuta e a subida às montanhas de Camarões enviados para o FO, respectivamente, em novembro de 1861 e fevereiro de 1862. (*PRO, F.O.* 84/1176 - 20/11/1861 e 22/02/1862). Além destes, foram publicados nos *Proceedings of RGS* vol. VI, 1861 - 1862, uma carta sua sobre a viagem à Abeokuta e um artigo sobre a subida das montanhas em Camarões, (*Ascent of the Ogun or abeokuta river*, pp. 64-66 e *Ascent to Cameroon mountains*, pp. 238-248). Burton publicou também um livro relatando as duas viagens conjuntamente, intitulado *Abeokuta and the Cameroons Mountains*, London: Tinsley Brothers, 1863.

aproveitou este período para visitar as cidades de Benim e Wari, além de escalar uma outra montanha.⁶⁰

Em outubro de 1862, Burton cumpriu uma breve visita ao rio Bonny para resolver problemas comerciais, e desta vez fez a viagem em navio da *African Steamship Company*, pois não conseguiu um cruzador da marinha. Burton deixou novamente a ilha de Fernando Pó em novembro deste mesmo ano para tirar dois meses de licença na Ilha da Madeira. Entretanto, em correspondência ao *F. O.*, alegou que a febre amarela na ilha impediu-o de desembarcar e obrigou seu retorno à Londres, destino final do navio em que estava.⁶¹ A permanência de Burton em Londres durante dois meses, entre o final de 1862 e o começo do ano seguinte, foi de grande atividade pois cuidou da publicação de seus dois relatos já escritos e presidiu a reunião de fundação da *London Anthropological Society*.⁶²

Após sair da Inglaterra no final de janeiro, Burton despendeu outros dois meses entre Madeira e Tenerife, em companhia de sua mulher Isabel, e retornou à Fernando Pó apenas no começo de abril de 1863, totalizando quase seis meses de ausência.

O padrão da atuação consular de Burton foi mantido no ano seguinte. O cônsul continuou a viajar sem autorização do *F. O.*, embora com menos intensidade do que o ano anterior. Logo em maio, menos de um mês após ter retornado à Fernando Pó, realizou uma pequena viagem extra oficial para Daomé, que durou cerca de uma semana.⁶³ Já a ausência seguinte seria bem maior: Burton alegou motivos de saúde e partiu em viagem para o rio

⁶⁰ Novamente uma série de manuscritos e publicações seguiu-se à viagem. O relatório para o *Foreign Office* foi o primeiro, ainda em agosto (*PRO, F.O.* 84/1176, 26/08/1862) e, em seguida, um artigo chamado *Elephant Mountain*, no *Journal of Royal Geographical Society*, 1863, vol. XXXIII, pp. 241-50. Além destes, uma série de cartas em forma de narrativa de viagem foram publicadas anonimamente na *Frasers' magazine of Town and Country*, 1863, vol. 57, pp. 135-57, 273-89, 407-22.

⁶¹ *PRO, F.O.* 2/42 - 17/12/62.

⁶² Uma apreciação detalhada da *London Anthropological Society* encontra-se no terceiro capítulo deste texto.

⁶³ *Houghton Papers*, Trinity College Cambridge, Burton à Milnes, 31/05/1863. O governo britânico também soube desta viagem uma vez que entre os despachos de Burton encontra-se transcrita parte de uma correspondência particular sua enviada da capital do reino de Daomé, na mesma data daquela enviada à Milnes. *PRO, F.O.* 84/1203, 31/05/1863.

Congo, tendo permanecido fora de suas funções entre agosto e outubro de 1863.⁶⁴ Quando de sua volta para Fernando Pó, Burton encontrou os despachos de Lord Russell, indicando-o para uma missão oficial em Daomé.⁶⁵

A sua última expedição na África Ocidental teve, desta forma, caráter oficial. Burton partiu para sua missão em dezembro de 1863 e só retornou em fevereiro do ano seguinte.⁶⁶ O restante de seu período africano foi gasto em uma sistemática visita ao Delta do Niger, que durou mais de um mês entre março e abril de 1864, quando voltou para Fernando Pó. Enfim, alegando novamente motivos de saúde, Burton encaminhou-se para Tenerife em maio, e depois para Londres, de onde não voltaria mais para a África.

O período de aproximadamente um ano, entre sua chegada na Inglaterra por volta de agosto de 1864 e sua partida para Santos no Brasil, em junho do ano seguinte, para onde foi transferido, foi bastante conturbado para Burton.

Cerca de um mês após sua chegada à Londres, a *Royal Geographical Society* marcou um debate entre Burton e Speke para discutir as questões controversas sobre as nascentes do Nilo, que continuavam dominando a geografia inglesa no período. O debate

⁶⁴ Estranhamente, o relato resultante desta viagem foi publicado apenas em 1876. Dois relatórios foram no entanto enviados ao FO, em novembro e dezembro de 1863. Há também um artigo publicado que foi resultado de notas recolhidas durante esta viagem, intitulado *A Day Amongst the Fans*, *Anthropological Review*, 1863, vol. 1, pp. 43 – 54. O mesmo artigo reapareceria letra por letra nas *Transactions of Royal Ethnological Society*, 1865, vol. 3, pp. 36-47.

⁶⁵ PRO FO, 84/1203, 23/06/1863. De fato, Burton recebeu o primeiro despacho sobre este assunto ainda em agosto, quando estava à caminho do rio Congo, como atesta sua correspondência em PRO, FO, 84/1203, datada de 15/08/1863. Isto entretanto, não o removeu de sua expedição que, como se viu, durou até outubro.

⁶⁶ Desta viagem originou-se uma nova série de textos. Primeiramente, escreveu o necessário relatório consular, enviado em 23 de março de 1864, quando estava realizando a última visita sistemática aos Rios do Óleo (PRO, FO 84/1221, 23/03/1864). Depois deste pode-se mencionar, os textos apresentados às sociedades científicas, começando por “*Notes of Matters Connected with Dahomans*”, *Memoirs read before London Anthropological Society*, vol. 1, 1863-4, pp. 308-21 e, no ano seguinte, *The Present State of Dahomey*, *Transactions of Royal Ethnological Society*, vol. III, pp. 400-408. Por fim, ainda resta citar o relato em forma de livro publicado originalmente ainda no final de 1864, *A Mission to Gelele, King of Dahome, with Notices of the so called “Amazonas” the Grand Customs, the Yearly Customs the Human Sacrifices, the Present State of the Slave Trade and the Negro’s Place in Nature*. 2 vols., Londres: Tinsley Brothers, 1864.

seria mediado por David Livingstone; porém, na véspera da data marcada, Speke sofreu um acidente e faleceu com um tiro de espingarda auto infligido.⁶⁷

Além disto, outros dois episódios marcaram este período de Burton em Londres. O primeiro deles começou a transcorrer ainda em maio de 1864, quando Burton nem mesmo havia chegado à Inglaterra. Tratava-se de um processo envolvendo Burton na venda fraudulenta do brigue “*Harriet*” de propriedade de William Johnson, um falecido mercador de Serra Leoa. Embora Burton tivesse assinado o recibo de venda, o dinheiro não havia sido enviado aos beneficiários, o que originou uma reclamação ao *F. O.*, em março daquele ano, e evoluiu para a abertura de um inquérito interno que só terminaria em 1866. Burton alegava que não havia recebido o dinheiro e que o vice-cônsul em exercício na ocasião da venda deveria ser responsabilizado.⁶⁸ Sua assinatura no recibo, entretanto, era bastante comprometedora, e para piorar a situação, William Rainy, o advogado africano que representava os beneficiários da herança, escreveu um panfleto bastante virulento contra as atitudes do cônsul inglês neste caso e, principalmente, contra suas representações negativas dos africanos, em especial dos nativos de Serra Leoa. Este panfleto, publicado em Londres, não apenas contribuiu para reafirmar na Inglaterra a imagem de Burton como descrente das possibilidades de civilização da África, mas apresentava-o como irresponsável no cumprimento de seus deveres consulares.⁶⁹

⁶⁷ A maior parte dos biógrafos de Burton, entretanto, rejeita a hipótese de acidente, sugerindo que Speke teria cometido suicídio, com medo de enfrentar o articulado Burton num debate. Ainda segundo seus biógrafos, especialmente Edward Rice e Mary Lovell, este incidente teria causado extremo desgosto em Burton, e o marcou para o resto de sua vida. Rice, *Richard Francis Burton...*, e Lovell, Mary. *A Rage to Life*, New York: W. W. Norton, 1998.

⁶⁸ A venda havia se dado exatamente no período em que Burton estava em Daomé em missão oficial e o comerciante Edward Loughland estava atuando interinamente como cônsul.

⁶⁹ O panfleto de Rainy tem um título auto explicativo: *The censor censured, or the calumnies of Captain Burton on the Africans of Sierra Leone, refuted, and his conduct relative to the purchase money of the brig Harriet, tested and examined upon official and public documents of unquestionable authority. Also an enquiry into an ordinance, suggested in Captain Burton's book and carried out by Major Blackall, gov of Sierra Leone, which in its operation exhibits a want of confidence in the judicial character of the chief justice of the colony, and whichh is contrary both to the laws of England and the charter of justice granted to the colony in 1863.....*, London: Geo. Chalfont, 1865. O resultado do processo interno foi a condenação de Burton, que teve

O segundo episódio foi a sua convocação para depor frente ao Comitê Especial da Casa dos Comuns para assuntos coloniais africanos, no início de 1865. Este comitê foi instalado em razão do fracasso da expedição militar contra os Ashantis no ano anterior, que causara a morte de muitos soldados ingleses, e das crescentes despesas com a administração colonial na costa ocidental africana. Burton foi inquirido sobre a situação das colônias britânicas e sobre as áreas onde o comércio inglês era importante, mas também houve questionamentos sobre sua opinião a respeito do “caráter” do africano, mostrando conhecimento por parte de alguns parlamentares acerca das polêmicas representações de Burton em seus relatos e artigos. As suas respostas pareceram causar certa apreensão por parte dos parlamentares, em especial seu projeto de estabelecer algum tipo de “imigração livre” dos africanos para as colônias inglesas na América.⁷⁰

Entre as décadas de 1850 e 1860, as idéias inglesas sobre a política a ser adotada com relação à África estavam passando por um período de transformações. De uma crença em políticas humanitárias, que propunham a intervenção como forma de “civilizar” os africanos através da cristianização e educação dos nativos, a qual prevalecera durante a primeira metade do século XIX, caminhava-se para o discurso de que o livre comércio e a intervenção mínima era a forma mais adequada de lidar com o continente africano, diminuindo os gastos administrativos e ampliando as remunerações comerciais.⁷¹

que pagar a importância relativa à venda do Barco aos beneficiários da herança. Um conjunto completo dos documentos referentes ao caso encontra-se no *PRO, F.O. 97/438*.

⁷⁰ Uma análise mais detida da instalação deste comitê, bem como do depoimento de Burton encontra-se no último capítulo deste texto. Os trabalhos completos do comitê, encontram-se em *British Parliamentary Papers*, 1865, vol 5.

⁷¹ Para discussões acerca destas transformações, bem como sobre a atuação prática da Inglaterra quanto à política imperial e colonial, ver dentre outros: Curtin, Phillip, *The image of Africa. British Ideas and Action, 1780-1850*. London: MacMillan &co., 1965; Farnsworth, Susan. *The Evolution of British Imperial Policy during the Mid Nineteenth Century, A Study of the Peel Contribution, 1846-1874*. London: Garland Publishing, 1992; Dike, K. *Trade and Politics in the Níger Delta 1830-1885*. Oxford: Clarendon Press, 1956; Hargreaves, John. *Prelude to Partition of West Africa*, London: MacMillan, 1966; McYntire, W. *The Imperial Frontier in the Tropics, 1865-75, a Study of British Colonial Policy in West Africa, Malaya and the South Pacific in the Age of Gladstone and Disraeli*. London: MacMillan, 1967; Nzemeke, Alexander, *British Imperialism and West African Response, the Níger Valley 1851-1905*. Paderborn: Schöning, 1982; Parsons, Timothy. *The British Imperial Century, 1815-1914*. Oxford: Rowman and Littlefield Publishers, 1999.

Entretanto, mesmo com o discurso do livre comércio ganhando terreno frente à ideologia humanitária, as ações intervencionistas continuavam a ser adotadas na prática, contando inclusive com anexações territoriais importantes,⁷² mostrando desta forma uma diferença significativa entre o discurso oficial e a prática imperiais inglesas no período. A mudança formal no discurso britânico sobre o modelo de atuação do império necessariamente foi acompanhada por uma transformação nas representações dos africanos em geral. Passava-se na Inglaterra de uma etnologia histórica e lingüística, à uma antropologia física e racalista, que seria instrumento ideológico importante na legitimação do domínio colonial de fato, que se estabeleceu no final do século XIX em toda a África.

A análise da atuação de Burton num período de reconfiguração das representações sobre o continente africano coloca-se, então, como muito pertinente. Suas concepções sobre os “selvagens”, sofreram significativas alterações entre as décadas de 1840 e 1860 como foi possível notar no tópico anterior, e estas alterações estavam claramente ligadas, tanto ao repertório científico/cultural inglês, quanto às experiências específicas de contato com as regiões periféricas.⁷³

O enfoque deste trabalho está nas relações entre as imagens discursivas produzidas na Inglaterra a respeito da África Ocidental e as ações políticas inglesas para a região. Desta forma, é preciso pensar os enunciados de Burton e suas representações como partícipes da constituição do discurso sobre o continente africano na Inglaterra, ou seja, como estas representações se articulam dentro de discursos mais amplos produzidos, por exemplo, por disciplinas científicas tais como a geografia e a antropologia.

Por outro lado, também é necessário refletir sobre a relação entre os textos de Burton e própria ação política imperialista inglesa na África, mostrando como há uma clara conexão entre as opiniões e sugestões políticas do autor e suas enunciações nos mais

⁷² Para notar as ações intervencionistas, ver principalmente Dike, *Trade and Politics...*, e Biobaku, *The Egba and their Neighborhood, 1842-1872*. Oxford: Clarendon Press, 1957; Hargreaves, John, *Prelude to partition of West Africa...*; Newbury, C. W. *The Western Slave Coast and its Rulers, European Trade and Administration Among the Yoruba and Adja Speaking Peoples of South Western Nigeria Southern Dahomey and Tog.*, Oxford, Clarendon Press, 1961.

⁷³ Para uma apreciação sobre as transformações nas descrições populacionais de Burton, ver: Gebara, Alexsander. “A Experiência do Contato, As Descrições Populacionais de Richard Francis Burton”, *Revista de História*, n 149, 2003, pp. 181-210.

variados registros, desde suas cartas pessoais, passando por seus relatórios consulares e pelos relatos de viagem, trazendo assim, a ideologia política do autor para a arena da análise de suas representações.

Os escritos de Burton mostram-se como lugares privilegiados para estudar as relações apontadas acima uma vez que o autor esteve ligado à várias instancias da produção de conhecimento sobre a África durante o período analisado. Foi membro da burocracia imperial na função de cônsul britânico na Baía de Biafra, participante das sociedades geográfica e antropológica inglesas e, finalmente, foi também renomado escritor de relatos de viagem. Desta forma, o autor esteve relacionado à esfera oficial da administração inglesa, ao campo científico de produção de conhecimento sobre a África, e ao público inglês, um pouco mais amplo, de leitores de relatos de viagem.

A riqueza de seus escritos também se deve ao fato de Burton ter sido um homem de considerável erudição, que se movimentava no interior de um vasto repertório de representações, desde a filologia comparada até a frenologia e antropologia física.

Estas múltiplas facetas de Burton, ampliam as possibilidades de análise, uma vez que se pode comparar, tanto formalmente, quanto em termos de conteúdo, diferentes esferas de sua produção textual, quais sejam, os relatórios consulares enviados ao *F. O.*, os artigos científicos e os relatos de viagem. As diferentes funções e propósitos destes textos, bem como seus variados espaços de circulação e públicos alvo, geram características distintas em cada tipo de enunciado, que analisados comparativamente podem auxiliar na avaliação das concepções e projetos de Burton para a África Ocidental.

Via de regra, como se pôde notar na apresentação biográfica do período africano de Burton, seus textos passavam por diferentes registros. Em primeiro, os próprios cadernos de anotação de Burton aos quais infelizmente não foi possível ter acesso.⁷⁴ Em segundo, os relatórios consulares, os quais, por sua vez, eram editados e apresentados anualmente ao parlamento inglês pelo próprio secretário de relações exteriores.⁷⁵ Em seguida, geralmente

⁷⁴ Na verdade, não foi possível encontrar estes *notebooks*. Aparentemente eles foram perdidos, ou estão em coleções particulares às quais não tive acesso.

⁷⁵ As diferenças entre os relatórios originais e os editados e apresentados nos chamados *Parliamentary Papers* mostram o cuidado com o qual o *Foreign Office* montava “seu” próprio discurso para legitimar ou explicar sua atuação direta na África.

eram escritos os artigos para as sociedades científicas. Estes textos são claramente baseados nos relatórios enviados ao *F. O.*, entretanto, apresentam diferenças conforme o caráter da sociedade em questão.⁷⁶ Tais diferenças mostram, portanto, as variações na concepção de ciência para o autor. Um estudo mais detalhado do conteúdos destes artigos aponta não apenas para a relação de Burton com estas sociedades, mas também com conceitos de “conhecimento científico” e “administração imperial”, os quais estão intimamente ligados para o autor e para as sociedades científicas de forma geral.

Finalmente, frente à análise destes textos, um estudo dos relatos de viagem de Burton pode mostrar como as representações presentes nestes são “construções”, que compreendem um jogo de representações no qual estão presentes as opções políticas de Burton, suas concepções de ciência, as idéias que relacionam “conhecimento” e “poder” e suas preocupações com o mercado editorial. Um estudo deste corpo de fontes revela como textos formadores da opinião pública, em maior ou menor grau, estão diretamente ligados à experiência de seu autor nas regiões de contato e a sua participação na configuração das atitudes do governo inglês para com a África no período.

Para uma análise efetiva destas fontes, entretanto, fazem-se necessárias considerações, ainda que breves, sobre a relação da Inglaterra com a África Ocidental ao longo do século XIX, bem como uma apresentação mais detida dos lugares nos quais Burton viajou e atuou como cônsul britânico na África Ocidental. Estes são os objetos da próxima parte deste trabalho.

⁷⁶ Neste trabalho, foram analisados principalmente textos enviados à *Royal Geographical Society, London Anthropological Society, e Royal Ethnological Society*.

Capítulo 2: Contextualizando o autor e o seu espaço

Contextualização da relação entre Inglaterra e África ocidental.

O termo África Ocidental tem um significado relativamente estrito para a Inglaterra. Longe de representar toda a costa atlântica africana, os documentos ingleses do século XIX referem-se apenas à algumas regiões específicas, sobre as quais a influência britânica se fazia sentir, quer sob a forma de território ocupado ou como local de alguma importância comercial.

De fato, no início do século XIX, não haviam muitas possessões inglesas na região. Serra Leoa, a primeira colônia africana do século, foi fundada em 1808, quando o governo britânico tomou para si o trabalho de administração de um assentamento pré-existente. Os primeiros assentados haviam chegado ao local por volta de 1787, como resultado do esforço da Inglaterra de retirar os ex escravos da América do Norte, que haviam fugido de seus senhores para juntarem-se ao exército britânico durante a guerra de Independência, entre 1775 e 1783, e que encontravam-se em situação de extrema pobreza na Europa.

Entretanto, apesar do financiamento do governo britânico, o objetivo inicial explícito do assentamento, tal como projetado pelo abolicionista Granville Sharp, era de estabelecer uma comunidade com autogoverno, completamente independente, tanto política quanto economicamente, da Inglaterra. O fracasso nos primeiros anos, bem como nas seguintes tentativas de estabelecer uma colônia como empreendimento comercial durante a década subsequente, levou finalmente o governo inglês à assumir o controle da região após a abolição do tráfico escravo em 1807. Serra Leoa foi a partir de então uma das principais bases do esquadrão britânico de combate ao tráfico de escravos que operou na costa africana ao longo de praticamente todo o século XIX.¹

Segundo Curtin, o fracasso do estabelecimento de Serra Leoa como um assentamento africano autogovernado, oriundo das concepções humanitárias de seus idealizadores, teve como consequência uma mudança inicial nas prospecções britânicas a respeito das possibilidades ‘civilizacionais’ africanas ainda no alvorecer das ideologias filantrópicas relacionadas à África. De acordo com este autor,

¹ Fyfe, Christopher “*Freed Slave colonies in West Africa*”, in: Flint, J. (ed.) The Cambridge History of Africa, Cambridge: Cambridge University Press, 1976, p. 170 e seguintes.

*“The shift in humanitarian attitude between 1788 1808 was from one point of view only a subtle shift in the balance of opinion, but its consequences were more serious. One of the few groups in Britain that had ever made an effort to understand and defend African culture had gone into opposition. The remaining guarantee of spiritual equality was not enough to prevent a broader swing of British opinion in non-humanitarian circles, where the promise and implication of spiritual equality was not given so much weight”*²

Mas não era apenas à Serra Leoa que se restringia a atenção da Inglaterra no início do século XIX. Postos comerciais britânicos encontravam-se dispersos por toda a costa e datavam do auge do tráfico escravo. Entretanto, a relação comercial era em grande parte uma iniciativa que não demandava interferência importante do governo inglês neste momento. Durante boa parte da primeira metade do século XIX, o padrão comercial continuou nos mesmos moldes do tráfico de escravos. A forma básica de funcionamento destas relações era o estabelecimento de fortificações na costa, nas quais uma pequena quantidade de europeus comprava a mercadoria africana em troca de bens manufaturados europeus – principalmente armas de fogo – e de aguardente e fumo oriundos da América. Estas fortificações, algumas sob controle do estado britânico e outras totalmente privadas, não tinham nenhum direito de propriedade estabelecido sobre o solo no qual estavam edificadas, ao contrário, pagavam pelo direito de utilização do espaço, preservando de certa forma a ‘soberania’ africana sobre a terra. A relação entre as partes comerciantes, neste sentido, não implicava em nenhuma deferência especial por parte dos africanos e parecia representar uma atividade de interesse de ambas as partes negociantes.³

² “A mudança na atitude humanitária entre 1788 – 1808 foi de um ponto de vista apenas uma mudança súbita no balanço de opiniões, mas suas conseqüências foram mais sérias. Um dos poucos grupos na Bretanha que havia se esforçado para compreender e defender a cultura africana passou para a oposição. A garantia restante de igualdade espiritual não foi suficiente para prevenir uma mudança mais ampla na opinião Britânica nos círculos não humanitários, onde a promessa e implicação de igualdade espiritual não tinha tanto peso.” Curtin, Philip. *The Image of Africa. British Ideas and Action, 1780 1850*. London: MacMillan &co., 1965, p. 139.

³ Esta relação, como se verá, tornar-se-ia mais complexa com o aumento da pressão inglesa para o fim do tráfico e com as transformações internas nos estados costeiros africanos em busca de manter o comércio escravo ou de adaptarem-se às novas demandas européias. Sobre as transformações nestas relações comerciais, ver, dentre outros: Dike, *Trade and Politics...*, Law, R. *From slave trade to ‘legitimate’*

Após a abolição do tráfico escravo pela Inglaterra em 1807, teve início a atuação de um esquadrão da marinha britânica na costa africana, que em meados do século passou a influenciar na dinâmica comercial estabelecida. Segundo Philip Curtin, a ação da marinha inglesa teve início durante as guerras napoleônicas, apreendendo navios inimigos, escravistas ou não. Quando, porém, encontrava-se escravos à bordo, estes eram enviados para serem libertos em Serra Leoa. Depois do final da guerra na Europa, devido à grupos de pressão humanitários e interesses de liberais radicais, a marinha britânica continuou atuando - com a criação oficial do esquadrão da África Ocidental em 1827 - cada vez com mais intensidade, até a década de 1860. Além do combate ao tráfico, a marinha inglesa seria com frequência empregada, principalmente a partir da década de 40, como instrumento de coerção contra estados costeiros africanos em favor de comerciantes ingleses na região – entre a Costa do Ouro e a ilha de Fernando Pó, um pouco abaixo da embocadura do rio Níger.

A relação inglesa com a África Ocidental, nas primeiras décadas do século XIX, tinha como principais elementos a colônia de Serra Leoa, a atuação da marinha britânica em combate ao tráfico escravo e um incipiente ‘comércio lícito’ – principalmente de óleo de palma (azeite de dendê) – que tentava substituir o tráfico escravo do século anterior. Apesar disto, Curtin argumenta que o interesse britânico na região tendeu a diminuir cada vez mais após o final do século 18, até o ápice do desinteresse marcado pelo relatório do comitê parlamentar da casa dos comuns sobre a política para a África Ocidental, em 1830. Este relatório apresentava conclusões que aconselhavam a retirada total da população britânica em Serra Leoa, mantendo um mínimo de pessoal para a administração. Assim, além da própria Serra Leoa, e de algumas fortificações mantidas pelo governo na Costa do Ouro até 1828, apenas o esquadrão de combate ao tráfico continuava como parte realmente ativa do estado britânico na região.⁴

Apesar deste aparente pequeno interesse, diversas expedições ao interior, por via fluvial, foram realizadas, quase sempre por oficiais britânicos, nas primeiras décadas do

commerce, the commercial transition in nineteenth century West Africa, Cambridge: Cambridge University Press, 1995. Manning, Patrick, “Slaves, Palm Oil, and Political Power on the West African Coast”. *African Historical Studies*, vol. 2, n 2, 1969, pp 279-288.

⁴ Curtin, Philip. *The Image of Africa...*, pp. 140-177.

século. Estas expedições, juntamente com a atuação da marinha na costa – apesar desta nem sempre ter acontecido em termos amistosos - iniciou uma interação entre ingleses e nativos, que fica clara no resultado da expedição dos irmãos Lander em 1830 a qual finalmente resolveria a questão geográfica sobre o curso do rio Níger. Segundo Nzemeke, não fosse a cooperação dos chefes africanos locais, com fornecimento de animais de carga e até mesmo barcos para os membros da expedição, não teria sido possível a consecução dos objetivos planejados. E esta colaboração, por sua vez, só aconteceu devido ao intercuro prévio entre ingleses e africanos.⁵

Esta determinação mais exata do curso do Níger pela expedição dos irmãos Lander, embora não tenha influenciado imediatamente o governo, deu início a uma série de expedições privadas com objetivos comerciais. Tal como a da *African Inland Commercial Company*, que, como o nome já explica, tinha interesse em desenvolver o comércio no interior. Financiada por Macgregor Laird, a companhia demonstrou a navegabilidade do rio em 1832-1833 por barcos à vapor construídos especificamente para a tarefa, mas a mortalidade entre os europeus foi assustadora, e em termos comerciais a expedição fracassou, não conseguindo estabelecer os resultados que esperava. Outra expedição comercial foi realizada em 1835 sob comando de um mercador inglês, que já atuava na costa africana, chamado John Beecroft. Novamente, o curso do rio foi navegado por vapor inglês, confirmando a possibilidade de tal navegação. Entretanto, o sucesso comercial esperado através do intercuro com o interior novamente mostrou-se impossível neste momento.⁶

Mas as falhas nas expedições para o interior não retiram a crescente importância que a região do Delta do Níger assumiu no comércio com a Inglaterra. O comércio de óleo de palma apresentou grande desenvolvimento durante o período, apesar da região continuar

⁵ Nzemeke, A. *British Imperialism and African Response, the Niger Valley, 1851 – 1905*. Paderborn: Schöning, 1982, p. 41. Apesar desta “colaboração”, houve ao menos uma tentativa por parte de um chefe africano de impedir o prosseguimento da viagem dos Lander. Mbaeyi, Paul Mmega. *British Military and Naval Forces in West African History 1807-1874*. London: KOK Publishers, 1978, p 21. descreve o ataque na foz do Níger com canoas de guerra nativas. Dike, por sua vez, argumenta que os chefes africanos costeiros, que serviam de intermediários entre os europeus e o interior africano, buscavam impedir sempre que possível a penetração para o interior, como forma de manter seu mercado. Dike, K. O. *Trade and Politics...*

⁶ Curtin, Philip. *The Image of Africa...*, pp. 297-299.

sistematicamente comerciando também em escravos. Após uma significativa, porém breve, queda nos anos seguintes à sua abolição pela Inglaterra, o tráfico continuaria forte ao menos até o início da década de 50⁷.

Segundo K. Dike, os antigos escravistas ingleses possuíam muito capital investido na região do Delta - com navios, barracões, e crédito aos chefes africanos locais - para cogitarem abandonar a costa. A busca por outras mercadorias comerciáveis durou algum tempo, mas ainda na segunda década do século, começaram as importações mais significativas de óleo de palma. Graças à crescente demanda de óleo na Inglaterra para lubrificação de máquinas, o produto atingiu preços interessantes no mercado e o crescimento das transações com esta mercadoria foi muito grande, passando de um incipiente volume, em 1813, para quase 14 mil toneladas em 1834, num valor aproximado de 450 milhões de libras.⁸

De fato, as expedições planejadas para o interior africano via rio Níger, na década de 1830, tinham por objetivo explícito de seus promotores difundir o comércio no interior do continente, associando-se às ideologias humanitárias com forte influência política no

⁷ De acordo com Lovejoy e Richardson, uma crise se fez presente no comércio de escravos, na região das Baías de Benim e Biafra, na década seguinte à declaração do final do tráfico na Inglaterra, tendo ambos, o preço e a quantidade de escravos embarcados, caído pela metade. Entretanto, uma recuperação nas duas estatísticas para níveis equivalentes aos do final do século 18 completa-se ainda na década de 1820 e permanece relativamente estável até a década de 50. Lovejoy P; Richardson, D., *The Initial 'Crisis of Adaptation: the Impact of British Abolition on the Atlantic Slave Trade in West Africa*. In: Law, R. From Slave Trade to 'Legitimate' Commerce, the Commercial Transition in Nineteenth Century West Africa, Cambridge: Cambridge University Press, 1995, pp. 32-56.

⁸ Dike, K., *Trade and Politics...*, pp. 47-64. A questão, contudo, é relativamente controversa. Estudos mais recentes demonstram que o comércio de óleo de palma já tinha alguma importância no século 18, sendo utilizado como alimento nos navios escravistas. Além disto, segundo Martin Lynn, a estrutura do comércio de óleo de palma era exatamente a mesma do comércio escravista anterior, sendo realizado pelas mesmas pessoas e apresentando “os mesmos mecanismos de comprar e vender, a mesma utilização de unidade de medida (unit of account), o mesmo processo de barganha, a mesma dependência nos atravessadores costeiros (brokers), e o mesmo uso da consignação de mercadoria (trust) aplicado para ambos, escravos e óleo de palma” Lynn, M., *The West African Palm Oil trade in the Nineteenth Century and the 'Crisis of Adaptation'*. In: Law, R. From Slave Trade to 'Legitimate' Commerce, the Commercial Transition in Nineteenth Century West Africa, Cambridge: Cambridge University Press, 1995, pp. 57-77.

governo inglês do período, que sugeriam que a ‘civilização’ da África se daria através da presença do comércio europeu juntamente com a influência da pregação cristã. Porém, a possibilidade da consecução destes objetivos contrariava os interesses dos mercadores de Liverpool estabelecidos no Delta, bem como dos governantes locais, que funcionavam como atravessadores entre os comerciantes europeus e os centros produtores do interior, numa configuração oriunda do comércio escravo nos séculos anteriores e que, ainda segundo Dike, tinha sido o próprio motor econômico da formação destes pequenos estados costeiros.

Segundo Curtin, a influência humanitária, entretanto, ganhava força na Inglaterra especialmente no decorrer do período entre 1830 e 1850. Desde 1836, a visão humanitária tomava conta do *Colonial Office*, grande parte em razão da atuação de James Stephan, como sub secretário permanente. Stephan já tinha uma história de combate ao tráfico desde a década anterior, e permaneceria no posto pelos onze anos seguintes, até 1847.

Assim, a pressão humanitária ecoava nos altos quadros da administração, ao mesmo tempo em que também estava presente no parlamento uma forte tendência liberal, que via no livre comércio as oportunidades para desenvolver, cada vez mais, a potencialidade econômica britânica e apregoava uma interferência cada vez menor do estado nas relações comerciais, à exceção do tráfico escravo.

Além disto, um período longo de paz para a Inglaterra, entre o fim das guerras napoleônicas, em 1815, e a guerra da Criméia, na década de 50, tornava possível colocar em prática o policiamento naval na costa africana e oferecia tempo para a diplomacia britânica trabalhar em busca de tratados internacionais de combate ao tráfico.⁹ Nesta conjuntura, em oposição ao pequeno número de súditos britânicos brancos assentados em toda a costa, que não ultrapassava trezentos homens, o contingente do esquadrão naval africano chegava a ter em seus quadros entre quinhentos e mil homens.

Desta forma, num contexto de forte influência humanitária e abolicionista, atuação do esquadrão africano, ideologia liberal e relativa tranquilidade internacional, Thomas Fowell Buxton apresentou ao parlamento, em 1839, seu plano para minar o tráfico atlântico

⁹ Curtin, Philip. *The Image of Africa...*, p 289 e seguintes.

de escravos.¹⁰ O plano de Buxton argumentava que apenas a atuação do esquadrão de combate ao tráfico estava sendo insuficiente para conter o aumento do fluxo escravista para a América. Suas sugestões de atuação tinham um caráter relativamente intervencionista, que recomendava a interferência direta e presencial do governo inglês no estímulo ao desenvolvimento comercial e agrícola, em conjunto com a presença do esquadrão e, enfim, a presença efetiva da atividade missionária como forma de auxiliar na cristianização. O caráter intervencionista da proposta de Buxton encontrou oposição no governo, e mesmo dentro do *Colonial Office*. James Stephan, apesar de abolicionista, era abertamente contrário à qualquer intervenção na África e dizia, ainda em 1840, que se a Inglaterra “pudesse adquirir o domínio de todo aquele continente [África], não seria mais do que uma possessão sem valor”.¹¹

Entretanto, o plano, apesar de ter sofrido algumas modificações, foi aprovado no parlamento tendo conseguido o importante apoio de Russell - um dos principais quadros do partido Whig e secretário do *Colonial Office* entre 1839 - 41 e entre 1846 - 52. Uma expedição foi organizada para fazer o reconhecimento da região do Níger e estabelecer o contato a partir do qual seria estruturada a ação governamental inglesa nos tópicos mencionados por Buxton em sua proposta, quais sejam, de desenvolvimento agrícola, comercial e de atividades missionárias. Assim, a expedição partiu em 1841, ainda durante o governo liberal de Melbourne como primeiro ministro (1839 - 41).

Ainda segundo Curtin, o resultado deste empreendimento foi algo contraditório. Apesar da expedição ter conseguido realizar praticamente todos os objetivos de mapeamento e coleta de dados aos quais se dispusera, a mortalidade européia continuava muito alta. Em meio aos trabalhos da expedição, caiu o gabinete de Melbourne e assumiu Peel como primeiro ministro com Edward Henry Stanley – político conservador – no *Colonial Office* (1841 - 46), que estavam muito menos dispostos a sustentar qualquer ação intervencionista na África. Como resultado desta mudança na posição do governo, e da alta mortalidade nos primeiros meses da expedição, foi ordenado que todos retornassem à Inglaterra, antes da conclusão planejada para o ano seguinte.

¹⁰ A apresentação do projeto de Buxton está baseada principalmente no livro de Curtin, *Image of Africa...*, especialmente no capítulo 12, “A Era da Expedição do Níger”.

¹¹ Apud. Hargreaves, John. *Prelude to Partition of West Africa ...*, p. 38.

Esta interpretação da expedição do Níger – apresentada por Curtin como o acontecimento chave para compreensão da atuação e desenvolvimento da política inglesa com relação à África Ocidental na metade do 19 – enfatiza o papel das pressões humanitárias realizadas pelos abolicionistas na Inglaterra, que paradoxalmente atuavam em conjunção com ideais liberais. O paradoxo deve-se ao fato de defenderem a “intervenção” como instrumento para estabelecimento do “livre comércio”. Segundo William Green, entretanto, Curtin não dedicou a devida atenção a um lobby muito mais poderoso no parlamento de então, qual seja, o dos proprietários de terras e investidores nas colônias inglesas na América.¹² Diferentemente da África Ocidental, a população européia nas colônias americanas era significativa, e o investimento de capital também. Com relação às colônias americanas, o escrúpulo filantrópico teria sido importante sim, mas na década anterior, que culminara com a proibição do trabalho escravo em 1833. O projeto ideológico humanitário por trás da abolição da escravidão nas colônias era a defesa de que um aumento de produtividade nas possessões inglesas produtoras de açúcar, movidas à trabalho livre, serviria de exemplo para as regiões que continuassem escravistas.

O fracasso da experiência com trabalho livre nas colônias inglesas na América, com a queda de produtividade e de competitividade no mercado internacional de açúcar foi o que, segundo Green, fez Buxton voltar sua atenção para a África, e mais especificamente para o tráfico escravo. Mas mesmo dentro da *Anti Slavery Society*, a opinião não foi unânime a favor do plano intervencionista de Buxton. Um amplo setor da sociedade defendia “seus compromissos com princípios morais, religiosos e *pacíficos* contra o plano”, baseado em ação repressora do esquadrão naval de combate ao tráfico e em tratados *forçados* com os pequenos estados africanos.¹³

¹² Green, William. “The West Indies and British West African policy in the Nineteenth Century – A Corrective Comment”. *The Journal of African History*, vol. 15, n 2, 1974, pp. 247-259.

¹³ Green, W. *The West Indies...*, p. 254. O argumento é que ações intervencionistas do esquadrão africano, e mesmo a aceitação de financiar o plano da expedição de Buxton é mais credor da pressão pelo combate ao tráfico por parte dos fazendeiros nas Índias Ocidentais do que ideologias filantrópicas influentes no parlamento inglês. De qualquer forma, o próprio Green sugere que o governo de Melbourne passava por um momento de fragilidade e necessitava do apoio de humanitários e radicais no parlamento, acedendo à proposta de Buxton para granjear este apoio.

A despeito de quais tenham sido as motivações do governo para financiar e sustentar a expedição para o Níger, o empreendimento parece ter tido conseqüências importantes para a relação Inglaterra-África Ocidental. Apesar do resultado oficial ter sido considerado um fracasso em razão da alta mortalidade, o volume de dados amealhados pelos membros da expedição proporcionou um conhecimento muito mais detalhado sobre o Delta do Níger e as regiões à margem do rio para o interior, em especial sobre assuntos comerciais e a estrutura política das comunidades nativas. Este maior conhecimento estimulou novos empreendimentos comerciais ao longo de toda a década de 1840, bem como um aumento expressivo das atividades missionárias não apenas no Delta do Níger, mas em toda a costa entre Serra Leoa e Camarões.

O aumento de relações comerciais e missionárias da Inglaterra na costa ocidental africana levaria finalmente o *Foreign Office* a indicar um cônsul para a região em 1849, estabelecido na ilha de Fernando Pó. Não por acaso, o nome escolhido foi John Beecroft residente na ilha, que já atuava como comerciante e tinha conhecimento pessoal, devido ao intercuro comercial, de boa parte dos chefes africanos mais influentes na região do Delta do Níger e circunvizinhanças. Beecroft tinha começado a atuar em Fernando Pó ainda em 1829, e tornara-se nas palavras de Dike, “uma verdadeira instituição na Baía de Biafra”. Ele fez parte de várias das expedições particulares de exploração das redondezas desde a década de 30 além de ter participado da própria expedição governamental em 41, e tinha sido apontado governador da ilha de Fernando Pó pela Espanha, quando esta resolveu reassumir a sua soberania em 1843.

Significativamente, a sua nomeação como cônsul em 1849 continha um parágrafo riscado por Lorde Palmerston, então no *Foreign Office*. O parágrafo excluído era o seguinte:

*“H.M.’s Government in establishing this consulate in the Bights of Benin and Biafra, have no intentions to seek to gain possession, either by purchase or otherwise, of any portion of the African continent in those parts, nor of any neighboring islands.”*¹⁴

¹⁴ “O governo de sua majestade ao estabelecer este consulado nas Baías de Benim e Biafra não tem intenção de procurar ganhar possessões, quer por compra ou de outra forma, de qualquer porção do continente africano nestas partes, e nas ilhas vizinhas.” Dike, *Trade and Politics...*, p. 95.

A atuação de Beecroft nos anos seguintes revelou, de fato, uma faceta bastante agressiva quanto à interferência nos assuntos internos dos pequenos estados costeiros e suas adjacências. Ainda em 1849, o recém nomeado cônsul Beecroft foi em missão para o reino de Daomé, visando conseguir um tratado com rei Gezo para pôr fim ao tráfico escravo, o que não conseguiu.

Entretanto, segundo Curtin, a ‘ação decisiva’ aconteceu em 1851: um ataque do esquadrão naval britânico ao porto de Lagos e a substituição do rei local por um mais amigável à Inglaterra.¹⁵ Lagos era o porto de escoamento mais fácil para os produtos de Abeokuta, pois este podia ser efetivado via rio Ogun, que ligava o interior à costa. Entretanto, a intensa atividade escravista ali impedia este escoamento, obrigando que este tivesse que ser realizado por outros portos, especialmente Badagri, implicando num deslocamento muito mais difícil.¹⁶

Por volta desta época já havia um intercuro relativamente grande entre os Egbas de Abeokuta e a Inglaterra, em razão do estabelecimento, desde 1842, de missões evangélicas naquele local. A gota d’água para a decisão da intervenção foi a reclamação do reverendo Henry Townsend, que perguntava se poderia a Inglaterra “ficar apenas olhando os barracões de escravos serem preenchidos com cristãos, que se tornaram verdadeiros amantes do evangelho inglês ?” Townsend foi o encarregado de fundar a primeira missão anglicana em Abeokuta, no interior da África Ocidental, e exerceu grande influência na relação entre esta cidade e a Inglaterra nas décadas de 1840-50. Desta forma, nas palavras de Curtin:

*“However firmly the Government has decided in 1842 to withdraw from the Niger, within a decade they were firmly established on the Bight of Benin.”*¹⁷

¹⁵ Importante lembrar que apesar de contar com a força de um cruzador de guerra à vapor, neste caso o navio “*Bloodhound*”, a deposição de Kosoko, governante de Lagos, não se deu sem resistência. Smith, Robert. “The Lagos Consulate, 1851-1861: An Outline. *The Journal of African History*, vol. 15, n 3, 1974, pp. 393-416. Mais a frente este episódio será discutido com um pouco mais de vagar.

¹⁶ Newbury, C. W., *The western Slave Coast and its Rulers...*, pp. 49 e seguintes.

¹⁷ “A despeito de quão firmemente o governo (britânico) tenha decidido em 1842 retirar-se do Niger, dentro de uma década eles estavam firmemente estabelecidos na Baía de Benim.” Curtin, Philip. *The Image of Africa...*, p. 315.

O que se depreende da relação entre a Inglaterra e a África Ocidental no período que antecede à década de 1850 é que, ao mesmo tempo em que transparece uma falta de interesse no discurso oficial britânico para intervir ativamente na região, é perceptível uma política prática que caminhava para uma intervenção cada vez maior. Esta prática se coaduna em grande parte, embora não totalmente, com a idéia das forças políticas humanitárias e abolicionistas, que exerciam grande pressão sobre a opinião pública inglesa no período.

Ao mesmo tempo, ações particulares ou de firmas de comércio, sem suporte oficial do governo, realizavam expedições constantes ao interior africano, especialmente via rio Níger, o que começou a criar certa animosidade para com os chefes costeiros e comerciantes ingleses remanescentes do tempo do comércio escravista que se aproveitavam da estrutura longamente estabelecida. Estes comerciantes eram secundados por missionários que começavam a se estabelecer na costa e em alguns lugares no interior, em especial entre os Egba, cuja capital era Abeokuta.

Nos anos seguintes, o parlamento e o discurso oficial do governo britânico continuaram pregando uma interferência cada vez menor na África, discurso este facilitado inclusive pela diminuição da importância da ‘bancada humanitária’ na política inglesa.¹⁸ Com o final da predominância humanitária, o projeto político liberal da “Escola de Manchester” assumiu proeminência no parlamento. Segundo esta perspectiva, o livre comércio era a forma mais adequada de lidar com questões internacionais em geral. Entretanto, não se pode afirmar que esta política de livre comércio fosse totalmente não intervencionista. Embora parlamentares liberais radicais, como Richard Cobden, por exemplo, argumentassem que os gastos coloniais eram despesas desnecessárias e, portanto, que as ações anexacionistas deviam ser evitadas a todo custo, os mesmos freqüentemente

¹⁸ Segundo Curtin, “a dominância humanitária na política britânica chegou ao fim” justamente no início da década de 1850. Curtin, P. *The Image of Africa...*, p. 317. A política humanitária tradicionalmente aparece associada com objetivos intervencionistas ao menos no curto prazo, como força importante no parlamento. Como foi possível perceber, entretanto, há críticas a interpretações sobre a importância da influência da filantropia britânica anti escravista no discurso oficial do governo inglês (Green, *The West Indies and British West African policy...*) o que parece corroborar com a enunciação de uma política não intervencionista para a África Ocidental mesmo antes da década de 50.

defendiam que a Inglaterra utilizasse a força para compelir estados relutantes a aderirem às propostas comerciais inglesas.¹⁹

A discussão da historiografia é bastante ampla sobre um suposto interregno “anti-imperialista” britânico, entre as décadas de 1840 e 1860, resultante desta orientação liberal. Segundo Susan Farnsworth, a interpretação ortodoxa que caracteriza o período como sendo marcado por um sentimento predominantemente anti imperialista não se sustenta.²⁰ Desde a década de 1950, com o artigo clássico de Gallagher e Robinson, *Imperialism of Free Trade*, historiadores vêm argumentando sobre a continuidade de expansão imperialista, ainda que não sob a forma de anexações territoriais diretas, mas apenas com a ampliação da esfera de influência econômica britânica, baseada na superioridade do comércio, da indústria e do sistema financeiro da Inglaterra.²¹ Entretanto, desde a década de 1830 até a de 1860, a dinâmica de atuação da Inglaterra pareceu ser cada vez mais intervencionista para a região da África Ocidental. Inúmeros exemplos de atitudes neste sentido podem ser mencionados, tais como a troca forçada do regente de Bonny Town em 1837,²² e seguidas demonstrações de força por parte do esquadrão ocidental no Delta do Níger nos anos seguintes; pode-se lembrar também a deposição de Kosoko, em Lagos, em 1851, e a anexação definitiva da localidade depois de uma década. Além disto, a política de favorecimento dos Egbas em Abeokuta, durante a década de 1850 - contando inclusive com o fornecimento de armas de

¹⁹ Segundo Timothy Parsons, neste período, “*British politicians were continually forced to weight the use of military action against the forced economy brought on by their commitment to low tariffs and free trade*”. Parsons, Timothy. *The British imperial century...* p. 16. (“Políticos britânicos eram continuamente forçados a comparar o uso da ação militar com a economia forçada trazida pelos seus compromissos com baixas tarifas e comércio livre.”)

²⁰ Farnsworth, *The Evolution of British Imperial Policy During the Mid Nineteenth Century, a Study of the Peel Contribution, 1846 – 1874*. London: Garland Publishing, 1992, introdução.

²¹ John Gallagher e Ronald Robinson, “Imperialism of free trade”, *The Economic Historic Review*, second series, vol. VI, n 1, 1953. Farnsworth também menciona outros desenvolvimentos desta controvérsia historiográfica, e acaba por concluir que a tese da continuidade do imperialismo no século XIX tornou-se a interpretação mais aceita. (Farnsworth, *The Evolution...*)

²² Este episódio será discutido no último capítulo deste texto. A cidade de Bonny, no Delta do Níger foi a primeira a sofrer diretamente com a presença do esquadrão britânico de combate ao tráfico. Não por acaso, tratava-se da localidade onde o volume de comércio de óleo de palma era mais significativo em toda a costa africana. Dike, K. *Trade and Politics ...*

fogo e treinamento para o exército da cidade - também denota uma atitude bastante intervencionista, assim como a ampliação territorial na Costa do Ouro e nos arredores de Serra Leoa ao longo da década de 1860.²³

Apesar disto, em especial a partir do final da década de 1850, a política oficial do *Colonial Office* manteve-se, no mínimo relutante quanto à novas anexações coloniais por parte da Grã Bretanha. Em 1859, o Duque de Newcastle assumiu o *Colonial Office*, posto no qual permaneceu até 1864. Embora tivesse nuançado suas opiniões, totalmente contrárias à qualquer forma de anexação territorial, expressas durante sua participação na mesma secretaria de governo em 53, ele continuava bastante relutante quando o assunto era o aumento das responsabilidades coloniais britânicas.²⁴ Em um memorando do *Colonial Office*, de fevereiro de 1861, Newcastle reconhecia na questão da região da África Ocidental uma “tendência inevitável para a extensão da fronteira”²⁵. Contudo, e apesar desta tendência, recomendava que o processo deveria ser retardado o máximo possível. Sua relutância em permitir que a Inglaterra efetuasse qualquer interferência na África permaneceu inalterada durante o período de sua participação no governo. Isto fica claro nos termos de um despacho enviado em 1864 para o governador de Lagos, região que, como se viu, passava por profundas transformações devido a um grande aumento da presença britânica. Repreendendo o Governador Freeman, Newcastle escreveu:

“...what I have so often endeavored to impress upon you, my disapproval of all schemes of interference with the neighboring tribes without

²³ Estes são apenas alguns exemplos de intervenção direta, que resultaram algumas vezes inclusive em anexação territorial. Esta forma de atuação, entretanto, não parece ter se restringido à África Ocidental, Brantlinger menciona uma série de outras anexações no período, considerado por muitos como anti imperialista, mencionando, por exemplo, Nova Zelândia, Kabuan, Natal, Pundjab e Sind, e Hong Kong. Brantlinger, Patrick, *Rule of Darkness. British Literature and Imperialism, 1830-1914*. Ithaca: Cornell University Press, 1988. Segundo Timothy Parsons: “In spite of this official resistance to acquiring new dependencies, the British empire grew at a rate of nearly 100.000 square miles per year during the mid nineteenth century”. Parsons, *The British Imperial Century...*, p. 18. (“A despeito desta resistência oficial de adquirir novas dependências, o império britânico cresceu a uma taxa de aproximadamente 100.000 milhas quadradas por ano no período do meio do século dezenove”).

²⁴ Farnsworth, *The Evolution of British Imperial Policy...*, pp. 113-118.

²⁵ PRO, CO 48/117, apud. Farnsworth, *The Evolution...*, p. 142

absolute necessity; and I have therefore to convey to you my positive injunction not to engage in any hostilities, except in self defense, without permission previously obtained from the secretary of State.”²⁶

Mas, a despeito desta relutância do *Colonial Office* as intervenções continuavam. Entre as razões pode ser mencionada a diferença de posicionamento de diversos setores do governo inglês, em especial as atitudes um tanto agressivas do Visconde Palmerston (Henry John Temple - Primeiro Ministro 1859-65) e John Russell (Secretário do *F.O.* 1859-1865).²⁷

Palmerston, sem dúvida, era um político agressivo. Embora não defendesse diretamente a ampliação territorial, era adepto da ‘política do barco de guerra’ para quando fosse necessário fazer prevalecer os interesses ingleses. Para ele, o desenvolvimento das relações com a África Ocidental parecia importante e em memorando de abril de 1860, considerava que o comércio com a região:

*“...is an object which ought to be actively and perseveringly pursued, but it cannot be accomplished without physical effort for the protection of that trade. It may be true in one sense that trade ought not to be enforced by cannonballs, but on the other hand trade cannot flourish without security, and that security may often be unattainable without the exhibition of physical force...”*²⁸

²⁶ “... o que eu tenho tentado tão freqüentemente mostrar a vocês, minha desaprovação de todos os esquemas de interferência com as tribos vizinhas sem necessidade absoluta; e eu, desta forma comunico meu comando positivo de não se engajar em nenhuma hostilidade, exceto em auto defesa, sem permissão obtida previamente do Secretário de Estado.” Idem, p. 177.

²⁷ McIntyre cita inclusive um despacho de Russell já do início de 1864 no qual ele se mostra preparado para autorizar uma ‘intervenção limitada’ em Abeokuta. Este autor também sugere que um ponto de inflexão na política do *Colonial Office* pode ser vislumbrado no mesmo ano, com a saída de Newcastle e a entrada de Cardwell. Este último inclusive admitia intervenção ‘mais enérgica’ na guerra no interior da região Ioruba em caso de falha nas tentativas de negociar a paz. McIntyre, W. D., “Commander Glover and the Colony of Lagos, 1861-73”. *The Journal of African History*, vol. 4, n 1, 1963, pp. 57-79.

²⁸ “...é um objeto o qual deve ser perseguido ativamente e perseverantemente, mas não pode ser realizado sem um esforço físico para a proteção daquele comércio. Pode ser verdade em um sentido que o comércio não pode ser forçado por balas de canhão, mas por outro lado o comércio não pode florescer sem segurança, e esta

Por sua vez, Russell advogava uma intervenção maior do que Newcastle estava disposto à admitir na região. Em seguidas correspondências, enviadas ao secretário do *Colonial Office* entre fevereiro e junho de 1861, Russell afirmava que “a cidade e a ilha de Lagos devem ser tomadas como possessão pelo governo britânico” também sob justificativas de desenvolver o comércio e principalmente de acabar com o tráfico escravo.²⁹ W. McYtire sugere que, além das pressões de outros setores do governo, ainda havia a agência de diversos elementos, que acabavam por influenciar a ação britânica na questão das colônias, e da conseqüente expansão territorial. Segundo ele, eram peças importantes deste jogo também grupos de pressão dentro e fora do parlamento, que tinham interferência significativa na opinião pública,³⁰ e, principalmente, os governadores das colônias, oficiais menores e comissionados nas regiões coloniais. A atuação destes representantes do Estado britânico nas regiões de fronteira parece muito importante e, segundo este autor, seria difícil supervalorizá-las. Em especial as condições de comunicação entre o governo central e seus representantes distantes conferia uma certa ‘liberdade’ de ação para estes últimos. Para a África Ocidental no período em que Burton esteve presente, o tempo entre a saída de um despacho e o recebimento de sua resposta pelo cônsul girava em torno de 70 dias, podendo chegar até a quatro meses. Ainda segundo McYntire, “*their technique was to exceed their instructions and report fait accompli, which was then usually approved*”.³¹ Esta forma de atuação levou a Bretanha a assumir posturas muitas vezes contrárias às políticas oficialmente divulgadas pelos secretários de estado, e um caso específico, acontecido entre 1863 e 1864, tornou ainda mais acalorados os debates

segurança freqüentemente pode ser inatingível sem a exibição de força física.” Apud. Hargreaves, *Prelude to the Partition...*, p. 37.

²⁹ Newbury, C.W. *British policy towards West Africa, Selected Documents, 1786-1874*, Oxford: Clarendon Press, 1865, p. 426.

³⁰ Segundo este autor, estes grupos de pressão eram principalmente compostos de representantes de comerciantes ou de instituições humanitárias, mas, muitas vezes, usavam argumentos uns dos outros, conforme o tema em debate. (McYntire, W. David, *The Imperial Frontier in the Tropics, 1865-75, a Study of British Colonial Policy in West Africa, Malaya and the South Pacific in the Age of Gladstone and Disraeli*. London: Macmillan 1967, pp. 37-42).

³¹ McYntire, *The Imperial Frontier...*, p. 43. (“sua técnica era exceder suas instruções e relatar o fato consumado, que era então usualmente aprovado.”)

parlamentares sobre as questões coloniais, especialmente sobre a região da África Ocidental.

Neste caso, o governador da Costa do Ouro excedeu as instruções de Newcastle de apenas entrar em conflito armado com os povos vizinhos, quando se tratasse de fato da defesa do território colonial. Ele se engajou numa campanha mal planejada e fracassada contra Ashanti, o que, antes mesmo de qualquer batalha, resultou na morte de grande parte das forças inglesas, devido à doenças tropicais. A repercussão na opinião pública foi grande e montou-se um comitê na Casa dos Comuns para discutir a questão da atuação britânica na África Ocidental.³² O comitê proposto no final de 1864 por C.B. Adderley³³ foi instalado no início do ano seguinte, com ele mesmo na presidência. A instalação deste comitê contou com o apoio de Lord Stanley, político conservador e futuro secretário do F.O., entre 1866 e 1868. Os argumentos de Adderley apontavam para o desperdício de dinheiro e vidas inglesas na África Ocidental, para o sustento de colônias que não apresentavam nenhum desenvolvimento significativo, e que desta forma deveriam ser deixadas de lado pela Grã Bretanha. Lord Stanley era ainda mais radical. Num momento em que as influências filantrópicas e humanitárias já haviam diminuído muito dentro do parlamento, e no qual os discursos mais assentados nos determinismos raciais começavam a prevalecer, ele afirmava, defendendo a retirada de soldados ingleses da costa ocidental africana:

*“I do not believe there is a year or even a month that passes in which the service on that coast does not put an end to some life among our officers which, measured by any rational standard of comparison, is worth more than the merely animal existence of a whole African tribe.”*³⁴

³² Para uma descrição mais detalhada da questão desta campanha e da postura defensiva do *Colonial Office*, ver Farnsworth, *The Evolution...*, p. 190-193 e Hargreaves, *Prelude to the Partition...*, p. 62-64.

³³ Adderley foi um parlamentar com longa história relacionada aos assuntos coloniais na Casa dos Comuns. Havia sido secretário de governo para a reforma colonial em 1849, e apregoava a economia nos gastos imperiais, sugerindo que as colônias deviam ser auto suficientes. Desta forma, posicionava-se contrariamente aos interesses humanitários e filantrópicos da primeira metade do 19, argumentando que “colonies wished upon the country by the misguided philanthropists of Exeter Hall had no evident justification” Apud. Hargreaves, *Prelude to the Partition...*, p. 67.

³⁴ “Eu não acredito que há um ano, ou mesmo um mês que se passa no qual o serviço naquela costa não põe fim a alguma vida entre nossos oficiais os quais, medidos por qualquer padrão racional de comparação, vale

Após ouvir o depoimento de várias pessoas relacionadas à região, Burton entre elas, o relatório que Adderley apresentou para votação no comitê apontava para uma mudança efetiva da política britânica para a região. Sugeriu a unificação do governo de toda a região sob um só comando em Serra Leoa, a diminuição de gastos, a futura transferência da administração para os nativos, visando a retirada total da Inglaterra da região, recomendando, de maneira expressa, a não aquisição territorial. Entretanto, o texto final, que foi aprovado continha alterações significativas, especialmente quanto à transferência do poder aos nativos e exceções à regra de não aquisição territorial. Neste último caso, o texto alterado dizia que:

“That this policy of non-extension admits no exception, as regards new settlements, but cannot amount to an absolute prohibition of measures which, in peculiar cases, may be necessary for the more efficient and economical administration of the settlements we already possess.”³⁵

Enfim, eram as divisões internas no governo britânico e a influência de políticos importantes como Palmerston e Russell, embora já no fim de suas carreiras, que resultavam em brechas como estas nas determinações parlamentares e que, juntamente com as dificuldades de comunicação, continuavam a permitir certa ‘liberdade de ação’ dos representantes oficiais britânicos nas regiões periféricas e coloniais. O grau destas ‘liberdades’, entretanto, estava determinado pelo cargo ocupado pelo representante oficial e pelas especificidades da localização geográfica e política dentro da estrutura do império inglês. Na costa ocidental africana, um governador tinha poderes suficientes para, por exemplo, organizar uma campanha militar à revelia do governo central, como se viu no caso do governador da Costa do Ouro e a campanha contra Ashanti. Já um cônsul estava sujeito à limitações, como a disponibilidade de transportes e da presença do esquadrão

mais do que a existência meramente animal de toda uma tribo africana.” Apud Hargreaves, *Prelude to the Partition...*, p. 68. Ainda segundo Hargreaves, Stanley mostrava-se profundamente cético ao interrogar as testemunhas que depunham no comitê, em especial quanto ao ‘dever moral’ da Inglaterra para governar as regiões em questão.

³⁵ “Que esta política de não-ampliação admite nenhuma exceção, com respeito a novos assentamentos, mas não pode resultar em uma proibição absoluta de medidas as quais, em casos peculiares, podem ser necessários para uma administração mais eficiente e econômica dos assentamentos que nos já possuímos.” Hargreaves, *Prelude to the Partition...*, p 77.

naval, além da limitação de suas próprias funções, que circunscreviam-se – em teoria, ainda que não na prática – quase exclusivamente à organização e regulamentação comercial. Apesar disto, poderia ser influente na configuração final da política imperial britânica para a região sob sua jurisdição, mesmo que de maneira indireta.

Para procurar compreender as possibilidades de ação dos cônsules na região – e desta forma, particularmente de Burton e o processo de construção de suas representações – é preciso dedicar atenção a uma série de elementos que compõe o quadro conjuntural dentro do qual estão dadas estas condições de atuação. Em primeiro lugar, é preciso apresentar as especificidades das localidades nas quais Burton esteve – quais sejam, o Delta do Níger, Abeokuta, e Daomé – bem como fazer algumas considerações sobre a posição do cônsul dentro da estrutura administrativa do império inglês. Finalmente, para o caso de Burton, é preciso refletir sobre os espaços de circulação de sua produção textual, uma vez que estando limitadas suas possibilidades de agência executiva, como se verá, a representação textual foi o principal instrumento do autor na tentativa de configuração de uma política inglesa determinada para com a África Ocidental. A seguir, portanto, encontra-se uma contextualização das principais regiões visitadas por Burton, durante sua estadia na costa africana, entre 1861-1865.

Contexto das regiões visitadas por Burton na África Ocidental.

Retomando brevemente o tópico anterior, foi possível perceber que as relações comerciais entre Inglaterra e África Ocidental eram oriundas do tempo no qual os ingleses eram uma parcela importante dos comerciantes de escravos. Em 1807, no entanto, o tráfico escravo foi proibido para súditos ingleses. A partir desta data, foi sendo gradativamente incrementado o chamado “comércio lícito”, e o artigo principal de importação inglesa passou a ser o óleo de palma. A mudança no produto, entretanto, não acarretou nenhuma transformação na forma do comércio, que continuava funcionando inicialmente nas mesmas bases do século 18, quais sejam, o processo de barganha, a dependência dos atravessadores costeiros entre os mercadores europeus e as regiões produtoras no interior, e inclusive, a permanência das mesmas firmas de comércio em grande parte dos casos.

A campanha para o final do tráfico escravo na Inglaterra que resultou na sua abolição e, posteriormente, a movimentação política para o final da escravidão nas

possessões inglesas tiveram forte penetração de ideologias humanitárias. Estas correntes de pensamento filantrópicas que dominaram grande parte do ambiente parlamentar inglês durante a primeira metade do século XIX, defendiam a intervenção direta na África para tutelar o desenvolvimento do continente em direção à civilização, incentivando o comércio, a agricultura e a atividade missionária.

Por volta da década de 1850, entretanto, o discurso do livre comércio começava a ganhar influencia no parlamento e segundo Curtin, a “dominância humanitária na política britânica chegou ao fim” justamente nesta década.³⁶ De acordo com as concepções dos defensores do livre comércio, a intervenção e os gastos oriundos de ações intervencionistas deveriam ser mínimos. Entretanto, na prática, a atuação política e militar direta continuou acontecendo ao longo dos anos seguintes.

Uma contextualização das regiões nas quais Burton esteve atuando durante sua permanência na região pode mostrar como estas interferências inglesas influenciaram de forma direta na conjuntura encontrada por seu cônsul no início da década de 1860, e ajudar a compreender melhor suas representações. Para isto, serão apresentadas nos próximos tópicos as regiões do Delta do Niger, Daomé, e Abeokuta. A primeira delas representa os limites da jurisdição consular de Burton e foi fonte de relatórios detalhados de sua parte, e as duas últimas são os locais nos quais Burton realizou as duas viagens que resultaram nos dois principais relatos e em uma série de artigos publicados pelo autor no período.

Delta do Niger – Contexto.

O objetivo desta pesquisa não é realizar um trabalho de avaliação bibliográfica exaustiva sobre a África. Trata-se apenas de apresentar o contexto histórico geral da formação e das dinâmicas políticas e sociais das regiões visitadas por Burton durante seu período consular, com uma atenção um pouco mais detida nas transformações internas das sociedades em questão, que datam do período de transição entre o fim do tráfico escravo e o aumento do volume do comércio de óleo de palma. Desta forma, a contextualização da região do Delta do Níger, por exemplo, parte do trabalho clássico de K. Onukwa Dike,

³⁶ Curtin, P. *The Image of Africa...*, p. 317.

Trade and politics in the Niger Delta, e amplia a discussão recorrendo a outros textos quando necessário.³⁷

De acordo com Alagoa, o início do povoamento da região costeira do Delta pode ser localizado por volta do século XII, através de migrações das regiões interiores próximas. Concomitantemente a esta migração, houve também a mudança na organização produtiva da tradicional vila fazendeira do interior para as vilas de pescadores no litoral. Esta transformação das comunidades teria ocorrido em razão das diferenças geográficas entre as regiões.³⁸

De fato, apesar de datar de cerca de três séculos antes o início mais significativo do povoamento, Alagoa também concorda que o adensamento desta população ocorreu através de migrações sequenciais, especialmente a partir do século XV. Contudo, a maior antiguidade do povoamento da região permitiu à Alagoa considerar que a configuração das instituições de governo e organização das sociedades do Delta fossem também anteriores ao contato comercial com os europeus e às demandas atlânticas, e que as transformações das ‘vilas’ em ‘cidades estado’ fossem mudanças oriundas do comércio interno de longa distância, e não do comércio atlântico.³⁹

A unidade política básica no interior eram as ‘vilas fazendeiras’. A autoridade maior era conferida à assembléia geral, na qual todos os membros masculinos adultos da comunidade tomavam parte. Esta assembléia era presidida pelo mais velho dos membros da

³⁷ Dike, K.O. *Trade and Politics...* O livro de Dike, de 1957 é considerado um ponto de inflexão na historiografia da África. Segundo Ebere Nwaubani, Dike foi o primeiro a observar o período entre o fim do tráfico escravo britânico e o início do colonialismo formal, na década de 1880 na história da atual Nigéria como um “processo sistemático de um imperialismo (econômico) europeu “informal” para o controle (colonial) formal”. Entretanto, Dike, apesar de recorrer inclusive à fontes e tradições orais, continuou em alguns pontos pautando a história da África a partir de marcos europeus, como por exemplo, datando as primeiras migrações para o Delta do início do século XV (e do intercuro com a Europa) e sugerindo que a organização interna das sociedades do Delta era reflexo das demandas atlânticas. Nwaubani, E. “Kenneth Onwuka Dike ‘Trade and Politics’, and the Restoration of the African in History”, *History in Africa*, vol. 27, 2000, pp. 229-248.

³⁸ Alagoa, E.J., “The Development of Institutions in the States of the Eastern Níger Delta.” *The Journal of African History*, vol. 12, no 2, 1971, pp 269-278.

³⁹ Alagoa, E. J. *The Development of Institutions...*, p. 269.

linhagem fundadora da vila, intitulado “*Amanyabo*”. Além da autoridade da assembléia, várias linhagens familiares compunham a estrutura hierárquica da vila. O pertencimento à determinada família era importante porque o direito sobre as terras cultiváveis residia, justamente, na linhagem.⁴⁰ Cada uma das vilas era totalmente autônoma, não havendo autoridade política geral sobre elas.

Com a mudança para as regiões costeiras, algumas transformações tiveram lugar. A presidência da assembléia não recaía mais necessariamente sobre o membro mais velho, embora o cargo continuasse a ser privilégio da linhagem fundadora. Entretanto, a organização produtiva não se baseava mais na terra cultivável, pela simples razão da escassez deste recurso nos mangues costeiros. As novas fontes produtoras, quais sejam, rios e riachos próximos à vila eram explorados de forma comunal, o que ampliou a solidariedade interna das vilas, ao mesmo tempo em que diminuiu a importância da restrição das linhagens, tornando mais fácil a inclusão de novos membros. Outra transformação também deriva da relação com os recursos naturais, a saber, a ampliação das estruturas de defesa resultante das constantes brigas e embates entre as vilas pelo domínio dos rios e riachos.

Desta forma, ainda segundo Alagoa:

“...we can envisage the states as resulting from one of the fishing villages gradually building dominance over its neighbors. Such a community became the centre of the population, of trade, wealth, and of power.”⁴¹

O argumento de Alagoa é que as instituições que conformavam estes pequenos “estados” já estavam consolidadas antes do advento do comércio atlântico, num momento no qual o comércio interno com o interior era mais importante, e estabelecido por aquelas antigas vilas que conseguiram organizar-se internamente o suficiente para constituir relações com comunidades produtoras do interior e assegurar domínio sobre as rotas de

⁴⁰ Alagoa, E. J. *The Development of Institutions...*, p. 270.

⁴¹ “... podemos vislumbrar os estados como resultante de uma das vilas pescadoras gradualmente construindo uma dominância sobre seus vizinhos. Tal comunidade tornou-se o centro de população, de comércio, riqueza e poder.” Idem, p. 272.

comércio. Desta forma, quando se deu o início da demanda atlântica, eram estas localidades que estavam prontas para envolverem-se neste novo tipo de comércio.⁴²

Obviamente, conforme a intensidade do comércio atlântico aumentou, as transformações internas nas sociedades costeiras do Delta também aceleraram. Estas mudanças se deram, de maneira geral, em dois aspectos: o primeiro deles foi o aumento das funções do *Amanyano* (rei), que passou a controlar os interesses econômicos do Estado, bem como a organização geral de sua defesa; o segundo foi no sistema das linhagens (“*House sistem*”), tornando-as intimamente ligadas ao comércio. A escolha dos chefes das “linhagens” passou a seguir critérios econômicos, o recrutamento de membros externos tornou-se cada vez mais comum – mesmo que constituídos de escravos – e importante para o fortalecimento da ‘linhagem’, e enfim, o controle sobre seus membros passou a ser cada vez mais forte.⁴³ Esta dinâmica sugere que a densidade populacional continuou a aumentar durante o período do tráfico atlântico. Entretanto, estes novos afluxos de população seriam constituídos, em sua grande maioria, por escravos, em parte para suprir a demanda atlântica e em parte para agregar poder às casas instituídas.

Segundo Dike, é importante notar que uma parcela desta população imigrante não escrava estabeleceu-se um pouco mais para o interior, de onde passaram a atuar como atravessadores no comércio do interior africano com a costa.⁴⁴ Esta parte da população, denominada *Aros*, assumiu grande importância, uma vez que dominavam as instituições religiosas e eram temidos por quase toda a população costeira.

Como resultado do desenvolvimento do comércio atlântico e das ondas migratórias sequenciais, a região do Delta do Níger tornou-se um num espaço muito povoado. Constituiu-se então uma região especializada no comércio, com um excedente populacional que veio a suprir parte da demanda escrava com o incremento do tráfico atlântico, principalmente a partir do século XVII.

Apesar da maioria da população e da língua utilizada na maior parte das cidades serem de origem Ibo, segundo Dike, a “população que surgiu desta mistura de povos não era nem Efick, Ibo, ou Ibibio”. Seriam um povo à parte, que havia resultado do encontro

⁴² Idem, p. 273.

⁴³ Idem, p. 274-275.

⁴⁴ Dike, *Trade and Politics...*, p. 16

cultural das tribos do interior com as comunidades costeiras.⁴⁵ Por esta razão estas comunidades não se identificavam pela origem, mas sim pela continuidade de coabitação numa mesma região, adaptando, com o passar do tempo, as organizações anteriores em estruturas que possibilitavam o desenvolvimento comercial nos moldes do tráfico atlântico ao longo dos 400 anos de sua existência.⁴⁶

A estrutura fundamental da organização social no Delta do Níger era, portanto, o chamado “*house sistem*”. Este ‘sistema de linhagens’ tornou-se como se viu, ao mesmo tempo, uma cooperativa de comércio e uma instituição de governo local. Cada unidade era formada pela família estendida do seu ‘chefe’, que tinha poderes soberanos sobre os outros membros e representava a ‘linhagem’ na assembléia da cidade, além de agregar também seus escravos, que nas maiores delas variavam entre 300 e 1000. Era parte desta estrutura também a constituição de uma força militar, baseada em canoas de guerra.⁴⁷ Uma mudança significativa resultante da dinamização do comércio foi justamente a característica de abertura destas linhagens, ou “*casas*”, a membros exteriores, com intuito de fortalecer o seu poder econômico e militar. As possibilidades de ascensão social pareciam ser bastante amplas, com ex-escravos podendo ascender inclusive a posições de comando militar.⁴⁸

Esta organização era semelhante no interior próximo a costa e, segundo o autor, as populações Ibo interioranas dominavam - além das atividades religiosas - a captura e distribuição de escravos, o que fazia com que predominassem politicamente sobre as cidades costeiras, dependentes deste fornecimento. Este equilíbrio político seria transformado somente pelo aumento da importância do óleo de palma em detrimento do escravo, a partir da década de 30 do século XIX.

⁴⁵ “the population that evolved out of this mingling of peoples was neither Benim nor Efick, Ibo, nor Ibibio. They were a people apart, the product of the clashing cultures of the tribal hinterland and of the Atlantic community to both of which they belonged...” Dike, *Trade and Politics...*, p. 30.

⁴⁶ Certamente as variações étnicas geravam outros tipos de configuração de identidades bastante mais complexas, entretanto, o objetivo aqui é apenas explicar a organização política e econômica, que durante este tempo esteve imposta à diferentes etnias possivelmente presentes numa mesma cidade.

⁴⁷ Estas ‘canoas de guerra’ levavam entre 80 e 140 guerreiros armados e muitas vezes uma arma de calibre grande na proa da embarcação. Segundo Mbaeyi, chegavam a impressionar europeus ainda no século XIX. Mbaeyi, Paul, M. *British military and naval forces...*, capítulo 1.

⁴⁸ Alagoa, *Development of Institutions...* P 273.

Discussões ulteriores na historiografia econômica da África não parecem contradizer esta interpretação, embora apresentem algumas diferenças com relação à análise de Dike, especialmente no que diz respeito à diminuição do tráfico escravo na década de 1830. Lovejoy e Richardson encontraram, de fato, uma crise no comércio escravo na região das baías de Benim e Biafra, mas localizam-na apenas na década posterior à proibição do tráfico pela Grã Bretanha, e depois apontam para um preço e volume relativamente constantes até ao menos a década de 1850⁴⁹. De fato, estes autores notam uma mudança apenas no sentido do comércio, sugerindo que a demanda no interior africano teria aumentado e este seria um dos fatores influentes na manutenção do preço, mesmo com a oferta de escravos tendo crescido nas décadas de 1830 e 1840, devido a desintegração do império Oyo e também à situação de guerra endêmica no interior em razão da expansão do estado muçulmano Fulani. Por sua vez, Martin Lynn aponta para uma continuação da estrutura de comércio entre os africanos da costa e os mercadores ingleses durante o período.⁵⁰

Durante a década de 1830, outro fator começou a intervir mais ativamente na correlação de forças políticas na região do Delta do Níger, qual seja, o esquadrão britânico para a África Ocidental e a conseqüente política britânica de imposição de tratados contra o tráfico de escravos junto aos chefes locais. A primeira interferência significativa seria na cidade de Bonny – que concentrava a maior parte do comércio regional, tanto de escravos, quanto de óleo de Palma – durante a invasão do porto da cidade para aprisionar navios negreiros espanhóis, em janeiro de 1836.⁵¹

A situação política em Bonny era relativamente complexa. Em 1830 havia morrido o o rei instituído, Opobu Pepple, que como se viu era necessariamente pertencente à linhagem fundadora. Seu filho e legítimo herdeiro, William Pepple, ainda não tinha idade suficiente para assumir as funções, tendo assumido em seu lugar um regente temporário,

⁴⁹ Lovejoy, P and Richardson, D. *The initial 'crisis of adaptation'...*

⁵⁰ Lynn, Martin, "The West African Palm Oil trade in the nineteenth century and the 'crisis of adaptation'" In Law, R. *From Slave Trade to 'Legitimate' Commerce, the Commercial Transition in Nineteenth Century West Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

⁵¹ A Inglaterra havia assinado um tratado com a Espanha no ano anterior, que lhe permitia a apreensão de navios escravistas espanhóis.

que era ex-escravo da casa Pepple, chamado Madu. Quando este morreu três anos depois, tal era o controle do estado que ele havia desenvolvido, que seu filho, Alali, foi quem assumiu em seu lugar em detrimento do herdeiro legítimo. As opiniões estavam divididas em Bonny, por um lado, uma elite de linhagem que defendia a permanência de Pepple no poder e, por outro, a massa da população escrava, ou ex escrava, tendia a identificar-se com Alali.⁵²

O fato é que quando da invasão do porto de Bonny pelos navios britânicos, Alali reagiu contra esta intervenção, aprisionando o comandante do navio e exigindo explicações. A consequência deste acontecimento foi a pressão realizada pelo esquadrão contra Bonny nas semanas seguintes e a interferência direta na política local, forçando a assinatura de um tratado de proteção da vida e propriedade britânica, depondo o regente anterior (Alali) e instaurando o rei William Pepple em seu lugar, que se viu posteriormente obrigado a fazer concessões às pretensões políticas britânicas. Desta forma, logo a seguir, em 1839, houve a assinatura de um novo tratado, com intuito de por fim ao tráfico escravo, assegurando o pagamento de 2 mil dólares por ano pela Inglaterra à Bonny, durante 5 anos, como forma de recompensa.

Divisões internas de opinião no *F. O.*, entretanto, fizeram que as responsabilidades inglesas no tratado não fossem cumpridas e esta continuou sendo a tônica das relações durante a década seguinte. A Inglaterra continuava procurando fazer tratados com estados locais visando tornar 'legal' a atuação do seu esquadrão na costa (somente em Bonny, três diferentes acordos foram assinados entre 1839 e 1848), e as divisões internas nas sociedades costeiras africanas resultavam, ora num sentimento profundamente anti-britânico, e ora na solicitação de apoio para manutenção de poder de determinados grupos.⁵³

De qualquer forma, as relações comerciais continuavam acontecendo nas mesmas bases de antes, como descritas por Martin Lynn, ou seja, pelos antigos escravistas, numa espécie de oligopólio das companhias de Liverpool e baseado no conhecimento pessoal dos grandes comerciantes africanos na costa. A diferença era que os comerciantes ingleses

⁵² Dike, *Trade and Politics...*, capítulo 4.

⁵³ Dike, *Trade and Politics...*, capítulo 4. Este foi o caso de Pepple na década de 30, que utilizou-se da pressão britânica para retomar o poder em Bonny.

podiam recorrer ao suporte do braço armado do estado britânico na região, o esquadrão africano, especialmente depois de 1849, com a instalação do primeiro consulado para as Baías de Benim e Biafra. Isto mudava a correlação de forças no comércio, pois desde o tempo do tráfico escravista inglês este estava baseado numa relação de igualdade entre as partes comerciantes, sendo de fato o lado mais fraco até então o dos comerciantes europeus, que não tinham direito sobre a terra nem estrutura de defesa com a qual pudessem fazer frente aos estados costeiros.

Novas transformações aconteceram na década seguinte, graças a fatores como instalação de estabelecimentos de comércio com residentes permanentes que facilitavam a captação e estocagem da mercadoria vinda do interior. Além disto, também foi importante a fundação de casas de comissão, que forneciam adiantamentos a comerciantes fixos na região em troca do direito de revender a produção na Europa. Finalmente, a principal delas foi a fundação da *African Steamship Company*, firma de navegação à vapor de McGregor Laird, em 1852. Esta companhia tornou o frete muito mais barato e permitiu a entrada de pequenos comerciantes no negócio de óleo de palma, antes reservados à grandes firmas, dada a necessidade de capital investido nos navios que faziam a transferência da produção para a Europa.⁵⁴ Em 1856, apenas 4 anos após a fundação da companhia, havia mais de 200 firmas de comércio atuando na região, onde antes apenas algumas dezenas atuavam.

Some-se a isto a afluência de pequenos comerciantes africanos de Serra Leoa⁵⁵, desejosos de participar do comércio. O resultado foi uma verdadeira ‘guerra’ entre comerciantes das grandes firmas de Liverpool, que praticamente monopolizavam o comércio da região, desde o período do tráfico escravo, e pequenos comerciantes interessados em participar do rentável negócio do óleo de palma. Estes últimos, por sua vez, ofereciam preços melhores pelos carregamentos do interior e ‘cortavam’ a relação de

⁵⁴ Lynn, *The West African Palm Oil Trade...*, p. 66. Ver também do mesmo autor “From Sail to Steam: the Impact of the Steamship Services on the British Palm Oil Trade with West Africa, 1850-1890. *The Journal of African History*. Vol. 30, n 2, 1989, pp. 227-245.

⁵⁵ Boa parte destes pequenos comerciantes eram ex escravos capturados pelo esquadrão naval britânico e libertados em Serra Leoa e algumas vezes seus descendentes. Ver Lynn, Martin. “Technology, Trade and a ‘Race of Native Capitalists’: The Krio Diaspora of West Africa and the Steamship, 1852-95”. *The Journal of African History*, vol. 33, n 3, 1992, pp. 421-440.

crédito (*trust*) entre as firmas maiores e os atravessadores africanos. Os encarregados das grandes firmas recorriam sempre que possível ao cônsul instalado em Fernando Pó, e o padrão geral de atuação destes tendeu a ser, entre o final da década de 50 e começo da seguinte, sempre em favor dos grandes mercadores e contrário aos pequenos e, muitas vezes, aos próprios chefes comerciantes africanos.⁵⁶

Havia ainda uma outra condição que significou uma grande mudança nas relações comerciais na região e um desafio à proeminência das cidades costeiras, qual seja, o incentivo do Estado inglês para a realização da comercialização direta com o interior, procurando evitar o papel dos atravessadores dos africanos da costa, o que fez com que estes continuassem tentando resistir ao máximo à penetração européia.⁵⁷

Foi neste contexto de profunda transformação econômica e das relações de poder entre a Europa e os estados costeiros africanos – que internamente também refletiam as pressões políticas e transformações econômicas em curso – que Burton foi indicado cônsul Fernando Pó, em abril de 1861. Sua indicação foi para substituir o cônsul Thomas Joseph Hutchinson que tradicionalmente colocava-se ao lado dos representantes das firmas de Liverpool e que foi destituído de seu cargo por suspeitas de defender estes interesses em troca de proveito pecuniário próprio.⁵⁸

Daomé – Contexto.

⁵⁶ Dike, *Trade and Politics...*, p. 122 e seguintes. Estas atuações referem-se principalmente ao cônsul Hutchinson, anterior à presença de Burton no consulado. Em determinada situação, após uma reclamação de retornados de Serra Leoa sobre a interferência consular em favor dos mercadores de Liverpool, em despacho interno do *Foreign Office*, Clarendon escreveu: “Em que bases o cônsul interferiu? Os mercadores sabem dos riscos que correm com o sistema de crédito, e não seria melhor deixá-los resolver seus próprios problemas com os nativos até que o *F.O.* permita ao cônsul intervir?” Apud. Dike, *Trade and Politics...*, p. 123.

⁵⁷ Há episódios nas correspondências entre Burton e o *Foreign Office* nas quais fica relativamente clara esta resistência por parte dos africanos. Alguns destes episódios serão discutidos posteriormente.

⁵⁸ Ver Newbury, C.W. “Introduction”. In: Burton, Richard. *A mission to Gelele King of Dahome*, London: Routledge, 1966.

A historiografia costuma datar o surgimento do reino de Daomé por volta do século XVII, com o estabelecimento de uma população na região posteriormente identificada como capital do reino, Abomé, a cerca de 150 quilômetros da costa africana. Os primeiros habitantes eram aparentemente conectados à população Ioruba, sendo que, segundo Argyle, é clara a influência Ioruba na cultura de Daomé.⁵⁹ A partir de cerca de 1625, começou uma expansão da influência desta população sobre as regiões adjacentes, devido à anexações territoriais, configurando um estado militarizado e de poder centralizado que estendia seus domínios sobre comunidades menores.

Antes do início da expansão, a economia de Daomé caracterizava-se pela agricultura baseada na produção familiar. A estrutura da sociedade incorporou uma nova classe de comerciantes com o início do intercuro com as caravanas do interior e com o advento do comércio atlântico, ao mesmo tempo em que o Estado desenvolvia funções de regulador das atividades comerciais, junto com sua característica primeiramente militar.⁶⁰

Mas a atuação do Estado tornou-se mais forte quando a economia voltou-se para a exportação atlântica de escravos, ainda no século XVII. No decorrer dos séculos seguintes, a expansão daomeana continuou como forma de sustentar a exportação de escravos e de conseguir melhores meios para a consecução deste objetivo. No século XVIII, após seguidas anexações territoriais, o Estado atingiu uma saída para o mar, anexando a cidade de Whydah (Ouidá), em 1727. Esta expansão tornou-se possível graças à estrutura centralizada do poder no Estado, e à falta de organização militar unificada por parte das outras comunidades africanas locais.⁶¹

Whydah era uma cidade na qual traficantes de escravos já estavam firmemente estabelecidos desde o século XVIII. Isto fez com que o Estado de Daomé passasse a participar mais diretamente da relação comercial escravista da costa atlântica africana. O objetivo comum de sustentar o tráfico escravo, por sua vez, implicou num intercuro cada vez mais próximo entre fornecedores daomeanos e escravistas europeus. Estas relações que

⁵⁹ Argyle, W. J. *The Fon of Dahomey, a History and Ethnography of the Old Kingdom*. Oxford: Clarendon Press, 1966.

⁶⁰ Manning, Patrick, *Slavery, Colonialism and Economic Growth in Dahomey, 1640-1960*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 8.

⁶¹ Argyle, *The Fon of Dahomey*.... Capítulo 2, "o século 18".

alinham comerciantes europeus com Daomé, resultaram numa dinâmica de mútuo auxílio para a manutenção da cidade sob domínio do Estado africano.

Por outro lado, a expansão em direção ao leste foi barrada em razão dos limites do então poderoso império Oyo. Na metade do século XVIII, Daomé tornou-se tributário de Oyo, pagando um ‘imposto’ anual em troca da não intervenção nas guerras expansionistas de Daomé em outras direções.⁶²

Também ao longo do século XVIII, a administração do Estado começou a complexificar-se, com a criação de vários cargos administrativos, em razão da dificuldade de governar um território expandido. Foi criado o cargo de Yevogan, autoridade do estado em Whydah, e cuja função era mediar a relação entre Daomé e os comerciantes brancos. Além deste, cargos de conselheiros e administradores também foram criados, como os de Migan, e Mehu. O primeiro, uma espécie de ministro que, entre outras funções, arbitrava entre os pretendentes ao trono qual deveria ser o próximo rei, e o segundo exercia uma função administrativa, recebia os estrangeiros em Abomé e atuava como tesoureiro do Estado.⁶³

Estas transformações criaram uma aristocracia africana bastante influente que exerceu papel fundamental na política interna de Daomé no século XIX, em especial nas relações entre o Estado e as pressões inglesas para o fim do tráfico e dos sacrifícios humanos, mais especificamente a partir de 1850, quando do envio da primeira missão inglesa – composta pelo cônsul Beecroft e pelo tenente Forbes – à capital para discutir estas questões.

Segundo Yoder, além desta aristocracia administrativa, em grande parte ligada ao Rei, havia também uma outra esfera de determinação das políticas adotadas pelo estado de Daomé ao longo do século XIX, qual seja, uma espécie de assembléia que reunia-se durante

⁶² Yoder menciona que esta limitação imposta pela proeminência do Império Oyo também influenciou na relação entre Daomé e o tráfico escravo no final do século 18. Yoder, John. “Fly and Elephant Parties: Political Polarization in Dahomey, 1840-1870. *The Journal of African History*, vol. 15, n 3, 1974, pp. 417-432.

⁶³ Argyle, *The Fon of Dahomey....* Capítulo 2, “o século 18”.

os chamados “costumes” anuais (*Xwetanu*),⁶⁴ que eram celebrações político-religiosas reunindo grande parte das lideranças regionais do reino de Daomé. Algumas das muitas atividades desenvolvidas durante as cerimônias eram reuniões destas lideranças regionais com a ‘aristocracia administrativa’ e até mesmo uma parcela de elementos de menor expressão, como alguns guerreiros, coletores de impostos, entre outros⁶⁵.

Além destas ‘funções legislativas’, o *Xwetanu* contava com uma série de outras atividades cerimoniais, como sacrifícios humanos, representações de batalhas, desfiles das riquezas do Estado, entre outras, que eram supostamente uma homenagem do atual regente ao regente anterior morto e a seus antepassados. Na interpretação de Yoder, estas cerimônias funcionavam como propaganda das políticas desenvolvidas pelo rei no ano anterior sendo que, quanto maior a ‘magnificência’ apresentada, maior o prestígio e a influência do regente sobre o Estado como um todo.⁶⁶ O *Xwetanu*, portanto, funcionava como um período crucial em várias esferas, ou seja, na determinação das políticas internas e externas a serem adotadas pelo estado durante o ano, na legitimação e na construção da imagem do regente frente à população e à ‘aristocracia’, nas configurações das instituições religiosas, entre outras. Desta maneira, o período dos costumes anuais era, com certeza, a parte mais importante do ano para as instituições daomeanas. Apesar de praticamente não haverem descrições destes ‘costumes’ nos séculos XVII e XVIII, parece claro que ao longo do século XIX eles foram crescendo em importância e complexidade, tornando-se, cada vez mais, alvo da curiosidade de visitantes europeus, que eram induzidos a visitarem o reino justamente durante estes períodos.⁶⁷

⁶⁴ Yoder, *Fly and Elephant Parties...*. Robin Law menciona que o artigo de Yoder é um estudo que se refere à ideologia política de Daomé sem dar a devida importância a fatores religiosos. Law, Robin. “My Head Belongs to the King: On the Political and Ritual Significance of Decapitation in Pre Colonial Dahomey”. *The Journal of African History*, vol. 30, n 3, 1989, pp. 399-415. Entretanto, apesar disto, o artigo de Yoder mostra-se interessante ao demonstrar, mesmo que a partir de testemunhos europeus, as funções políticas dos “costumes” anuais.

⁶⁵ Yoder, *Fly and Elephant Parties...*, p. 418.

⁶⁶ Yoder, *Fly and Elephant Parties...*, p. 421.

⁶⁷ Sobre o aumento da complexidade das cerimônias, ver: Bay, Edna. “On the Trail of the Bush King: a Dohomean Lesson in the Use of Evidence”, *History in Africa*, vol. 6, 1979, pp. 1-15.

Daomé iniciou, desta forma, o século XIX como um Estado militarizado, centralizado, mas com o poder real em parte controlado por uma aristocracia que ocupava cargos administrativos importantes,⁶⁸ e com sua economia fortemente assentada no tráfico de escravos. Entretanto, discussões historiográficas sobre o papel da exportação de escravos na economia total de Daomé têm demonstrado que outros setores da economia, como a produção agrícola camponesa, teriam sido mais importantes do que o próprio rendimento do comércio escravo para o Estado como um todo, a ponto de Manning afirmar que o valor da remuneração com a exportação de escravos era mesmo inferior ao das outras produções em Daomé.⁶⁹

De qualquer forma, os rendimentos do tráfico continuavam sendo importantes para a manutenção do Estado. Além disto, interpretações como a de Robin Law, por exemplo, enfocam não apenas a questão econômica - através da mensuração da participação dos rendimentos do tráfico escravo - mas questões culturais, que surgem como importantes para a manutenção da faceta militar do Estado de Daomé.⁷⁰ Law nota que a tradição militarista era uma característica importante da cultura regional, e as constantes guerras ligavam-se, por um lado, ao comércio escravo e, por outro, à manutenção dos sacrifícios humanos.⁷¹ As condições pareciam ser propícias para a manutenção destas tradições, em especial nas primeiras décadas do século XIX, uma vez que a demanda de escravos na América era bastante grande, e comerciantes escravistas já estavam a longo tempo estabelecidos na região costeira, concentrados em grande parte em Whydah. A estas circunstâncias, somava-se a derrocada do império Oyo que, a partir de 1820 não só deixou de ser importante

⁶⁸ Sobre a relação entre Gezo e esta 'aristocracia', e a relativa limitação do poder real em Daomé ver: Adeyinka, A. "King Gezo of Dahomey: A Reassessment of a West African Monarch in the Nineteenth Century". *African Studies Review*, vol. 17, n 3, 1974, pp. 541-548.

⁶⁹ Manning, P. *Slavery, Colonialism...*, p.12

⁷⁰ Law, Robin. "The Politics of Commercial Transition: Factional Conflict in Dahomey in the Context of the Ending of the Atlantic Slave Trade". *Journal of African History*, n. 38, 1997, pp. 213 – 233.

⁷¹ De acordo com Robin Law, "Daomé era um estado guerreiro, com um ethos militarista profundamente arraigado, que desdenhava a agricultura." Law, *The Politics of Commercial transition...*, p. 215. Também Hargreaves sugere a importância cultural principalmente dos sacrifícios humanos. Hargreaves, *Prelude to the Partition...*, p. 125.

exportador, mas passou a fornecer um estoque potencial de fácil acesso para as incursões guerreiras escravistas de Daomé.

Segundo John Yoder, a derrocada do Império Oyo teve repercussões bastante importantes nos rumos do Estado de Daomé. No final do século XVIII, os líderes políticos de Daomé, encabeçados pelo regente Adandozan, haviam limitado o envolvimento com o tráfico escravo em razão da tentativa das elites de evitar antagonizar com o império Oyo, uma vez que este era o maior exportador. Entretanto, com o enfraquecimento e conseqüente desmembramento do império, a pressão interna pela retomada do tráfico escravo foi muito grande, e acabou resultando em um golpe de estado contra Adandozan em 1818, praticado pelo príncipe Madagungung, que passou a utilizar o nome “Gezo” depois que se empossou Rei.⁷² Este golpe teve também o importante apoio financeiro de comerciantes escravistas de Whydah, obviamente interessados no aumento do fluxo de sua ‘mercadoria’ do interior para a costa. Entre estes comerciantes, o principal deles era Francisco Félix de Souza. Em troca da ajuda fornecida, Francisco recebeu de Gezo o privilégio de negociar em nome do rei em Whydah - tendo sido criado para ele o título de “Chacha” - e passou a rivalizar em poder com o administrador “oficial” de Daomé na costa, o Yevogan. Segundo Law, entretanto, esta relação entre Gezo e Francisco de Souza criou uma dependência do primeiro por crédito e aportes financeiros realizados por Souza em Daomé, dificultando ainda mais o abandono da posição escravista, mesmo sob pressão intensa da Inglaterra.

Por outro lado, ao mesmo tempo que aprofundava laços com o comércio de escravos depois da posse de Gezo, Patrick Manning sugere que Daomé entrou, a partir de 1840, numa “era agrícola”. A relação comercial com a América restringia-se neste momento à venda de escravos, uma vez que as bebidas e tabaco brasileiros, que antes eram utilizados como moedas de troca por escravos na região, foram substituídos por destilados europeus e tabaco norte-americano. Desta forma, enquanto comerciantes escravistas na costa passaram a comprar e produzir óleo de palma para negociar com ingleses em troca das mercadorias demandadas no interior, os próprios africanos também passaram a produzir mais óleo para o comércio. De fato, a sugestão de Manning é que o que aconteceu foi apenas uma adaptação de uma atividade já existente, ampliando a produção de óleo no

⁷² Yoder, John. *Fly and Elephant Parties...*

interior, através da manutenção de parte dos escravos como trabalhadores na cultura e extração deste produto, como resultado do aumento da demanda.⁷³

Finalmente, fatores como a morte de Francisco Félix de Souza em 1849, a diminuição sensível na demanda atlântica de escravos a partir do começo da década de 1850, a intervenção inglesa em Lagos em 1851 – e a conseqüente relação mais próxima entre Inglaterra e Abeokuta como se verá no próximo tópico – fizeram com que Daomé ficasse relativamente isolado.

Na conjuntura da derrocada do império Oyo, Daomé passou exercer certa hegemonia na região. Entretanto, outra das conseqüências desta derrocada – qual seja, o surgimento da cidade Egba de Abeokuta e seu rápido desenvolvimento – começou a representar uma incipiente ameaça à esta posição. Debates internos em Daomé sobre a posição do Estado frente à política inglesa de combate ao tráfico e aos sacrifícios humanos configuraram uma divisão política na elite influente no governo. As duas facções políticas que surgiram destes debates têm sido chamadas de *Elefantes* e *Moscas*. Os Elefantes passaram a questionar a política que Gezo começou a praticar desde o início da década de 1850, que visava uma aproximação com a Inglaterra. Ao mesmo tempo, nutriam uma oposição cada vez maior contra Abeokuta, identificada por eles como aliada da Inglaterra e nova ameaça à hegemonia regional daomeana.⁷⁴ Em resposta a esta situação de arrocho do tráfico escravo e pressão inglesa, Gezo começou a mudar as suas políticas internas, aceitando em 1852, um termo de intenções com a Inglaterra para banir o tráfico de escravos no futuro. Esta atitude diminuiu muito a intensidade de expedições militares, reduziu também o número de sacrifícios humanos e procurou desenvolver ainda mais as plantações reais de óleo de palma, bem como taxar a produção existente, como forma de recuperar a remuneração do Estado.⁷⁵ O partido dos *Elefantes* passou a opor-se a este procedimento,

⁷³ Manning, *Slavery, Colonialism...*, p. 51.

⁷⁴ Law, *The Politics of Commercial Transition...*, e Yoder, *Fly and Elephant Parties...*. Novamente há divergência entre as interpretações destes dois autores, Law não utiliza esta oposição como sinônimo de escravistas e não escravistas, da forma como Yoder o faz. De qualquer forma, Law também admite uma divisão política na elite daomeana especialmente depois de 1852, quando as políticas de Gezo começaram a mudar em favor de acordos com a Inglaterra.

⁷⁵ Law, *The Politics of Commercial Transition...*, pp. 223-225.

organizando-se para se contrapor às vontades de Gezo. Como resultado, mesmo antes da morte do Rei, Daomé retomou, no âmbito externo, sua ‘vocação’ guerreira em novas expedições para o oeste, inclusive contra Abeokuta e, no âmbito interno, passou a conter insatisfações quanto às possíveis transformações nas cerimônias anuais. Esta parcela da aristocracia que visava a retomada das tradições, especificamente dos sacrifícios humanos, estava organizada em torno de Badahun (que viria a ser Gelele), filho de Gezo e pretendente ao trono.

Apesar das políticas de Gezo terem sido elaboradas para acalmar os ânimos dos ingleses, e colocar-se ao lado de um importante parceiro comercial, em especial no caso do óleo de palma, também pode-se vislumbrar estratégias de Daomé para manutenção da soberania e do poder regional. Entre estas estratégias, a data das visitas de representantes europeus, sempre coincidentes com o Xwetanu, parece ser uma delas. Como se viu, este era o período de reunião das principais forças de Daomé em um mesmo lugar, e de demonstração de suas riquezas e poderio militar. Os europeus durante estas visitas ficavam muito limitados pelas ações daomeanas, tendo sua mobilidade restringida, cumprindo protocolos bastante longos e sendo praticamente obrigados a presenciar os tão odiados sacrifícios humanos.⁷⁶ Gezo, e depois seu filho Gelele, regentes sob os quais as visitas européias multiplicaram-se, ampliaram muito a duração destes ‘costumes’. Obviamente, as razões para o incremento dos ‘costumes’ não podem ser reduzidas à relação entre Daomé e Inglaterra. Uma explicação bastante complexa encontra-se no instigante artigo de Edna Bay, *On the Trail of the Bush King*.⁷⁷ Sua interpretação é de que Gezo tendo sido

⁷⁶ Hargreaves sugere exatamente isto, dizendo que: “...even the practice of detaining Europeans visitors at Abomey and compelling them to witness the annual human sacrifices to the national gods may have had a practical purpose to fulfill by discouraging visitors and enhancing the national reputation for ‘savagery’”. Hargreaves, *Prelude to Partition...*, p. 18. (...mesmo a prática de deter visitantes europeus em Abomé e compeli-los a testemunhar os sacrifícios humanos aos deuses nacionais pode ter tido um objetivo prático a preencher por desencorajar visitantes e reforçar a reputação nacional de ‘selvageria’”). Embora ele ressalte que não é possível explicar todas as ações daomeanas do ponto de vista político, nota esta possível função estratégica da permissão das visitas justamente nestes períodos.

⁷⁷ Bay, Edna. *On the Trail of the Bush King*.... O artigo busca demonstrar como as descrições dos costumes realizadas por viajantes europeus no século XIX são na verdade muito mais referenciadas umas nas outras, do que propriamente na realidade observada. Além disto, procura ler à contrapelo estas descrições e analisá-las

usurpador, não poderia ter realizado homenagens ao rei anterior (Adandozan) que era seu irmão e que inclusive continuou vivo durante boa parte de seu reinado. Desta forma, realizava as cerimônias tradicionais aos antepassados reais, e criou uma nova forma de homenagem, na qual retomava o papel (e o nome) que tinha quando era príncipe e prestava, desta forma, homenagens diretas ao seu pai, dobrando a duração do festival.⁷⁸ Esta tradição teria sido seguida por Gelele, entre outras razões, pelas pressões culturais que tendiam a fazer permanecer as alterações nas festividades. Mas havia também uma razão política, qual seja, o aumento da permanência da corte junto ao rei durante o festival possibilitava o aumento do poder e influência política do rei sobre seus ‘principais’.⁷⁹ Entretanto, a permanência maior da corte na capital, parece ter funcionado de maneira reversa no final do período regencial de Gezo, agrupando em torno de Gelele como se viu, uma parcela conservadora da elite local que pressionava pela mudança das políticas externa e interna de Gezo.

Finalmente, com a morte de Gezo, em 1858, Gelele venceu as disputas para tornar-se rei de Daomé, com a ajuda e suporte desta parte ‘conservadora’ da política daomeana. Apesar de Gelele não ter desfeito totalmente as reformas de seu pai, mantendo a produção e exportação de óleo de palma, ele retomou de forma agressiva as incursões guerreiras nos arredores e procurou reavivar as tradições de sacrifícios humanos, que embora diminuídas, não tinham sido extintas no final do governo anterior.

Foi para apresentar um pedido sobre o fim de ambos, tráfico de escravos e sacrifícios humanos, que Burton foi indicado para sua missão frente ao rei Gelele, em 1863, no mesmo momento em que se reafirmava estas tradições. O relato de Burton sobre a visita à Daomé é fonte muito citada pela historiografia, considerado bastante acurado em suas descrições do Xwetanu. Por outro lado, Burton foi um dos europeus que mais manifestou incômodo com a situação ‘subordinada’ na qual encontravam-se os visitantes durante estes

em confronto com tradições orais para propor uma explicação para a complexificação dos ‘costumes’ durante os reinados de Gezo e Gelele.

⁷⁸ Bay, Edna. *On the Trail of the Bush King...*, pp. 11-13.

⁷⁹ Bay, Edna. *On the Trail of the Bush King...*, pp. 12.

períodos de celebração.⁸⁰ Suas opiniões sobre a política britânica na região, expressas em seus relatórios consulares e em seu relato de viagem sobre Daomé refletem esta complexa situação pela qual passava a política interna daomeana, bem como sua própria experiência durante a estadia no local.

Como forma de compreender a configuração do discurso de Burton sobre a região e a população, e suas propostas para a África Ocidental, a última parte deste texto traz uma análise mais detalhada dos relatos, relatórios consulares e da relação do viajante com o *F.O.*

Abeokuta – Contexto.

Diferentemente de Daomé que data ao menos do século XVII, ou das cidades do Delta do Níger, cuja origem tem sido datada por volta do século XII, a história de Abeokuta é mais recente e costuma ser datada com mais precisão, como tendo sido iniciada por volta do ano de 1830. O surgimento da cidade, pode ser considerado como um dos resultados da dissolução do império Oyo na década anterior, que teve conseqüências importantes sobre toda a região Ioruba, e mesmo as adjacentes, como pode-se notar no desenvolvimento do reino de Daomé.

Segundo G. Oguntomisin, várias foram as causas que contribuíram para a derrocada do império Oyo, entre elas lutas internas pelo poder e, principalmente, a *Jihad* dos Fulani, que localizavam-se ao norte das fronteiras do império e passaram a invadir e dominar as cidades Ioruba, assumindo o controle de Ilorin em primeiro lugar, de onde continuaram a expansão em direção ao sul. Esta invasão Fulani por sua vez provocou o deslocamento do exército Oyo também para o sul, causando a destruição e a fuga da população das cidades pelo caminho, entre elas a população Egba.⁸¹ Este “grande movimento populacional” em direção ao sul transformou a geopolítica regional, remodelando cidades antigas e dando origem a assentamentos completamente novos, reformulando ao mesmo tempo as estruturas

⁸⁰ A postura de Burton, segundo Newbury este autor foi ‘um desastre nas relações Anglo-Fon’. Newbury, *Introduction...*, p. 23.

⁸¹ Oguntomisin, G. O. “Political Change and Adaptation in Yorubaland in the Nineteenth Century”. *The Canadian Journal of African History*, vol. 15, n 2, 1981, pp. 223-237.

básicas tradicionais de governo das populações Ioruba de acordo com as novas circunstâncias.⁸²

O conjunto da população Ioruba apresenta uma clara afinidade de elementos culturais, lingüísticos e religiosos, além de compartilharem tradições comuns sobre sua origem. Apesar disto, esta população pode ser dividida em vários subgrupos (Oyo, Ijebu, Ife, Owu, Egbado, e Awori), que nunca estiveram reunidos sob um governo único.⁸³ Antes do século XIX, entretanto, as organizações políticas das diferentes cidades Ioruba, também apresentavam alguns elementos comuns, quais sejam: a instituição monárquica; a sucessão hereditária ao trono; indicação para cargos políticos pelo parentesco mais do que pelo mérito; natureza essencialmente civil do governo e salvaguardas adequadas contra autocracia e despotismo.⁸⁴ Desta forma, as populações Egba que compunham a maior parte do contingente populacional presente na fundação de Abeokuta, apesar de terem vivido anteriormente em cidades diferentes, possuíam um substrato cultural comum – língua, tradições religiosas, economia principalmente agrícola – que formaram um ponto de partida para a organização da nova cidade.⁸⁵

As organizações sociais destas populações eram semelhantes aos demais grupos Ioruba, baseadas em comunidades familiares patrilineares, com relativa autonomia. A relação entre estes grupos era mediada por sociedades religiosas chamadas Ogboni. Supostamente, todos os homens adultos faziam parte desta sociedade, que era bastante

⁸² Oguntomisin menciona três tipos de cidades resultantes deste movimento populacional: a primeira delas era composta por soldados oriundos do antigo exército Oyo que tomaram algumas cidades onde se estabeleceram; a segunda delas eram cidades que receberam influxos populacionais muito grandes, formadas por grupos com identidades predefinidas por sua localidade de origem, tornando-se complexas reuniões de várias cidades em uma; e enfim, as cidades cujas localidades eram totalmente novas, como Abeokuta por exemplo, que também contavam com populações diversas, embora aparentadas que desenvolveram organizações políticas próprias a partir dos elementos culturais pré existentes. Oguntomisin, G. *Political Change and Adaptation...*

⁸³ Palinder-Law, Agneta. *Government in Abeokuta, 1830-1914, With Special Reference to the Egba United Government 1898-1914*. Tese de Doutorado, Universidade de Göteborg, 1973, p.2.

⁸⁴ Atanda, J. A. "Government of Yorubaland in Pre-colonial Period", *Tarik*, vol. 4, n 2, 1973. pp. 1-9.

⁸⁵ As populações Egba são apresentadas no plural pois contém também vários sub grupos tais como *Ake, Oke, Ona*, e *Agura*. Palinder Law, *Government in Abeokuta...*, p. 2

hierarquizada e a ascensão aos postos mais altos dava-se através da idade e riqueza de seus participantes.

Esta sociedade tinha funções reguladoras, determinava penas aos criminosos e efetuava julgamentos de disputas eventualmente ocorridas entre os diferentes grupos familiares. Além disto, tinha função de eleger o chefe principal da cidade, intitulado Oba. As ações deliberadas pela sociedade Ogboni, eram executadas por outra sociedade religiosa conectada a esta, chamada Oro.⁸⁶ Além destas, cada uma das diferentes populações Egba tinha uma estrutura militar, de menor importância antes das guerras do início do século XIX, chamadas Olorogun, que desempenharam um papel fundamental, como se verá, no desenvolvimento de Abeokuta.

Como foi possível notar, o acontecimento chave para o surgimento de Abeokuta foi a situação de guerra generalizada com a dissolução do império Oyo, das quais uma das conseqüências foi o desalojamento das populações Egba, as quais sob a liderança militar de Sodeke, fugiram em direção à costa. Neste percurso encontraram, a cerca de 100 quilômetros do litoral, uma localização relativamente bem protegida e conseguiram, a partir dali, resistir as tentativas de invasão para, enfim, fundarem Abeokuta.

A população que originalmente encontrava-se em Abeokuta não se fundiu numa única comunidade. Ao contrário, continuou como um compósito das diversas subdivisões dos Egbas, que com o tempo foram se instalando em localidades específicas dentro da cidade, recriando suas próprias sociedades Ogboni, e elegendo seus próprios Oba. Além disto, outras populações, mesmo as que não eram de origem Egba, também se juntaram a cidade tornando ainda mais complexa a correlação de forças internas à Abeokuta. Segundo Biobaku, a política de Sodeke era a de admitir qualquer refugiado durante a era de “anarquia e irrupção”, que havia dominado a região naquele período, com objetivo de tornar a cidade cada vez mais forte.⁸⁷

Com o fortalecimento da cidade, expedições militares começaram a partir para as regiões adjacentes, especialmente para o sul, visando assegurar uma rota de comércio para a costa. Como resultado – além do estabelecimento de uma rota de saída para o mar via

⁸⁶ Palinder-Law, *Government in Abeokuta...*, p. 6, Gailey, Harry. *Lugard and the Abeokuta Uprising, the Demise of Egba Independence*. London, Frank Cass, 1982. p. 7.

⁸⁷ Biobaku, *The Egba and Their Neighbors...*, p. 18.

Badagry - muitos cativos de guerra foram trazidos para a cidade, onde passaram a ser considerados escravos domésticos sendo incluídos nos diversos grupos familiares.

No final da década de 30, Abeokuta estava configurada, portanto, como uma cidade bastante populosa e forte, e a sua fama espalhara-se por toda a região, atingindo inclusive a região da costa, onde alguns serra leoneses já atuavam como mercadores. Tais mercadores fizeram esta informação alcançar Freetown, e alguns habitantes dali, de origem Egba, começaram a migrar para o interior, para se instalarem em Abeokuta. Estes habitantes eram em sua grande parte Egbas que haviam sido capturados e embarcados como escravos no auge da dissolução do império Oyo, mais tarde recapturados pelo esquadrão britânico e deixados em Serra Leoa. Segundo Biobaku, a “sociedade heterogênea” que se formava apenas era sustentada pela forte personalidade e liderança de Sodeke. Graças a ele, os Egba assumiram “uma posição dominante no interior próximo à Lagos” numa região que seria de grande importância para os desenvolvimentos políticos das décadas seguintes.⁸⁸

A situação de guerra quase ininterrupta, durante a primeira década de existência de Abeokuta, acabou resultando, de acordo com Oguntomisin, no desenvolvimento de formas institucionais de governo relativamente diferentes daquelas tradicionais anteriores à dissolução do império Oyo. A principal característica ressaltada por este autor sobre esta transformação é a grande predominância das instituições militares, as chamadas Olorogun sobre as civis, as já mencionadas Ogboni.⁸⁹ Apesar de Biobaku, creditar a manutenção da unidade em Abeokuta à figura de Sodeke, Oguntomisin argumenta que de fato, o que ocorreu foi que a necessária presença e organização do aparato militar durante estes primeiros anos fez com que as Olorogun tivessem sucesso em desenvolver uma organização central que englobava as diversas estruturas militares das diferentes populações da cidade, enquanto as Ogboni não conseguiram o mesmo objetivo.⁹⁰ Desta forma, uma Olorogun central ficou sob comando de Sodeke. A proeminência desta

⁸⁸ Biobaku, *The Egba and Their Neighbors...*, 26.

⁸⁹ Oguntomisin, *Political Change and Adaptation...*, 229. De fato, este autor sugere que a proeminência das estruturas militarizadas foi uma feição de praticamente todas as comunidades na região Ioruba pós derrocada do império Oyo, em razão da insegurança generalizada decorrente desta conjuntura.

⁹⁰ De fato, uma reunião das Ogboni só veio a acontecer depois da morte de Sodeke,

estrutura militar sobre as organizações civis conferiu o caráter expansionista de Abeokuta, mesmo quando as suas fronteiras deixaram de ser realmente ameaçadas.⁹¹

Na estrutura política e social de Abeokuta, a interferência inglesa começou a se fazer sentir, ainda que de forma indireta, a partir de meados da década de 1840. De fato, já se notou que ainda no final da década anterior, havia se iniciado um movimento de migração de serra leoneses cristianizados de origem Egba para Abeokuta, e com isto as sociedades missionárias não tardaram em segui-los, com objetivo de fundar missões permanentes no local. Os primeiros visitantes com este intuito foram muito bem recebidos por Sodeke – que, aparentemente, vislumbrava no intercuro com a Inglaterra a possibilidade do fortalecimento de uma hegemonia regional. Desta forma, Henry Townsend aceitou a incumbência de estabelecer uma missão da Church Missionary Society, e acompanhado de Samuel Crowther, inaugurou-a em 1846.⁹²

Entretanto, no momento da fundação da missão, uma disputa sucessória em Lagos resultou na expulsão do então governante Akintoye, que mantinha boas relações com os ingleses e aparentemente não se opunha ao fim do tráfico. O líder escravista Kosoko teve sucesso em alcançar o poder, e o rei anterior fugiu para Abeokuta, onde os ânimos também estavam divididos.

A morte de Sodeke, em 1845, levou a uma disputa interna que resultou em uma postura diferente dos líderes militares e civis. Apati, o líder militar, colocou-se ao lado do novo governo de Lagos, demandando a cabeça de Akintoye, refugiado em Abeokuta. Por

⁹¹ Oguntomisin. *Political Change and Adaptation...*, 230. Apesar disto, o autor enfatiza que não se tratava de um despotismo militar, uma vez que apesar da proeminência, as Olorogun ainda tinham certos limites de ação frente às Ogboni, especialmente em situações internas.

⁹² Henry Townsend foi o primeiro missionário a estabelecer-se em Abeokuta. Ele permaneceu na cidade durante as décadas seguintes servindo como forma de interlocução entre os Egbas e a Inglaterra, freqüentemente clamando pela ajuda inglesa para a sustentação da facção civil e anti tráfico escravo da cidade. Biobaku, *The Egba and Their Neighbors...*. Crowther, por sua vez, cresceu em Serra Leoa, filho de pais Egbas, estudou na Inglaterra e tornou-se o primeiro bispo negro anglicano da história. Ele defendia a penetração da cultura européia como forma de ‘civilizar’ os africanos, de acordo com sua própria experiência. Por outro lado, ele defendia também que uma vez educados, os africanos deviam estar em posições de controle na África. Herskovits, Jean. “The Sierra Leoneans of Yorubaland”, in: Curtin, Phillip, *Africa and the West*, Madison: University of Wisconsin Press, 1972.

outro lado, o líder civil mais proeminente, Okukenu, forneceu asilo a Akintoye, desafiando a autoridade de Apati.⁹³ Dividiu-se então a cidade em duas facções que podiam ser caracterizadas por anti e pró escravistas, e por conseqüência anti e pró missionários e ingleses.⁹⁴ Mas a influência de Okukenu não foi suficiente e o antigo regente de Lagos foi obrigado a sair da cidade e refugiar-se em Badagry. Por outro lado, depois deste episódio, houve uma vitória da facção favorável à instalação das missões em Abeokuta, que tornou possível a fundação da primeira delas, como se viu, em 1846. Este episódio teve repercussões significativas na história regional. A presença de missionários em Abeokuta tem sido considerada como um elemento muito importante na dinâmica política da cidade, especialmente a partir da década de 1850. Segundo Earl Phillips, os missionários

*“Not only did they assume a role of increasing influence in Abeokuta, but with the Society’s influential contracts in Whitehall, British government for fifteen years actively supported the Egba drive to the sea and promoted their bid for Yoruba hegemony.”*⁹⁵

Junto com este apoio à proeminência regional de Abeokuta, a interferência de interesses britânicos tendeu a alterar o equilíbrio político da cidade em favor dos governantes civis. Como exemplo desta interferência, pode-se mencionar o fato de que Townsend, que esteve em Abeokuta desde 1846, ter retornado para a Inglaterra dois anos depois, com uma carta das autoridades civis de Abeokuta, solicitando a ajuda inglesa no combate ao tráfico, para a instalação de escolas e também para abrir a navegação do rio Ogum até a costa – cuja foz era controlada por Lagos – como forma de incrementar o

⁹³ Okukenu era o Oba da população Ake. Em 1854, ele assumiu o título de Alake, teoricamente um governante civil que unificava as Ogboni. Entretanto, relatos contemporâneos, Burton entre eles, sugerem que Okukenu mantinha apenas o título, mas não dispunha de poder de fato para exercer a função.

⁹⁴ Biobaku, *The Egba and Their Neighbors...*, p. 33. De qualquer forma, segundo este autor, o partido escravista parecia estar ganhando força neste momento em Abeokuta.

⁹⁵ Phillips, Earl, “The Egba at Abeokuta: Acculturation and Political Change, 1830-1870”. *Journal of African History*, vol. 10, n 1, 1969, pp. 117-131. p. 121. (“não apenas assumiram um papel de crescente influência em Abeokuta mas com os contatos influentes da *Church Missionary Society* em Whitehall, o governo britânico por quinze anos apoiou ativamente o movimento Egba em direção ao mar e promoveram sua tentativa de atingir a hegemonia na região Ioruba.”).

comércio.⁹⁶ A carta refletia exatamente o desejo dos missionários em Abeokuta de uma intervenção ativa da Inglaterra para a proteção da cidade e sustentação de seu governo civil, favorável à sua presença.

A interferência inglesa aumentou ainda mais quando da indicação de John Beecroft como cônsul para as baías de Benim e Biafra em 1849. Em correspondência com Palmerston, então no *F. O.*, Beecroft sugeriu, no início de 1851, que Lagos era realmente a posição principal na costa, a partir da qual era possível concretizar várias intenções inglesas, quais sejam, acabar com o tráfico escravo na região, fortalecer a facção anti escravista em Abeokuta e, portanto, o trabalho missionário desenvolvido ali.⁹⁷ De fato, a intervenção inglesa em Lagos ocorreu no final deste ano. A substituição do regente local, Kosoko, que tinha fortes conexões com o tráfico escravo, por outro mais amigável aos ingleses foi efetivada para cumprir estes objetivos.⁹⁸

A dinâmica da relação entre Inglaterra e Abeokuta durante a década de 1850 caracterizou-se por uma constante ajuda européia para a consolidação da cidade africana como maior poder no interior próximo à costa de Lagos, e contou inclusive com o envio de armas e treinamento de guerra para evitar uma derrota durante as tentativas de invasão daomeana. Isto ocorreu apesar de esporádicas suspeitas de que a facção escravista em Abeokuta manejava para exportar escravos por outros portos que não Lagos.

Com o consulado britânico estabelecido em Lagos, comerciantes de óleo de palma começaram a afluir e estabelecer-se na cidade, principalmente para realizar negócios com

⁹⁶ A questão do fluxo de mercadorias no rio Ogum neste momento, além de pequenas guerras expansionistas de Abeokuta, diz respeito a disputas internas. A organização comercial tradicional da cidade, Parakoyi, forçou a parada do comércio pelo rio lutando desta forma contra a interferência cada vez maior dos Saros – imigrantes serra leoneses – que começavam a dominar grande parte do mercado, graças as suas conexões com os missionários ingleses, e conseqüentemente com o consulado inglês em Lagos. Phillips, *The Egba at Abeokuta...*, p. 123.

⁹⁷ Biobaku, *The Egba and Their Neighbors...*, p. 41.

⁹⁸ É importante ressaltar que a substituição do regente em Lagos não se deu de maneira tranqüila. Houve bombardeamento da cidade pelo navio Inglês “*Bloodhound*”, comandado pelo tenente Forbes, e com Beecroft à bordo. Kosoko resistiu o quanto pode em fortificações no litoral, e finalmente fugiu para uma localização próxima, de onde continuou resistindo. Sobre a resistência, ver Smith, Robert. “The Lagos Consulate, 1851-1861: an Outline” *The Journal of African History*, vol. 15, n 3, 1974, pp 393-416.

Abeokuta e o interior. Pouco tempo depois, a partir de 1852, a *African Steamship Company* começou o serviço de vapores entre a costa africana e Inglaterra. Lagos era uma das paradas, e com isto, pequenos comerciantes serra leoneses passaram a dirigir-se também para a cidade de Lagos.⁹⁹ Lagos era considerado o “porto de Abeokuta”, e o aumento do fluxo comercial era um dos objetivos explicitamente perseguidos pelo governo inglês. De acordo com a concepção dos missionários e filantropos ingleses, o aumento do ‘comércio lícito’ era uma das formas de diminuir o tráfico escravo e desenvolver a ‘civilização’ na África.

No final da década de 1850, entretanto, Abeokuta envolveu-se numa guerra regional com a cidade de Ibadan. As motivações não parecem claras na historiografia. Segundo Biobaku, questões sobre a manutenção da proeminência regional eram as mais importantes para os africanos. Observadores europeus contemporâneos, inclusive Burton, creditavam as escaramuças à questões sobre o domínio de rotas comerciais. Mas, de fato, a guerra diminuía o fluxo de comércio do interior, em grande parte pela ação de Abeokuta, que bloqueava rios e outras rotas, impedindo a cidade de Ibadan de comercializar com a costa. Estas ações resultaram no início do acirramento dos ânimos entre os Egbas e os representantes governamentais ingleses na costa. Este acirramento de ânimos aumentou ainda mais quando a Inglaterra assumiu formalmente o controle de Lagos tornando a cidade uma colônia *de fato* e gerando apreensão em Abeokuta pelo receio de uma possível intervenção inglesa também ali. Outro resultado desta intervenção foi o início da diminuição da influência missionária na cidade, que atingira seu ápice durante a década anterior.¹⁰⁰

Em busca de retomar o fluxo comercial, a atuação dos governadores britânicos em Lagos, a partir de 1861, assumiu características cada vez mais intervencionistas, a despeito da resistência oficial do *Colonial Office* em permitir esta interferência direta em localidades fora da jurisdição de Lagos.¹⁰¹ Desta forma, Burton esteve visitando aquela cidade num contexto de re-equilíbrio interno do governo em Abeokuta, que presenciava

⁹⁹ Smith, R. *The Lagos Consulate...*, p. 401.

¹⁰⁰ Biobaku, *The Egba and Their Neighbors...*, capítulo 6.

¹⁰¹ Um interessante artigo que avalia a atuação dos governadores de Lagos em assuntos e guerras internas durante a década de 1860 é: McIntyre, W. D. “*Commander Glover and the Colony of Lagos...*”

uma disputa entre as facções civil e militar, anti e pró escravistas (com demandas missionárias em favor da primeira), e do aumento importante da intervenção direta da Inglaterra na região (anexação formal de Lagos, ampliação territorial formal em seus arredores, entre outras).

Enfim, uma vez esboçadas as conjunturas das regiões nas quais Burton esteve, e sobre as quais escreveu durante os primeiros anos da década de 1860, o próximo passo deste trabalho é uma apresentação da perspectiva com a qual Burton vislumbrava sua atuação consular a partir de suas propostas para a política britânica nas regiões por ele visitadas, tendo em mente as políticas ‘oficiais’ apresentadas anteriormente. Em seguida, procurar-se-á compreender o significado da própria posição consular britânica em regiões distantes da metrópole imperial.

Perspectivas de Burton para a atuação inglesa na África Ocidental.

Além de utilizar seu período na África Ocidental para realizar viagens de exploração, Burton aparentemente vislumbrava o trabalho de cônsul mais como uma agência de intervenção efetiva em favor dos interesses britânicos, do que apenas como um mediador comercial. Esta perspectiva pode ser percebida em grande parte de seus relatórios durante o início de sua permanência na região. Logo em seus primeiros despachos surgem constantes solicitações para o envio de um cruzador, para ficar a sua disposição. Depois de realizar a primeira visita aos “Rios do Óleo” à bordo de um navio da *African Steamship Company*, ainda no final de 1861, Burton mencionou em despacho para o *F.O.* a “necessidade” de contar com um barco de guerra sob seu comando.¹⁰² Em janeiro do ano seguinte, o autor voltou a mencionar a importância dos cruzadores para organizar o comércio na região do baixo Níger. Segundo ele:

¹⁰² *PRO, F.O. 84/1147, 04/10/1861.* Russell, então Ministro de Relações Exteriores (*Foreign Office Secretary*) em despacho interno também já revela qual imagem fazia de Burton, manifestando, “*great doubts in the discretion of Capt. Burton. I believe it [...] may got us into serious trouble.*” *PRO, F.O. 84/1147, 14/11/1861.* (“grandes dúvidas no discernimento do Capitão Burton. Eu acredito que [...] isto pode nos colocar em sérios problemas.”)

The hostile villages are five or six in number [...] they would require some correction. [...] This might easily be accomplished by two gun-boats. With such vessels, I would set out in July next, and would undertake that after six months not a single shot should again be fired in anger upon the Lower Niger.”¹⁰³

Desta forma, Burton propôs uma missão ao *F. O.*, qual seja, destinar dois cruzadores para uma patrulha constante do Delta do Níger, com intuito de coagir os nativos locais à aceitar as práticas comerciais inglesas. Importante notar aqui que o propósito da requisição dos navios britânicos pouco tem a ver com o tráfico de escravos, função original da patrulha naval inglesa na costa, que nesta época estava praticamente extinto. Quando da proposição desta missão, Burton ofereceu-se também para supervisionar a preparação dos navios, desde a colocação de armamentos até a organização das cabines. A suposição de que o cônsul teria poderes para interferir até mesmo na organização funcional de navios da marinha demonstra a importância conferida por ele ao posto consular, em seu período inicial na África.

Em vários de seus despachos é possível notar qual o padrão considerado ideal por Burton, no que diz respeito à atuação consular na costa ocidental africana: à bordo de um navio de guerra, o cônsul deveria impor as condições inglesas de comércio frente à chefes e comunidades nativas, através da demonstração de força.¹⁰⁴ Um dos casos relatados por Burton em sua correspondência com o *F.O.* serve como um exemplo deste padrão de atuação. Em fevereiro de 1862, ele precisou realizar duas visitas à Bimbia, próxima do rio Camarões, para obter a restituição de algumas cabeças de gado roubadas da missão local. Supostamente, o roubo havia sido efetuado por súditos do chefe local designado como “*Dick Merchant*”. Na primeira destas visitas, Burton estava à bordo de um baleeiro

¹⁰³ “As vilas hostis são em número de cinco ou seis [...] elas irão requerer alguma coerção. [...] Isto pode ser facilmente conseguido por dois barcos de guerra. Com tais navios, eu poderia ir até lá em julho próximo e garantiria que depois de seis meses nenhum tiro seria disparado novamente no baixo Níger.” *PRO, F.O.* 84/1176, 14/01/62.

¹⁰⁴ *PRO, F.O.* 84/1176, 01/03/1862, 22/05/1862, 18/12/1862, entre outros. Nestes despachos, Burton narrou acontecimentos nos quais descreve o padrão de atuação mencionado acima. A frequência da necessidade da coação dos nativos por barcos de guerra britânicos entretanto, revela uma forte resistência africana à dinâmica comercial que vinha sendo imposta pela Inglaterra.

britânico que, segundo ele, não estava devidamente provido de armamentos. Como resultado, segundo o seu despacho, *Dick Merchant* não apenas recusou-se a receber o cônsul, mas os ingleses foram forçados à se retirar frente à 200 nativos armados que recusaram qualquer tipo de negociação.¹⁰⁵

Já na segunda visita, menos de uma semana depois, o cônsul estava à bordo do mesmo baleeiro, porém acompanhado de um cruzador inglês. Desta vez, as coisas aconteceram de forma bem diferente. De acordo com Burton, ele e sua comitiva desembarcaram:

*“...exactly as we did before. This time we found the Chief sitting under the usual ‘palaver tree’. As I refused to shake hands with him, he knelt to me, and showed the utmost contrition. At the end of an hour, he and his principal men had signed four articles, of which the original is enclosed. Commander Parry then indulged them with a discharge of howitzer and rockets, and the sensation created warrants my believing that this part of the coast will be peaceful for some time to come.”*¹⁰⁶

Como se nota na passagem acima, o chefe africano, antes desafiador, mostra-se, no texto de Burton, profundamente arrependido frente à possibilidade de ter sua cidade atacada por um cruzador britânico. Além disto o efeito de coação causado pela demonstração do poderio bélico do navio, através da descarga dos canhões, fez Burton garantir que a paz reinaria na localidade, ao menos por algum tempo. De fato, não é possível afirmar com certeza se os eventos aconteceram exatamente desta forma, mas é importante notar como o próprio Burton descrevia a situação.

A resposta do *F.O.* à este despacho de Burton foi positiva. Russell escreveu afirmando que aprovava a atuação de Burton principalmente por ter tido que recorrer

¹⁰⁵ *PRO, F.O.* 84/1176, 01/03/1862.

¹⁰⁶ “...exatamente como fizemos anteriormente. Desta vez encontramos o chefe sentado sob a usual *palaver tree*. Como eu recusei um aperto de mãos com ele, ele ajoelhou frente a mim, e mostrou o mais profundo arrependimento movido pelo medo. No final de uma hora, ele e seus principais homens tinham assinado quadro artigos, dos quais o original está anexado. Comandante Parry então os gratificou com uma descarga de *Howitzer* e *Rockets*, e a sensação criada garante a minha crença de que esta parte da costa estará pacífica por algum tempo.” *PRO, F.O.* 84/1176, 01/03/1862. Negritos meus.

apenas à demonstração de força, e não ao seu uso de fato.¹⁰⁷ Desta forma, parece que Russell estava de acordo com a utilização de navios do esquadrão africano para a coação dos pequenos estados nativos costeiros.

Entretanto, o projeto de Burton para o desenvolvimento comercial e aumento da influência britânica na região não se limitava à enquadrar as comunidades costeiras à lógica comercial inglesa. Ele acreditava que a rentabilidade do comércio da região seria muito maior se a Inglaterra pudesse comerciar de forma direta com o interior, em especial através do rio Níger, segundo ele, *'the highroad to Central African exploration'*.¹⁰⁸ A interferência direta no interior da África, entretanto, não parecia seduzir o F.O., tanto quanto a coação naval costeira. É possível perceber a resistência do governo inglês em participar de ações militares no interior pelo tratamento dispensado aos despachos de Burton, nos quais ele sugere esta necessidade.

O relatório de Burton sobre a viagem à Abeokuta, por exemplo, apresenta passagens nas quais o autor sugere a intervenção direta inglesa para resolver os problemas comerciais na localidade. Como se viu, Abeokuta estava em guerra com Ibadan o que diminuiu o fluxo comercial do interior para a costa. Segundo Burton, esta guerra era um problema “desprezível e prejudicial” aos intentos ingleses. A solução, em sua concepção, seria uma intervenção militar direta inglesa por terra, para forçar os termos de um tratado de paz entre as duas regiões beligerantes. Ainda segundo Burton, os Egbas haviam aprendido a respeitar os ingleses como marinheiros, mas nunca tinham visto uma atuação terrestre da Inglaterra.

¹⁰⁷ PRO, F.O. 84/1176, 23/04/62. As palavras de Russell no despacho são: *“This result is the more satisfactory to Her Majesty’s government inasmuch as it was arrived at without having recourse to actual force.”* (O resultado é o mais satisfatório para o Governo de Sua Majestade, no sentido que foi atingido sem ter que usar de fato o recurso da força.)

¹⁰⁸ PRO, F.O. 84/1176, 14/01/62. Há também outros despachos que mencionam a idéia de realizar a exploração do interior da África através do comércio direto, em especial um, escrito no final de seu período consular, PRO, F.O. 84/1221, 14/04/1864. A idéia da penetração ao interior para comerciar diretamente com as comunidades produtoras não é apanágio de Burton. De fato, desde as expedições Níger acima na década de 1830, esta idéia era uma constante. O governador Freeman, de Lagos, e seu substituto frequente, tenente Glover, apregoavam a mesma política para a região Ioruba. McYtire, W. D., *Commander Glover and the Colony of Lagos....*

Desta forma, em sua opinião, uma expedição deveria ser organizada com oficiais ingleses e um corpo de cavalaria e artilharia composto por nativos de outras regiões.

*With such a force, we could easily _____ over the country to keep the peace and compel their silly wars to _____ to peaceful tracts.*¹⁰⁹

A atuação inglesa no interior proposta por Burton implicava, pois, na presença de um exército terrestre comandado por oficiais ingleses, o que demandava necessariamente gastos para a manutenção desta força. Além disto, devido ao clima ‘mortífero’ da região, era necessário que se constituísse um posto de recuperação de saúde para estes oficiais. Neste sentido, o projeto de Burton completava-se com a ocupação de alguns pontos de altitude elevada, onde o clima era mais ameno, a exemplo do que já acontecia na Índia britânica.¹¹⁰

Projeto bastante semelhante de ação militar no interior reaparece em um dos últimos relatórios de seu período consular na África Ocidental. Trata-se do despacho sobre sua viagem à Daomé, entre o final de 1863 e o começo de 1864. Neste texto, Burton enuncia claramente a proposta de uma invasão por terra à Daomé com objetivo de forçar o rei a deixar de comerciar em escravos. Em primeiro lugar, ele afirma a facilidade de ocupar Whydah¹¹¹ e logo depois, sugere a possibilidade de penetrar até Agbome, com pormenores sobre a rota e as condições para conseguir provisões para o exército em marcha. Segundo Burton:

¹⁰⁹ “Com tal força, poderíamos facilmente _____ sobre o país para manter a paz e compelir suas tolas guerras a _____ a tratos pacíficos.” *PRO, F.O.* 84/1176, 20/11/1861.

¹¹⁰ Burton propõe de fato a ocupação de uma região nas montanhas de Camarões, o que por um lado legitima a sua viagem de exploração realizada no início de 1862 e, por outro, completa seu projeto de presença militar efetiva. Para uma análise destas retóricas de tomada de posse, tal como expressa por Burton neste texto ver Pratt, Mary. *Olhos do Império, Relatos de viagem e transculturação*, Bauru: Edusc, 1998, e também Spurr, David. *The Rhetoric of Empire, Colonial discourse in journalism, travel writing and imperial administration*. London: Duke university Press, 1993.

¹¹¹ “after carefully inspecting the beach, the roads and the town of Whydah, I can see no difficulty in taking or holding the place. When the King is engaged in the annual slave hunts, two hundred men would easily capture and Fortify it.” *PRO, FO*, 84/1221, 23/03/1964. (depois de inspecionar cuidadosamente a praia, os caminhos e a cidade de Whydah, não consigo ver dificuldade em tomar ou assegurar a posse do lugar. Quando o rei está engajado nas caçadas de escravos anuais, duzentos homens facilmente capturariam e fortificariam a cidade.”

*“There is, I would again remark, scant difficulty in a military advance from Whydah to Agbome, except the want of provisions. By taking the northern road after leaving Alada, water may be found in abundance.”*¹¹²

Como mencionado acima, o tratamento destes relatórios pelo *F.O.* fornece indicações da resistência do governo inglês de engajar-se em interferências no interior. É significativo que os relatórios sobre as viagens à Abeokuta e Daomé tenham sido editados pelo *F.O.* Foram retiradas nestas edições dos documentos apresentados ao parlamento todas as partes que se referem à necessidade, ou mesmo à possibilidade, de intervenção militar por terra.¹¹³

Apesar de continuar sugerindo ao *F.O.* práticas intervencionistas até o final de seu período consular na África Ocidental, Burton parece não ter demorado a perceber a relutância do governo em fornecer-lhe os meios necessários para que pudesse atuar conforme suas próprias vontades. Como se viu, até mesmo Russell tinha sérias objeções à colocar um cruzador sob comando de Burton, e mesmo quando ele estava a bordo de um navio de guerra britânico, suas ações ficavam limitadas pelo discurso político oficial da Inglaterra para a região.¹¹⁴

A insatisfação de Burton com esta situação não tardou a aparecer. Ainda em 1862, ele esteve na cidade de Benim, para tentar recuperar a propriedade de um mercador inglês que havia sido atacado pelos nativos. O chefe africano, entretanto, recusou-se a parlamentar, mesmo com a presença de um cruzador britânico. No relatório enviado à Londres, Burton apenas mencionou que não poderia tomar as “medidas forçadas”

¹¹² “Há, eu noto novamente, poucas dificuldades num avanço military de Whidah à Abomé, exceto pela necessidade de provisões. Tomando a estrada norte depois de deixar Alada, água pode ser encontrada em abundância.” *PRO*, FO, 84/1221, 23/03/1964. Uma das razões para a facilidade sugerida por Burton em penetrar no país é a covardia de seu povo. Os projetos intervencionistas de Burton encontravam legitimidade e justificativa, bem como possibilidades de realização, em sua caracterização do africano. Esta relação é parte importante do jogo de representações de Burton, e como tal, parte importante também desta pesquisa. Uma análise mais detida de seu discurso e a relação entre ele e o repertório científico sobre ‘raças’ em desenvolvimento na Inglaterra do período também é objeto do último capítulo deste texto.

¹¹³ Uma análise destas ‘edições’ encontra-se no último capítulo deste texto.

¹¹⁴ Discurso este que parecia mais importante para os oficiais da marinha britânica do que para os demais representantes do governo inglês na África Ocidental, como cônsules e governadores.

necessárias para resolver a situação uma vez que estava fora de sua jurisdição. Apesar disto, o comércio do rio foi bloqueado durante cerca de duas semanas.¹¹⁵ Em uma série de cartas publicadas anonimamente na *Fraser's Magazine of Town and Country*, entretanto, surgiram críticas severas de Burton aos limites de atuação do cônsul inglês na África.¹¹⁶ Segundo Burton, a recusa do chefe africano em reunir-se com a comitiva consular:

*“...in good old times would have formed a casus Belli; in these highly civilized days, however, the unpugnacious consul merely reproached him for his distrustfulness, and hinted at the possibility of further measures being taken...”*¹¹⁷

Note-se como Burton refere-se a si mesmo como “*unpugnacious*” e, ao período de seu consulado na África, como “dias altamente civilizados”. A sequência do texto deixa claro, entretanto, que esta frase contém uma ironia profunda, pois referindo-se às condições de desenvolvimento da região, ele afirmava que a África Ocidental estava em desvantagem com relação à outras regiões do mundo justamente pela sua “proximidade” com a Inglaterra.

*Not the England of 1650 [...] with her energy of character and scope for talent, but the England of 1860 [...] non interfering, anti belligerent, duty shirking, and therefore thoroughly dissatisfied, grumbling about the expenditure of a first rate with the influence of a third rate power, and irritated at having to maintain so long the ignoble position of defense.”*¹¹⁸

¹¹⁵ PRO, F.O. 84/1176, 26/08/1862.

¹¹⁶ *Wanderings in West Africa*, Fraser's Magazine of Town and Country, 1863, vol. 57, pp. 135-157, 273-289, 407-422. As cartas foram publicadas sob o pseudônimo de “A Fellow of the Royal Geographical Society”.

¹¹⁷ “... nos bons velhos tempos teria se formado um *casus Belli*; nestes dias altamente civilizados, entretanto, o cônsul pacífico meramente os repreendeu por suas desconfianças, e acenou coma possibilidade de medidas futuras serem tomadas...” *Wanderings in West Africa*, Fraser's Magazine of Town and Country, 1863, vol. 57, p.142.

¹¹⁸ “Não a Inglaterra de 1650 [...] com sua energia de caráter e espaço para o talento, mas a Inglaterra de 1860 [...] **não interferindo, anti beligerante, e que foge ao seu** dever, e desta forma totalmente insatisfeita, resmungando sobre gastos de uma potencia de primeira grandeza com a influência de uma de terceira, e irritada por ter que manter tão longamente a ignóbil posição de defesa.” *idem*, p 277.

Desta forma, Burton coloca-se claramente contra uma suposta política inglesa de “não interferência”, “anti beligerante” e que “foge ao seu dever”. A imagem que Burton fazia da Inglaterra então era bastante negativa em razão desta suposta política não intervencionista, que apesar de gastar muito com a África, não fazia com que seus gastos a transformassem em influência importante no continente.

De certa maneira, como foi possível notar em tópicos anteriores, não se pode considerar a Inglaterra como não intervencionista, apesar de seu discurso oficial de não interferência. As condições que limitam a atuação de Burton estão relacionadas com características próprias da função consular britânica então. Apesar de relativa liberdade de atuação, Burton não contou com as condições materiais necessárias para que pudesse agir executivamente na região como fez Beecroft, por exemplo, o primeiro cônsul britânico nas baías de Benim e Biafra. A presença de outro cônsul em Lagos a partir de 1851, e de um governador depois de 1861, retirou grande parte do poder antes presente nas mãos do cônsul da baía de Biafra. Apesar disto, a atuação consular parece ser importante para a definição das políticas imperiais para a região. Desta forma, uma análise mais específica sobre a posição consular dentro da estrutura administrativa inglesa no século XIX pode lançar alguma luz sobre a atuação de Burton entre 1861-1864.

A posição consular.

Em um artigo intitulado *Imperial Pawns: the Role of British Consul*, Sibil Jack argumenta sobre a importância da atuação consular no processo de expansão imperialista, através de um estudo de caso do cônsul britânico em Jerusalém, de 1846 à 1862.¹¹⁹

De acordo com Jack, a posição de cônsul britânico possibilitava ao seu ocupante influir na definição da atuação da Inglaterra em sua jurisdição consular, ao mesmo tempo em que era um cargo no qual encontrava-se relativamente livre de constrições do governo central. Algumas características da posição consular em regiões distantes da Europa corroboravam para esta relativa ‘liberdade’ de ação. Como já foi notado aqui, uma destas

¹¹⁹ Jack, Sibil. “Imperial Pawns: the Role of the British Consul”, in Schreuder, Derick M. (ed.), *Imperialisms*, Canberra: Highland Press, 1991.

características era a própria demora no fluxo de correspondências entre os postos consulares e a Europa – que era agravado pelo sub-dimensionamento do departamento consular do *F.O.* na Inglaterra, que contava com apenas 4 funcionários, no início da década de 1850. Além da distância propriamente dita, Jack menciona outras características da posição consular, que também corroboravam para que estes funcionários da burocracia imperial mantivessem certa autonomia de atuação, quais sejam: a ausência de normas específicas para a ‘contratação’ do cônsul, que acabava recaindo sempre em indicações de políticos importantes; o contato mais próximo com a sociedade local - dadas as funções consulares - do que qualquer outro representante do governo inglês; e, finalmente, a complementação das atividades consulares com outras formas de rendimento, devido a insuficiência da remuneração do cargo.

O fato da nomeação do cônsul não ser feita por mérito, mas sim por indicação de algum político, por questões pessoais, garantia certa segurança ao ocupante deste cargo. Enquanto o seu apadrinhamento político continuasse forte dentro da esfera do governo, o cônsul não precisava temer represálias mais efetivas, mesmo que sua linha de atuação não correspondesse às intenções de seus superiores diretos. O contato mais próximo com as sociedades locais e, muitas vezes, a longa permanência do cônsul num mesmo local fazia com que lhe fosse possível criar uma rede de relações bastante ampla.¹²⁰ Sendo reconhecido como o representante da Inglaterra, o cônsul adquiria importância nas relações políticas e sociais locais. No caso da África Ocidental, a posição de poder consular era reforçada pela presença, cada vez mais efetiva ao longo do século XIX, ao menos até a década de 1860, do esquadrão naval britânico, o que tornava possível a imposição de tratados e acordos às elites políticas locais.¹²¹

Finalmente, resta enfocar a complementação do rendimento consular com outras atividades, como o comércio, a literatura ou o jornalismo, que de formas variadas afetam a

¹²⁰ De fato, muitas vezes o cônsul parecia ser indicado justamente por já possuir ampla rede de relações e conhecimento sobre a sua jurisdição. O caso de Beecroft, o primeiro cônsul inglês nas baías de Benim e Biafra é um caso exemplar. Beecroft foi indicado quando em 1849, com cerca de vinte anos de experiência na África Ocidental, entre participações em expedições e relações comerciais.

¹²¹ No caso de Burton, entretanto, suas desavenças com oficiais da marinha britânica na África Ocidental fizeram com que o apoio a sua atuação fosse limitado.

legitimidade e o escopo das ações consulares. No caso da participação do cônsul em atividades comerciais, parece claro que ficava comprometida a posição de imparcialidade idealizada pelas autoridades inglesas para seus representantes, pois este tenderia a tomar decisões sempre favoráveis aos comerciantes ingleses quando fosse chamado à arbitrar questões, além do fato de que podia utilizar-se de sua posição para colocar-se em vantagem pecuniária. A discussão sobre a liberdade consular para participar de atividades de comércio foi bastante longa na Inglaterra. As regulamentações sobre as atividades consulares de 1825 proibiam a prática de comércio ao mesmo tempo em que garantiam salários relativamente elevados para os servidores do império. Já em 1831, os salários foram reduzidos de forma drástica, mas em contrapartida os cônsules passaram a ter permissão para desenvolver atividades comerciais. Em 1858, um comitê parlamentar deliberou pela proibição do comércio entre os cônsules, mas na prática esta medida só foi adotada sem restrições nas últimas décadas do século XIX. Enquanto isto, a permissão ou proibição deste tipo de atividade ficou a critério do secretário do *F.O.*, através do conteúdo do despacho quando da indicação de um novo cônsul.¹²²

Quanto às atividades literárias, ainda segundo Sibil Jack, havia a possibilidade de que as produções dos cônsules influenciassem diretamente a opinião pública, ou ao menos determinados setores, que revelavam-se importantes para as tomadas de decisões políticas. No caso específico de Burton, sua produção literária no período consular na África Ocidental foi bastante grande, com três livros publicados – num total de seis volumes – e uma série de artigos para diversas sociedades científicas.¹²³

O resultado desta conjunção de fatores era, em muitos casos, a possibilidade de implantação de uma política pessoal do cônsul, e o *F.O.* só interferia em situações onde seu

¹²² Platt, D. *The Cinderella Service*. London: Longman Group Ltd, 1971, p. 42. No despacho indicando Burton como cônsul, aparece explicitamente, após mencionar qual o salário, que ele não poderia comerciar. *PRO, F.O.* 2/40, 18/04/1861.

¹²³ Como exemplo da repercussão dos livros de Burton, pode-se citar o fato de que, em seu jantar de despedida de Londres, em 1865, quando de sua indicação como cônsul em Santos, estiveram presentes vários parlamentares importantes, entre eles Lord Stanley, futuro secretário do governo para o *F.O.*, que em seu discurso, mencionou a produção bibliográfica de Burton como importante para o conhecimento da África. A ata das falas durante o jantar de despedida, bem como a relação de presentes encontra-se em *Anthropological Review*, vol. 3, 1865, pp. 168-174.

representante consular fosse mais “ativo”, e estivesse causando “problemas” nas relações políticas inglesas na região. Entretanto, em geral, a atitude do governo inglês resumia-se à transferência do seu representante para um outro local, e não a exoneração do cargo. Como já se notou, a estratégia dos ‘*men on the spot*’, de acordo com McYntire era de exceder as instruções e enviar o relatório com o fato consumado.¹²⁴

Apesar destas características de poder e relativa liberdade, a posição consular não era das mais cobiçadas entre os cargos da burocracia inglesa durante o século XIX. Em um trabalho interessante sobre a carreira consular, significativamente intitulado *The Cinderella Service*, David Platt, apresenta a posição do cônsul como pouco desejável. Segundo Platt, a posição consular conferia pouco status ao seu ocupante, pois implicava realizar funções, muitas vezes, bastante burocráticas e, outras vezes, envolviam questões pouco importantes ou meritórias.¹²⁵ As condições de trabalho também eram fruto de constantes reclamações dos cônsules, em especial daqueles que, como Burton, eram indicados para regiões distantes e de clima considerado pouco saudável. Além disso, os salários não eram muito elevados, havendo seguidas reclamações por parte dos envolvidos quanto à insuficiência da remuneração.¹²⁶

No caso da experiência de Burton na África Ocidental, parece claro que ele não dispôs do poder material para agir de forma executiva e influenciar de forma mais direta nas políticas britânicas para a região. Entretanto, ele usou de sua ‘liberdade’ na posição consular para viajar e, principalmente, para escrever, utilizando-se de um instrumento importante na formação da opinião pública, para expor sua visão sobre a África e, como consequência, seus projetos para a atuação imperial inglesa. Além dos despachos e relatórios para o *F. O.*, o conjunto de seus textos durante este período conta, como se viu, com uma série de artigos para publicação em sociedades científicas, além dos relatos

¹²⁴ McYntire, *The Imperial Frontier...*, p. 43.

¹²⁵ O cônsul em Tangarog, Rússia, por exemplo reclamava que “with exception of the administration of the Sacrament of baptism and exercising the business of executioner, it would be difficult to say what duties I can not be called to perform.” Platt, D.C.M. *The Cinderella Service...* p. 19. (“com exceção da administração do sacramento do batismo e de exercer a função de carrasco, seria difícil dizer quais função eu não posso ser chamado para realizar.”) Infelizmente, Platt não informa a data da reclamação do Cônsul.

¹²⁶ De fato, Platt utiliza-se inclusive de depoimentos do próprio Burton sobre as condições de trabalho e da insuficiência do salário, principalmente em Santos, para argumentar estas dificuldades.

publicados em forma de livro. Os veículos de divulgação e meios de circulação destes textos, bem como o público ao qual são destinados, são elementos significativos no processo de análise da construção das representações de Burton. Desta forma, é preciso compreender de maneira mais ampla a importância e o significados das sociedades científicas nos periódicos das quais Burton publicava seus artigos, quais sejam, a *Royal Geographical Society* e a *Antropological Society of London*. Uma análise da composição social de seus membros, de suas relações diretas ou indiretas com a burocracia imperial e das tendências teóricas predominantes no interior destas sociedades tornam-se tópicos importantes da pesquisa, tarefa que será desenvolvida na próxima parte deste texto.

Capítulo 3: O lugar de Burton na Inglaterra.

Espaços institucionais de circulação dos textos de Burton na Inglaterra.

Durante as décadas de 1850 e 1860, o nome de Burton esteve associado às viagens de exploração e, principalmente, à geografia e à antropologia inglesas. Membro atuante da *Royal Geographical Society* de Londres (*RGS*), ele contribuiu com artigos nas publicações da sociedade desde 1854, quando publicou um texto sobre sua viagem à Meca.¹ O autor recebeu a medalha de ouro em 1859 por sua exploração da África Oriental e pela “descoberta” do lago Tanganika durante a expedição, iniciada três anos antes, em companhia de John Hanning Speke, e esteve bastante envolvido nos acalorados debates sobre as origens do Nilo que dominavam boa parte dos interesses da *RGS* para com a África naquele momento.

As ligações da *RGS* com o governo britânico e, de certa forma, com um programa expansionista, eram bastante fortes. Segundo Stafford, “durante todo o século XIX, a Inglaterra sustentou um programa de exploração científica ligado diretamente a seus interesses comerciais e imperiais”.² E em especial a partir de 1850, quando a sociedade esteve sob influência de Sir Roderick Murchinson, esta ligação teria ficado ainda mais clara. Seus discursos anuais como presidente estão repletos de menções à “expansão nacional, assunções de superioridade moral e tecnológicas sobre outras raças, expressões de uma teologia natural, que via propósito nos padrões de assentamento humano e adaptação ao ambiente, e asserções sobre o direito e o dever britânico de agir à sua vontade ao redor do mundo.”³

A ligação de Burton com o desenvolvimento da antropologia não é menos evidente. Ele era, também, membro participante da *London Ethnological Society*, tendo publicado

¹ Desde esta data, Burton contribuiu com vários artigos para as publicações da sociedade, praticamente em todos os anos até 1864, quando suas contribuições começaram a rarear. Além disso, teve as suas três expedições, durante a década de 1850, à Meca, à África Oriental, e ao lago Tanganika, financiadas pela própria instituição.

² Stafford, Robert. *Scientific Exploration and Empire*. in: *The Oxford History of British Empire*, vol 3, Andrew Porter (Ed.), Oxford and New York: Oxford University Press, 1989, p. 296. Minha tradução.

³ Stafford, R. *Scientific Exploration...*, p. 296.

artigos nos veículos de divulgação desta sociedade, desde 1861. Mais do que isto, Burton participou de forma importante na cisão que ocorreu nesta sociedade em 1863, tendo presidido a mesa da fundação da A. S. L., durante um de seus períodos de licença do consulado em Fernando Pó.

Por sua vez, as aspirações expansionistas não pareciam ficar em segundo plano para os membros da A. S. L. Em jantar de despedida de Burton, devido à sua indicação como cônsul no Brasil, a presidência da mesa foi ocupada por Lord Stanley (que, como se viu, seria nomeado secretário de relações exteriores em 1866). Stanley, nas linhas iniciais de seu discurso na despedida de Burton, afirma que não sabia se o príncipe da Inglaterra era um estudante de antropologia, mas que tem certeza que...

*“he should be, considering the probability that in a distant day he came to rule an Empire that includes in itself all kinds of races and classes of men.”*⁴

Em menção similar, Dunbar Heath, tesoureiro da sociedade, procurava assegurar a importância do antropólogo no processo de expansão britânica. Segundo ele, no discurso de comemoração do 5º aniversário, publicado no *Journal of Anthropological Society*, em 1868:

*“It is ...the Anthropologist by whatever name he now goes, who must be consulted for the future help and guidance in the government of alien races”*⁵

É preciso ressaltar, entretanto, que estas sociedades não podem ser representadas como expressões uníssonas de determinada ideologia. Embora seja possível identificar tendências metodológicas, políticas e ideológicas mais gerais que orientaram a ação e a produção destas instituições, não se pode deixar de notar a existência de vozes dissonantes no interior de cada uma delas.

⁴ “ele deveria ser, considerando a possibilidade que num dia distante ele venha a governar um Império que inclua em si mesmo tipos de todas as raças e classes de homens.” *Anthropological Review*, vol. 3, 1865, p. 169.

⁵ “É ... o antropólogo por qualquer nome que ele tenha agora, que deve ser consultado para a ajuda e a direção future no governo de raças alienígenas.” Heath, Dunbar. “Anniversary Address Delivered Before the Anthropological Society” in: *Journal of Anthropological Society*, vol. VI, 1868, p lxxxiv. Fazendo desta forma, nas palavras de Burrow, a ‘ economia política ser baseada na Antropologia.” Burrow, J. W. *Evolution and Society, a Study in Victorian Social Theory*, Cambridge: Cambridge University Press, 1968, p. 128.

Royal Geographical Society.

A idéia da fundação da *RGS* surgiu em 1830, em uma reunião presidida por John Barrow, que ocupava então o cargo de Segundo Secretário Permanente do Almirantado. O fato de Barrow ter presidido esta reunião pode ser considerado como indicativo da forte influência exercida sobre a sociedade por parte de uma estrutura ligada ao governo inglês. Num folheto sobre as propostas de criação da sociedade, Barrow afirmava que:

*“A society was needed whose sole objects should be the promotion and diffusion of that most important and entertaining branch of Knowledge – Geography.[...] that its advantages are of the first importance to mankind in general, and paramount to the welfare of a maritime nation like Great Britain, with its numerous and extensive foreign possessions.”*⁶

De fato, a principal ênfase e os principais financiamentos conseguidos pela *RGS* nos primeiros anos, foram conferidos, não por acaso, à viagens e mapeamentos marítimos.⁷ Boa parte dos sócios e, principalmente, dos membros do conselho eram também oficiais da marinha britânica.

⁶ “Uma sociedade era necessária, cujos únicos objetivos deveriam ser a promoção e difusão deste ramo do conhecimento dos mais importantes entretenedores – Geografia. [...] que suas vantagens são das primeiras em importância para a humanidade em geral, e predominantes para o bem estar de uma nação marítima como a Grã Bretanha, com suas numerosas extensivas possessões estrangeiras.” e Folheto reproduzido em Mill, Hough Robert., *The Record of the Royal Geographical Society, 1830-1939*. The Royal Geographical Society, London: 1930, p. 17.

⁷ Além de Barrow, o conselho da *Royal Geographical Society* continha outros oficiais da marinha britânica que acabavam por tornar a sociedade muito ligada aos quadros administrativos do governo imperial, tais como Francis Beaufour, por exemplo. De acordo com um biógrafo de Beaufour, ele representava um papel de intermediário entre a sociedade científica e o governo: “*Wearing one hat, that of a fellow of a learned society, he could enlist himself, or be enlisted in the course of one or another scientific enterprise; thereupon, wearing a second, official hat, he was in a position to forward it by furnishing ships, officers, equipment, instruments and, most important, finance*”. Apud. Driver, Felix. *Geography Militant*, Oxford: Blackwell Publishers, 2001, p. 34. (“Usando um chapéu, aquele de uma sociedade intelectual, ele podia se alistar, ou ser alistado no curso de um ou outro empreendimento científico; logo depois, usando um segundo chapéu, oficial, ele estava numa posição de ajudar o empreendimento através do fornecimento de navios, oficiais, equipamentos, instrumentos e, mais importante, financiamento.”)

As propostas iniciais da sociedade revelavam intenções de fundar um centro de coleta, acumulação e divulgação de conhecimento geográfico, gerando uma produção “científica” útil para a nação britânica, ao mesmo tempo que deveria se encarregar de assegurar a divulgação deste conhecimento para um público cada vez mais amplo.

O surgimento da *RGS* aconteceu num contexto de proliferação de sociedades científicas na Inglaterra⁸. Este contexto apresentava também, segundo Felix Driver, a multiplicação da própria produção do discurso geográfico. Este discurso, por sua vez, era bastante variado em suas características, desde suas fontes – que contavam com relatórios do *F. O.*, relatos de viagem, entre outros – até suas formas de divulgação – publicações de sociedades científicas (e depois de 1830, pela própria *RGS*), até livros de literatura infanto-juvenil. Por outro lado, os produtores deste discurso variavam bastante também, incluindo viajantes, oficiais da marinha e exército, missionários, entre outros.⁹

Até a década de 1850, entretanto, as publicações da sociedade foram esparsas e, apesar da presença de nomes socialmente importantes e influentes em posições de comando ter sido importante para a sua manutenção durante as duas primeiras décadas, um dos resultados disto foi a pouca pertinência do conhecimento estritamente “científico” produzido pela sociedade. Mesmo que a própria noção do que era “científico” ou não estivesse também em debate. Os projetos de padronização e organização de conhecimento, presentes desde a fundação da *RGS*, nunca chegaram a ser atingidos, devido à heterogeneidade da composição de seus membros e às discussões sobre os próprios conceitos do que seria a ciência geográfica.

Como exemplo da preocupação com a padronização do conhecimento geográfico, Driver menciona a publicação do texto *Hints to Travellers*, encartado na revista da sociedade em 1854. O objetivo do texto era orientar viajantes sobre quais tipos de dados seria necessário recolher em suas viagens. De fato, as inúmeras reedições do texto ao longo da segunda metade do século XIX revelam, segundo Driver, não o sucesso da obra entre os interessados, mas o debate sobre quais formas de produção científica tornavam-se legítimas, uma vez que havia significativas alterações em cada uma das edições. Além

⁸ Foram fundadas, por exemplo, a *Geological Society* em 1807, *Royal Astronomical Society* em 1820, *Royal Asiatic Society* em 1823, e *Zoological Society* em 1828.

⁹ Driver, *Geography Militant...*, p. 28.

disto, estas orientações destinadas ao ‘*untrained gentlemanly traveller*’ sofria forte resistência por parte de quadros mais treinados da sociedade como o próprio Burton por exemplo. Em seu prefácio em *Lake Regions of Central Africa*, ele refere-se explicitamente ao manual da RGS:

*“Modern ‘hinters to travelers’ direct the explorer and the missionary to eschew theory and opinion. We are told somewhat peremptorily that it is our duty to gather actualities, not inferences – to see not to think; in fact, to confine ourselves to transmitting the rough material collected by us, that it may be worked into shape by the professionally learned at home. But why may not the observer be allowed a voice concerning his own observations, if at least his mind be sane and his stock of collateral knowledge be respectable?”*¹⁰

A despeito da heterogeneidade dos quadros e das concepções no interior da sociedade, a partir da década de 1850 – sob influência de Sir Roderick Murchinson – ela começaria a atingir uma proeminência cada vez maior dentro de uma “ampla cultura pública de exploração”, através da influência de suas publicações, bem como devido à continuação da relação entre a sociedade e governo imperial.

Já se viu como a geografia, e mais especificamente a RGS, apresentava-se como braço científico importante da expansão imperial britânica. Mas não se pode pensar apenas na relação entre império e RGS, com o primeiro fornecendo a estrutura possível para a realização dos empreendimentos da segunda. Segundo Stafford, mais do que isto, a realidade das possessões imperiais britânicas tendia a formatar o próprio conteúdo cognitivo de disciplinas como geografia e geologia:

British geology and geography as well as other sciences [...] were significantly influenced by Britain’s possession of a colonial empire. Imperial concepts, metaphors, data and career opportunities informed the development

¹⁰ “Modernos “indicadores aos viajantes” orientam o explorador e o missionário à evitar a teoria e a opinião. Nos dizem de modo um tanto peremptório que nosso dever é agrupar dados objetivos, não inferências – ver, não pensar; de fato, confinarmo-nos a transmitir o material bruto por nós coletado, para que ser trabalhado em pelos intelectuais treinados em casa. Mas por que não pode ser permitido ao observador uma voz no que diz respeito a suas próprias observações, se ao menos sua mente for sã e seu repertório de conhecimento colateral for respeitável?” Burton, *Lake Regions...* prefácio, p. vii.

of these disciplines, and their institutions in varying degrees expressed this ideological matrix.”¹¹

A grande influência de Roderick Murchinson nas décadas de 50 e 60 na *RGS* certamente contribuiu para estreitar, ainda mais, a relação entre a produção do conhecimento geográfico e as representações imperiais da Inglaterra. Murchinson possuía grande penetração nos círculos governamentais ingleses no período, a ponto de conseguir indicação de cônsules e garantir a presença de uma comitiva científica junto à uma expedição militar, como no caso da campanha na Abissínia (atual Etiópia), em 1867.¹²

Entretanto, Driver faz uma ressalva sugerindo que não se pode radicalizar esta ligação direta entre *RGS* e Império, pois ao fim e ao cabo, os discursos presidenciais – momentos nos quais estas ligações eram reafirmadas e fortalecidas – tinham justamente a função de valorizar a própria sociedade. Conectar a sociedade à expansão imperial, mostrando-a como um veículo de captação e elaboração de conhecimento, projetando-a como seu braço científico parecia uma estratégia interessante. O argumento de Driver é que mesmo em momentos nos quais a sociedade parecia exprimir-se em uníssono, havia em seu interior vozes dissonantes, que faziam dela muito mais um centro de debates do que um lugar de afirmação de uma visão única da geografia.¹³

A despeito desta variedade de posicionamento quanto às questões específicas, Clive Barnett procura demonstrar como é possível recuperar a construção de um discurso *africanista* nas publicações da sociedade – em especial nas décadas de 1850 e 1860 – o que

¹¹ “A geologia e geografia britânicas, bem como outras ciências [...] foram significativamente influenciadas pela posse de um império colonial da Bretanha. Conceitos, metáforas, dados e carreiras imperiais informaram o desenvolvimento destas disciplinas, e suas instituições em graus variados expressaram esta matriz ideológica.” Stafford, Robert. *Scientist of empire: Sir Roderick Murchinson, Scientific exploration and Victorian imperialism*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 1989, p. 223.

¹² Driver, *Geography Militant...*, p. 43. Um autor chega a considerar que a metade do século XIX foi um período no qual a “*RGS could be considered a non official extension of the Foreign Office and of the Colonial Office*”. Dickenson, John. “The Naturalist on the River Amazon and a Wider world: Reflections on the Centenary of Henry Walter Bates”. *The Geographical Journal*, vol. 158, Nº 2, julho de 1992, p. 210.

¹³ Havia na composição do quadro diretivo da *RGS* indivíduos com opiniões bastante diversas sobre as populações africanas, por exemplo, como Francis Galton e Thomas Hodgkin, importante figura na sociedade para a proteção dos aborígenes.

funcionava como legitimador da produção europeia como único lugar no qual se podia produzir um discurso geográfico “científico”.¹⁴ Barnett é credor das concepções de discurso de E. Said e procura argumentar no sentido de mostrar como, dentro da construção do conhecimento geográfico europeu - mais especificamente na RGS:

*“the subaltern races [...] continue to be subsumed in the eagerness to affirm that Western geographical traditions were more varied than previous critiques allow.”*¹⁵

Desta forma, apesar de quaisquer diferenças possíveis no processo de representação do “outro” e sem negar estas diferenças, há uma singularidade no discurso geográfico britânico, qual seja, a incapacidade de reconhecimento das possibilidades do “outro” (africano) produzir conhecimento. Desta forma, as diferenças encontradas no interior do discurso africanista só podem comportar um contra-discurso ainda dentro de um espaço discursivo metropolitano.

Mais do que isto, ao procurar marcar as diferenças com relação à África e seus habitantes, a geografia britânica realizava um segundo movimento discursivo que implicava uma homogeneização do próprio inglês, suprimindo diferenças de classe dentro da Inglaterra, criando a representação de uma identidade inglesa unificada, neste caso relacionada de forma clara à ideologia imperial.

Para demonstrar estas proposições, Barnett procura, ao longo de seu artigo, apresentar, nos relatos de viajantes na África, momentos em que as informações nativas são desacreditadas ou representadas como absolutamente confusas, conferindo credibilidade apenas ao conhecimento observado direto da natureza, pelo próprio viajante europeu. Desta forma:

“The actual conditions of cross cultural contact upon which the productions of nineteenth century geographical knowledge depended are

¹⁴ Barnett, Clive. “Impure and Wordly Geography: the Africanist Discourse of the Royal Geographical Society”. *Transactions of the Institute of British Geographers*, New Series, vol. 23, n 2 (1998), pp. 239-251.

¹⁵ “As raças subalternas [...] continuaram a ser subsumidas na ganância de afirmar que as tradições geográficas Ocidentais eram mais variadas do que as críticas prévias permitiam supor.” Barnett, *Impure and Wordly Geography...*, p. 239.

retrospectively rewritten to present European subjects as the singular sources of meaning.”¹⁶

O processo retórico através do qual os viajantes europeus desqualificavam ou desacreditavam as informações e o “conhecimento geográfico” dos africanos cumpria a função de constituir a voz da Europa como o único canal de expressão legitimamente científico. Um dos sucedâneos desta retórica era a valorização do conhecimento produzido apenas pela observação direta do europeu.¹⁷ Barnett sugere que o debate em torno da origem do rio Nilo, por exemplo, derivou em grande parte da ausência desta ‘observação direta’. Tanto Burton, quanto Speke, baseavam seus argumentos sobre dados conseguidos através de informantes africanos ou mercadores árabes.

Durante os debates travados na *R. G. S.*, no período imediatamente posterior à viagem, Burton chegou a afirmar que a questão da nascente do Nilo mantinha-se, naquele momento mais nebulosa do que antes, em razão das teorias sobre a questão estarem assentadas em informações nativas. Barnett sugere que, nestes momentos, pode-se ver o “discurso da exploração primeiro esvaziando o espaço, para então proclamar necessário preenchê-lo de sentido”.¹⁸

Parece claro que o conhecimento produzido pela *RGS* só pode ser compreendido dentro de um aparato europeu de representação e que, desta maneira, mesmo as mais diversas opiniões sobre as condições dos nativos africanos tendem a resultar na legitimação da instância científica européia como única capaz de gerar sentidos.

De fato, a revista da sociedade comportava representações bastante diferenciadas das possibilidades civilizacionais dos africanos, as quais variavam bastante. Sobre esta variação, vale destacar desde Livingstone, o mais famoso e mais influente viajante africano do meio do século XIX, que acreditava na possibilidade de melhoramento das condições de

¹⁶ “As condições reais de contato entre diferentes culturas das quais dependiam as produções do conhecimento geográfico do século XIX são reescritas retrospectivamente para apresentar os sujeitos europeus como as fontes únicas de significado.” Barnett, *Impure and Wordly Geography...*, p., 244.

¹⁷ Obviamente não se pode negar que o desenvolvimento da geografia européia constituiu-se exatamente no contato com as populações não européias. Discursivamente, entretanto, a estratégia era justamente a de apagar qualquer traço da presença não européia no processo de produção deste conhecimento.

¹⁸ Barnett, *Impure and Wordly Geography...*, p.247.

vida na África, através da tutela européia, até as concepções de Sir Francis Galton, que atestavam a eterna inferioridade da ‘raça’ negra, devido à características raciais inatas e insuperáveis. Isto muito embora seja possível inferir, a partir de certas passagens do *Journal of R. G. S.*, que a sociedade tendia a preferir as imagens mais humanistas das populações, que projetavam um futuro comercial sobre a tutela da Inglaterra, aproximando-se da opinião de Livingstone (ele mesmo um missionário). No discurso presidencial de 1860, a menção à representação de Burton sobre os africanos surge, como já se viu, da seguinte forma:

*“The nature of life among the negroes of Eastern Africa as pictured in Captain Burton’s pages cannot fail to leave a painful impression on all lovers of the human race”.*¹⁹

Burton, ao retornar de sua grande viagem africana em busca das fontes do Nilo, tendia mais para Galton, do que para Livingstone. Mas, apesar das controvérsias sobre o sucesso de sua expedição, ele era certamente tido como um dos bons no quadro dos exploradores ligados à *RGS* até aquele momento. A sociedade tinha financiado parte de sua viagem para Meca em 1853, e depois para a África Ocidental e, finalmente, escolhera-o como líder da primeira expedição em busca das fontes do Nilo, que viria a ser a coqueluche da geografia inglesa dos anos seguintes.²⁰

Entretanto, embora publicasse seus artigos, e inclusive lhe conferisse a medalha de ouro pelos resultados de sua viagem, a *RGS* parecia ter certas restrições aos trabalhos de Burton, tendo escolhido seu ajudante na primeira expedição, Speke, para liderar a seguinte que tentaria de novo estabelecer as origens do grande rio norte africano. Ian Cameron sugere que os principais líderes da *RGS* acreditavam que Speke era um geógrafo melhor do

¹⁹ A natureza da vida entre os negros da África Oriental tal como pintada nas páginas do Capitão Burton não podem falhar em deixar uma impressão dolorosa sobre todos os amantes da raça humana.” *Journal of R. G. S.*, 1860, vol 30. p. xxiii.

²⁰ Para se ter uma idéia, no livro de comemoração dos 150 anos da sociedade, escrito por Ian Cameron aparecem mencionadas, entre 1850 e 1872, 14 expedições nas quais a *RGS* financiou totalmente ou nas quais teve participação no financiamento. Destas, 8 foram para a África e 5 delas foram projetadas para tentar estabelecer as fontes do rio Nilo. Cameron, Ian. *To the Farthest End of the Earth: the History of the Royal Geographical Society*. London: Macdonald and Jane’s, 1980.

que Burton.²¹ Mas mais do que isto, Cameron infere que, para a sociedade, Burton tendia a ser:

*...a bit **too** clever, a bit **too** unconventional, a bit **too** lacking that **rapport** with the establishment which characterized both the society itself and the projects it liked to sponsor. The society preferred a leader who was dull but safe to one who was brilliant but unpredictable.*²²

Mesmo durante a entrega da medalha de ouro para Burton, em 1859, Murchinson, então presidente, mencionou que conferia a honra à Burton, que “explorou uma vasta região da África Oriental e Central, nunca antes atravessada por nenhum geógrafo, e pela descoberta do grande lago interno de Tanganika”, mas acrescentou logo a seguir que “o lago mais ao norte, Nyanza, foi descoberto pelo seu ajudante, Capitão Speke.”²³ De fato, mais a frente no discurso, fica um pouco mais clara a razão da predileção por Speke para realizar a segunda viagem, pois a idéia de que o lago Nyanza (Vitória) fosse a fonte do Nilo, se coadunava com a teoria do próprio Murchinson sobre a formação geológica do continente africano.²⁴

²¹ O próprio Burton afirmara que o trabalho de coleta de dados geográficos havia ficado nas mãos de Speke durante a viagem, enquanto ele ocupava-se das observações etnológicas.

²² “... um pouco esperto demais, um pouco não convencional demais, faltando um pouco da confiabilidade com o *establishment* o qual caracterizava tanto a sociedade ela mesma quanto os projetos que ela gostava de financiar. A sociedade preferia um líder que era um pouco opaco (sem brilho) mas seguro do que um que era brilhante mas imprevisível.” Cameron, *To the Farthest End...*, p. 83. Negritos no original.

²³ Murchinson, “Presidential Address”, *Journal of the Royal Geographical society*, 1859, vol. 29, p. xcv. Neste volume da revista da RGS também aparece encadernado o relato de Burton sobre a viagem, que seria publicado como livro no ano seguinte.

²⁴ “...*Captain Speke naturally concludes that his Nyanza may be the chief source of that mighty stream on the origin of which speculation has been so rife. This view seems to coincide with the theoretical speculation laid before this society by myself in preceding years, and is in accordance with the data worked out by Livingstone....*” *Presidential Address...*, p. clxxxii. (...Capitão Speke conclui naturalmente que seu Nyanza deve ser a principal fonte daquele rio poderoso sobre o qual as especulações sobre sua origem tem sido abundantes. Esta visão parece coincidir com as especulações teóricas apresentadas por mim frente a esta sociedade em anos precedentes, e está de acordo com os dados conseguidos por Livingstone...) A seguir, Murchinson continua suas especulações sobre a formação geológica daquela região africana.

Também pode-se mencionar uma passagem dos “*Proceedings of the RGS*” com o comentário sobre a carta de Burton a respeito da viagem para Abeokuta, já durante seu período como cônsul inglês na baía de Biafra, na África Ocidental. Esta passagem apontava novamente para a representação negativista que Burton fazia dos negros, bem como fazia uma clara alusão à singularidade de seus escritos para os padrões da sociedade;

*“Captain’s Burton **characteristic** letter will be found printed at length at p. 64. It is therefore unnecessary to do more **jeer** than shortly allude to it. He visited Abeokuta, and his remarks show that, while impressed with the cotton producing powers of the soil, he takes a less favorable view than its usual, of the civilized progress to which the inhabitants have actually attained. ...”*²⁵

Enfim, o período de glórias de Burton na RGS parece ter sido relativamente efêmero, entre o fim de sua viagem para Meca, em 1853, e o seu retorno da expedição ao lago *Tanganika*, em 1860. A partir deste momento, ele começou a perder status dentro da sociedade, embora continuasse publicando cartas e artigos em seus periódicos. A partir de 1863, as atenções de Burton estariam voltadas, em grande parte, para uma outra sociedade científica, a *Anthropological Society of London* (doravante A. S. L.).

Anthropological Society of London.

Em 14 de janeiro de 1863, uma reunião em Londres marcou a fundação da ASL. Esta fundação foi na verdade resultado da cisão de alguns membros da *Ethnological Society*. A presidência da reunião esteve a cargo de Richard Burton, que se encontrava na Inglaterra durante um dos períodos de licença de seu posto consular na baía de Biafra. O panfleto que apresentava os objetivos a serem perseguidos pela nova sociedade científica rezava:

²⁵ “A carta característica do Capitão Burton será encontrada impressa integralmente na p. 64. Desta forma é desnecessário mostrar mais escárnio do que brevemente aludir a ela. Ele visitou Abeokuta, e seus comentários mostram que, mesmo impressionado com os poderes de produção de algodão do solo, ele tem um ponto de vista menos favorável do que o usual dos progresso civilizado que os habitantes de fato atingiram...” *Proceedings of the RGS* , 1861, vol. 4, p. 49. Negritos meus.

*“To study man in all his leading aspects, physical, mental and historical; to ascertain his place in nature and his relations to the inferior forms of life, and to attain these objects by patient investigation, careful induction, and the encouragement of all researches tending to establish a de facto science of man.”*²⁶

Como se pode notar, os objetivos expressos neste panfleto eram bastante amplos e, segundo Burrow, em razão de sua amplitude, estavam longe de conseguir definir os limites de uma “nova” disciplina científica.²⁷ Entretanto, também pelo grande escopo de interesses, a sociedade acomodou uma grande variedade de perfis intelectuais, crescendo de forma rápida. Entre os membros originais, contavam médicos, membros das sociedades Geográfica, Lineana, Zoológica, Etnológica e, até mesmo um grupo de clérigos.²⁸ Ainda segundo Burrow, a manutenção da unidade de uma sociedade composta com tal

²⁶ “Estudar o homem em todos os seus aspectos principais, físicos, mentais e históricos; determinar seu lugar na natureza e suas relações com as formas inferiores de vida, e alcançar estes objetivos através da investigação paciente, dedução cuidadosa, e encorajamento de todas as pesquisas tendentes a estabelecer *de fato* uma ciência do homem.” com Apud. Burrow, *Evoution and Society*...p. 118.

²⁷ Burrow, *Evoution and Society*..., p. 120.

²⁸ “*Of the original members, or founder Fellows, as they were rather grandly called, were sixty six men with medical degrees – the largest single group; fifty eight Fellows of the RGS , and forty six of the Geological Society. The Linnean and zoological Societies contributed thirty each and the Ethnological Society and the Society of Antiquaries twenty each. There were also twenty brave clergymen. Obviously, except in the case of the medical and clerical, these categories are not mutually exclusive, so the same men appear in several.*” Burrow, *Evoution and Society*..., p. 126. (“Dos membros originais, ou *Founder Fellows*, como eles eram chamados, 66 homens tinham títulos de médico – o maior grupo; 57 membros da *RGS* ; e 46 da sociedade Geológica. As sociedades Lineana e Zoológica contribuíram com 30 cada e a Sociedade Etnológica e a sociedade dos Antiquários com vinte cada. Havia também 20 bravos clérigos. Obviamente, exceto no caso dos médicos e clérigos, estas categorias não são mutuamente exclusivas, desta forma, o mesmo homem aparece em várias delas.”)

heterogeneidade e sem objetivos definidos de forma mais estrita, deveu-se principalmente à atuação de James Hunt, seu idealizador e presidente até a data de sua morte em 1869.²⁹

Diversas razões são oferecidas pela historiografia para justificar a cisão ocorrida no interior da sociedade etnológica, que deu origem à *ASL* durante a década de 1860. Desde o fato de que aquela sociedade começara a aceitar mulheres em seus quadros, causando uma reação por parte dos membros mais tradicionalistas, até características da personalidade de Hunt, que estaria interessado na fundação de uma sociedade na qual pudesse exercer, de fato, um papel de controle.³⁰

Para compreender melhor esta cisão, entretanto, é preciso recuperar a história e as principais filiações sociais e teóricas da *Ethnological Society*, para poder compará-la aos padrões de estudo da antropologia por parte da *ASL*.

Segundo Stocking, a Sociedade Etnológica possuía, em sua fundação no início da década de 1840, profundos vínculos com a “Sociedade para Proteção dos Aborígenes”, e desta forma, desde o princípio, esteve comprometida com uma visão filantrópica e humanista nos estudos das populações não européias.³¹ A figura dominante nas primeiras décadas da etnologia inglesa foi James Cowles Prichard, que embora considerasse os interesses científicos separadamente dos interesses filantrópicos, mantinha-se dentro de paradigmas explicativos bastante influenciados pela bíblia e, desta forma, partindo da premissa da unidade original da ‘raça humana’.

As ferramentas explicativas utilizadas para pesquisar “*into the distinguishing characteristics, physical and moral, of the varieties of mankind which inhabit, or have*

²⁹ James Hunt (1833-1869) era médico anatomista e discípulo de Robert Knox (ver mais à frente). Havia sido membro da *Ethnological Society* desde 1856, da qual fôra secretário entre 1858 e 1862. Defensor da escravidão negra, acreditava que a Inglaterra estava cometendo um grande erro ao defender o fim do tráfico de escravos, uma vez que isto impedia a exportação do excedente populacional africano e piorava a situação do negro no continente. Por estas opiniões, suspeitava-se que ele possuía “algum interesse sinistro na América ou nas Índias ocidentais. Burrow, *Evoution and Society...*, p. 121.

³⁰ Rainger, Ronald. “Race, Politics and Science, the Anthropological Society of London in the 1860s”. *Victorian Studies*, vol. 22, 1978, p. 53.

³¹ Stocking, George. *Victorian Anthropology*. New York: The Free Press, 1987. p. 370.

inhabited, the Earth, and to ascertain the causes of such characteristics”³² eram oriundas da filologia comparada, que por sua vez era em sua maioria difusionista, no sentido em que procurava explicar genealogicamente a diversidade das linguagens humanas a partir de uma origem única. Desta forma, suas explicações eram caracteristicamente históricas, e estavam baseadas de início na crença de que a diversidade ambiental – e por conseqüência a influência do meio ambiente – era a causa maior da diversidade humana.³³ Como se viu na primeira parte deste texto, o próprio Burton em suas primeiras descrições populacionais na Índia e Península Arábica tendia a trabalhar no interior de uma estrutura teórica similar a esta oferecida em linhas gerais pela *Ethnological Society*.

Entretanto, apesar de reconhecidamente estabelecida enquanto instituição científica já na década de 1850, contando inclusive com representação na Sociedade Britânica para o Avanço da Ciência, a *Ethnological Society* passou, na metade desta década, por um período de dificuldades financeiras e de redução bastante sensível no seu quadro de associados, e só começou a reestruturar-se no final da década, contando inclusive com a penetração em seu interior de elementos mais ligados à então chamada antropologia física.

A *Ethnological Society* começou a organizar, durante esta década, uma coleção de crânios humanos e a publicar trabalhos de anatomia comparada. Até mesmo Robert Knox, intelectual pouco respeitado no interior da sociedade no início da década – uma vez que escrevera um livro, *The Races of Men*, em oposição explícita às teorias de Prichard - viria a ser admitido como membro honorário em 1858.³⁴

³² “dentro de características distintivas, físicas e morais, das variedades da humanidade que habita, ou habitou, a Terra, e estabelecer as causas de tais características.” Apud. Stocking. *Victorian Anthropology...*, p. 372.

³³ Stocking, *Victorian Anthropology...*, p. 122 Burrow menciona uma frase do secretário da Sociedade Etnológica em 1855 que explicita bastante claramente este sentido ‘difusionista’: “*It is the task of the ethnologist to trace the migration of races and the process of the formation of nations which preceded what is more strictly termed history*” Burrow, *Evolution and Society...*, p. 122. (“É a tarefa do etnólogo traçar a migração das raças e o processo de formação nas nações que precederam o que é mais estritamente chamado de história.”) Ver também Trautman, Thomas. *Aryans and British India*. Berkeley: University of California Press, 1977.

³⁴ Robert Knox era médico anatomista de formação, a hipótese de seu livro é baseada na crença na diferença intrínseca entre as ‘raças humanas’, as quais para ele são entidades fixas e imutáveis, o que determinaria as

Logo começaria a ficar clara a impossibilidade de convivência entre dois grupos, cujas hipóteses sobre a origem e o desenvolvimento da humanidade estavam assentadas em concepções diametralmente opostas.³⁵

De qualquer forma, a iniciativa da separação partiu de James Hunt, discípulo de Robert Knox, que parecia não estar contente com o conteúdo e a política das publicações da sociedade, da qual participava como secretário. O estopim parece ter sido a publicação de uma série de gravuras representando a população de Serra Leoa.³⁶ Em seu artigo de 1863, Robert Clarke representou os negros libertos de Serra Leoa sob luzes humanitárias acreditando na possibilidade de desenvolvimento e civilização dos africanos. Segundo ele, em Serra Leoa se podia reconhecer de maneira clara a influência do elemento europeu, sendo que sua população seria classificada como “inteligente e industriosa”. Até mesmo a descrição física dos habitantes adquiria tons bastante positivos, os negros eram semelhantes aos europeus quanto à forma do crânio, seus narizes não eram tão achatados e suas faces não tão prognatas. É claro que as gravuras seguiam estes mesmos padrões, o que era totalmente contrário às crenças de James Hunt. Na mesma reunião em que foi decidida a publicação das imagens, ele se desligou da sociedade.³⁷

características sociais, psicológicas e civilizacionais dos diferentes povos do mundo, não havendo desta forma igualdade possível entre ‘selvagens’ e europeus e nem esperança de civilização para a África. Sua influência seria bastante sentida no interior da *ASL*. James Hunt era abertamente um de seus seguidores.

³⁵ Na década seguinte, a *Ethnological Society* tornar-se-ia cada vez mais evolucionista, afastando-se das concepções originais de Prichard. Suas figuras centrais naquele momento, seriam num futuro próximo, os principais nomes da antropologia evolucionista inglesa mais ao final do século, como Lubbock, Tylor, Pitt Rivers, entre outros. Por oposição, a *ALS*. seria um foco de críticas ferrenhas ao darwinismo e às idéias de evolução contidas em suas considerações. Segundo Burrow, isto mostra como o caminho do evolucionismo na Inglaterra não foi livre de percalços, e a história da *ALS*. torna-se importante por recuperar o “lado perdedor” nesta batalha da história intelectual, mostrando que o desenvolvimento da idéia não foi tão suave quanto se pode supor à posteriori.

³⁶ Para uma apresentação mais detalhada sobre Serra Leoa, ver Fyfe, Christopher. “*Freed Slave colonies in West Africa*”, in: Flint, J. (ed.) *The Cambridge History of Africa*, Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

³⁷ Rainger, *Race, Politics...*, p. 56. Nesta altura, Hunt já havia criado *ASL*, uma vez que a discussão sobre a publicação ou não das gravuras já vinha acontecendo desde o ano anterior.

Dessa forma, Hunt propôs a criação de uma sociedade na qual opiniões pudessem ser expressas sem medo de repúdio, onde pudessem ser discutidos livremente quaisquer temas concernentes ao homem e à ‘raça’. De acordo com as palavras de Burton, em seu jantar de despedida antes de embarcar para o Brasil, em abril de 1865, a sociedade significava “um refúgio para a verdade, onde qualquer homem, monogenista, poligenista, eugenista ou disgenista, pode expor a verdade que lhe concerne”³⁸.

Entretanto, a sua fundação havia sido fruto da iniciativa individual de um homem enérgico e ativo. Não havia uma unidade metodológica ou nas concepções sobre a exata definição do termo “antropologia”, nem mesmo entre os seus membros fundadores. Segundo Burrow:

*“The mood of the founders was one of unbounded confidence in the prospects of a science of anthropology combined with a wide diversity of ideas, and in many cases no ideas at all, about the methods appropriate to such a science.”*³⁹

Apesar disto, os autores que analisam as publicações da ASL apontam, em geral, para algumas características que predominavam nas discussões no interior da sociedade. Estas características sugerem um repertório teórico e um programa de pesquisas traçado por oposição às tendências humanitárias e históricas que ainda predominavam na *Ethnological Society*. Segundo o mesmo Burrow, um ponto comum que permeava os questionamentos de todos os membros da sociedade era a dificuldade de generalizar sobre o ‘homem’ no contexto da grande diversidade aparente da ‘natureza humana’.⁴⁰

³⁸ *Antropological Review*, 1865, vol. 3, p. 173.

³⁹ “O Humor dos fundadores era um de confiança nas perspectivas favoráveis de uma ciência da antropologia combinada com uma ampla diversidade de idéias, e em muitos casos, nenhuma idéia, sobre os métodos apropriados para tal ciência.” Burrow, *Evolution and Society...*, p. 119. De fato, esta heterogeneidade e indefinição era reconhecida pelo próprio Hunt que, entretanto, vislumbrava a delimitação mais estrita do sentido de palavras como ‘raça’. Segundo ele – em seu discurso inaugural da sociedade – “*hardly two persons use such an important word as ‘race’ in the same sense*”.

⁴⁰ Ao reconhecer a diversidade da ‘natureza humana’ nas diferentes regiões do globo, um texto anônimo, provavelmente de Hunt, afirmava que se não fosse esta variedade, a própria sociedade antropológica não teria razão de existir. Uma vez que esta diferença existia, precisava ser explicada a partir de observação científica, empírica. Desta forma, segundo Burrow, o principal inimigo comum eram o que eles “consideravam teorias a

A sociedade estava convencida de que as diferenças entre as populações humanas não poderiam ser obras do acaso, como os procedimentos essencialmente históricos e filológicos da *Ethnological Society* pareciam advogar. Tendendo para assuntos médicos e de anatomia comparativa, as publicações da sociedade procuravam demonstrar a fixidez das características raciais reduzindo, cada vez mais, as diferenças entre os tipos humanos à estruturas estáticas e não transformáveis ao longo do tempo, e recusando suposições de influência climática nesta diferenciação.⁴¹

De acordo com as interpretações de Stocking e Rainger, as revistas da *A. S. L.* eram, na prática, publicações particulares de Hunt, sendo que ele acumulava o papel de editor e fazia grande parte da seleção do material a ser publicado.⁴²

Mas as diferenças entre as duas sociedades não se baseavam apenas na metodologia e nas tendências interpretativas, mas também na postura política. Diferente das demais sociedades científicas da época, a *A. L. S.* não se esquivava de colocar em pauta durante suas reuniões assuntos muito controversos, e os debates, por vezes, prolongavam-se por meses. Discussões sobre a eficácia ou não dos estabelecimentos missionários na África Ocidental, por exemplo, ocuparam boa parte das reuniões durante o ano de 1865. Como era de se esperar, a opinião da maioria dos debatedores era contrária ao estabelecimento destas missões, assegurando que eram totalmente infrutíferas. Neste viés, o dinheiro gasto com elas poderia ser investido, com muito mais proveito, no interior da própria Inglaterra.⁴³ Outros assuntos de cunho político também ganharam espaço nas publicações da sociedade neste período. O caso da repressão da rebelião de trabalhadores negros na Jamaica pelo

priori dos utilitários e dos economistas”. E segundo Dunbar Heath, como já se viu, a economia política devia ser baseada na antropologia.

⁴¹ Embora possa ser descrito como uma tendência geral da sociedade, deve-se notar aqui que obviamente divergências surgiam em seu interior, e mesmo Burton colocar-se-ia em dúvida quanto à influência ou não dos fatores climáticos na transformação humana.

⁴² Rainger, Ronald. *Race, Politics and Science...*, Stocking, George. *What's in a Name...*

⁴³ O fato de o debate contar inclusive com respostas e participação de missionários, ou com opiniões favoráveis às missões, só vem acrescentar à hipótese de que havia grande heterogeneidade entre os seus membros.

então governador Eyre⁴⁴ – ele mesmo membro da A. S. L. – suscitou debates no interior da sociedade, sendo a opinião geral amplamente favorável à ação repressora empregada por Eyre.⁴⁵

Burton e o *Cannibal Club*.

Burton, como se viu, havia presidido a primeira reunião da A. S. L. e, apesar de ter passado a maior parte da década de 1860 fora da Inglaterra, foi um dos membros importantes da sociedade durante seu período de existência. Apesar disto, ele não concordava com todos os preceitos mais radicais da antropologia física, tais como a fixidez do tipo racial e apresentava certa ambigüidade quanto a idéia da origem múltipla da humanidade. Para Burton, a A. S. L. fornecia um fórum de discussão onde era possível expor idéias pouco ortodoxas, como pode-se notar em suas próprias palavras, além disto, também combinava politicamente com sua posição conservadora. Segundo Brantlinger, Burton era um aristocrata marginal e a sua visão racialista do africano como uma classe trabalhadora natural e submetida ao europeu ecoa certa nostalgia do domínio da aristocracia sobre a classe trabalhadora na Inglaterra. Ainda segundo o mesmo autor, Burton chegou a defender inclusive uma rejeição às instituições democráticas e um retorno à uma monarquia

⁴⁴ A rebelião em Morant Bay, Jamaica, resultou na morte de mais de 400 trabalhadores negros. O governador Eyre, com larga história na burocracia da administração colonial – havia sido governador na Austrália e Nova Zelândia em décadas anteriores – foi chamado de volta à Inglaterra, acusado de abuso de poder. Debates sobre a sua atuação tiveram lugar em vários fóruns de discussão em Londres do período. O governador acabou inocentado. Para um estudo sobre a rebelião, ver Heuman, Gad. *The Killing time: the Morant Bay rebellion in Jamaica*. London: McMillan, 1994.

⁴⁵ Também entra neste contexto as discussões sobre a guerra da secessão nos EUA. Novamente, em linhas gerais, a sociedade se manifestava favoravelmente aos confederados escravistas do Sul dos EUA. Segundo Cordiviola, Henry Hotz, representante do Sul confederado, então na Inglaterra, foi admitido como membro honorário da ASL, freqüentando suas reuniões. Cordiviola, Afredo. *Richard Burton, a Traveller in Brazil*. New York: Edwin Mellen Press, 2000.

mais forte em um texto de 1876, intitulado *Labours and Wisdom*, publicado juntamente com sua biografia escrita por Isabel Burton na década de 1890.⁴⁶

A ASL parecia o lugar ideal para um homem como Burton manifestar suas opiniões idiossincráticas, a própria sociedade defendia inclusive, em suas publicações, o direito de expressão de um de seus mais simbólicos membros. Em 1866, o *Journal of ASL* escreveu em suas páginas que “*um Burton pode ser permitido racionalizar, mas um Livingstone deve apenas descrever, e ainda estará sujeito ao erro.*”⁴⁷

Mas mesmo nas publicações da ASL não havia espaço para a expressão de todas as particularidades de Burton. Este problema foi contornado, no entanto, com a criação de um grupo ainda mais reduzido de membros da sociedade, que realizava reuniões separadas e se auto intitulava *The Cannibal Club*. Este clube funcionava como um espaço para a discussão e publicação, em circuito restrito, de temas relacionados à sexualidade e à pornografia. Tratava-se de um círculo bastante fechado, composto principalmente por homens pertencentes à elite social inglesa, que compartilhavam o interesse sobre temas considerados tabus, mesmo nas heterodoxas discussões da ASL. O clube contava entre seus membros com parlamentares, como Richard Molkton Milnes - mais tarde Lord Houghton – e outras pessoas com ligações políticas importantes, mas que todavia se escondiam sob pseudônimos nas publicações, pois sabiam que seus escritos seriam considerados pornográficos na moralista Inglaterra vitoriana.

Segundo Sigel, a posição de elite de seus participantes, a circulação limitada de seus textos - editados em poucas cópias e com preços muito elevados – a identificação de assuntos de interesse comum, que não podiam circular na socialmente e as tendências políticas conservadoras, eram todos elementos que se articulavam no processo de criação de uma identidade para o grupo dos “*Cannibals*”. Vale ressaltar que, embora estes

⁴⁶ Brantlinger, Patrick. *Rule of Darkness. British Literature and Imperialism, 1830-1914*. Ithaca: Cornell University Press, 1988, p. 170. Não deixa de ser interessante notar a tendência de ampliação do sufrágio na Inglaterra ao longo do século XIX, com os *Reform Acts* de 1832 e 1867 e finalmente de 1885, que estenderam, mesmo que de maneira limitada, a participação política à classe trabalhadora.

⁴⁷ O texto desta citação provavelmente é de Hunt, que tinha claras preferências pela imagem que Burton fazia dos africanos, em detrimento das concepções humanitárias de Livingstone. A imagem de Burton nas publicações da sociedade era a de um erudito e ‘cientista’, que juntava estas qualidades à do explorador, razão pela qual à ele poderia ser *permitted to rationalize*.

elementos construíssem uma identificação assentada no sentimento de exclusão e diferença com o corpo social mais amplo, também tendiam a reforçar as rígidas divisões da sociedade vitoriana.⁴⁸

Desta forma, os membros do *Cannibal Club* colocavam-se em posição de superioridade frente às mulheres, às classes trabalhadoras e, sem sombra de dúvida, às populações não européias, que no caso de Burton eram a fonte de suas maiores curiosidades sexuais.

Segundo Sigel:

*“These men collective biography demonstrates how position and relative wealth allowed them the opportunity to think about sexual matters, buy artifacts of their choice, see the world, or as much of it as they chose, and write about what they saw and wanted to see. In addition to their influence on the arts and sciences, they represented the state through their affiliations with parliament, the courts the F.O. , and the military. They had the capacity to create, administer, and adjudicate social policy both at home and abroad.”*⁴⁹

É importante notar que a construção de uma identidade comum entre elementos de posição social elevada reafirmava as estruturas sociais vitorianas ao excluir de seu grupo a parcela econômica e socialmente desfavorecida da sociedade vitoriana. Este isolamento constituía um campo de liberdade para que as asserções sobre a sexualidade das populações não européias pudessem ser afirmadas em um discurso que reclamava cientificidade e empiricismo, ao mesmo tempo em que equalizava sexo e biologia.

Este lugar de enunciação, por sua vez, possibilitava a representação dos não europeus em termos que suprimiam o sentido cultural de suas práticas às condições “biológicas” determinantes, e desta forma,

⁴⁸ Sigel, Lisa S. *Governing Pleasures, Pornography and Social Changes in England, 1815 – 1914*. London: Rutgers University Press, 2002, p. 51.

⁴⁹ “A biografia coletiva destes homens demonstra como a posição e a relativa riqueza permitiu-os a oportunidade de pensar sobre questões sexuais, comprar artefatos de sua escolha, ver o mundo, ou o máximo dele que escolhessem, e escrever sobre o que viram e quiseram ver. Além de sua influência nas artes e ciências, eles representaram o estado através de suas filiações com o parlamento, as cortes, o *F.O.* e os militares. Eles tiveram a capacidade de criar, administrar e pregar uma política social tanto em casa como longe dela.” Sigel, L. *Governing Pleasures...*, p. 58.

*“...this willful blindness to the cultural practices and multiple meanings of sexuality hindered the Anthropologists’ ability to observe and theorize about sexuality at its most concrete level. The rejection of cultural explanations convoluted their attempts to get at ‘the truth, the whole truth’ (to use Burton’s phrase)”*⁵⁰

É interessante notar que, as supracitadas sociedades foram os principais espaços de publicação e circulação dos textos de Burton, durante o período mencionado nesta pesquisa. Para analisar de forma mais precisa os textos publicados pelo autor nestes diferentes fóruns de discussão procurou-se sinalizar nos tópicos anteriores, as diretrizes teórico-metodológicas gerais de cada uma delas. Além disto, destacou-se também a relação de Burton com estas instituições, qual a imagem que as sociedades faziam de Burton e, por outro lado, qual a idéia de Burton sobre elas.

Por outro lado, é preciso também procurar compreender as representações de Burton sobre a África refletindo sobre a posição social que este autor ocupava dentro da estrutura social da Inglaterra, questionando até que ponto seus textos podem ser vistos como reflexos desta. Como já se viu, os discursos sobre as populações ‘negras’ estava passando por alterações profundas, nas décadas de 1850 e 1860, e influenciando desta forma nas imagens constituídas sobre o continente africano. Mas até que ponto estas representações do “outro” africano pode ser vista como resultado de transformações na estrutura social inglesa?

Estratificação social e representação racial.

Atoinette Burton, num artigo intitulado “*Who needs the Nation?*”, aborda uma questão conceitual importante para as reflexões propostas neste trabalho. A pergunta indicada no título põe em cheque a própria idéia de uma cultura nacional inglesa pensada dentro dos moldes do nacionalismo. A idéia desenvolvida pela autora é que não há uma

⁵⁰ Esta cegueira desejosa à praticas culturais e significados múltiplos da sexualidade bloqueou a habilidade dos “atropológicos” para observar e teorizar sobre sexualidade em seus níveis mais concretos. A rejeição de explicações culturais perverteu suas tentativas de chegar “à verdade, toda a verdade” (para usar a frase de Burton).” Sigel, L. *Governing Pleasures...*, p. 72.

“Inglaterra” de um lado, com uma “*englishness*” essencial, e o “Império” isolado de outro, mas ambos existem em conjunto formando ideologicamente o próprio espaço de representação possível desta “*englishness*”.⁵¹

Segundo ela, não se pode negar que houve até recentemente a circulação da idéia de que “*Home*” e “*Empire*” foram esferas culturais separadas, em suas palavras:

“*Clearly, the persistent conviction that home and empire were separate spheres cannot be dismissed as just any other fiction.*”⁵²

Partindo do argumento de A. Burton, torna-se necessário pensar a Inglaterra/Nação/Bretanha e império como partícipes de *um* movimento histórico, embora crivado de contradições. Os processos de expansão imperial e colonial e suas contradições, desta forma, seriam parte constituinte e importante do movimento que define ideologicamente o conceito de Inglaterra/Nação/Bretanha.⁵³

Embora o argumento de A. Burton tenha um caráter historiográfico, ou seja, volte-se para a representação da Inglaterra como nação na historiografia até tempos bem recentes, esta representação encontra ressonâncias em imagens da nação que estavam em discussão ao longo do século XIX.

Hoje parece relativamente claro, especialmente em face aos argumentos de Edward Said em *Orientalismo*,⁵⁴ que as construções das diferenças entre as ‘raças’, ou seja, a determinação da identidade do “Outro”, é parte do mesmo processo de definição da própria nacionalidade/identidade européia, ou neste caso específico, inglesa. Porém, mesmo esta

⁵¹ Burton, Antoinette. “Who Needs the Nation?”, in: Hall, Catherine. *Cultures of Empire, A reader. Colonizers in Britain and the empire in the nineteenth and twentieth centuries*. Manchester: Manchester University Press, 2000. pp. 137-153.

⁵² Burton, Antoinette, *Who Needs the Nation?...* p. 140. (“Claramente, a convicção persistente de que lar e império eram esferas separadas não pode ser desconsiderada tal como qualquer outra ficção”).

⁵³ Neste sentido, é interessante pensar no argumento de Gauri Viswanathan, de que o próprio cânone literário inglês definiu-se ao longo do início do século XIX justamente em razão de necessidades imperiais de administração educacional na Índia. Ou seja, um importante elemento definidor da identidade inglesa, a escolha das obras literárias supostamente representativas da nacionalidade, foi uma demanda da administração imperial na Índia. Viswanathan, Gauri. *Masks of Conquest. Literary Study and British Rule in India*, New York: Columbia University Press, 1989.

⁵⁴ Said, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

definição não contém apenas a oposição dual entre Europeu e não Europeu. Ela precisou lidar não apenas com o “outro” externo e colonial, mas também com “outros” internos, tais como as mulheres e trabalhadores fabris ingleses por exemplo.

Num projeto conservador na Inglaterra, em parte da segunda metade do século XIX, o desejo de manutenção de uma rígida estrutura hierárquica no interior da sociedade inglesa acabou gerando uma aproximação conceitual nas representações dos “inferiores sociais” internos tais como trabalhadores fabris, mulheres e externos, tais como povos colonizados e escravos africanos. De fato, apresentando uma discussão sobre a representação da mulher no século XIX, Joanna de Groot sugere que:

*“... there are not only similarities but structural connections between the treatment of women and of non-Europeans in language, experience and imaginations of Western men. The structural link is constructed around the theme of domination/subordination both to nineteenth-century masculine identity and to the Western sense of superiority.”*⁵⁵

Tendo em mente estas considerações, parece interessante refletir sobre o trabalho de Douglas Lorimer sobre as atitudes britânicas para com o negro no século XIX, em *Color, Class and the Victorians*.⁵⁶ O argumento é que a representação do negro na Inglaterra neste período é credora das transformações na estrutura social inglesa, tendo sido um reflexo dos embates sociais no país e de posições políticas conservadoras (aristocráticas) nas quais uma ‘gentlemanly’ vislumbrava seu status social ameaçado e em sua defesa desenvolveu representações de exclusão dos trabalhadores e das classes baixas, que posteriormente se estenderam aos negros, identificados ao trabalho manual e à escravidão.

⁵⁵ Groot, Joanna de. “ ‘Sex’ and ‘Race’: the construction of language and image in the nineteenth century”. In: Hall, Catherine. *Cultures of Empire, A reader. Colonizers in Britain and the empire in the nineteenth and twentieth centuries*. Manchester: Manchester University Press, 2000. pp. 37-60. (“...não há apenas similaridades mas conexões estruturais no tratamento das mulheres e não europeus na linguagem, experiência e imaginações dos homens ocidentais. A ligação estrutural é construída em torno do tema da dominação/subordinação ambos à identidade masculina do século XIX e ao sentido de superioridade ocidental”). A autora nota também similaridades entre as representações das mulheres e da classe trabalhadora inglesa.

⁵⁶ Lorimer, Douglas. *Colour, Class and the Victorians, English Attitudes to the Negro in the Mid Nineteenth Century*. London: Leicester University Press, 1978.

Segundo Lorimer, no final do século 18 e na primeira metade do século XIX, o tratamento recebido por indivíduos negros na Inglaterra esteve muito mais relacionado às suas posições sociais do que à sua cor. O que ele argumenta é que a discriminação era por condição social e não pela ‘raça’. Desta forma, africanos que dispunham de bagagem educacional e de condições financeiras razoáveis recebiam na Inglaterra tratamento semelhante a outros estrangeiros nas mesmas condições, independente da cor da pele. Um dos exemplos individuais mencionados pelo autor é o caso de Samuel Crowther, de origem Yoruba, que tornou-se o primeiro bispo anglicano negro da história.⁵⁷

Entretanto, segundo ele a imagem do negro em geral na Inglaterra, em razão das experiências coloniais nas Índias Ocidentais e da situação na América do Norte, foi cada vez mais sendo associada à do escravo e não ao “selvagem” africano, e desta forma, por volta da metade do século XIX:

*“Blacks become identified with labouring tasks and the lower orders, and, in the process of a respectable people, extended conventional attitudes toward their social inferiors in England to all Negroes.”*⁵⁸

Finalmente, quando o autor procura discutir os desenvolvimentos “científicos” sobre as questões raciais na segunda metade do século XIX – que tradicionalmente são lidos como perfazendo a construção de um material ideológico de justificação e legitimação do controle imperial – ele novamente procura inverter a explicação mais tradicional. Segundo ele:

“It would appear that science followed rather than led opinion on the racial question. Earlier in the nineteenth century, science acted as the servant of humanitarian orthodoxy. During the 1860s, scientists, in common with other

⁵⁷ Lorimer, *Color, Class and the Victorians...*, capítulo 2. O tratamento para com Crowther só começaria a mudar ao longo da década de 1860, dadas as transformações em curso no processo nas atitudes para com o negro, resultantes, segundo o autor, de mudanças internas na sociedade inglesa.

⁵⁸ Lorimer, *Color, Class and the Victorians...*, p. 92 (“Pretos tornaram-se identificados com tarefas de trabalho e com as ordens sociais mais baixas, e no processo de um povo respeitável, estenderam as atitudes convencionais relativas aos seus inferiores sociais na Inglaterra à todos os Negros.”)

*educated gentlemen, experienced a change in social outlook which in turn resulted in a hardening of racial attitudes.”.*⁵⁹

Esta inversão, entretanto, apresenta um problema conceitual semelhante ao notado por Antoinette Burton, qual seja, observa “império” e “Inglaterra” como esferas distintas de produção discursiva e cultural. No caso de Lorimer, há uma clara afirmação da predominância de fatores “internos” ingleses sobre questões tradicionalmente associadas à expansão imperial (como a construção dos conceitos de ‘raça’ por exemplo.)

A despeito disto, este enfoque, ao realizar esta inversão e trazer para a arena fatores “internos” à sociedade inglesa como importantes para o desenvolvimento da “ciência” racial, abre espaço para pensar na representação do não europeu – mais especificamente neste caso, do negro – como um movimento dialógico, ou seja, a construção da imagem do “outro” como relacional, não apenas como resultado da expansão imperial e de sua necessidade de legitimação, mas também como credora das transformações sociais na “metrópole”⁶⁰

Na historiografia sobre a “antropologia” do século XIX ou sobre as representações raciais na Inglaterra, há um consenso sobre uma profunda transformação ocorrida por volta da metade do século XIX. As reflexões sobre o negro passaram de um padrão mais humanistas e simpático para um mais antipático e determinista, que freqüentemente aparecem associados respectivamente à *London Ethnological Society* e à *Anthropological Society of London*.⁶¹

⁵⁹ Lorimer, *Color, Class and the Victorians...*, p. 149. (Parece que a ciência antes seguiu do que liderou a opinião sobre a questão racial. Mais cedo no século dezenove, a ciência agiu como serva da ortodoxia humanitária. Durante a década de 1860, cientistas, em comum com outros *gentlemen* educados, experimentaram uma mudança na perspectiva social que por sua vez resultou num endurecimento das atitudes raciais.”)

⁶⁰ Uso os termos “interno” e “metrópole” entre aspas justamente por que o argumento que desejo introduzir é que não há isolamento entre ‘centro’ e ‘periferia’ mas sim um único processo que interage na configuração destas idéias.

⁶¹ Stocking, George. *Victorian Anthropology*. New York: The Free Press, 1987, Sol, Tax. “The settings of the Science of Man”. *Horizons of Anthropology*. Chicago: Albion, 1964, Stepan Nancy. *The Idea of Race in Science*. Oxford: MacMillan, 1987, Burrow, J. W. “Evolution and Anthropology in the 60s: The Anthropological Society of London”, *Victorian Studies*, vol. 7, dezembro de 1963, entre outros.

Lorimer, como se viu explica esta transformação como sendo uma resposta ao desenvolvimento de fatores internos à sociedade inglesa, enquanto Stocking, Stepan, Tax, Burrow, entre outros, estiveram preocupados em recuperar estas transformações a partir principalmente da história intelectual das sociedades científicas e suas respostas à acontecimentos coloniais e desenvolvimentos imperiais.⁶²

Cristine Bolt, em *Victorian Attitudes to Race* procura discutir alguns dos elementos que segundo ela são importantes para explicar esta mudança de atitudes em relação ao não-europeu na Inglaterra. Entre estes elementos, pode-se mencionar o Motim Indiano de 1857, a rebelião de *Morant Bay* na Jamaica em 1865, a guerra da secessão nos EUA no início da década de 1860, entre outras.⁶³ Como se pode perceber, são eventos relacionados principalmente às colônias ou ex-colônias inglesas, entretanto, o livro de Bolt tem como objetivo refletir não unicamente sobre as opiniões de uma elite intelectual, mas sim principalmente sobre as representações da classe média que segundo ela eram a base de uma opinião pública influente nas decisões governamentais inglesas. Em suas palavras:

*“British attitudes and responses to colonial and American developments, in fact, have a logic of their own, and, however inaccurate it may have been, public opinion frequently influenced public policy or resulted in some sort of practical activity in the areas concerned”*⁶⁴

Desta forma, esta autora relaciona as atitudes para com ‘raça’, as representações raciais, e as posturas sociais frente ao não-europeu à duas esferas diferentes. De um lado,

⁶² Isto não quer dizer que estes autores não procuraram notar os eventos e processos que possivelmente teriam influenciado nas transformações destas representações, apenas que o objetivo principal de seus trabalhos foi mais freqüentemente traçar as afinidades conceituais e a história intelectual dos teóricos raciais.

⁶³ Bolt, Cristine, *Victorians Attitudes to Race*. London: Routledge and Kegan Paul, 1971. O Motim indiano (*Sepoy Mutiny*) de 1857 foi uma rebelião dos soldados nativos que estavam a serviço da Companhia das Índias Orientais. A repressão ao motim foi realizado em conjunto pela companhia e por uma parcela do exército inglês, e o episódio resultou no final do controle da colônia indiana pela Companhia, passando a ser este controle exercido diretamente pela coroa.

⁶⁴ Bolt, Cristine, *Victorians Attitudes to Race...*, p. XI prefácio. (“Atitudes e respostas britânicas à desenvolvimentos coloniais e americanos, de fato, tem uma lógica própria, e, por mais imprecisa que possa ter sido, a opinião pública freqüentemente influenciou as políticas públicas ou resultou em algum tipo de atividade prática nas áreas relacionadas.”)

acontecimentos no âmbito colonial e imperial e, de outro, a configuração de uma opinião pública na Inglaterra, que revelava-se importante de alguma forma no direcionamento das próprias políticas coloniais e imperiais. Bolt também não deixa de notar que um dos sucedâneos deste processo foi a comparação conceitual entre trabalhadores fabris ingleses e negros escravos ou ex-escravos nas colônias britânicas e no sul dos Estados Unidos e o receio de uma rebelião dos trabalhadores dentro das fronteiras inglesas tal como se temia uma rebelião negra nas colônias ou regiões escravistas.⁶⁵

De fato, Brenda Mackay recupera uma passagem da *Saturday Review* que evoca este sentimento conservador de receio e conseqüentemente a vontade da manutenção ou instituição de uma estratificação social forte e bastante definida tanto na Inglaterra quanto nas regiões coloniais. Em janeiro de 1864, aparecia publicado nesta revista a seguinte passagem:

*“The English poor men or child is expected always to remember the condition in which God has placed him, exactly as the Negro is expected to remember the skin which God has given to him. The relations in both instances is that of perpetual superior to perpetual inferior, or chief to dependant, and no amount of kindness or goodness is sufficed to alter this relation.”*⁶⁶

Mckay também considera a guerra da secessão, o motim indiano, e a rebelião jamaicana como fatores importantes para a mudança nas atitudes raciais inglesas neste

⁶⁵ De fato, na discussão que teve lugar na Inglaterra sobre a guerra da secessão americana, Bolt mapeia a atitude expressa nos jornais britânicos e vislumbra uma maioria das opiniões contrárias à extensão total dos direitos de liberdade civil – leia-se direito à voto – para os negros. Ela avalia estas opiniões como oriundas de um conservadorismo inglês que temia uma transformação social mais radical dentro da própria Inglaterra. Assim, cita um periódico inglês que faz a seguinte asserção: “Just as our radicals seek to destroy in the House of Commons the influence of the landed interest and the conservative classes. The American radicals make the negro their stalking-horse, just as our radicals use the working men.” Bolt, *Victorians Attitudes...*, p.63.

⁶⁶ Citado por Mackay, Brenda. *George Eliot and Victoran Attitudes to Racial Diversity, Colonialism, Darwinism, Class, Gender, and Jewish Culture and Prophecy*, Lewiston, Queensland, Lampeter: The Edwin Meller Press, 2003. p. 276 (“Espera-se do homem ou criança inglesa pobre que sempre se lembre da condição na qual Deus o colocou, da mesma forma que espera-se do negro que lembre-se da pele que Deus lhe deu. A relação em ambas as instâncias é aquela de um perpétuo superior para um perpétuo inferior, ou chefe para dependente, e nenhuma quantidade de bondade ou gentileza é suficiente para alterar esta relação.”)

período mas, inspirando-se na interpretação de Lorimer, enfatiza que “mais importante” é que os “selvagens” eram sempre vistos como análogos à classe operária inglesa, e ambos eram representados pela parcela aristocrática e conservadora como “inferiores e potencialmente explosivos ao passo que os privilégios sociais eram erodidos” desta forma, “a civilização ela mesma poderia estar em jogo”⁶⁷

Enfim, nota-se entre os trabalhos brevemente apresentados aqui, uma diferença de ênfase entre elementos “externos” e “internos” como mais ou menos importantes como formadores das opiniões e atitudes inglesas frente à ‘raça’ e aos não europeus no século XIX. Mas de fato, para as reflexões deste trabalho, não interessa procurar estabelecer relações causais explicativas sobre o fenômeno de transformação nas representações raciais inglesas no período. É importante sim pensar nestas transformações como índices de um processo histórico abrangente, que engloba Inglaterra e Império, bem como suas relações de influência comercial e política ao redor do globo.

Neste sentido, as enunciações de Richard Burton novamente oferecem um interessante ponto de análise. Burton, como se viu tinha preferências políticas conservadoras e defendia uma sociedade fortemente estratificada, mesmo assim servia dentro de uma estrutura burocrática de governo nominalmente liberal. Além disto, esteve durante grande parte de sua vida em contato com as regiões ‘fronteiriças’ da administração britânica e diretamente envolvido na produção da “antropologia” científica inglesa justamente na década de 1860, momento crucial de transformação segundo a bibliografia.

Ora, é possível inferir desta forma que nos textos de Burton as questões sociais “internas” à Inglaterra, bem como projeções de políticas e atitudes imperiais vinculadas à caracterização do “outro” não europeu certamente estiveram conectadas de forma profunda e inseparável.

⁶⁷ Mckay, Brenda. *George Eliot and Victorian Attitudes...*, p. 66 Segundo esta autora, esta visão era impulsionada em geral pelos embates trabalhistas violentos na Europa de 1848, e mais especificamente pela discussão da segunda Reform Bill, de 1867, que ampliaria o direito de voto na Inglaterra reduzindo as exigências pecuniárias.

Capítulo 4:O lugar de Burton na África.

O período consular de Burton na África Ocidental.

Quando de sua indicação como cônsul inglês para a baía de Biafra, em abril de 1861, Burton passava por um período de contradições na esfera de suas relações institucionais e sociais. Se por um lado, cerca de dois anos antes ele havia chegado de uma expedição épica à África Central, que lhe granjeara um aumento de sua fama institucional como explorador, logo suas desavenças com John Speke e suas posturas sobre a hidrografia e etnografia africanas causaram-lhe a perda de status dentro da RGS.¹ No âmbito social, as coisas pareciam diferentes. Em sua festa de casamento com Isabel Arundell, em janeiro de 1861, esteve presente a mais alta sociedade de Londres, contando inclusive com a presença do próprio primeiro ministro Palmerston. Esta festa deu início a meses de participações constantes em recepções da aristocracia londrina – num circuito antes desconhecido por Burton – até agosto de 1861, data de sua partida para Fernando Pó.²

Assim, a partida de Burton para seu posto consular o fazia deixar para trás esta sociedade da qual aparentemente nunca desfrutara antes, mas por outro lado, como já se notou, oferecia a perspectiva de “enfilar os molares no pão governamental” do qual só tinha “lambido as migalhas” até então,³ mostrando já uma perspectiva equivocada da posição consular.

O texto que segue procura apresentar em ordem cronológica de produção o discurso de Burton durante sua atuação como cônsul inglês na baía de Biafra. Entretanto, é preciso notar que os textos comparados, a saber, cartas, relatórios consulares, artigos científicos e livros de viagem, são de caráter diferente embora versem sobre o mesmo tema. Estes diferentes suportes muitas vezes foram escritos em diferentes períodos, com intervalos de alguns meses ou até mesmo anos no que diz respeito as respectivas datas de publicação. Sendo assim, os relatos e artigos estão inseridos no texto fora de uma ordem cronológica,

¹ No ano de 1860, Burton fez uma inesperada viagem para a América do Norte que, segundo Edward Rice teria sido realizada justamente para fugir desta situação desagradável em Londres. Rice, *Richard Francis Burton...*, p. 340.

² Broadie, Fawn. *The Devil Drives*, New York: Norton, 1984. p. 215.

³ Burton a Milnes, *Houghton Papers*, 20/03/1861.

seguindo as datas de publicação. Sempre que possível procurar-se-á sugerir em quais períodos tais textos parecem ter sido escritos.

O livro *Wanderings in West Africa*⁴ é, desta forma, o primeiro texto que será mencionado aqui, pois pode permitir vislumbrar o estado de espírito de Burton para com a população e o continente africano no momento de sua partida. Apesar de ter sido publicado apenas em 1863, o relato descreve a viagem de navio de Burton, de Liverpool à Fernando Pó, quando pela primeira vez ele esteve em contato com a África Ocidental, após longos anos de experiência na parte leste do continente. A narrativa do livro segue a ordem dos portos nos quais o navio *Blackland* da *African Steamship Company* parou ao longo da viagem. Cada parada traduz-se num novo capítulo, embora muitas vezes a estada do navio no porto não ultrapassasse mais do que algumas horas. Tal característica demonstra a prolixidade de Burton neste texto, recheado de digressões, apresentando suas opiniões sobre a África, muito mais do que descrições e narrativas minuciosas, as quais eram típicas de seus outros relatos de viagem.⁵

Logo a princípio, fica claro que as concepções do autor sobre a África não eram credoras da tradição humanitária que prevalecera na Inglaterra até o início da década de 1850. O livro é dedicado “aos verdadeiros amigos da África – não ao ‘filantropo’ ou a ‘Exeter Hall’”. De fato, as representações que Burton fez da colônia de Serra Leoa, a menina dos olhos dos filantropos ingleses em conjunto com as Índias Ocidentais, surgiam em tons bastante rudes, com uma epígrafe que em si é bastante significativa disto:

*“I have travelled east, I have travelled west, north an south, ascended mountains, dived in mines, but I never knew and never heard mention of so villainous or iniquitous a place as Sierra Leone. I know not where the Devil’s posta restante is, but the place surely must be Sierra Leone.”*⁶

O capítulo inteiro sobre Serra Leoa, com quase cem páginas, é um conjunto de ataques aos negros, em especial aos que ele denominava ‘semi-civilizados’, formados nas

⁴ Burton, Richard, *Wanderings in West Africa*, London, Tinsley Brothers, 1863.

⁵ Ver o capítulo 1 deste texto, especialmente as descrições dos beduínos na península arábica como exemplo.

⁶ “Eu viajei para o leste, viajei para o oeste, norte e sul, subi montanhas, mergulhei em minas, mas nunca conheci nem ouvi menção de um lugar tão vil ou pecador como Serra Leoa. Eu não sei onde é a posta-restante do Diabo, mas o lugar deve certamente ser Serra Leoa.” Burton, *Wanderings...*, vol. 1, p. 193.

escolas missionárias da colônia, ou mesmo, que haviam estudado na Inglaterra. Recheado de afirmações sobre a inferioridade negra, e de críticas aos filantropos que, ao colocarem negros e brancos em igualdade total acabavam, em sua opinião, por exacerbar os vícios inerentes à raça negra e tornar a vida dos brancos praticamente insuportável.⁷

É Importante ressaltar que a estadia de Burton em Serra Leoa foi de três dias, e durante este tempo, ele esteve em contato com um dos membros da suprema corte da colônia, Mr. Marston. Este intercurso – além das concepções já negativas sobre raça e miscigenação⁸ – com certeza ajudou Burton a formar sua opinião sobre a colônia. As posições de Marston parecem ser bastante próximas das expressas por Burton com relação à situação em Serra Leoa. De fato, Burton menciona uma história contada pelo próprio Marston sobre uma multa de 50 libras, a qual foi condenado a pagar como indenização por haver espancado um negro. Em sua versão, e logo na de Burton, apenas após ter pedido várias vezes para que o africano se retirasse de sua propriedade é que aplicou o castigo físico (“*sem violência desnecessária, entretanto*”) do qual foi considerado culpado.⁹ Já na versão do advogado que defendeu o africano, Marston não apenas agrediu de forma desmedida o citado africano, mas sua conduta era reiteradamente de explorar a sua posição de poder frente aos serra leoneses – muitas vezes com intenção de ganhos pecuniários – explicitando, assim, o porquê de sua recusa em aceitar a condição de igualdade entre negros e brancos perante a lei em Serra Leoa.¹⁰

⁷ As acusações são genéricas como : “the Sierra Leone man is an inveterate thief; he drinks, he gambles, he intrigues, he **over dresses himself**, and when he has exhausted his means, he makes master pay for all.” (negritos meus)p 239. (O homem de Serra Leone é um ladrão inveterado, ele bebe, ele joga, ele faz intrigas ele se veste de forma excessivamente garbosa, e quando seu dinheiro se esgota, ele faz o seu mestre pagar por tudo”). Interessante notar a passagem em negrito. Burton parece ficar profundamente irritado com a prática dos negros de se vestirem à européia. Isto sugere uma impossibilidade de aceitar qualquer nível de igualdade, mesmo nas vestimentas, entre negros e brancos.

⁸ Ver primeiro capítulo deste texto.

⁹ Burton, *Wanderings...*, vol 1, p 215.

¹⁰ Rainy, W. *The Censor Censured...* London, Geo. Chalfont, 1865. Este panfleto virulento tem como alvos específicos o próprio Burton em suas representações de Serra Leoa, bem como Marston. Desta forma, há que se considerar a tendenciosidade deste testemunho. De qualquer forma, é importante notar uma das fontes das quais Burton retira suas opiniões sobre a situação de Serra Leoa.

Mas segundo Burton, o estado das coisas em Serra Leoa não poderia ser pior. Mesmo reconhecendo que pintava um quadro bastante negativo frente ao leitor europeu, ele afirmava que:

If the reader believes that I have exaggerated the state of things at Sierra Leone, he is mistaken; the sketch is under, rather than over drawn.”¹¹

O estado de ânimo excessivamente negativo do autor com relação à colônia de Serra Leoa deixa bastante clara sua opinião sobre os objetivos filantrópicos que ainda existiam sobre a possibilidade de ‘civilização’ do continente africano. A sua representação do negro também não surgia em tons favoráveis neste momento. A população ‘negra’ aparece em suas “considerações antropológicas” dividida em dois grupos principais, definidos significativamente como “nobre” e “ignóbil”.¹² A parte nobre – composta em grande parte pela população norte africana, “semitizada” devido à migrações árabes – mostrava-se muito superior à porção “ignóbil”, representada pelos aborígenes e sujeita a todas as formas de desqualificação. Os instrumentos teóricos de Burton neste momento apresentavam-se bastante compósitos. Desta forma, aparecem por um lado termos como “seleção de espécies”,¹³ caracterizações difusionistas e assentadas em suposições lingüísticas para traçar a origem de diferentes populações¹⁴, que supostamente dão suporte a interpretações monogênicas e evolucionistas. Isto porque a suposição da diferenciação física e cultural ao longo do tempo em razão de migrações das populações para regiões de climas e condições naturais diferentes, pressupõe uma origem humana única, e também porque o termo ‘seleção de espécies’ é uma clara referência à Darwin e seu livro homônimo publicado quatro anos antes. Por outro lado, no entanto, há também sugestões sobre as diferenças intransponíveis entre as raças em especial na caracterização da porção “ignóbil” da população, além de menções sobre uma suposta “escala da criação”¹⁵. Estas suposições e

¹¹ “Se o leitor acha que eu exagerei no estado das coisas em Serra Leoa, ele está errado. O esboço está antes sub do que super dimensionado.” Burton, *Wanderings...*, vol 1, p. 221.

¹² A própria caracterização de “antropológicas” já faz notar uma diferença, pois até o relato anterior, Burton preferia a nomenclatura “etnológica”. Ainda em *Lake Regions of Central Africa*, seu livro anterior, há vários capítulos denominados “Geografia e *Etnologia* da região”

¹³ Burton, *Wanderings...*, vol. 1, p. 210.

¹⁴ Burton, *Wanderings...*, vol. 1, p.115 e seguintes.

¹⁵ Burton, *Wanderings...*, vol. 2, p. 24.

terminologia apontam para interpretações poligênicas e não evolucionistas, uma vez que o termo “escala de criação” parece implicar que as diferenças entre as populações existiram desde sua origem.

Aparentemente, o autor tinha um alvo específico a atingir na redação deste capítulo: a situação de igualdade sócio-política entre negros e brancos em Serra Leoa. Como foi possível notar, não lhe parecia aceitável qualquer possibilidade de igualdade entre negros e europeus, nem mesmo o fato de vestirem-se à européia, quanto mais a idéia de um europeu ser julgado por um juiz mulato e por júri composto de negros.¹⁶

A proposta de Burton para a solução da situação é bastante clara, qual seja, o fim das suposições de igualdade, suportado pelo argumento de que a África é sim civilizável, mas apenas através do “trabalho direcionado sob a batuta européia”, que coloca inclusive uma opinião praticamente insustentável na Inglaterra, condenando a liberdade total dos ex-escravos e da população negra em Serra Leoa, sugerindo ainda que indiretamente, a implantação de “regulamentação do trabalho” na colônia.¹⁷

As constantes comparações que o autor faz entre negros e irlandeses no decorrer da descrição da população Kru,¹⁸ - comparando indiretamente a classe trabalhadora britânica com os negros africanos, - e as associações entre marcadas divisões de classe e “civilização”¹⁹ sugerem a posição politicamente conservadora e aristocrática de Burton.

¹⁶ Burton, *Wanderings...*, vol. 1, p. 217 e seguintes. Em seu depoimento ao Comitê Parlamentar de 1865, Burton voltou a mencionar o fato de negros vestirem-se à européia. Neste caso, a vestimenta européia era apenas um *disfarce* de civilização, o que tornava o costume ainda mais agressivo. Segundo Burton, ao chegar em casa, os negros “retiravam a casaca e com ela as boas maneiras”. *Parliamentary Papers*, 1865, vol V, p. 122.

¹⁷ Burton, *Wanderings...*, vol. 1, pp. 220-221.

¹⁸ Kru, segundo Burton é a população nativa de *Cape of Palms*, nos limites da Libéria, colônia de ex-escravos americanos. De forma signfica, eles são descritos como “distintamente africanos, sem qualquer mistura de árabe.” Burton, *Wanderings...*, vol. 2, p. 14.

¹⁹ Já durante a descrição da população de *Cape Coast Castle*. Burton, *Wanderings...*, vol. 2, p. 96. A frase de Burton é exatamente “there is sufficient civilization to produce a very marked distinction of classes.”

Nas palavras de Brantlinger, como se viu, esta postura “ecoa nostalgia do tempo de domínio aristocrata da classe trabalhadora na Inglaterra”.²⁰

A opinião de Burton sobre a política inglesa aplicada à possessões africanas neste momento surgia, assim, como um misto de intervenção (ou tutela) e livre comércio – uma vez que não se podia conceder liberdades e muito menos igualdade total para os africanos frente aos ingleses. Tanto a intervenção, quanto o comércio livre, eram vistos como ferramentas de civilização. Tal mistura era paradoxal apenas na aparência, pois como se viu, discursos filantrópicos e liberais mesclavam-se com frequência na Inglaterra, por volta da metade do século XIX. De fato, como se pôde notar anteriormente, a política inglesa era de fato intervencionista, ao mesmo tempo em que pregava de forma oficial a não intervenção.

Enfim, foi neste contexto que Burton chegou a Fernando Pó para assumir sua posição consular: com perspectivas de aproveitar seu tempo na África – e a liberdade relativa da posição consular em regiões distantes – para realizar suas expectativas de exploração. Nesta ocasião, o repertório de Burton sobre as representações das populações não europeias era uma composição híbrida – que caracterizava o período de transição de paradigmas da ciência inglesa no período entre 1850 e 1860 – e que incluía pitadas evolucionistas, poligenistas, lingüísticas, entre outras. Por fim, Burton aportava na África Ocidental como representante de um governo que continha em seu interior significativas diferenças de opinião quanto à linha de atuação frente às regiões coloniais, incluindo a África Ocidental, embora tendesse a assumir posturas intervencionistas, a despeito de um discurso de não intervenção.

Abeokuta.

Burton não perdeu tempo para tentar cumprir as expectativas que nutria sobre seu trabalho consular na costa ocidental africana. Tendo chegado à Fernando Pó em 27 de setembro de 1861, seguiu no mesmo navio para conhecer dois dos centros comerciais sob

²⁰ Brantlinger, Patrick. *Rule of Darkness. British Literature and Imperialism, 1830-1914*. Ithaca, Cornell University Press, 1988.

sua jurisdição, Old Calabar e o rio Camarões, de onde retornou em 2 de outubro. Menos de uma semana depois, partiu para Lagos com objetivo de conseguir um barco de guerra para realizar sua “primeira visita oficial” aos *Oil Rivers*.²¹

Em Lagos, entretanto, Burton sofreu com um ataque de “febre” que o deteve por duas semanas. Neste período, recebeu um convite do Comandante Bedingfield para juntar-se à comitiva que estava de partida para Abeokuta.²² Burton, mesmo sem receber autorização explícita do *F.O.*, partiu para a cidade Egba em 28 de outubro, um mês após ter desembarcado pela primeira vez em seu posto. A viagem para Abeokuta durou cerca de três semanas e o relatório de Burton contendo sua descrição foi enviado à Londres no dia 20 de novembro.

A relação entre Abeokuta e Inglaterra, como se viu, estava passando, naquela altura, por um momento de transformação. Uma dinâmica de auxílio iniciara-se cerca de vinte anos antes, com a instalação das primeiras missões entre os Egba, buscando o aumento do intercuro comercial, bem como, o ‘desenvolvimento’ civilizado da região, ou seja, a cristianização dos africanos, argumento obviamente defendido pelos missionários. Assim, os missionários e, em menor escala, os comerciantes consideravam Abeokuta como um ponto de difusão da “civilização” na África, significando, respectivamente, cristianismo e comércio ‘lícito’. Contudo, a guerra com Ibadan causou uma série de conseqüências negativas para esta relação, entre elas estavam prejuízos comerciais, dado o bloqueio do rio Ogum, e uma efêmera revivescência do tráfico escravo, levado à cabo com os prisioneiros de guerra. Estas conseqüências, principalmente a diminuição do comércio, tornaram as relações com a Inglaterra cada vez mais estremecidas nos anos seguintes.

Três textos de Burton foram escritos como resultado desta pequena viagem e permitem avaliar as posições de Burton sobre a conjuntura apresentada acima: o primeiro deles é o próprio relatório enviado ao *F.O.*, que depois foi editado para apresentação ao parlamento; o segundo é uma carta enviada à *RGS*, publicada nos *Proceedings of the RGS*

²¹ *PRO*, *F.O.* 84/1176, 20/11/61. Mesmo antes disto, já havia enviado memorando ao *F.O.* solicitando a presença de um barco de guerra constantemente à sua disposição.

²² A comitiva de Bedingfield tinha como missões discutir o estado da guerra entre Abeokuta e Ibadan, os sacrifícios humanos ainda existentes, e finalmente cobrar explicações sobre uma resposta bastante irritada dos Egbas à uma proposta anterior de mediação na guerra feita pela Inglaterra.

e, finalmente, o terceiro é o primeiro volume do livro *Abeokuta and the Cameroon Mountains*.²³

O relatório que Burton enviou ao *FO* estava baseado nas considerações do autor a respeito das possibilidades da produção de algodão para exportação na região de Abeokuta. Segundo ele, o aumento na incipiente produção algodoeira era possível, pois a localidade apresentava características bastante favoráveis, quais sejam: solo e clima apropriados, além de um contingente populacional apto ao trabalho na lavoura e em número suficiente para evitar a necessidade de um programa de imigração.²⁴ Contudo, nem todas as condições eram favoráveis. A primeira destas desvantagens sugeridas por Burton diz respeito à situação de governo. Em suas palavras:

*“Presently there is far too much liberty, or rather license. The Alake has neither the power nor the state of the smallest Indian rajah....Every man is king in his own house. This will however cease. As individual wealth and importance increase, some man will succeed in making himself king.”*²⁵

Sendo assim, Burton parecia ver na ausência de uma autoridade central definida, com poder para impor-se aos demais, um impedimento ao desenvolvimento da produção de algodão para exportação. Para ele, a situação também estava ligada à guerra com Ibadan e ao tratamento dispensado pela Inglaterra com relação à Abeokuta. Almejar sempre uma posição de intermediários de comércio, para que pudessem viver sem trabalhar seria um impulso “tipicamente africano”.²⁶ Em sua linha de raciocínio, decididos a tornarem-se beneficiários dos tributos dos povos que viviam mais ao interior, bem como, dos lucros comerciais, os Egba...

²³ Burton, Richard. *Abeokuta and the Cameroon Mountains*, London: Tinsley Brothers, 1863.

²⁴ Segundo Burton, os Egba eram uma ‘raça de fazendeiros, apta ao trabalho moderado’. *PRO, F.O.* 84/1176, 20/11/61.

²⁵ “Presentemente há muita liberdade, ou ainda falta do devido controle. O Alake não tem nem o poder nem o status do menor dos Rajás indianos... Todo homem é rei em sua própria casa. Isto de todo modo cessará. Assim que a riqueza e importância aumentar, algum homem irá fazer de si mesmo rei.” *PRO, F.O.*, 84/1176, 20/11/61.

²⁶ A aversão de Burton pelo papel de intermediário comercial dos Estados costeiros africanos também ecoa valores aristocráticos conservadores.

*“...considerably puffed up by the attentions of England, and by dealing with missionaries, merchants and others, who pay court to her, has resolved to constitute herself sole medium and channel of trade between the interior and the maritime countries.”*²⁷

Enfim, o relatório de Burton apresentava de forma breve os termos do tratado proposto pela Inglaterra e assinado pelo *Alake*, que previa o fim da exportação de escravos – mesmo que prisioneiros de guerra – o fim dos sacrifícios humanos e a abertura irrestrita do rio Ogum para o comércio. Burton, no entanto, permanecia bastante cético quanto à possibilidade de cumprimento dos termos do tratado, em especial quanto aos sacrifícios humanos. Segundo ele, o *Alake* não tinha poder para impor-se aos outros chefes locais. Um sacrifício havia ocorrido antes mesmo que tivessem chegado de volta à Lagos após a assinatura do tratado.

É significativo que a parte final do relatório não tenha sido publicada nos *Parliamentary Papers*. Nesta, Burton sugeria a solução para acabar com os problemas da guerra na região – “tão desprezível e tão prejudicial para nossos intentos” – propondo uma intervenção militar inglesa para forçar os termos de um tratado de paz entre as duas regiões beligerantes o que iniciaria um tratamento igual dos ingleses para com todos os chefes da terra Ioruba. Os Egbas, segundo ele, respeitavam os ingleses como marinheiros, mas nunca tinham visto uma atuação por terra. Com oficiais ingleses e um corpo de cavalaria e artilharia composto de nativos de outras regiões, Burton acreditava que seria possível acabar com relativa facilidade com as guerras que atrapalhavam os interesses comerciais ingleses.²⁸

O ímpeto intervencionista de Burton não parece fora do lugar quando observa-se a atuação inglesa nos anos anteriores. A Inglaterra havia substituído o regente de Lagos à força, no início do mesmo ano no qual ele esteve em Abeokuta. Simultaneamente à troca de regentes em Lagos, a marinha britânica havia bloqueado de forma ostensiva boa parte dos portos da costa visando impedir o tráfico escravo, tendo chegado mesmo a bombardear a

²⁷ “consideravelmente inflada pelas atenções da Inglaterra e pelas atenções da Inglaterra, e por lidar com missionários, mercadores e outros, que à cortejam, resolveu constituir a si mesma como o único canal de comércio entre o interior e as regiões marítimas.” PRO, F.O. 84/1176, 20/11/61.

²⁸ PRO, F.O. 84/1176, 20/11/61.

cidade de Porto Novo, que acabou aceitando assinar um tratado anti-escravista.²⁹ Mesmo assim, a sugestão de Burton para uma intervenção militar direta em Abeokuta foi simplesmente retirada do relatório, o qual foi apresentado ao Parlamento.³⁰

Ao final do documento percebe-se o encadeamento de assuntos no despacho de Burton. Em primeiro lugar, assegurava o interesse econômico da Inglaterra na região, afirmando a possibilidade de desenvolver a produção de algodão. Em seguida, criticava a falta de organização e poder do governo local e o estado de guerra como fatores que impediam este desenvolvimento. Por fim, propunha a intervenção direta inglesa, usando uma força terrestre para acabar com a guerra, e ficava subentendido que apenas desta maneira o interesse econômico inglês poderia ser garantido.

O documento seguinte a ser analisado sobre esta viagem é a carta escrita por Burton para a RGS. Os temas apresentados são praticamente os mesmos descritos acima, mas o tom da narrativa é bastante diferente, o que faz compreender por que o editor dos *Proceedings of the RGS* mencionou a carta como “característica do capitão Burton”, que apresenta os selvagens “numa visão menos favorável do que o usual”.

Em forma de diário, embora bastante curta, a carta apresenta caracterizações tais como:

*The next day took us to a miserable mass of huts on the left bank, Mabban – a fine specimen of maritime Africa – all mud, miasma, and mosquitoes.”*³¹

Ao descrever a cidade de Abeokuta nesta carta, Burton comparou a sua visão com a imagem retratada na capa do livro “*Sunrise Within the Tropics*”, de Sarah Tucker, publicado em 1853. Este livro apresentava Abeokuta sob o ângulo das missões cristãs e o desenho em sua capa representava uma cena bucólica com uma paisagem de plantações e vilas camponesas. De fato, a autora do livro nunca havia estado na África, e seu texto assumidamente utilizava-se de comentários realizados por missionários e por oficiais da

²⁹ Newbury, *The Western Slave Coast and Its Rulers...*, capítulo 3.

³⁰ Este tipo de edição sugere que apesar de o F.O. tolerar as ações intervencionistas de seus representantes na África Ocidental, não tinha condições de sustentar um discurso aberto de intervenção frente ao parlamento.

³¹ “O dia seguinte nos levou a uma massa de cabanas miserável no lado esquerdo do rio, Mabban – um ótimo espécime da África costeira – tudo era lama miasma e mosquitos.” *PRGS*, vol 6, 1861-62, p 65.

marinha britânica que haviam estado em Abeokuta. O tom geral do relato é de elogios, não apenas à atuação missionária, mas à capacidade do povo Egba e Ioruba em geral de compreender os valores do cristianismo e à vontade manifesta por parte de vários nativos de converter-se ao cristianismo.³² Mais do que isto, entretanto, o livro parece ter sido escrito para granjear o apoio britânico para a causa de Abeokuta contra o exército daomeano, que ameaçava constantemente aquela cidade. Segundo a autora atestava, citando Samuel Crowther:

“ ‘This’, said Mr Crowther, ‘is the only place where the light of the Gospel shines. Surely, God will not let it be quenched, nor will He permit the labours of England for the destruction of slave trade and the conversion of Africa to be thwarted by a blood thirsty tyrant.’ ”³³

John Forbes, oficial do esquadrão britânico na costa ocidental que havia escrito um livro sobre sua visita à Daomé em 1851, parecia concordar por completo com esta afirmação. Discutindo a então possível invasão de Abeokuta pelo exército de Gezo, Forbes imaginava o pior para a Inglaterra e afirmava que “a queda desta cidade nobre e quase cristã demanda a nossa mais profunda atenção”.³⁴

O que transparece no livro de Sarah Tucker é justamente esta oposição maniqueísta entre Abeokuta, como a representação do bem – da cristandade, da luz do evangelho – e Daomé, pelo outro lado, como o mal, o paganismo. Além disto, a visão expressa é de que

³² Tucker, Sarah. *The Sunrise Within the Tropics, na outline of the origin and progress of the missions in Yoruba*. London: James Nisbet and Co., 1853.

³³ Tucker, Sarah, *The Sunrise...*, p. 208. (“Este, disse o Mr. Crowther, ‘é o único lugar onde a luz do evangelho brilha. Com certeza, deus não o deixará ser esmagado, nem permitirá ele que os trabalhos da Inglaterra para a destruição do tráfico escravo e conversão da África seja frustrado por um tirano sedento de sangue’”).

³⁴ Forbes, John. *Dahomey and the Dahomans: being the journals of two missions to the king of Dahomey, and residence at his capital in the years 1849-1850*. London: Longman, Brown, Green, and Longmans, 1851.vol. 1, p. 8. (“The fall of this noble and nearly Christian city demands our deepest attention”).

deus estava não somente ao lado de Abeokuta, mas da própria Inglaterra, e através de suas ações, fazia ver aos Egbas a dimensão de seu poderio.³⁵

De acordo com Burton, entretanto, bastante cético com relação ao relato de Tucker, o desenho que o encimava deveria ser acompanhado da inscrição “como Abeokuta *deveria* ser”. No final da pequena carta à RGS, Burton voltou a mencionar que a viagem o deixara em dúvida se “*the sunrise has yet taken place within the tropics*”, mas apenas para acalmar um pouco os ânimos e dizer que sem dúvida “*it can take place.*”³⁶

As opiniões emitidas por Burton nos dois documentos apresentados até agora não estão de acordo com os comentários que ele mesmo enviou a Richard Milnes.³⁷ Para seu amigo, certos juízos sobre Abeokuta foram mantidos, principalmente, a análise da região como potencial produtora de algodão. Contudo, nesta carta a razão para a possibilidade do desenvolvimento da cultura do algodão não estava no fato dos Egbas serem “uma raça de fazendeiros apta ao trabalho moderado”, mas sim por que: “*the people are mostly slaves (as you know a great requisite for industry in Africa) and the chiefs are greedy.*”³⁸ Ou seja, o fato da produção de algodão em grande escala só poder ser executada por *escravos*, não podia ser expressa em outros suportes que não correspondência pessoal.

Outra diferença entre a carta pessoal mencionada acima e os documentos anteriores está na abordagem da idéia de que o “nascido do sol”, um eufemismo para “civilização cristã”, poderia ter lugar na África tropical. Em sua correspondência com Milnes, Burton

³⁵ Ao final da descrição da batalha entre Abeokuta e Daomé que teve lugar em 1850, Sarah Tucker atinge o auge destas suposições e afirma que “mesmo os pagãos abertamente reconheciam que eles deviam (a vitória) ao deus dos cristãos.” p. 214.

³⁶ Comparando o livro ao relatório enviado ao F.O, imagina-se que isto se toraria possível apenas com a adoção do trabalho forçado sob a tutela inglesa.

³⁷ Milnes, como se viu era membro do parlamento britânico, conservador, e viria a ser também participante do *Cannibal Club*.

³⁸ “as pessoas são em sua maioria escravos (como você sabe um grande requisito para o trabalho na África) e os chefes são gananciosos.” Burton para Milnes, 01/12/61, Hughton Archives, Trinity College, Cambridge. Negritos meus. Embora este juízo seja uma consideração sobre a população Ioruba como um todo, incluindo as regiões adjacentes à Abeokuta. Já sobre esta última, Burton menciona em seu relato que um quinto da população era escrava. Burton, Richard, *Abeokuta and the Cameroon Mountains*, London: Tynsley Brothers, 1873. vol. 1, p. 299.

revelou que uma de suas principais intenções ao visitar Abeokuta era observar esta “raça” que estava sendo tão valorizada pelos missionários como capaz de absorver os preceitos cristãos. A conclusão não se parece nada com a opinião apresentada anteriormente de que o caminho para a civilização poderia ser alcançado, nem que fosse sob tutela militar inglesa. Segundo Burton, o caminho também não passava pelas missões cristãs, ao contrário:

*“The amount of humbug (missionary) concerning Abeokuta is monstrous. The fact is there is no salvation for Africa but el Islam”.*³⁹

Resta ainda analisar o terceiro dos textos impressos resultantes desta viagem à Abeokuta. Trata-se do primeiro volume de *Abeokuta and the Cameroon Mountains*.⁴⁰ As diferenças entre o relato e as fontes anteriormente mencionadas são bastante grandes, a começar pela extensão do texto. Tanto as descrições geográficas como as passagens referentes à caracterização da organização social dos Egbas recebem tratamento muito mais detalhado e organizado.

A destinação do texto também é bastante diferente. O relato de viagem não é um documento oficial escrito diretamente para o governo inglês nem uma carta para uma sociedade científica, ambos pressupondo objetividade e concisão. Relatos de viagem eram, em geral, escritos para um público mais amplo que movimentava o mercado editorial do gênero. Este público estava acostumado, ao menos desde meados da década de 1840, com textos tais como o diário de Crowther que acompanhou a expedição de 1841 ao Níger, proposta por Buxton, ou mesmo o mencionado *“Sunrise within the Tropics”*, que apresentavam a África Ocidental, em especial Abeokuta, do ponto de vista dos missionários e filantropos ingleses, a saber, como uma experiência de sucesso no processo de cristianização e desenvolvimento da África. Assim, apesar de Burton ter sido um crítico notório da atividade missionária na África, ele não podia assumir posturas demasiadamente

³⁹ “A quantidade de bobagem (missionária) a respeito de Abeokuta é monstruosa. O fato é que não há salvação para a África a não ser o Islã.” Grifos meus. Burton parecia realmente ansioso para ver o avanço do islã na África, na mesma carta à Milnes, comenta: *“I met a young arab from Burnu and asked him in his own tongue why he had neglected the duty of al jihad”* questionando-se por que motivo os islâmicos ainda não haviam cumprido *seu dever*, atacando a região. Parece inclusive que Milnes também tinha certo interesse e simpatia pela religião islâmica. Ao final da carta Burton pergunta *has you truly been islamized yet?*

⁴⁰ Burton, *Abeokuta...*, vol. 1.

agressivas contra as missões em seu livro. Da mesma maneira, a defesa da escravidão como forma de produção não podia estar explícita.

Por outro lado, o formato de livro permite a construção de uma argumentação mais elaborada para a sustentação das opiniões do autor. Em seu livro sobre Abeokuta, as idéias de Burton sobre a relação entre África Ocidental e Inglaterra sustentam-se em elementos tais como a representação da população, as considerações geográficas e políticas das localidades descritas. Para uma análise dos projetos políticos expressos por ele neste livro, faz-se necessária, portanto, uma análise um pouco mais detalhada deste relato, frente às fontes já analisadas.

O relato.

Burton assinou o relato como vice-presidente da *London Anthropological Society*, medalhista das sociedades geográficas de Paris e Londres, membro da *Royal Geographical Society* e da *Ethnological Society of London*. A menção à várias sociedades científicas permite algumas interpretações. Em primeiro lugar, reforça a autoridade do autor criando uma aura de cientificidade para que se possa enunciar juízos sobre a região descrita, ao mesmo tempo em que indica a relativa intersecção entre estas sociedades.⁴¹ A multiplicidade de filiações de Burton fornece também um indicativo da variedade de assuntos a serem tratados no livro.

Estes múltiplos assuntos, no entanto, estão unificados sob uma clara intenção explicitada por Burton logo no prefácio do livro. O autor pretendia apresentar um plano de ação para a região que garantiria à Inglaterra a “influência britânica” sobre toda a costa Ioruba. Lagos já era uma colônia inglesa, e ‘por bem ou por mal’ expandiria sua influência sobre o interior. A questão era fazer com que esta expansão acontecesse “por bem”. O problema identificado por ele era que até então, a Inglaterra havia tomado um partido

⁴¹ Como já se notou em outra parte do texto, a cisão ocorrida no interior da *Ethnological Society* que deu origem à *Anthropological Society*, não ocorreu de forma amigável. No entanto, Burton fez questão de mencionar ser membro das duas sociedades. É também significativo da diferença de propósitos entre este livro e o anterior, *Wanderings in West Africa*, é que naquele, Burton assinava apenas como “um membro humilde da fraternidade dos verdadeiros amigos da África” embora ressaltasse “não o filantropo ou Exeter Hall”, como já se viu.

claramente favorável à Abeokuta, o que desequilibrava a relação de forças natural e incitava a vontade do povo Egba de tornar-se a força hegemônica. Este juízo reafirma as suas opiniões já expressas ao *F.O.* e à *RGS* Segundo ele:

*“It will presently appear that we have petted our bantling Abeokuta, and that the spoiled child has waxed fat and kicked – as the proverb says – against the foreign prick”.*⁴²

O plano de Burton já havia sido delineado no seu relatório para o *F.O.* Em linhas gerais, ele propunha o fim da diferenciação no tratamento com Abeokuta, e o restabelecimento da paz, mesmo que forçada. Para isso, seria necessária a presença efetiva de tropas comandadas por oficiais ingleses no interior. Em sua avaliação, mantendo-se uma paz controlada por um corpo militar terrestre britânico, as possibilidades de produção de mercadorias e o desenvolvimento do comércio com o interior da África estariam garantidos. No relato, como era de se esperar, as opiniões mais heterodoxas, expressas em suas correspondências pessoais, ganham um tom bem mais comedido. A defesa da escravidão como única forma possível de produção na África, por exemplo, fica relegada às notas de rodapé, e a insinuações mais ou menos diretas, mas nunca à defesa efetiva.

Numa passagem interessante sobre esta questão, Burton mencionou um jornal africano, *Iwe Irohin*, publicado em Abeokuta, para emitir sua opinião sobre o tema da escravidão. Ironicamente, o jornal era uma publicação da *Church Missionary Society*, mas a passagem selecionada por Burton permite uma leitura dúbia do tema. A citação, feita em nota, apareceu da seguinte forma:

“The ‘Iwe Irohin’, (1862) has the following sensible but curious article upon the subject of slavery: ‘ It is the boast of Englishmen of the present day that no one is a slave on British ground; [...] but though there is no doubt that

⁴² “presentemente parece que nos mimamos nosso bebê Abeokuta, e que a criança mimada cresceu gorda e chutou – como diz o provérbio – contra a lança estrangeira.” Burton, *Abeokuta...*, prefácio, p. VII. (As dificuldades de tradução desta frase são grandes. O termo Bantling no Webster Dictionary de 1828 designa apenas um bebê, mas a versão de 1913 já aponta para um conteúdo depreciativo da palavra. Por outro lado, o termo “prick” apesar de não aparecer com nenhuma conotação vulgar nestes dois dicionários, hoje em dia é um termo chulo para “pênis”. Desta forma, não é possível aqui estabelecer uma tradução com as nuances irônicas da frase.)

*a land where every man is free is in a better state than where slavery exists to a large extent, yet we must remember that slavery is recognized throughout the Bible [...] The tendency of the Christianity is no doubt to diminish slavery, but It does not do this by exciting the slaves to revolt or run away; on the contrary, it commands them to please their masters well in all things, but it exhorts masters, as it does all other Christians, to do to others as they would do to them.”*⁴³

Apesar de admitir que a tendência do cristianismo é diminuir a escravidão, as recomendações procurando não causar excitação nos escravos, até mesmo admitindo que na própria bíblia era reconhecida a escravidão, sugerem que Burton podia interpretar a passagem como uma recomendação conservadora, sinal que a instituição tinha seu lugar e que apenas aos poucos deveria ser substituída ou extinta.⁴⁴

Esta hipótese de leitura ganha força quando se observa a parte final do volume de Burton, quando ele volta a tratar da questão da possibilidade de produção de algodão em grande escala na África. Entre os problemas apresentados, um já era bastante conhecido dos leitores de seus relatórios: a guerra. Os outros dois impedimentos, entretanto, soam um pouco estranhos: a *falta* de trabalho e de transportes adequados. Ora, a questão do transporte era simples de resolver, com algumas adaptações no escoamento de mercadorias via rio Ogum. Já a *falta* de trabalho era a mais complexa, ao menos no discurso de Burton.

⁴³ “O Iwe Irohin, (1862) tem o artigo sensível mas curioso sobre a questão da escravidão: ‘È o orgulho dos ingleses no presente que ninguém é escravo em solo britânico; [...] mas apesar de não haver dúvida que uma terra onde todos são livres está num estado melhor do que onde a escravidão existe em larga medida, nos devemos lembrar que escravidão é reconhecida através da bíblia [...] A tendência da cristandade é sem dúvida diminuir a escravidão, mas ela o faz não por excitar os escravos à revolta ou à fuga; pelo contrario, ordena-os a agradar seus mestres em todas as coisas, mas exorta aos mestres, como faz com todos os outros cristãos, a fazer aos outros o que eles fariam à eles. Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, p. 301.

⁴⁴ Um artigo de Toyin Falola sobre o fim da escravidão entre os Ioruba permite verificar que a utilização de escravos era uma forma de produção amplamente utilizada na região. Ainda no final do século XIX, pode-se verificar a existência de escravos. Falola, Toyin. “The end of Slavery among the Yoruba”, In: Miers, Suzane and Klein, Martin. *Slavery and Colonial rule in Africa*, London: Frank Cass 1999. pp. 232-250. Desta forma, pode-se inferir que a estrutura produtiva de Abeokuta neste momento utilizava bastante do trabalho escravo, especialmente pela dupla razão: a guerra gerava prisioneiros (escravos em potencial) e o escoamento desta população pela venda atlântica estava dificultada pela própria ação inglesa.

Segundo ele, a experiência histórica em todo o mundo mostrava que sem “*escravos, ou quase escravos [...] o algodão nunca foi cultivado em grande quantidade, ou com grande sucesso.*”⁴⁵

É significativo que Burton não tenha escrito que o problema era a falta de *trabalhadores*, mas sim de *trabalho*. Como foi possível perceber, a região era bastante povoada. O raciocínio implícito – mas não exposto em todas as letras – é claro: há trabalhadores, mas sem escravidão é impossível produzir algodão em grande escala. Mas não era suficiente sugerir isto, era preciso fazer o leitor aceitar este argumento implícito, legitimando-o através da apresentação de características específicas à África, diferenciando aquele continente e sua população da Europa no maior grau possível, uma vez que na Europa a escravidão era absolutamente inaceitável. O grande instrumento para legitimar seu argumento era a caracterização da população africana.

Durante todo o relato, Burton caracterizou o africano como inferior, física e moralmente. Referiu-se aos “negros” como “animais inferiores”, “preguiçosos”, “ladrões”, entre outras caracterizações negativas. O “caráter” dos africanos surge nas páginas de Burton não apenas delineado como inferiorizado, mas também como de difícil transformação. Em passagem do texto sobre uma missão religiosa em Abeokuta, afirmava o autor que a “casa de trabalho” era sistematicamente nomeada, pelos próprios africanos, como “*come and rest*” e que desta forma, “*the Anglo-Saxon impetus has failed in converting the haven of refuge into a workshop, and the African Viz Inertia has here also been successful.*”⁴⁶

As descrições físicas presentes neste livro apresentam características semelhantes à relatos anteriores do autor, ao menos desde *Personal Narrative of a Pilgrimage to Al Madinah and Meccah*, quais sejam, apresenta-se os nativos em termos quase médicos, relacionando diretamente características físicas à capacidades intelectuais e ‘morais’. Um exemplo deste tipo de descrição pode ser observado na passagem abaixo sobre os Egbas:

The physical con formation of the Egbas is not very promising in an intellectual point. The cranium is small [...] with compressed brow, almost

⁴⁵ Burton, *Abeokuta...*, vol 1, p. 329.

⁴⁶ “o ímpeto anglo saxão falhou em converter o refugio celeste em um lugar de trabalho, e a *Vis Inertia* africana teve sucesso aqui também.” Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, p. 76.

*always prognathous, hardly ever pyramidal or oval. The external auditory process projects in a ring of bone round the canal, seeming to bury or overlap the foramen more than in Europeans – phrenologically speaking, I believe it denotes great destructiveness [...] The sclerotica is rarely clear, usually it is bloodshot, from the relaxation of the minor blood vessels, or pale dirty yellow, as from over activity of the liver...*⁴⁷

Burton associava as características físicas às supostas inferioridades intelectuais e morais dos “negros”, e vai além quando sugere que os próprios africanos sentem-se inferiores, numa clara transferência da sua opinião sobre a hierarquia racial, como se os africanos assumissem e concordassem com esta concepção. Como parte deste movimento retórico de transferência, o autor se perguntava “*de onde vem a crença dos negros na sua própria inferioridade frente aos brancos?*”. Burton sugere que este sentimento era tão difundido entre os negros que, em resposta para sua própria pergunta, só poderia supor que isto era uma natural “*emanação do cérebro hamítico*”⁴⁸ A utilização do termo “hamítico” é bastante intrigante, pois faz uso de terminologia bíblica para diferenciar os africanos das demais populações do mundo.⁴⁹ Ao mover-se dentro de pressupostos bíblicos, Burton estava confirmando de maneira indireta a hipótese de origem única da humanidade. A conclusão do parágrafo de onde foram tiradas as menções acima aponta, de fato, para esta inferência, pois segundo o autor, “*nada os deixa mais perplexos e confusos do que lhes informar de que todas as nações foram feitas de uma só carne*”. Não importa se Burton realmente vislumbrava esta característica nos africanos ou apenas lhes imputava este

⁴⁷ A conformação física dos Egbas não é muito promissora num ponto de vista intelectual. O crânio é pequeno [...] com a testa comprimida, quase sempre prógnato, dificilmente piramidal ou oval. O sistema auditivo externo projeta-se num anel de osso ao redor do canal, parecendo enterrar ou sobrepor o forâmen mais do que nos Europeus – falando frenologicamente, eu acredito que isto denota grande destrutividade [...] a esclerótica é raramente clara, usualmente é congestionada de sangue, pelo relaxamento dos vasos sanguíneos menores, ou de um amarelo sujo e pálido, devido à atividade do fígado.” Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, p. 109.

⁴⁸ Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, p. 206.

⁴⁹ Hamítico é derivado de Ham, ou Cam, um dos filhos de Noé, além de Sem e Jafé. No texto da bíblia, Cam foi castigado por ter visto seu pai nu, e condenado por isto, em conjunto com toda sua descendência, à escravidão.

sentimento em seu texto como instrumento retórico em sua argumentação. Importa sim a conclusão a qual o leitor pode ser levado através de sua representação.⁵⁰

Ao mesmo tempo em que são apresentados como *mesma carne*, parece haver para Burton, diferenças intransponíveis entre os africanos e europeus. Segundo o autor, em diferentes “tipos” de animais, os gêneros são mais ou menos diferentes entre si. Desta forma, a galinha é bastante diferente do galo, enquanto a égua e o cavalo são quase idênticos em sua constituição física, da mesma forma, mulheres e homens europeus apresentam grande semelhança física, assim como os hindus. Mas na população africana as diferenças entre homens e mulheres são muito grandes, caracterizando, portanto, um “outro tipo” frente aos europeus.⁵¹

Como se pode notar, não fica claro como negros e brancos podem ao mesmo tempo serem “tipos” diferentes e possuírem origem comum. O que pode ser afirmado com relativa segurança é que neste momento Burton pensava de forma evolucionista, sugerindo que havia um sentido evolutivo na humanidade, que aprimorava constantemente o grau de civilização e a constituição física. Apesar de Burton ter sido membro fundador e proeminente da *London Anthropological Society* - e esta associação em geral ter seu nome associado a idéias poligênicas e anti-evolucionistas – ele tinha liberdade suficiente para referir-se ao livro de Darwin, como:

*The best and wisest book of this, or, perhaps, of any age – I allude to the Origin of Species – which opens up the grandest views of life, is based upon a practical justification of the ways of eternal wisdom to man.*⁵²

De fato, inúmeras passagens em seu texto revelam uma concepção evolucionista e difusionista da história, especialmente no que se refere à religião.⁵³ Segundo Burton, “o

⁵⁰ Ora, transferindo o sentimento de inferioridade para o próprio negro, este praticamente demandava a presença européia e reconhecia o branco como “senhor”.

⁵¹ Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, p. 179.

⁵² “O melhor e mais inteligente livro desta, ou talvez de qualquer, era – eu faço alusão à ‘origem das espécies’ - que abre a maior das perspectivas sobre a vida, é baseado numa justificação prática das formas de sabedoria eterna ao homem.” Citado em resenha de sua edição de *Prairie*, no primeiro número da *Anthropological Review*, a publicação da L. A. S. em 1863, p. 149.

ateísmo é a condição natural da mente selvagem e não instruída, a noite da existência espiritual, que desaparece antes do alvorecer da crença em coisas não vistas”.⁵⁴ A leitura desta passagem permite vislumbrar uma “escala” evolutiva entre as religiões, esboçada pelo autor. Do puro ateísmo, sem nenhuma concepção ou reflexão que excedesse a realidade material, que era o estado “natural” da mente selvagem, ao outro extremo, as religiões monoteístas. No caso específico dos Egbas, segundo Burton, eles já haviam dado muito mais do que o primeiro passo além do “ateísmo selvagem”, pois conceituavam a idéia da existência de um deus criador. Idéia esta, ainda de acordo com Burton, era muito complexa para a mente dos “selvagens”.

A concepção de um “criador” por parte dos Egbas, no entanto, antes de ser um desenvolvimento natural e interno da mente africana era vista por Burton como fruto de possíveis difusões imemoriais de idéias religiosas greco-romanas. Segundo ele, “Xangô” apresentava os mesmos atributos que “Júpiter” ou “Vulcano”, por exemplo. Além disto:

“... everywhere we see traces that Africa was once as closely united as Italy. It is, therefore, difficult to say how much of the Yoruba faith is original”.⁵⁵

Apesar disto, para Burton, a religião Ioruba permanecia ainda no início do processo evolutivo, caminhando em direção aos estágios seguintes do desenvolvimento, pois continuava muito próxima do fetichismo, cultuando os símbolos como a própria deidade.

Desta concepção de evolução religiosa apresentada pelo autor, é interessante sublinhar que ele julgava que o próprio cristianismo não representava o estágio final e máximo do desenvolvimento, mas sim o “quarto e penúltimo ato do grande drama”.⁵⁶ Esta idéia parece abrir para Burton incriveis possibilidades de relativização e comparação entre sociedades e crenças européias e africanas. Em outra passagem significativa para a análise,

⁵³ Difusionismo neste caso indica apenas a suposição de que valores culturais eram difundidos a partir de ‘civilizações’ mais avançadas e incorporados, no caso pelos africanos. Implícita nesta concepção está a idéia de um único centro difusor de progressos materiais e culturais.

⁵⁴ Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, p. 179.

⁵⁵ “...em todo lugar, podemos notar traços de que a África foi um dia tão proximamente unida como a Itália. É, portanto, difícil dizer quanto da fé Ioruba é original.” Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, p. 176.

⁵⁶ Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, p. 181.

Burton passa a discorrer sobre superstições e amuletos em sociedades européias. Chega a ser surpreendente a relativização assumida por ele, uma vez que argumenta que esses elementos – amuletos e superstições – podem “*significar vestígios do fetichismo, que é o primeiro amanhecer da religião [...] e que viceja mesmo no iluminado campo do monoteísmo*”. Assim, mesmo entre os cristãos europeus, traços do fetichismo continuarão a vicejar até “*uma raça superior – como o elefante para o mastodonte – suceder à presente*”.⁵⁷ Note-se mais uma vez a associação entre transformação física e “moral” amalgamadas, mesmo na idéia de “raça superior”.

Neste ponto é interessante notar que ao abrir estas possibilidades de análise comparativa, Burton estava se colocando num lugar tão exterior à sociedade européia quanto à africana, constituindo para si um espaço narrativo do qual retirava a autoridade que lhe permitia tecer considerações sobre ambas, Europa e África a partir de um suposto lugar de isenção, pois havia experienciado os dois lugares, ao passo que textualmente estava fora de ambos. A possibilidade de constituir este lugar narrativo, além da estratégia retórica do autor, pode ser pensada como resultado de sua experiência de vida, que desenrolou-se fora das fronteiras européias, durante boa parte de sua vivência adulta, sempre em regiões de encontro cultural. Este “lugar” do qual Burton escreve torna possível, por exemplo, comparações que procuram recuperar o ponto de vista dos próprios africanos, quando estes zombam da aparência física dos europeus. Segundo ele, os africanos perguntavam:

does he [white man] look like folks?’ and the answer was: ‘no he don’t’. Thus we observe, that whilst the Caucasian doubts the humanity of the hamite, the latter pays the compliment in kind”.⁵⁸

⁵⁷ Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, p. 203. O texto no original segue: “I look upon them as vestiges of fetishism which is the first down of religion in the breast of the savage and the barbarian, and which cannot fail to crop out even from the enlightened surface of monotheism. [...] In the present state of human nature, faith appears to a necessary evil, an inseparable weakness. Nor can we see any corrective of, or substitute for it until after the convulsion which follows the present period of quiescence, a higher race – as the elephant is to the mastodon – succeeds the present.”

⁵⁸ “ ‘Eles (homens brancos) parecem pessoas?’ e a resposta era: ‘não ele não parece’. Então observamos que enquanto o caucasiano duvida da humanidade do hamita, o último paga na mesma moeda.” Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, pp. 43-44.

Deve ficar claro, no entanto, que este tipo de comparação não subverte a hierarquia proposta pelo autor, e não se deve ir muito longe nas especulações neste sentido. Mas não deixa de ser importante notar que comparações como estas mencionadas acima configuram parte de um processo discursivo que constrói o lugar de autoridade do narrador. A posição de isenção construída por Burton que permite estas comparações lhe fornece, por outro lado, a possibilidade de esboçar críticas “externas” à própria atuação européia.⁵⁹

Mas há neste discurso de Burton, recheado de certezas e supostas isenções ideológicas, momentos nos quais, ironicamente, afloram suas incompreensões. Estes momentos tornam-se, então, importantes instrumentos para analisar a representação de Burton não como descrições isentas, mas como exercícios de violência epistemológica frente ao “outro” representado, pois são justamente nestas passagens que este “outro” se faz presente no texto e foge ao controle do narrador. Uma passagem do relato pode exemplificar esta ironia de forma bastante clara. Trata-se de um trecho no qual Burton pretendia entrar e conhecer uma “*Ogboni house*”.⁶⁰ Em entrevista com um dos chefes principais de Abeokuta, Burton informa ao leitor que teve seu pedido recusado, a despeito da insistência com que solicitou a permissão. Suas considerações sobre este acontecimento são:

*“It is astonishing how much Asiatics and Africans make of these mysteries, and how long it takes to fathom them.”*⁶¹

Burton não consegue compreender as razões do que parece ser um movimento de recusa no qual o controle do conhecimento é resguardado pelo observado, ou seja, num momento em que fica clara a participação do africano na seleção do que é dado a conhecer ao europeu. Para o autor, esta atitude torna-se incompreensível e ele retoma sua ironia para

⁵⁹ De fato, como se viu, o próprio objetivo do livro é realizar uma crítica a atuação européia, mais especificamente inglesa, naquela parte da África.

⁶⁰ Como se viu, as *Ogboni* eram sociedades religiosas de ampla participação na comunidade, com funções reguladoras e jurídicas, além de terem a função de eleger o *Oba* de cada cidade Egba. Representavam o fórum onde tradicionalmente eram tomadas as decisões mais importantes para a comunidade. Apesar disto, em Abeokuta, as *Ogboni* perderam grande parte de sua influência dadas as especificidades da formação da cidade, num período de guerra contínua. Ver neste texto, a contextualização de Abeokuta no capítulo 2.

⁶¹ “É impressionante o quanto os asiáticos e africanos fazem destes mistérios, e o quanto tempo leva para compreendê-los.” Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, p. 250.

dizer que são tantas as dificuldades para conseguir informações que duvida que haja realmente algum mistério por trás destas instituições (*Ogboni*). A afirmação é feita embora ele mesmo tenha identificado que a forte influência das *Ogboni* era um dos piores obstáculos à expansão do cristianismo, ou mesmo do islamismo, na região. Na impossibilidade de conseguir, de alguma forma, informações efetivas num movimento mimético com relação ao próprio discurso de definição da identidade do outro pela negação de sua própria - ou seja, define-se o não europeu justamente pelo que a Europa não é⁶² - Burton define o “*Ogboni*” apenas pelo que ele não é. Ele não é “qualquer homem mais velho e respeitável”, nem é “um tipo de maçonaria,” dada a suposta incapacidade de irmanar-se característica do negro.⁶³ Enfim, como pode-se observar, não há espaço para incertezas no discurso de Burton sobre o africano, e onde elas surgem, a inferência de significados a partir de si (europeu) torna-se mais clara.

Neste contexto é necessário ir além, e não generalizar Burton como “europeu”, o que reduziria as possibilidades de representação européia a um único padrão definido. A definição do “outro” pela negação de si passa necessariamente por uma determinada concepção deste si-mesmo, a qual inclui uma reflexão sobre o papel da Europa na relação com o “outro”, no caso a África Ocidental. Assim, apesar de características discursivas comuns em praticamente todos os enunciados europeus, tais como a inferioridade dos africanos, diferentes explicações para isto podem ser encontradas. Estas explicações passam pela constituição da identidade do enunciator, ou seja, quais as características imputadas a si mesmo no processo de diferenciação do “outro”. Questões identitárias que extrapolam as determinações estritamente “raciais”, como idéias de nacionalidade ou projetos políticos sobre estratificações sociais, por exemplo, precisam ser consideradas para que se possa compreender as diferenças nas caracterizações do “outro”.

Desta forma, um dos elementos que norteiam a representação da África encontra-se no projeto político, que orienta a caracterização do africano. Essa é uma das razões que

⁶² A idéia da definição do outro através da negatividade, ou seja, aquilo que “eu” *não* sou, aparece em Said, Edward, *Orientalismo...*, pp. 41-121.

⁶³ Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, p. 251. Incapaz de compreender o significado, a descrição de Burton apresenta apenas as aparências externas, a forma física da *Ogboni House*, comparando-a com outras instituições em outras regiões da África e mesmo dos mórmons na América do Norte.

torna possível as diferentes representações dos africanos realizadas tanto pelos missionários, como por Burton, por exemplo. Pode-se concluir, assim, que a construção da representação que um autor faz da região passa pela também pela necessária *desconstrução* de representações concorrentes, ou seja, dos projetos políticos que as orientam. É neste processo que pode-se perceber invariavelmente algum conteúdo ideológico em todos os enunciados. Ao colocar-se num diálogo que envolve diferentes projetos políticos, cada autor precisa reconhecer as opções políticas que sustentam as demais representações. A referência de Burton ao exército de Daomé pode fornecer um exemplo interessante para que se reflita sobre esta dinâmica discursiva.

Era definição corrente na Europa que o exército daomeano era profundamente sanguinário e violento, mas segundo Burton:

*The terrible reports current concerning the Daomé and its 'blood stained despot' may be traced to certain Europeans and Brazilians, whose interest it is to deter slave emancipators from investigation".*⁶⁴

Ora, parece claro que algum grau de consciência ideológica está presente no discurso do próprio Burton, uma vez que ele consegue identificar que outras posições políticas com relação à questão do tráfico escravo produzem um discurso dissonante em relação àquele desenvolvido por ele mesmo. Desta forma, a representação dos exércitos daomeanos como sanguinários serviria para desencorajar qualquer intenção de impor-se à força na região. De maneira inversa, a caracterização de Burton, de um exército fraco e covarde servia ao seu próprio projeto intervencionista.⁶⁵ De fato, em seus textos sobre Abeokuta, inclusive no relato em análise, é possível perceber uma posição bastante clara com relação ao tipo de política que a Inglaterra deveria adotar para a região ocidental africana. Já no prefácio do relato, Burton sugeria que deveria ser garantida a “influência

⁶⁴ “Os terríveis relatos atuais a respeito de Daomé e de seu ‘déspota sedento de sangue’ podem ser traçados a partir de certos europeus e brasileiros, cujo interesse é deter os emancipadores de escravos de suas investigações.” Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, p. 126.

⁶⁵ A caracterização do exército das amazonas de Daomé por Burton ganha tons de ridicularização. O autor sugere que as Amazonas não seriam páreas para um “igual número de donas de casas inglesas armadas de cabos de vassoura”. Carta de Burton à RGS publicada nos *Proceedings of the RGS*, 1861, vol 4, p. 64. Um exame mais detalhado sobre a representação de Daomé por Burton encontra-se a partir da página 180 deste texto.

britânica” sobre a costa Ioruba, por meio da presença mais efetiva do exército britânico, embora se tratasse, em sua proposta, de oficiais ingleses controlando tropas de outras regiões da África.⁶⁶ O ‘erro’ recorrente da Inglaterra, em sua opinião, era dispensar um tratamento diferenciado para diversos povos da região. Ao dar suporte à Abeokuta, a Inglaterra estava, de acordo com Burton, incitando a acentuação de um comportamento ‘tipicamente africano’, que resumia-se em utilizar uma posição de superioridade para tirar proveito dos povos vizinhos. Característica esta derivada, segundo Burton, da constituição natural do ‘selvagem’.

O processo de construção de um ‘lugar’ narrativo, que cria um espaço no qual o autor coloca-se ‘exteriormente’, tanto à África, quanto à Inglaterra garantia retoricamente a suposta isenção e imparcialidade de suas observações, muito embora as críticas à posturas adotadas pela Inglaterra pudessem gerar certa animosidade frente ao público alvo de seu relato. Mesmo assim, ao longo do texto, Burton tomou certo cuidado com forma da apresentação das propostas, tornando explícita sua preocupação com a recepção do livro na Inglaterra. Desta forma, ele não defendia *diretamente* a escravidão como forma de produção na África, embora sugerisse, através da representação do ‘negro’ como inferior, a necessidade e mesmo a vontade do próprio ‘negro’ – que em seu texto se reconhecia como inferior – da presença e da influência britânica. Mesmo na representação do africano, no entanto, Burton mistura características de uma antropologia ‘física’ que viria a ser associada a *L.A.S* – e, portanto, à idéias poligênicas e à fixidez dos tipos raciais – com sugestões evolucionistas, chegando a utilizar-se de uma linguagem bíblica que apontava para uma origem única humanidade. Esta linguagem era muito menos agressiva às concepções do público inglês, acostumado às descrições da África realizadas por missionários.⁶⁷

⁶⁶ É interessante notar que no relato, esta influência surge com intuito de acabar com o comércio escravo, incentivar o comércio ‘lícito’, visando melhorar a existência do próprio africano, que se deixado nas mãos da natureza, não sairia de seu estado ‘selvagem’. Estes objetivos não parecem, ironicamente, muito diferentes dos objetivos finais dos filantropos e missionários, sendo que a diferença residia apenas nos meios para atingi-los.

⁶⁷ A questão da origem da humanidade não parecia preocupar seriamente Burton neste momento, bastando para ele que estivesse garantida uma diferença significativa entre as *raças* ‘caucasiana’ e ‘hamítica’ – para

O tratamento indicado por Burton para a correção do suposto ‘erro’ da Inglaterra era a intervenção armada para *forçar* a paz na região Ioruba, e desta forma incentivar a produção agrícola e o comércio. Significativamente, Burton não traçou um plano para a organização da produção, deixando este assunto, em teoria, para que os africanos resolvessem por si mesmos.⁶⁸ A forma de forçar a paz, por sua vez, era garantir a presença permanente de um corpo de oficiais ingleses na região de Lagos, pronto à intervir sempre que fosse necessário.⁶⁹

A sugestão da necessidade da presença de um contingente inglês na costa ocidental é o elemento que une os dois volumes do relato, uma vez que o segundo volume, que trata da viagem às montanhas de Camarões, justifica-se pela proximidade da região montanhosa à costa, a qual poderia se constituir, em função do clima ameno, num refúgio para a recuperação da saúde dos europeus.

O segundo volume retrata uma viagem bastante diferente da realizada à Abeokuta. Burton chegou à Lagos retornando da cidade Egba no dia 20 de novembro de 1861 e já no dia seguinte partiu para uma visita aos rios do Delta do Niger. Nesta visita, Burton passou, no dia 10 de dezembro, por uma missão religiosa chamada Victória, entre os rios de Old Calabar e Camarões.⁷⁰ Foi, possivelmente, este o momento que ele começou a organizar a

usar dois de seus próprios termos – que justificasse o tratamento diferenciado, e o domínio da primeira sobre a última.

⁶⁸ Como se viu em sua carta para Milnes apresentada anteriormente, Burton constataria a ampla utilização da mão-de-obra escrava na região Ioruba. Ao deixar de fora de seu projeto um plano de organização do trabalho, sugerindo que a demanda européia seria capaz, em tempos de paz, de gerar o *trabalho* que faltava à região, Burton resolvia o problema sem ferir os ânimos de seus leitores ingleses pouco permeáveis à qualquer menção à legitimidade da escravidão.

⁶⁹ A intervenção teria para Burton um caráter ‘pedagógico’. Em suas palavras: “*When the children require the stick, we apply it; when adults misbehave themselves, we put them into irons; and if Africa, Western or Eastern requires the 24 powder and the gunboat, we ought not withhold them from her.*” Burton, *Abeokuta...*, vol. 1, p. 282. (“Quando as crianças requerem o bastão, nos o aplicamos, quando adultos comportam-se mal, nos os colocamos a ferro; e se a África, Ocidental ou Oriental requer os canhões e os navios de guerra, não devemos privá-la deles.”)

⁷⁰ *PRO, F.O.* 84/ 1176, 14/01/1861.

expedição de escalada das montanhas de Camarões, pois foi ali o seu ponto de desembarque para o início da jornada descrita no relato, cerca de uma semana depois.⁷¹

É interessante notar que Burton, ao mesmo tempo, textualmente divide e agrupa as duas viagens. O livro aparece dividido em dois volumes, mas o primeiro capítulo do segundo volume trata do final do relato da primeira viagem. Na verdade, este capítulo apresenta um resumo das sugestões de Burton para a política inglesa na região, já esboçado acima. Mas é possível verificar a unidade entre os dois volumes na intenção manifesta do seu autor de construir um *sanitarium* para repouso de europeus com a saúde eventualmente debilitada por uma longa permanência em clima tropical. Segundo ele:

*“There need no longer be any objection to stationing European officials at Lagos. A future page will show that, within two days’ steam of that dangerous port, there is a mountain range which, with little labour, may be made a sanitarium for the whole coast of Western intertropical Africa.”*⁷²

Esta divisão, no entanto, aparece mesmo nas características da narrativa. O primeiro livro, embora também recheado de descrições geográficas, estava voltado principalmente para as considerações sobre a estrutura social dos Egbas, a apresentação de suas características “raciais” e enfim para a avaliação das políticas e da ‘diplomacia’ inglesa para com a região. Já no segundo volume, as considerações ‘geográficas’ assumem importância muito maior, simultaneamente à ausência mais significativa de descrições das populações nativas, seus costumes e estruturas sociais.⁷³ De fato, trata-se de uma narrativa

⁷¹ De fato, Burton já tinha intenção de visitar a região antes disto, pois menciona na carta sobre Abeokuta, enviada à RGS, que estaria num futuro próximo nas montanhas de Camarões.

⁷² “Não deve haver mais nenhuma objeção à estacionar oficiais europeus em Lagos. Uma página futura ira mostrar que, dentro de dois dias de vapor deste porto perigoso, há uma montanha que, com pequeno trabalho, pode ser transformada num sanitário para toda a costa da África intertropical.” Burton, *Abeokuta...* vol 2, p. 24.

⁷³ O que não quer dizer que estes tópicos estejam totalmente ausentes. Burton não se furtou de emitir opiniões sobre os nativos da região, mas é fácil notar que estas encontram-se muito menos organizadas e estruturadas do que àquelas referentes aos Egbas. A população nativa aparece apenas em momentos de negociação para conseguir carregadores para a expedição. De maneira significativa, é um momento de embate, no qual os chefes locais exigem um preço muito caro e ameaçam inclusive atacar a expedição e impedi-la de prosseguir em “suas terras”. Burton e os outros então se armam e desafiam os chefes locais, que desistem do ataque, mas

que enfatiza a vitória sobre as adversidades geográficas que se impunham à escalada das montanhas, mas ao mesmo tempo, Burton projetava em seu texto as possibilidades de desenvolvimento de estabelecimentos agrícolas, de moradias e de estruturas de transporte. Ao perfazer este percurso, de vitória sobre a natureza e projeção do desenvolvimento, Burton estava se apossando do território num movimento que transparece no texto como natural: uma vez que o europeu dominou a natureza, tem o direito de utilizar-se do espaço. Não parece ser mero acaso que toda a extensão espacial percorrida durante a expedição resulte na permanência no mesmo exato lugar de representação, ou seja, a partida se deu da missão religiosa na costa, cujo nome era **Victoria**, e o nome conferido à montanha foi exatamente o mesmo, **Victoria**.⁷⁴

Esta viagem se constituiu num empreendimento bastante diferente daquele realizado por Burton cerca de três anos antes em busca das nascentes do rio Nilo, quer pela extensão da viagem – espacial e temporalmente – quer pela importância simbólica para a construção do conhecimento geográfico inglês sobre o continente africano. Apesar disto, alguns elementos narrativos utilizados pelo autor nos dois relatos aproximam-se bastante. Uma das características comuns a ambos os relatos é a valorização da primazia em atingir pontos da Terra nunca antes pisados por europeus. Neste relato, este ‘prazer’, em geral associado à um sentimento de valorização pessoal, aparece de forma explícita. Nas palavras de Burton ao aproximar-se do pico da montanha:

*“We were the first European certainly, perhaps the first men, who have ever stood within gunshot of that tall solitaire pile”.*⁷⁵

A ressalva que o autor faz, dizendo que não eram apenas os primeiros europeus, “mas talvez os primeiros homens” a estar naquele lugar, pode ser lida como mais um momento no qual a simples presença é suficiente para garantir a posse do lugar, uma vez que os nativos, apesar de viverem em sua proximidade, manifestavam pouco interesse na montanha. Mais do que isso, ao ‘excluir’ os nativos da terra, transformando-a em pura

recusam-se a fornecer carregadores. Mesmo assim, a expedição segue seu rumo e atinge o pico. Estes fatos fazem com que o empreendimento assuma ares mais ‘puramente europeus’.

⁷⁴ Praticamente desnecessário mencionar, Victoria era o nome da rainha da Inglaterra.

⁷⁵ “Nós éramos os primeiros europeus, talvez os primeiros homens, que jamais ficaram ao alcance de um tiro de espingarda daquele pico alto e solitário.” Burton, *Abeokuta...*, vol. 2, p. 152.

paisagem, o viajante torna-a *disponível* e o conseqüente movimento de posseção perde o caráter de violência embutido na idéia de expropriação.⁷⁶

Mas para Burton, não bastava estar entre os primeiros que alcançaram o pico, pois sua intenção era trocar a primeira pessoa do plural pela primeira do singular. Tal foi sua determinação, que numa das tentativas de ascender ao cume, após todos os outros desistirem, ele continuou sozinho, e afirmou: “*ser o primeiro em tais assuntos é tudo, ser o segundo, nada.*”⁷⁷

Segundo Kearns, a narrativa de escaladas de montanhas foi incorporada na retórica da exploração imperial por volta da metade do século XIX, inclusive com a fundação, em 1857, do *Alpine Club*. De acordo com o J. Ryan:

“...as mountaineering was incorporated into the rhetoric of imperial exploration and adventure, mountains were no longer regarded solely as sublime landscapes demanding romantic reverence, instead, mountains in Europe and further afield became pinnacles of the natural world to be ‘hunted’ and ‘conquered’ by robust and manly British men.”⁷⁸

A escalada de montanhas representava, de acordo com esta interpretação, não apenas a “conquista do mundo natural”, mas a valorização da própria conquista através da apresentação das virtudes de ‘masculinidade e robustez’ do homem britânico, constituindo no processo narrativo um modelo de sujeito imperial.⁷⁹ A busca de Burton para *ser o primeiro* a atingir o pico mais alto da África Ocidental, com cerca de quatro mil metros de altura, aparece ainda mais valorizada frente ao fracasso inicial dos outros membros da expedição. Apesar disso, o ápice da narrativa não é a subida individual de Burton, mas a

⁷⁶ Kearns, Gerry. “The Imperial Subject: Geography and Travel in the Work of Mary Kingsley and Halford Mackinder”, *Transactions of the Institute of British Geographers*, new series, vol. 22, n. 4, 1997, pp 450-472.

⁷⁷ Burton, *Abeokuta...*, vol. 2, p. 153.

⁷⁸ “... ao passo que o montanhismo foi incorporado na retórica da exploração e aventura imperial, montanhas não eram mais consideradas como paisagens sublimes demandando uma reverência romântica, ao invés disto, montanhas na Europa e mais longe dela tornaram-se pináculos do mundo natural à serem ‘caçadas’ e ‘conquistadas’ por homens britânicos robustos e másculos.” Ryan, J. *Photography, Geography and Empire, 1840-1914*. Unpubl. Phd Thesis, Royal Holloway and Bedford College, University of London, p. 126. Apud. Kearns, Gerry. *The Imperial Subject...*, p. 451.

⁷⁹ Kearns, G. *The Imperial Subject...* .

subseqüente escalada de todos os membros da expedição em conjunto. O dia 27 de janeiro de 1862 “foi apontado para nossa subida final, e **para a cerimônia de tomada de posse**”.⁸⁰ Cerimônia esta bastante simples em termos materiais, que se constituiu apenas da fixação da bandeira da Grã Bretanha e o estouro de uma garrafa de champanhe, mas que contém uma simbologia bastante importante para o discurso de tomada de posse.⁸¹ Não deixa de ser interessante mencionar que quem fixou a bandeira na terra foi Selim Aga, um serviçal africano, mas bastante europeizado, pois havia vivido mais de 12 anos na Europa e inclusive esquecido sua língua natal.⁸² Note-se, de novo, o valor simbólico na narrativa de Burton. Ao colocar a tarefa e fixação da bandeira inglesa nas mãos de seu serviçal africano semitizado, Burton condensava suas aspirações para toda a região, quais sejam: os africanos, quando suficientemente ‘civilizados’ – de preferência da parcela “nobre” da população – e em posições subordinadas e tuteladas, conferem a posse da terra à Inglaterra.

A simples cerimônia realizada no cume da montanha assume, assim, uma significação das mais importantes no contexto desta pequena viagem. Tanto mais quanto observa-se a seqüência do texto, pois a *tomada de posse* descrita acima vê seguida por um típico exemplar do discurso do “Monarca de tudo que vejo”.⁸³ Ao chegar ao topo da montanha, Burton olha a paisagem abaixo de si e escreve:

⁸⁰ Burton, *Abeokuta...*, vol.2, p. 187.

⁸¹ O feito da pequena expedição de Burton não marcou apenas o pico da montanha com uma bandeira da Inglaterra, mas marcou também um desafio conquistado pela geografia inglesa e um novo roteiro de aventura para exploradores ingleses. Mary Kingsley, cerca de 40 anos depois da viagem de Burton, voltou a escalar a montanha, tendo encontrado em seu topo a marca deixada pela expedição em 1861. Uma interessante discussão sobre esta viagem de Kingsley encontra-se em Kearns, *The Imperial Subject...*

⁸² Selim Aga, africano semitizado, foi o serviçal de Burton durante toda sua permanência na África Ocidental, e apesar de não ser nativo da região, sua permanência ali era de longa data. A presença desta personagem em todo o período africano ocidental de Burton segue uma característica do autor. Ele já havia contado com um importante serviçal durante suas viagens na África Oriental, (Sidi Bombai). Este africano, inclusive, teria participação bastante importante na relação anglo africana, pois esteve também com Speke durante a sua segunda viagem, e com Stanley na expedição para localizar Livingstone, em 1872.

⁸³ Esta estratégia retórica consistia, segundo Mary Louise Pratt, numa descrição “cuja função maior era a de reproduzir para a audiência de seu país de origem os momentos culminantes em que “descobertas” geográficas eram “vitórias” para a Inglaterra.” Pratt, *Olhos do Império...*, p. 340.

*“The unknown land lay before me like a mappa mondo. I felt as joyful as if my eyes gazed upon all the kingdoms of the world, and the glory of them.”*⁸⁴

A descrição de Burton da cena oferece uma imagem com forte apelo imperial. A idéia transmitida pelo autor, de que observa um “*mapa do mundo*” aos seus pés com um sentimento de alegria, representa com clareza uma sensação de domínio e grandeza que informa o discurso imperial. Ao mesmo tempo, a referência às terras que observava como ‘desconhecidas’ coloca-as novamente como *disponíveis* para a descoberta, e sua conseqüente posse pelo homem europeu.⁸⁵

Uma primeira versão deste relato sobre a subida às montanhas de Camarões, bem mais curta e objetiva, foi escrita em um despacho enviado por Burton ao *F.O.* em 22 de fevereiro de 1862. Sua intenção, no entanto, não era apenas comunicar a ‘descoberta’ ao governo inglês, mas sim preencher mais um ponto vazio no mapa da África em construção pela *Royal Geographical Society*, ao longo do século XIX. De fato, foi um pedido do próprio Burton que seu despacho fosse enviado para a *RGS*. Tendo sido escrito em forma de artigo, este texto já continha as principais idéias aqui expostas e que viriam a ser desenvolvidas no livro meses depois. Entre estas idéias estão: a valorização do clima como saudável – o que vinha de encontro ao seu projeto político de permanência de um corpo de oficiais ingleses na região; o conteúdo geográfico descritivo –adequado em sua forma ao discurso “científico” da geografia inglesa do período; a resistência nativa vencida pelos europeus; e a paradoxal ausência de nativos nas regiões montanhosas – o que também corrobora para a tomada de posse daquele espaço.

De fato, a própria cerimônia de tomada de posse já estava descrita no despacho enviado ao *F.O.* onde aparece da seguinte forma:

⁸⁴ “A terra desconhecida parecia deitada à minha frente como um *mappa mondo*. Eu me sentia tão alegre como se meus olhos encarassem todos os reinos do mundo, e suas glórias.” Burton, *Abeokuta...*, vol. 2, p. 202.

⁸⁵ Mesmo que seja possível pensar que o termo ‘desconhecidas’ signifique “desconhecidas da Europa”, o discurso geográfico britânico como única forma de conhecimento geográfico válido, como se viu na discussão sobre a *RGS* anteriormente neste texto, confere a legitimidade à posse européia sobre a África.

*“At 2:00 PM we took formal possession of the place; flew the union jack; and left our names upon a leaden plate, with two sixpences – rather a bright idea, but not emanating from my cranium.”*⁸⁶

Esta é praticamente a mesma frase que aparece no livro publicado um ano depois. A diferença é que no livro ainda aparece a confirmação final: “*Mungo Ma Loba, Theon Ochema, is now ours*”. A menção a esta frase final não pode ser deixada de lado. *Mungo Ma Loba* era, segundo Burton, o nome nativo e *Theon Ochema* era a suposta nomenclatura da montanha utilizada por escritores da antiguidade clássica. Daquele momento em diante, a montanha passa a chamar-se *Victoria*, e esta pequena frase de Burton continha um conteúdo simbólico interessante, qual seja, a montanha não é dos nativos. Além disto, a Europa Ocidental do século XIX superava mesmo a antiguidade clássica, a montanha agora era *Victoria*, dos ingleses.

O despacho de Burton foi, de fato enviado na íntegra à RGS. O trâmite deste texto no F.O. foi acompanhado de elogios. O funcionário encarregado das correspondências de Burton encaminhou o despacho à Lord Russell, juntamente com um pedido de Burton para o reembolso pelos gastos da viagem – ainda que Burton não estivesse em exercício oficial de sua função consular. Russel respondeu da seguinte maneira à sugestão do funcionário, de que talvez fosse interessante reembolsar o cônsul, uma vez que se tratava de “uma valiosa adição em nosso conhecimento geográfico da costa africana”.

*“I think Capt Burton deserves great Merit for his ____ It is better to print the letter and send a printed copy to Geographical society. Printed copies to Admiralty and the office, and to Paris. Pay the bill of expenses[...] Let me have two copies.”*⁸⁷

⁸⁶ “As duas da tarde tomamos posse formal do lugar; hasteamos a bandeira inglesa; e deixamos nossos nomes numa placa de chumbo, com duas moedas – uma idéia brilhante, mas que não emanou de meu crânio.” *PRO, F.O. 84/ 1176, 22/02/62*. Digno de nota também é a associação entre *crânio* e *idéia*, mesmo num contexto onde a frenologia não era parte do argumento.

⁸⁷ “Eu acho que o capitão Burton merece grande mérito pela sua ____ É melhor imprimir a carta e enviar uma cópia impressa à *Geographical Society* . Cópias impressas para o almirantado e para o F.O. e para Paris. Pague a conta das despesas [...] mande-me duas cópias.” *PRO, F.O. 84/1176, minuta de Russell em 16/04/62*.

Esta recepção positiva do texto de Burton mostra uma grande valorização do conhecimento geográfico por parte do governo inglês, ao menos do *F.O.* Como dito anteriormente, a geografia e o império estavam profundamente conectados neste momento. Assim, Burton, mesmo fora de suas funções estritamente consulares, parecia responder às expectativas do *F.O.* em seus primeiros meses como cônsul na Baía de Biafra. No entanto, é preciso uma análise mais aproximada das correspondências entre o cônsul e o *F.O.* para que seja possível avaliar melhor a continuidade desta relação.

O trabalho na costa africana

Como já foi possível notar, Burton nutria certas expectativas sobre o seu trabalho como cônsul na costa africana. Enquanto no âmbito pessoal ele esperava uma certa liberdade no cargo para seguir realizando viagens de exploração, em termos institucionais ele parecia esperar que seu cargo fosse investido de poderes executivos que permitissem uma interferência mais direta na relação de mediação entre ingleses e nativos.

Num primeiro momento, o *F.O.* parecia avaliar de maneira positiva as explorações geográficas de Burton, tal como expresso nas correspondências analisadas no tópico anterior. Além disso, a forma de mediação de Burton entre nativos e ingleses também parecia agradar o *F.O.* como se viu no caso em que repreendeu o chefe africano *Dick Merchant* em Bimbia, próxima do rio Camarões.⁸⁸ Neste episódio, o chefe local, coagido por um cruzador britânico aceitou as condições impostas por Burton e assinou um tratado no qual desculpava-se pelo acontecimento, além de pagar uma multa.

Também é possível perceber que as resistências nativas às imposições da dinâmica comercial inglesa eram freqüentes durante o período do consulado de Burton na África Ocidental. Tome-se como exemplo um episódio acontecido no rio *Old Calabar*, em maio de 1862, na parte leste do Delta do Níger que envolveu participantes de praticamente todos os principais grupos ligados à dinâmica relacional entre a Inglaterra e a África Ocidental neste período, quais sejam, chefes e população nativa, missionários, encarregados comerciais britânicos, comerciantes serra leoneses, o cônsul inglês e um navio do esquadrão africano de combate ao tráfico. Este acontecimento foi narrado num despacho de

⁸⁸ Ver p. 86 deste texto.

Burton para o F.O, segundo o qual o cônsul recebeu um pedido de auxílio dos representantes comerciais ingleses de Duke town (*Old Calabar River*), pois um deles havia sido atacado por um nativo que, além da agressão física, “usou de linguagem violenta e ultrajante, e desafiou toda e qualquer autoridade”.⁸⁹ Segundo a descrição de Burton, ele partiu para a localidade na primeira oportunidade, no dia 2 de maio.

Ao chegar em Duke Town, o cônsul inglês recebeu outras reclamações dos comerciantes ingleses, desta vez relacionadas às práticas comerciais nativas que estariam prejudicando o andamento do comércio no rio. Segundo eles, o rei Archibong havia impedido os comerciantes africanos de fornecer óleo de palma devido à redução de preço proposta pelos ingleses. Além disso, reclamavam também de várias atitudes do Rei, quais sejam: a possível cobrança extorsiva do aluguel dos barracões, que serviam de depósito para o óleo antes do carregamento do navio e o impedimento de pequenos comerciantes serra leoneses de trazerem óleo diretamente do interior, além de uma série de outras “regulamentações” impostas pelo rei africano local.⁹⁰ Enfim, os ingleses estavam reclamando basicamente do poder que o rei Archibong tinha para decidir sobre as regras comerciais a serem aplicadas na localidade, o que sugere uma certa soberania mantida por determinadas comunidades na costa africana, a despeito da atuação britânica na região. Segundo a carta dos comerciantes ingleses, o chefes locais estavam, “*criando e aplicando à força leis nativas de comércio,*” e frente às suas reclamações, o rei respondia que “*ele era rei, e faria as leis que achasse justas*”.⁹¹

A atitude de Burton foi reunir os comerciantes ingleses e elaborar um tratado para ser assinado entre as partes. Obviamente, o texto do tratado era favorável à todas as demandas inglesas, com exceção talvez de um artigo que impedia a consignação de

⁸⁹ “Usou linguagem violenta e ultrajante, e desafiou toda e qualquer autoridade.” *PRO, F.O.* 84/ 1176, 22/05/62. Inclosure 1, datado de 23 de abril.

⁹⁰ Os ingleses reclamavam também do cerimonial de oferecimento de alimentos para os chefes locais a cada vez que um navio fosse ser carregado, dos valores cobrados pelos nativos para construir as benfeitorias, e da parcialidade das atitudes do rei na resolução de querelas entre ingleses e africanos. *PRO, FO* 84/1176, 22/05/62, Inclosure 2.

⁹¹ “...*Creating and putting in Force native laws touching trade, highly detrimental to us... [...] merely replying that he was King and would make any laws he thought fit.*” *PRO., F.O.* 84/1176, 22/05/62, Inclosure 1.

mercadorias gerando dívidas dos africanos para com os comerciantes.⁹² O conteúdo do documento tratava da criação da chamada “corte de equidade”, que deveria ser uma instância decisória sobre as freqüentes querelas comerciais. Os principais objetivos deste tratado eram a abertura do rio para o comércio direto, inclusive com o interior, e a transferência do poder decisório sobre questões comerciais para o cônsul inglês. Uma vez elaborado o documento, Burton convocou o rei Archibong para ratificá-lo. O rei, por sua vez, recusou-se de início até mesmo a encontrar com o cônsul, secundado inclusive por um certo reverendo Anderson, da missão religiosa local, terminando por assinar o tratado apenas sob ameaça de “medidas extremas” da marinha britânica contra a cidade.⁹³

Uma das conseqüências dos termos do tratado assinado seria a abertura da navegação do rio para comerciantes britânicos, para realização de comércio direto com o interior. Esta condição fez Burton subir o rio com objetivo de fiscalizar os mercados mais acima. A tentativa, entretanto, foi infrutífera, tendo sido a comitiva inglesa barrada por um grupo de homens armados a cerca de 60 quilômetros acima de Duke town e obrigada a retornar.

De volta à Duke town, Burton exigiu de Archibong a punição dos africanos que haviam impedido sua passagem. Contudo, nenhum nativo foi punido pelo acontecimento. O cônsul, em navio de guerra, resignou-se a deixar a localidade de volta à Fernando Pó. Desta forma, depois de mais de uma semana de atividade no rio *Old Calabar*, Burton voltou para

⁹² Como se viu, a consignação (*trust*) era uma das formas utilizadas por comerciantes ingleses para manutenção do mercado. Adiantavam-se grandes quantidades de bens para os comerciantes africanos, que se comprometiam a entregar o óleo de palma para saldar as dívidas. Para uma análise desta forma de relação comercial ver: Lynn, *The West African Palm Oil trade...*,

⁹³ A permanência do missionário ao lado do chefe nativo levanta uma série de questões. Os missionários eram praticamente os únicos ‘estrangeiros’ que de fato residiam na localidade. Talvez, a percepção de que *Archibong* ainda mantinha certa soberania na cidade, tenha feito o reverendo Anderson evitar entrar em conflito com ele, pois dependia desta boa relação para a própria sobrevivência da missão. Por outro lado, boa parte dos missionários era de origem africana, e talvez houvesse alguma forma de identidade comum entre Anderson e a população de *Duke town*. Infelizmente, estas questões não são possíveis de serem respondidas neste trabalho. Um artigo interessante que analisa a relação entre as missões religiosas e a comunidade africana, especialmente no curso do Níger mais ao interior é: Kolapo, Femi. “CMS Missionaries of African Origin and Extra Religious Encounters at the Niger-Benue Confluence, 1858-1880”. *African Studies Review*, vol. 43, n. 2, 2000. pp. 87-115.

a sede do consulado com um tratado assinado, que garantia no papel a abertura do rio. No entanto, nem mesmo ele, acompanhado de comitiva naval, tinha conseguido navegar em direção ao interior. O estado de ânimo do cônsul fica bastante claro no final do texto do despacho. Dizendo que não voltava imediatamente munido de mais forças em razão da estação insalubre, afirmava que voltaria em outro momento para “abrir” o rio para o comércio, pois:

“The ‘middle men’ who now infest the coast from Benim to Cameroons, can no longer be permitted to bar the great highways which nature has run into the interior Africa.

*I shall meet some opposition, as the plundering of the ‘bush men’ is necessary to support the indolence, the pride, and the vile sensuality of the coast people. But with the permission of Her Majesty Government, I shall succeed.”*⁹⁴

Episódios como o descrito acima fornecem interessantes exemplos da dinâmica da relação entre as comunidades nativas e os agentes ingleses na costa ocidental africana, e sobre a atuação de Burton neste contexto. Note-se em primeiro lugar que a resistência nativa à imposições comerciais e culturais britânicas foi uma constante. Sob a forma de regulamentações comerciais próprias, enfrentamento direto ou saques a estabelecimentos ingleses, os africanos resistiam sempre que consideravam as atitudes britânicas prejudiciais aos seus intentos. Por outro lado, o “esquadrão africano”, em teoria um instrumento do governo inglês para combater o tráfico escravo era com frequência utilizado como força de coação nas relações de comércio, supostamente “livres”⁹⁵. Mesmo assim, como foi possível perceber, nem sempre a simples presença de um navio de guerra britânico garantia a imposição das condições exigidas pelos comerciantes ingleses.

⁹⁴ “Os ‘intermediários’ que agora infestam a costa de Benim à Camarões não podem mais ser permitidos barrar a grande estrada que a natureza construiu para o interior da África .

Eu devo encontrar alguma oposição, uma vez que a pilhagem dos ‘homens da floresta’ é necessária para dar suporte à indolência, ao orgulho e à sensualidade vil do povo da costa. Mas com a permissão do governo de Sua Majestade, Eu devo conseguir.” *PRO*, F.O., 84/1176, 22/05/62.

⁹⁵ A coação não se limitava às relações comerciais, incluindo também imposições à características culturais locais, como a exigência do fim de sacrifícios humanos, entre outras.

No caso específico de Burton, chama a atenção a agressividade com a qual tratava o tema. Note-se, por exemplo, a diferença dos termos de Burton com relação ao seu antecessor no posto consular da baía de Biafra. O cônsul anterior, Hutchinson, havia assinado um tratado com os chefes do rio Camarões em 1859, versando sobre o final do costume de sacrifícios humanos. Os termos do documento propunham que:

“...all human sacrifice [...] for pagan worship or for other circumstances or customs be from this day hence forward entirely disused and abolished”.⁹⁶

Quando Burton esteve no local pela primeira vez em seu período de atividade consular, decidiu anexar um artigo ao tratado já existente, visando acabar com as mortes por vingança. Os termos do texto escrito por Burton são um pouco mais enfáticos, não se referindo aos costumes apenas como oriundos do culto pagão. De acordo com o texto do artigo adicional proposto por ele, os chefes locais deviam concordar:

“That the practice of murder for reprisals, or according to the barbarous and inhuman custom of the country, or any other pretence whatever, shall henceforth be abolished and cease forever;”⁹⁷

Como é possível perceber, Burton forçou aos chefes africanos um tratado no qual eles assinavam um auto reconhecimento como **bárbaros e inumanos**, enquanto os ‘sacrifícios humanos’ haviam sido tratados apenas como ‘costumes’ de um ‘culto pagão’, no tratado anterior. Isso não quer dizer que Hutchinson tivesse os africanos em alta consideração, ou apresentasse uma visão mais relativista do que Burton, mas apenas que este último utilizava-se de uma estratégia retórica diferente para apresentar suas opiniões sobre a política britânica para a África Ocidental.⁹⁸

⁹⁶ “...todos os sacrifícios humanos para culto pagão ou outras circunstancias ou costumes estão deste dia em diante inteiramente abolidas.” *Parliamentary Papers*, 1863, vol. LXXI, Africa, consular, p. 38.

⁹⁷ “A prática de assassinatos por represália, ou de acordo com os bárbaros e inumanos costumes so país, ou qualquer outro pretexto, deve de agora em diante ser abolida e cessar para sempre.” *Parliamentary Papers*, 1863, vol. LXXI, Africa, consular, p. 38. (Grifos meus).

⁹⁸ De fato, os interesses de Burton e Hutchinson pareciam diferentes. Segundo Newbury, Hutchinson tinha interesses comerciais em jogo e por isto colocava-se sempre favoravelmente aos comerciantes ingleses, sendo que, algumas vezes estes interesses também coincidiam com aqueles de uma elite comercial africana costeira. Newbury, C.W. *Introduction* in: Burton, Richard. *A mission to Gelele King of Dahome*, London: Routledge,

Um outro episódio ocorrido ainda no ano de 1862 pode fornecer mais elementos para que se reflita sobre a relação entre a forma de representação do africano e os projetos políticos de Burton para a região. Trata-se de uma viagem do autor para o rio Benim (a oeste do Delta do Níger), para onde Burton foi com intuito de punir os culpados pelo ataque à um estabelecimento comercial de um mercador inglês (Mr. Henry) e conseguir um ressarcimento dos bens perdidos por ele. Desta vez, o cônsul, novamente à bordo de um navio de guerra, ordenou o bloqueio do comércio do rio até que os culpados lhe fossem entregues. Entretanto, como a resolução do caso demorava, a faceta exploradora de Burton emergiu novamente, tendo ele encontrado tempo para realizar pequenas viagens ao interior, em especial para as cidades de *Benim* e *Wari*, bem como para a escalada de uma outra montanha. A partir destas curtas viagens, Burton produziu, além dos despachos para o *F.O.*, uma série de artigos para a *Fraser's Magazine of Town and Country* intitulados *My Wanderings in West Africa*, publicados no início de 1863 e, um outro artigo para a *R.G.S* intitulado *Exploration of the Elephant Mountains*.

Benim e a montanha do Elefante.

Os artigos enviados por Burton à *Fraser's Magazine* apresentam as características representações do autor sobre os africanos como 'brutalmente selvagens'. Estas descrições, entretanto, foram feitas numa linguagem muito virulenta que não se encontra em nenhum dos demais textos do autor lidos durante esta pesquisa. Estes textos foram publicados por Burton anonimamente, sob pseudônimo de *a fellow RGS*. Parece que Burton sentiu-se mais

1966. A relação entre comerciantes ingleses e africanos na costa dependia da conjuntura local. Frequentemente, ingleses e africanos tinham o interesse comum de manter a estrutura comercial inalterada, que garantia um oligopólio das grandes firmas de comércio de Liverpool e de elites comerciais africanas costeiras. Para a estrutura de comércio, e sua transformação neste período, ver Lynn, M. "From Sail to Steam: the Impact of the Steamship Services on the British Palm Oil Trade with West Africa, 1850-1890". *The Journal of African History*. Vol. 30, n 2, 1989, pp. 227-245

a vontade para tratar de temas tais como o tráfico escravo e a atuação inglesa nestes artigos, muito embora sua autoria dificilmente não fosse reconhecida pelo público inglês.⁹⁹

Menções à estes textos da *Fraser's Magazine* já foram feitas aqui para a discussão das perspectivas de Burton sobre o trabalho consular. Nestas menções, Burton criticava com veemência a postura de “negociação” do governo inglês, que estava “fugindo ao seu dever” ao aplicar uma política de “não interferência” e “anti beligerante”.¹⁰⁰ Da mesma forma que as menções negativas à forma de atuação britânica eram mais explícitas, também o era a retórica que apresentava a África e os africanos como selvagens.

Frente à inação inglesa, a África representada por Burton surge sob lentes bastante radicais. Tratava-se de um lugar perigoso, onde todo o cuidado por parte de viajantes e residentes europeus não eram ainda suficientes para garantir sua sobrevivência.¹⁰¹ Os africanos, por sua vez, nunca surgiram em cores mais detratórias, descritos como profundamente selvagens numa linguagem que parece ter sido empregada para chocar o leitor. Desta forma, durante uma caminhada da comitiva do cônsul inglês em direção à Benim, por exemplo, o narrador avista uma cena “verdadeiramente africana”:

*“A corpse lying upon the path, with head partially peeled, sprawling prone in its own corruption. Hardly a soul, or rather a body – **for it is hard to believe that these fellows have souls** – stirred out of the path. Most of them merely stepped over the remains.”*¹⁰²

A imagem intensa para a público inglês, de um corpo em decomposição, com a cabeça com uma parte sem pele, é reforçada com a descrição da suposta indiferença dos africanos que acompanhavam a comitiva, que nem mesmo desviavam do caminho, simplesmente passando por cima dos restos do cadáver.

⁹⁹ Burton escreveu a Milnes sobre estes textos perguntando com ironia: *have you seen a FRGS writing in Fraser and can you tell me who he is?*. Além do mais, ele mesmo estava lançando um livro homônimo no mesmo ano, embora não discorresse sobre as mesmas regiões.

¹⁰⁰ Ver anteriormente neste texto.

¹⁰¹ *Fraser's magazine of Town and Country*, 1863, vol. 57, pp. 143-144.

¹⁰² “Um corpo largado sobre a trilha, com a cabeça parcialmente sem pele, esparramado sobre seus próprios dejetos. Dificilmente uma alma, ou mesmo um corpo – por que é difícil acreditar que estas pessoas tenham almas – moveu-se para fora da trilha. A maior parte deles apenas passou por cima dos restos.” *Fraser's magazine of Town and Country*, 1863, vol 57, p. 282.

São inúmeras as passagens nas quais o narrador descreve restos de sacrifícios humanos em cores bastantes vivas. Segundo ele, “sinas de restos humanos estavam em toda a parte”. As descrições destas cenas, por sua vez, contavam com detalhes bastante mórbidos. Note-se este excerto por exemplo, no qual o narrador menciona que ao passar por um grupo de árvores ao lado da estrada:

*“...flights of turkey buzzards drew our attention to the form of a fine young woman, seated, and lashed hand and foot to a scaffolding of rough branches, which raised her 10 or 12 yards from the ground. The birds had been busy with her eyes, part of the bosom had been eaten away, and the skin was beginning to whiten – a ghastly sight.”*¹⁰³

Não parecia o bastante anunciar a cena ‘repelente’ de uma jovem morta e amarrada aos galhos das árvores. Era preciso descrever que seus olhos, bem como parte de seus seios, haviam sido comidos pelos urubus. Este tipo de descrição, como já foi mencionado, não se encontra em nenhum dos outros relatos ou artigos de Burton. Apesar de menções à suposta ‘feiúra’ dos africanos aparecerem em outros textos, em nenhum deles o tema é tratado com tanta crueza como aqui.

Restos de antigas missões portuguesas de séculos anteriores são apresentados como provas da derrota na luta entre a “cruz” e a “natureza revoltada do lugar”. Interessante notar que após a descrição de cenas revoltantes e pitorescamente repulsivas, o autor lamenta a ausência de missões religiosas permanentes no lugar, comentando que nos locais onde estas missões existiam e onde o intercuro comercial com a Europa também era mais desenvolvido, tais cenas eram mais raras.¹⁰⁴

¹⁰³ “...vôos de urubus chamaram nossa atenção para a forma de uma jovem mulher, sentada e amarrada pelas mãos e pés à uma estrutura (cadafalso) de galhos irregulares, que a levantava entre 9 e 11 metros do chão. Os pássaros tinham estado ocupados com seus olhos, parte dos seios haviam sido comidos, e a pele estava começando a branquear – uma visão repelente.” *Frasers’ magazine of Town and Country*, 1863, vol 57, p. 407.

¹⁰⁴ Burton, neste caso, não estava falando da costa africana, mas de regiões um pouco ao interior. A comparação de Burton era com Abeokuta e Ashanti, onde missões inglesas já existiam a algumas décadas. É significativo que estas eram regiões nas quais as ações intervencionistas, como se viu no caso de Abeokuta, eram um pouco mais agressivas.

Na opinião de Burton, a maneira de transformar as condições da região não era apenas uma forma qualquer de relação comercial entre europeus e africanos. Neste texto ele critica diretamente a forma de comércio praticada por mercadores ingleses na costa. Qualifica os mercadores como gananciosos, incitando a desunião e as contendas entre os africanos para lucrarem cada vez mais com seus negócios. De fato, nesta série de artigos, Burton não poupa nenhum dos atores envolvidos no desenrolar dos acontecimentos da África Ocidental: nativos, governo inglês, mercadores ingleses e serra leoneses, enfim, todos merecem severas críticas. A situação era retratada como um erro completo, cuja razão derivava, em grande parte, da Inglaterra “fugir ao seu dever”. Embora Burton não torne explícito neste texto, infere-se que era o ‘dever’ do Estado inglês a regulamentação estrita das relações comerciais na África, impondo uma tutela direta sobre os africanos, através da demonstração de força e do exemplo moral.¹⁰⁵

A crítica à ausência de “exemplo moral” nas atitudes de representantes ingleses na costa africana voltaria a aparecer no despacho enviado ao *F.O.*, sobre a escalada da Montanha do Elefante. Este relatório foi escrito por Burton também com objetivo de publicação na revista da *RGS*. O relatório original, infelizmente, não foi encontrado, e apenas a versão publicada pela revista da *RGS* pôde ser analisada. No entanto, o despacho interno do *F.O.* fornece indicações suficientes para inferir o que constava no original e que foi suprimido no artigo final. O funcionário que recebeu a correspondência comunicou-se com Russell nos seguintes termos:

“This account [...] is interesting but I think it ought be revised before being sent to the Geographical society for publication[...]

*For instance, there is one part of the narrative in which he mentions that the sailors of “Bloodhound” deceived the natives by given penny pieces silvered over for dollars, and he asks for authority to remedy the swindle. I think we ought not publish this...”*¹⁰⁶

¹⁰⁵ Burton lembrava ao *F.O.* a afirmação de um de seus predecessores na região, que dizia: “*A consuls moral force without a ship of war is a moral farce in these regions.*” *PRO, F.O.* 84/1176, 18/12/62. (A força moral de um cônsul sem um navio de Guerra é uma farsa moral nestas regiões”).

¹⁰⁶ “Este relato [...] é interessante mas eu acho que precisa ser revisado antes de ser enviado à *Geographical Society* para publicação [...]

Em outras palavras, os ingleses que deveriam ser exemplos de conduta moral, divertiam-se enganando os “incapazes” africanos ao invés de ajudá-los a agir com retidão. O restante do curto relato da subida a montanha apenas repete em escala reduzida o anterior sobre as montanhas de Camarões.¹⁰⁷ Embora desta vez a montanha fosse bastante fácil de escalar e os detalhes geográficos não tivessem grande valor intrínseco, o relato tinha a vantagem de “provar o quão facilmente um explorador pode penetrar nesta parte da África.”¹⁰⁸

A análise destes textos fornece também indicações de como Burton movia-se dentro de diferentes papéis, durante sua passagem pela costa africana, ora geógrafo explorador, ora cônsul, ora escritor de relatos de viagem. Conforme o papel do qual se investia, sua retórica apresentava claras diferenças, desde os textos mais diretos e objetivos enviados ao *F.O.* até a narrativa *passional* enviada à *Fraser's Magazine*, passando por uma redação mais elaborada e um tanto preocupada com a recepção do mercado editorial em seus relatos de viagem.¹⁰⁹ De qualquer forma, o importante é notar que ao investir-se destes diferentes papéis, Burton criava possibilidades de dirigir-se à diferentes audiências para expor suas visões e opiniões políticas sobre a África, que parecem propor mudanças significativas nas relações desta com a Inglaterra.

Um dos elementos que orientam as mudanças propostas por Burton são as resistências nativas às imposições comerciais e culturais inglesas. Estas ações de resistência direta transparecem nos documentos de Burton para o *F.O.*. Mais do que as atitudes nativas,

Por exemplo, há uma parte da narrativa na qual ele menciona que os marinheiros do “*Bloodhound*” enganaram os nativos dando-lhes centavos prateados como se fossem dólares, e ele pede à autoridade para remediar este engodo. Eu acho que não devemos publicar isto...” PRO, FO 84/1203, 06/01/63. Recomendação à qual Russell respondeu: “*Let everything not connected to the accent be omitted.*”.

¹⁰⁷ Inclusive com a pequena história da resistência nativa, facilmente vencida. Burton tenta passar sem pagar o tradicional “pedágio” por uma vila africana, e logo foram barrados por guerreiros brandindo suas armas, “*the uninitiated person would have expected the instant massacre of the whole party*”, mas o assunto logo foi resolvido perante o pagamento de uma pequena taxa”. *Journal of RGS*, vol. 33, pp. 241-50.

¹⁰⁸ *Journal of RGS*, 1863, vol. 33, p. 244.

¹⁰⁹ Utilizo o advérbio *relativamente* por que mesmo sendo mais cuidadoso nos textos de seus relatos, dificilmente pode-se afirmar que suas representações da África não causavam certo desconforto no público leitor inglês.

entretanto, o que parecia incomodar Burton era a impossibilidade de reprimi-las com medidas de força que julgava necessárias, dada a política inglesa, em teoria, não intervencionista e as especificidades de sua posição consular que não lhe permitiam atuar de forma executiva conforme desejava. Entretanto, ainda há outras formas de resistência ou estratégias de adaptação à conjuntura local por parte dos africanos, que ainda não foram discutidas aqui. A apresentação de um outro caso específico merece atenção.

O caso Pepple.

Um dos principais centros comerciais do Delta do Níger era a cidade de Bonny, localizada na parte leste da região. Por volta da década de 1830, esta localidade respondia por aproximadamente um terço do volume total de óleo de palma exportado por toda a costa ocidental africana.¹¹⁰ Como se viu, a organização política do Delta vinha se transformando ao longo dos séculos de desenvolvimento do comércio atlântico, em especial com a ampliação dos poderes do rei e com a ‘abertura’ cada vez maior do sistema de linhagens (*House sistem*) à penetração de membros exteriores ao grupo sanguíneo original. Uma das consequências destas transformações foi o domínio econômico da linhagem principal sobre as demais, e a ocupação de lugares administrativos importantes por elementos externos à linhagem consanguínea, juntamente com um grande afluxo populacional composto de ‘escravos’ que, agregados às diferentes linhagens fortaleciam a posição destas na hierarquia interna.¹¹¹

No século XIX, proeminência econômica e política eram praticamente sinônimos em Bonny, uma vez que uma das prerrogativas do rei era o controle dos interesses econômicos do Estado.¹¹² No início da década de 1830, a linhagem Pepple estava em seu terceiro rei, conseguindo desta forma um grande acúmulo de poder sobre as demais

¹¹⁰ Lynn, Martin. “Change and Continuity in the British Palm Oil Trade with West Africa, 1830-1855”. *The Journal of African History*, vol. 22, n. 3, 1981, pp. 331-348. Tabela na p. 341. Em outro artigo deste mesmo autor pode-se inferir que por volta da década de 50 Bonny continuava como o maior porto exportador de óleo da África, com cerca de 15% do total. Lynn, M. “From Sail to Steam: the Impact of the Steamship Services on the British Palm Oil Trade with West Africa, 1850-1890. *The Journal of African History*. Vol. 30, n 2, 1989, pp. 227-245.

¹¹¹ Ver o tópico *Delta do Níger* neste mesmo texto.

¹¹² Alagoa, E. J. *The Development of Institutions...*, pp. 270-273.

linhagens no pequeno Estado costeiro. Até então, a cidade mantinha-se senhora da situação comercial, vendendo tanto óleo de palma como escravos, respondendo à demanda atlântica. Mas este também foi um período bastante conturbado para a política e o comércio em Bonny por dois motivos principais que tornaram-se interligados: uma crise na sucessão ao trono e a interferência do esquadrão naval britânico.

Para analisar e compreender melhor a presença e atuação de Burton em Bonny, faz-se necessário retomar brevemente algumas descrições já expostas no capítulo 2, em especial sobre a crise sucessória na cidade e a pressão do esquadrão naval inglês neste episódio.

Em 1830, com a morte do rei Opobo teve início um período de indefinição quanto à sua sucessão. Em seu lugar um ex-escravo chamado Madu, que já desempenhava um papel importante na linhagem Pepple, assumiu como regente. Entretanto, quando Madu morreu em 1833, foi seu filho, Alali, e não o herdeiro legítimo que assumiu. Uma oposição então organizou-se em torno de William Pepple, buscando retomar o controle da linhagem mais importante de Bonny, que governava de fato a cidade.

A interferência do esquadrão naval britânico, por sua vez, teve início no ano de 1836 quando um cruzador inglês invadiu o porto de Bonny para aprisionar um navio escravista espanhol que estava sendo carregado. O então regente Alali desafiou a autoridade naval britânica, apreendendo mercadores ingleses e exigindo explicações. Como resultado deste ‘desafio’, o esquadrão naval bloqueou o comércio da cidade com vários navios. William Pepple parece ter percebido a possibilidade de ascender ao trono através de uma aproximação com a Inglaterra. De fato, no início de 1837 a Inglaterra forçou a deposição de Alali alçando Pepple ao poder. O preço cobrado pela intervenção britânica em favor de Pepple foi a assinatura de um tratado contra o tráfico escravo em 1839 em troca de uma recompensa anual de 2 mil dólares.¹¹³

Apesar da aproximação de Pepple com a Inglaterra ter resultado na retomada do poder em sua linhagem, ele não parecia estar em total acordo com as exigências inglesas, sendo que o comércio de escravos continuou a existir ainda que em volume bastante diminuído. A Inglaterra, por sua vez, não cumpriu a sua parte do acordo – o pagamento

¹¹³ . Segundo Dike, K. *Trade and Politics...*, este foi o primeiro tratado nestes termos entre a Inglaterra e um estado da África Ocidental.

anual de compensação em dinheiro – o que tornava a situação política de Pepple delicada, desenvolvendo uma oposição à aproximação com a Inglaterra, cada vez mais forte também entre os aliados do rei. Ao longo da década de 1840, iniciou-se uma verdadeira operação de guerrilha na rede de rios próximas à Bonny, com constantes ataques à mercadores ingleses.¹¹⁴

Finalmente, a nomeação de John Beecroft como primeiro cônsul inglês para as baías de Benim e Biafra tornou a situação de tentativa de resistência direta em Bonny insustentável, pois o esquadrão passou a atuar de forma bem mais incisiva a partir deste momento. Em 1854, Beecroft acabou depondo o rei que a própria Inglaterra tinha levado ao poder, mandando-o para o exílio, parte do qual Pepple passou na Inglaterra. A situação política em Bonny ficou completamente desorganizada e as dificuldades para os comerciantes continuavam a aumentar, sendo que nos anos seguintes, apesar do aumento do comércio, os próprios representantes comerciais britânicos começaram a solicitar a volta do rei, como forma de tornar a situação comercial mais segura. Cerca de sete anos depois, William Pepple seria reempossado, pouco antes de Burton chegar à costa africana e iniciar seu trabalho como cônsul.

A primeira visita de Burton à cidade ocorreu ainda em dezembro de 1861, entre as viagens que realizou para Abeokuta e para as montanhas de Camarões. Nesta circunstância, o cônsul relatou ao F.O que Pepple estava vivendo com uma pequena corte – a qual contava inclusive com duas mulheres inglesas, para desgosto de Burton – e que para sustentar esta situação, gastava cerca de 5 mil libras por ano “na esperança de cobrir os gastos com precárias taxas de comércio”¹¹⁵

A série de correspondências sobre a situação de Bonny serve para exemplificar as dificuldades de comunicação entre o cônsul e o F.O., geradas pela demora no trânsito destes despachos entre África e Europa. Antes mesmo de receber o primeiro despacho de Burton, mencionado acima, Russell já havia encaminhado ao cônsul, em fevereiro de 1862, as reclamações da *African Steamship Company* sobre uma cobrança supostamente irregular

¹¹⁴ Nesta década, o esquadrão africano voltou a intervir, aprisionando e deportando o chefe religioso que comandava as ações de guerrilha no interior.

¹¹⁵ PRO, FO 84/1176, 14/01/62. Além destas condições, o que chamou a atenção de Burton foram as marcas de sacrifícios humanos, através da exposição de crânios e ossos na fachada da cidade.

de tarifas comerciais em Bonny, que estavam incidindo sobre um navio da companhia encarregado apenas do reabastecimento dos demais vapores que faziam o trajeto Inglaterra-África Ocidental.¹¹⁶

Burton, no entanto, só acusou o recebimento desta correspondência que ordenava que procedesse imediatamente para Bonny, em 22 de maio de 1862, cerca de cinco meses depois do motivo da queixa ter se originado.¹¹⁷ A resposta do cônsul para Russell, que por sua vez só chegou ao *F.O.* no dia 10 de julho, dizia ser impossível o deslocamento para Bonny naquele momento, pois não havia nenhum cruzador disponível, além do fato de que estavam no período mais crítico com relação a febre amarela.¹¹⁸

Aparentemente, Pepple iniciou a demanda da tarifa sobre o navio da *African Steamship* entre dezembro e janeiro de 1862, logo após a passagem de Burton pela cidade, pois, caso contrário, a reclamação da companhia poderia ter sido feita para o cônsul em pessoa. Assim, pode ter sido uma estratégia do rei esperar a passagem do cônsul antes de iniciar a cobrança. Ele havia estado exilado na Inglaterra e sabia da demora necessária para a circulação de correspondências.

De fato, Burton só retornou à Bonny no final de outubro de 1862, depois de receber outras correspondências relativas à questões comerciais e políticas na localidade. O *F.O.* encaminhou para seu cônsul na baía de Biafra uma série de solicitações feitas em nome de Pepple por um certo Mr. Thwaites, que reclamava neste documento o reconhecimento oficial de representante consular de Bonny na Inglaterra.¹¹⁹ Nestas solicitações, Thwaites além de enfatizar o direito de cobrança da tarifa sobre o mencionado navio da *African Steamship Company*, solicitava ajuda ao esquadrão africano na contenção de sacrifícios humanos e, por fim, avisava que Pepple pretendia aumentar ainda mais as tarifas

¹¹⁶ *PRO*, FO. 84/1176, 26/02/62. A companhia, por sua vez, escrevera em 12 de fevereiro para Russell.

¹¹⁷ Contando cerca de um mês de viagem entre a costa africana e Inglaterra, a comunicação deve ter saído de Bonny no início de janeiro, chegado à Liverpool no início de Fevereiro, e a Londres no dia 12 daquele mês. No dia 26 de fevereiro Russell escreveu à Burton, que por sua vez só acusa o recebimento em 22 de maio. Não fica claro o motivo da demora de 3 meses entre o envio de Russell e o recebimento de Burton.

¹¹⁸ *PRO*, FO. 84/1176, 22/05/62.

¹¹⁹ Segundo Dike, Thwaites era um Quaker, parte de um grupo que tinha se encarregado de tutelar Pepple durante sua estada na Inglaterra. Dike, K. *Trade and Politics...*

comerciais para incrementar a arrecadação de seu reino. Esta última informação aparecia com a seguinte justificativa:

*“Respecting to the new tariff, the King has given up trading himself; and the heavy calls upon him for presents to send up the country, improvements in the town, river side, etc..., compel him to increase the comey; and he is also anxious to built schools, which cannot be done without money, and of course when he traded himself it was a large source of profit to him.”*¹²⁰

É provável que justificativas, tais como, “melhoramentos na cidade e na margem do rio” e “construção de escolas”, não tivessem sido utilizadas não fosse o contato que Pepple havia tido com a Inglaterra durante seu tempo de exílio. De fato, são motivações que se encaixam com perfeição no discurso missionário e humanitário. Por outro lado, Pepple encontrava-se em situação pouco favorável, pois embora fosse nominalmente regente de Bonny, não possuía grandes fontes de arrecadação, o que deixava sua linhagem enfraquecida. A não participação no comércio, antes de ser uma opção do próprio rei, devia-se muito mais à limitações conjunturais. Afastado durante mais de seis anos da costa africana, perdera suas relações comerciais com o interior que garantia o fornecimento de óleo para vender aos ingleses, ao mesmo tempo em que enfraquecera suas ligações com os próprios comerciantes ingleses. Como se viu, sem suporte econômico era muito difícil exercer de fato o poder em Bonny.

O pedido de ajuda para acabar com “sacrifícios humanos” que consta da mesma correspondência de Thwaites fornece uma indicação da situação de Pepple. É possível que houvesse uma razão por trás de uma eventual vontade do regente de realmente acabar com estes costumes, qual seja: ao trazer novamente o esquadrão africano para secundar uma de

¹²⁰ “No que diz respeito às novas tarifas, o rei desistiu de ser comerciante; e os pesados encargos sobre ele para pagar os presentes que envia mais acima no país, as melhorias na cidade e na beira do rio, o compelem a aumentar a *comey*; ele também está ansioso para construir escolas, as quais não podem ser feitas sem dinheiro, e é claro que quando ele mesmo era comerciante isto era uma grande fonte de lucro para ele.” *F.O.* 84/1176, 23/07/62, anexo 1.

suas propostas, Pepple tentava associar-se ao poderio britânico e de certa forma criar condições de exercer a autoridade perdida durante sua ausência.¹²¹

Infelizmente para Pepple o cônsul inglês na região não era nem um pouco permeável à argumentação filantrópica e humanitária de Thwaites. A resposta de Burton após sua passagem por Bonny foi, em sua totalidade, contrária às demandas do regente africano. O cônsul não concordava com a legalidade do pagamento da tarifa pelo navio da companhia, nem com qualquer aumento na cobrança de taxas comerciais. Para Burton, a situação em Bonny estava degenerando por culpa de seu regente. Segundo ele:

*“During the last seven or eight months trade has been almost stopped in the river, chiefly owing to the vagaries of the King, who, thoroughly demoralized by a long residence in England, threatens on all occasions an attorney, or a civil suit, a school or a missionary.”*¹²²

Como é possível perceber, Burton considerava a estadia de Pepple na Inglaterra como algo desmoralizante. Suas críticas à postura do regente africano estão associadas em geral à suas referências a instituições inglesas que deveriam ser aplicadas em Bonny, tais como advogados, processos civis e escolas.¹²³

Quanto a demanda de Thwaites por um representante consular de Bonny na Inglaterra, sob argumento de que Pepple sempre havia permitido a entrada do cônsul inglês em seus domínios, Burton respondeu de maneira ainda mais radical:

¹²¹ O F.O. por outro lado, parece ter feito leitura semelhante das solicitações de Pepple. Apesar de considerar legítima e digna de suporte a intenção de acabar com os sacrifícios humanos, Russell fez uma ressalva à Burton, que deveria informar ao regente de Bonny que *“Her Majesty Government have no wish or intention to give him political support.”* PRO, FO 84/1176, 23/10/62.

¹²² “Durante os últimos sete ou oito meses o comércio tem estado quase parado no rio, principalmente devido às inconstâncias do rei, o qual, totalmente desmoralizado por uma longa residência na Inglaterra, ameaça em todas as ocasiões contratar um advogado, ou abrir um processo, ou com uma escola ou missionário.” PRO, FO, 84/1176, 18/12/62.

¹²³ Como já se notou, Burton tinha profunda aversão à demanda por igualdade na África. Uma demanda sustentada por argumentos humanitários e missionários, em geral associada à Serra Leoa. Pepple, além disto, para piorar sua imagem frente à Burton, vestia-se à européia, e em sua corte havia mesmo algumas mulheres inglesas.

*“This may sound well in Highbury Terrace; in Bonny it is as arrogant as it is absurd. King Pepple is a petty trading chief, son of a petty trading chief, King of a dirty town which bears the same proportion to Benim and Biafra as the Isle of Man to the United Kingdom. The ‘improvements in town, river-side, etc’..., are mere inventions. Bonny is still the filthiest and the most barbarous place upon this coast.”*¹²⁴

Há um claro exagero por parte de Burton, pois Bonny era o principal porto exportador de óleo de palma de toda a costa africana ocidental, e o capital britânico comprometido com a localidade beirava um milhão de libras. Além disso, embora Pepple estivesse com sua autoridade de fato comprometida, a casa dinástica a qual pertencia havia sido bastante forte até a geração anterior.

A utilização de argumentos humanitários e o pedido de auxílio ao esquadrão naval britânico por parte do regente de Bonny podem ser vistos como reflexos de uma conjuntura de profunda transformação na estrutura política da localidade, resultante de mais de duas décadas de constante intervenção inglesa. Pepple manejava no interior de um padrão intervencionista ao qual esteve submetido, para assegurar sua proeminência pessoal sobre o estado de Bonny, mas o *F.O.* parecia disposto a intervir apenas para garantir o fluxo comercial. Ao mesmo tempo, a disposição negativa de Burton com os argumentos utilizados tornaram esta estratégia um tanto ineficaz.

Burton parecia estar profundamente irritado com a sua situação de representante consular na África Ocidental naquele momento. Cerca de um ano antes, quando de sua indicação para o cargo, ele escrevera à Milnes sugerindo que enfim largaria das ‘migalhas’ que caíam da mesa do governo, e que ‘morderia com os molares o pão governamental’. Entretanto, o ‘pão’ não lhe parecia agora muito grande. O salário não era grande coisa, a região era bastante insalubre, e mesmo gastos que julgava serem responsabilidade governamental, como a reforma da casa do consulado em Fernando Pó, acabavam recaindo

¹²⁴ “Isto pode soar bonito em Highbury Terrace; em Bonny entretanto, é tão arrogante quanto absurdo. rei Pepple é um pequeno chefe comerciante, filho de um pequeno chefe comerciante, rei de uma cidade suja que guarda as mesmas proporções para Benim e Biafra que a Ilha de Man para o Reino Unido. As ‘melhorias na cidade e na beira do rio, etc...’, são meras invenções. Bonny ainda é o lugar mais sujo e bárbaro nesta costa.” FO, 84/1176, 18/12/62.

sobre seu próprio bolso.¹²⁵ Ao mesmo tempo, Burton não estava satisfeito com a sua relação com os oficiais do esquadrão inglês na África, cujos navios eram importantes instrumentos, em seu ponto de vista, para tornar possível a realização de seu trabalho. Na última visita que fez à Pepple, por exemplo, a qual resultou no parecer acima, ele esteve à bordo de um vapor comercial, pois o esquadrão não pôde lhe oferecer um navio a tempo. No final de 1862 Burton percebia de maneira mais clara que a posição consular não lhe garantia na prática nenhum status no corpo diplomático inglês e, conseqüentemente, nenhum respeito por parte dos oficiais da marinha. No início de 1863, Burton escreveu para Russell solicitando uma patente militar, pois descobrira, via imprensa, que havia sido desligado da Companhia das Índias Orientais, o que lhe rebaixava ainda mais frente aos outros ingleses em cargos oficiais na costa. Num texto pouco característico para o orgulhoso Burton, no qual ele resumiu suas atividades desde 1842, quando entrou para o exército da Companhia das Índias Orientais, passando pelas explorações no Oriente Médio e na África Oriental, pela participação na guerra da Criméia, e enfim, pelo primeiro ano de atividade consular, ele concluía:

*“Thus my lord, after 19 years in service of H Ms and of Court of Directors I find my name at the Gazette as “struck off” [...] I should feel deeply grateful if your lordship would enable me to obtain the local or honorary rank of Lt Colonel in H Ms service based in a Spanish colony with a military governor and thrown much amongst British naval officers some of whom rank with me and are much my juniors in years”.*¹²⁶

Esta correspondência foi escrita em Londres, local onde Burton esteve entre dezembro de 1862 e janeiro de 1863. Neste curto período, ele adiantou os assuntos para a

¹²⁵ Assim que chegou em Fernando Pó, Burton começa a corresponder-se com o *F.O.* sobre a reforma da casa, na qual segundo ele tinha gasto em torno de 400 libras. A troca de correspondências duraria mais de 4 anos até que Burton fosse reembolsado, mesmo assim, sob condições especiais, e somente depois que Lord Stanley, praticamente um amigo pessoal de Isabel, assumiu o *F.O.*

¹²⁶ “Então meu senhor, depois de 19 anos no serviço do governo de Vossa Majestade eu encontro meu nome na *Gazete* como “exonerado” [...] Eu ficaria profundamente agradecido se vossa senhoria me permitisse obter o título local ou honorário de Tenente Coronel a serviço de Vossa Majestade baseado numa colônia espanhola com um governador militar e elevar-me bastante entre os Oficiais navais britânicos alguns dos quais estão na mesma titulação que eu e são muito mais jovens.” *F.O.* 84/1203, 06/01/63.

publicação de seus dois livros já escritos e presidiu a reunião de fundação da *Anthropological Society of London*.

A sua curta presença em Londres sugere que a sua participação na fundação da sociedade teria sido como um convidado, não havendo tempo hábil para participar de quaisquer atividades anteriores de preparação de programa ou coisas semelhantes. Hunt entretanto, conhecia Burton ao menos através de correspondências. Como se sabe, ele havia sido secretário da *Ethnological Society of London* antes de coordenar o cisma que gerou a *ASL* e graças à sugestão de Hunt, Burton publicou em 1861 na revista da primeira delas um artigo comparando africanos orientais com a representação de Du Chaillu dos africanos ocidentais. Neste texto, a representação do negro ainda não aparecia com a ênfase quase raivosa de Burton em seu período na África Ocidental. As tribos do leste eram apresentadas como mais degeneradas provavelmente devido à antiguidade do tráfico escravo e não devido à sua natureza. A civilização da África passava pelo comércio lícito – isto sem grandes ressalvas e inclusive algumas tribos ocidentais eram descritas como praticantes do comércio com honestidade. O canibalismo por sua vez era explicado por causas naturais e não culturais – desta forma, onde o clima requeria uma dieta carnívora e havia escassez de caça, o canibalismo era praticado. Mas parece claro que Burton tomou certo cuidado pelo fato de estar escrevendo para a *ESL*. Ao defender o fetichismo como primeiro passo “no alvorecer” das religiões, ele julgou necessário reconhecer que “ortodoxamente [...] o fetichismo é tido como uma degradação da parcela primitiva e pura de Adão, mesmo quando o supõe-se que o negro represente os amaldiçoados e degradados descendentes de Ham e Canaan.”, fazendo uma clara menção à etnologia de cunho prichardiano assentada nas suposições do relato bíblico.¹²⁷

Ainda neste mês de janeiro de 1862, Burton enviou ao *F.O.* um despacho com suas opiniões sobre as possibilidades comerciais do Níger, o qual apresenta significativas diferenças com relação à versão apresentada por Russell ao parlamento, em especial a passagem que reconhece um embate de interesses anglo-franceses sobre a África. Segundo Burton:

¹²⁷ “Orthodoxically [...] fetissism is held to be a degradation of the pure and primitive Adamical dispensation, even as the negro is supposed to represent the accursed and degraded descendants of Ham and Canaan.” Transactions of the Ethnological Society of London, 1861, vol 1, new series, 316-26.

*“...it is **evident** that there is at the present moment a struggle between English and French interests in Western Africa. The main object is **of course** the rich produce of the central regions...”*¹²⁸

Percebe-se como Burton tratava um embate de interesses entre Inglaterra e França como se isto fosse “evidente” e claro para qualquer observador. Mesmo assim, esta parte do texto foi suprimida da versão apresentada ao parlamento. O restante do despacho reafirmava a necessidade de tratar a questão da África Ocidental e do possível acesso da Inglaterra aos mercados no interior de maneira estritamente comercial. A forma para vencer as resistências nativas à este acesso seria o estabelecimento de tarifas de comércio a serem pagas aos estados africanos costeiros pois “esta era uma reclamação tão legítima quanto a de qualquer alfândega européia.”

No início de 1863, os assuntos africanos pareciam ganhar um cunho cada vez mais comercial nos despachos de Burton. Em resposta à uma pergunta de Russell sobre qual seria a forma adequada de punir os africanos de Benim, ainda sobre o caso do ataque ao estabelecimento comercial de Mr. Henry, Burton respondeu que apenas um bloqueio comercial traria os resultados esperados.¹²⁹

Em outro despacho, comentando a crescente falta de cooperação do esquadrão inglês na África para fornecer cruzadores quando requisitados pelo cônsul, Burton sugeria que:

*“The main object of the West African Squadron, viz. the abolition of the slave trade, will be secured more speedily and effectively by turning illicit to lawful commerce than the mere capture of slavers which rather exasperates the evil by rendering more shipments necessary...”*¹³⁰

¹²⁸ “É evidente que há neste presente momento uma luta entre os interesses britânicos e franceses na África Ocidental. O principal objeto é, claro, a rica produção das regiões centrais.” *PRO*, FO 84/1203, 10/01/63. negritos meus.

¹²⁹ *PRO*, FO, 84/1203, 02/02/63

¹³⁰ “O principal objeto do esquadrão africano ocidental, qual seja, a abolição do tráfico escravo, será garantida mais rápida e efetivamente voltando-se do comércio ilícito para o legal do que a mera captura de navios escravistas o que mais amplia o mal tornando mais carregamentos necessários...” *PRO*, FO, 84/1203, 02/02/63

Além disso, como justificativa, Burton manifestava a certeza de que o tráfico de escravos, embora estivesse quase extinto, poderia ressurgir a qualquer momento, sendo a visita constante dos rios pelo esquadrão uma forma de evitar este acontecimento. Desta forma, a defesa de que o comércio ‘lícito’ era a forma de acabar com o tráfico escravo só seria possível para o autor com uma regulamentação e fiscalização direta da Inglaterra. Embora a punição sugerida para o caso do ataque ao estabelecimento comercial de Mr. Henry em Benim tenha sido apenas o bloqueio comercial, em suas correspondências pessoais Burton parecia muito menos disposto a aceitar este tipo de afronta à autoridade britânica na costa africana. Em uma carta pessoal que foi interceptada pelo *F.O.*, depois de dizer que Henry estava voltando para seu estabelecimento comercial, e que o esquadrão bloquearia o rio, o autor sugeria que outra punição era necessária:

“The chief ____ remains completely unpunished and may do what he likes with impunity – catch him giving himself up for imprisonment! Time will show the prudence of this steps.”¹³¹

O fato de não comunicar nesta circunstância esta opinião em sua correspondência para o *F.O.* mostra que Burton estava com o interesse bastante diminuído em permanecer atuando como cônsul. Em 1863, suas comunicações com o governo inglês foram bem menos intensas, bem como a sua permanência em seu posto. Ele chegou em Fernando Pó apenas em abril. Em maio, partiu para uma visita secreta e extra-oficial à Daomé, onde esteve entre fins de maio e começo de junho. Depois disso, alegando problemas de saúde, viajou para o rio Congo em 29 de julho, de onde retornou apenas em 23 de outubro.¹³² Em um livro publicado em 1876, *Two Trips to Gorilla Land*, Burton revelou de forma mais clara o sentimento que o levava a viajar para o Congo. Sem as restrições do momento, quando justificou ao *F.O.* sua viagem por razões de saúde, a explicação no prefácio do livro é bem mais direta:

“During the hot season of 1863, [Fernando Po] had become a charnel-house, a ‘dark dismal tomb of Europeans’. [...] The earth was all water, the

¹³¹ “O chefe ____ permanece completamente impune e pode fazer o que quizer com sua impunidade – que o peguemos ele próprio se entregando para ser preso! O tempo ira mostrar a prudência destes passos.” *PRO, F.O. 84/1203, Extract of a Letter from Cap. Burton to Mr. Wylde dated Lagos, May, 05, 1863.*

¹³² Desta forma, durante todo o ano Burton permaneceu menos de 6 meses em seu posto.

vegetation all slime, the air half steam [...] Thoroughly dispirited for the first time, I was meditating how to escape, when [...] commander Smith hospitably offered me a passage down south. To hear was to accept.”¹³³

Ao mesmo tempo em que Burton parecia desinteressar-se do trabalho consular, o *F.O.* mostrava também uma crescente insatisfação com as suas perspectivas e constantes viagens, como fica claro na resposta negativa ao requerimento do cônsul para ser reembolsado do dinheiro gasto durante a viagem ao Congo. As intenções de Burton pareciam ao *F.O.* cada vez mais distantes do cumprimento das funções oficiais do consulado. O encaminhamento do pedido de reembolso de Burton para Russell deixa clara esta perspectiva:

*“The excuse given for undertaking the expedition was the impaired state of his health and the tradition that the highlands of the upper Congo were represented to be a sanitarium. I believe however that as long as there is a River unexplored or a mountain unascended within cap Burton’s reach, his health will always be impaired until he has accomplished both one and other, though it may be to the detriment of his Consular Duties”*¹³⁴

O relatório enviado por Burton sobre a visita ao rio Congo foi apresentado ao parlamento tal como remetido para o *F.O.*, à diferença daquele sobre Abeokuta, como se viu, e também do relatório sobre Daomé, que apresentam significativas diferenças entre as versões. Ora, neste despacho sobre o Congo, Burton se atém à descrição geográfica e ao levantamento da situação comercial do rio, furtando-se de qualquer comentário ou opinião

¹³³ “Durante a estação quente de 1863, [...] tinha se tornado um sepulcro, uma ‘tumba escura para europeus’. [...] A terra era toda água, a vegetação *slime*, e o ar metade vapor [...] Profundamente triste pela primeira vez, eu estava meditando como escapar, quando [...] comandante Smith ofereceu-me hospitaleiramente uma passagem para o sul. Ouvir foi aceitar.” Burton, Richard, *Two Trips to Gorilla Land and the Cataracts of Congo*. 2 vols. London: Sampson Low, Marston, Low and Searle, 1876. O despacho informando o *F.O.* de sua viagem por motivos de saúde é *PRO, F.O.*, 84/1203, 30/11/63.

¹³⁴ “A **desculpa** dada para realizar a expedição foi o mal estado de saúde prejudicado e a tradição de que os planaltos do alto Congo são representados como um sanitário. Eu acredito de qualquer forma que enquanto existir um rio não explorado, uma montanha não escalada ao alcance do Capitão Burton, sua saúde estará sempre prejudicada até que ele explore ou escale um e outra, apesar de que possa ser em detrimento de seu serviço consular.” *PRO, FO* 84/1221, 02/09/64. (negrito meu)

que implicasse numa agência mais direta em busca de controle sobre a região. Como se viu, estas sugestões de agência direta eram as partes sempre sumariamente suprimidas dos seus outros relatórios nas edições do *F.O.*, para apresentação ao parlamento. De fato, neste texto há passagens que parecem conceder aos nativos o direito sobre as terras, tais como: “os nativos da floresta nos fizeram o grande favor de nos permitir ver suas cachoeiras.” Mas não apenas isso, os nativos também parecem fornecer inclusive de informações “geográficas” válidas sobre estas terras, como pode-se inferir desta passagem:

*“One of these Mundongos told me that near the head of the Congo River, or Rather of its north eastern branch, there is a ‘water where men in canoes do not see land’; and this agree with general tradition.”*¹³⁵

Desta forma, neste relatório, Burton não propôs nenhuma mudança de atitude ou grandes planos para o aumento da “influência” britânica, apenas apresentou dados comerciais e geográficos sem nem mesmo questionar a propriedade da terra. Sua esperança manifestas ao final do texto era poder voltar à região para conseguir resultados importantes “não apenas geográficos, mas etnológicos e comerciais”. Também de forma diferente de seus outros textos, o esquadrão africano foi apresentado como importante para a contenção do tráfico escravo, devendo continuar a patrulha da costa, sem a qual, “o tráfico voltaria a aparecer um dia”.

As diferenças entre este texto e os outros analisados até agora sugerem que neste Burton procurava corresponder exatamente às expectativas do *F.O.*, quanto à linha de atuação para a África Ocidental, de modo a não ferir ainda mais os ânimos do governo inglês para consigo. Incentivo ao comércio lícito, patrulha do esquadrão africano contra o tráfico e não interferência em assuntos políticos locais sempre que possível, esta parecia ser a receita para agradar os seus superiores na diplomacia britânica.¹³⁶

“Um destes *Mundongos* disse-me que perto da nascente do congo, ou melhor, seu ramo nordeste, há uma ‘água que homens de canoa não vêem terra’; e isto concorda com a tradição geral.” *PRO*, FO 84/1221, 30/11/63 e ___/12/63.

¹³⁶ É significativo que assuntos relativos à caracterização da população, que de forma geral aparecem ligados à necessidade de intervenção britânica, também estejam fora das considerações de Burton neste texto.

Daomé

Em agosto de 1863, quando já estava a caminho do rio Congo, Burton recebeu um despacho de Russell indicando-o para uma missão diplomática em Daomé. Esta indicação deve ter sido recebida por Burton com certo prazer pois, como se viu, desde sua nomeação como cônsul inglês para a baía de Biafra ele havia se oferecido várias vezes para visitar a região. Seu interesse em viajar para Daomé parecia estar mais ligado à curiosidade pessoal do que em razão da vontade de participar das relações diplomáticas entre a Inglaterra e este estado africano. Daomé vinha sendo objeto de vários relatos de viagem na Europa recheados de descrições da selvageria e dos costumes bárbaros dos africanos que reforçavam a idéia de um estado guerreiro e poderoso no interior da África. Descrições do “rei numa canoa em uma piscina cheia de sangue” completavam quase pictoricamente a imagem de crueldade exacerbada que gerava certo temor na Europa.

Os relatos de Forbes e Duncan¹³⁷ apresentam algumas passagens que dão a idéia de um exército daomeano forte e temerário. Forbes por exemplo sugere que:

*"The Kingdom of Dahomey [...] now stands the greatest military monarchy in Western Africa. Ashantee sends tribute, and Yorihbah (sic) trembles when Gezo proclaims its slave-hunting."*¹³⁸

Duncan também representava a selvageria e “sede de sangue” daomeana de forma bastante clara em seu relato e as vezes até de forma literal. Seu texto conta com uma descrição bastante pictórica dos sacrifícios humanos em Abomé durante sua visita, com detalhes de como eram cortadas as cabeças, com “sangue espirrando” para todos os lados e de como algumas pessoas bebiam o sangue recolhido na mesma hora em que escorria do

¹³⁷ Forbes, *Dahomey and the Dahomans...* e Duncan, John. *Travels in West Africa in 1845-1846, comprising a journey from whydah to the kingdom of Dahomey, to Adofoodia*. London: Richard Bentley, 1847.

¹³⁸ Forbes, *Dahomey and the Dahomans...*, p. 14. (“O reino de Daomé [...] agora aparece como a maior monarquia militar na África Ocidental. Ashanti envia-lhes tributo, e Ioruba treme quando Gezo proclama suas caçadas de escravos.” Duncan também refere-se à Abeokuta como “*That saintly place of so many converts*”, Duncan, John, *Travels in West Africa...*, p. 186. (“o lugar santificado de tantos convertidos”).

tronco decapitado.¹³⁹ Da mesma forma que Forbes antes dele, Duncan também sugere que o reino do Daomé era o mais poderoso da África Ocidental.¹⁴⁰

Estes são apenas exemplos de imagens diferentes das presentes no livro de Burton. É claro que não são suficientes para apresentar os relatos destes autores em sua complexidade. De fato, é preciso inclusive não levar muito longe a afirmação de que Daomé era um ‘reino poderoso’. Tanto Duncan quanto Forbes nunca chegaram a colocar em questão a relação de forças entre Daomé e a Inglaterra, apenas estavam representando o estado frente a outros estados africanos.

Apesar disto, segundo os padrões de Burton, Duncan parece ter agido com demasiada condescendência para com o rei Gezo. Duncan tratava Gezo da mesma forma que trataria um monarca europeu. Mesmo em uma situação na qual o rei de Daomé ofereceu-se para brindar primeiramente à rainha Victoria, Duncan recusou, dizendo que como estava em terras daomeanas, deveria beber primeiro à Gezo.¹⁴¹

De qualquer forma, Burton parecia curioso para presenciar cenas selvagens *in loco* – tais como o banho de sangue descrito por Duncan - desde sua primeira viagem à África. Em suas cartas pessoais à Milnes, carregadas de ironia, as referências à estas vontades são freqüentes. Quando ainda estava em Zanzibar, em 1857, durante os preparativos da expedição visando descobrir as fontes do Nilo, Burton escreveu sobre uma das tribos pelas quais havia passado:

*“I am delighted to say are real bona fide cannibals. It is one of my petty ambitions to see a man eaten: next to that a tribe bona fide naked humans. The eating we may see; the nakedness I fear not”*¹⁴²

Apesar de manifestar, para seu amigo Milnes, esta vontade “de ver um homem ser comido”, em nenhum de seus textos ou cartas Burton revelou ter presenciado tal acontecimento. Em outras cartas, esta curiosidade por presenciar cenas selvagens volta a

¹³⁹ Duncan, *Travels in West Africa...*, pp. 250-252.

¹⁴⁰ Duncan, *Travels in West Africa...*, p 238.

¹⁴¹ Duncan, *Travels in West Africa...*, p. 222.

¹⁴² “Eu me delicio em dizer são *Bona fide* canibais. É uma de minhas pequenas ambições ver um homem ser comido: perto desta tribo, uma outra de *Bona fide* nus. A comilança vamos ver; a nudez eu não temo.” *Houghton Papers*, Burton to Milnes, 27/04/57.

aparecer, como nesta enviada também para Milnes, durante sua primeira estadia em Daomé, sem autorização do *F.O.* Burton revelava ao seu amigo estar frustrado com a ‘bárbara’ Daomé.

*“I am here for 3 days now and very disappointed, not a man was killed, the canoe floating on a pool of blood is a myth of myths. At Benin [...] they crucified a fellow in honour of my coming – here nothing! And this is the blood and ____ land of Dahome!”*¹⁴³

É muito difícil conjecturar quais as motivações dos desejos de Burton em presenciar cenas como as descritas acima. De qualquer forma, ele parecia nutrir esta curiosidade mórbida a respeito de costumes ‘selvagens’ como estes. O importante é notar que Burton e Milnes eram membros do chamado *Cannibal Club*, e compartilhar temas que eram considerados tabus na Inglaterra foi, segundo Sigel, um instrumento importante para a construção de uma identidade frente à “Outros” internos à própria Inglaterra, como a classe trabalhadora e as mulheres por exemplo.¹⁴⁴

A indicação de Burton para uma missão do *F.O.* em Daomé foi a oportunidade que ele estava esperando desde seus primeiros dias na costa ocidental africana. Em seu despacho, Russell explicou de forma detalhada quais eram os objetivos da viagem, e como Burton deveria agir frente ao rei de Daomé. As instruções de Burton eram: informar à Gelele que a Inglaterra estava fazendo o máximo para acabar com o tráfico escravo; fazer

¹⁴³ “Eu estou aqui por 3 dias agora e muito desapontado, nem um homem foi morto, a canoa flutuando numa piscina de sangue é o mito dos mitos. Em Benin [...] eles crucificaram um homem em honra a minha vinda – aqui nada! E esta é a terra de Daomé de sangue e ____!” *Houghton Papers*, Burton to Milnes, 31/05/63. Esta é talvez a mais famosa carta de Burton, citada por quase todos os seus biógrafos. Entretanto, é cheia de ironia como se pode ver, e talvez a asserção de que o texto representasse *verdadeiramente* seus desejos não seja a mais exata. Por outro lado, nesta mesma carta, diz “poor Hankey, must still wait for his *peau de femme*” pois supostamente tinha prometido a ele a pele de uma negra esfolada viva para encapar suas edições do Marques de Sade. Ainda na mesma correspondência, faz comentários muito sarcásticos sobre as Amazonas, dizendo por exemplo que as oficiais eram “certamente escolhidas pelo tamanho de sua bunda”, dando o tom geral de humor contido neste escrito.

¹⁴⁴ Sigel, Lisa S. *Governing pleasures, pornography and social changes in England, 1815 – 1914*. London: Rutgers University press, 2002. ver capítulo 3. Interessante notar que na primeira vez que esteve em Daomé, Burton presenteou Gelele com fotos de mulheres européias nuas, para “grande maravilha” do africano. A pornografia era outro dos interesses comuns do *Cannibal Club*.

todo o possível para diminuir o número de sacrifícios humanos, embora o próprio Russell reconhecesse a dificuldade em acabar totalmente com eles; enfatizar que se o rei quisesse mercadores ingleses em Whydah ele deverá incentivar o comércio ‘lícito’, ou seja, de óleo de palma; entregar os presentes encomendados por Gelele à Wilmot no ano anterior; e pedir a libertação de alguns prisioneiros cristãos que estavam em Daomé.

Aparentemente, Burton não era a primeira opção de Russell para chefiar a missão, e só foi indicado por causa da indisponibilidade de oficiais do esquadrão naval naquele momento.¹⁴⁵ Porém, o *F.O.* havia interceptado uma carta particular de Burton durante sua primeira estadia em Daomé e o fato de já conhecer a região pode ter influenciado na escolha de Russell que, no entanto, escreveu um segundo despacho com instruções nas quais recomendava expressamente à Burton que:

*“And you will under any circumstances decline to sanction by your presence these sacrifices if they should unfortunately take place whilst you are in the country.”*¹⁴⁶

Estas instruções explícitas para evitar presenciar sacrifícios humanos podem não ser exclusivas para Burton, mas certamente o *F.O.* já apresentava neste momento cuidados especiais com ele, visto que inclusive interceptava algumas de suas correspondências pessoais.¹⁴⁷

Como já foi possível notar, a relação de Daomé com a Inglaterra era um tanto diferente daquela existente entre esta última e Abeokuta. Apesar de repetidos esforços

¹⁴⁵ Havia neste momento, como se sabe, a guerra no interior da região Ioruba, a qual a Inglaterra prestava muita atenção, e também embates entre Ashanti e Fantis, estes últimos sob protetorado inglês (Costa do Ouro), na qual a marinha britânica estava ainda mais diretamente envolvida.

¹⁴⁶ “E você vai sob qualquer circunstância declinar sancionar com sua presença estes sacrifícios [humanos] se eles desafortunadamente tiverem lugar durante sua estadia no país.” *F.O.* 84/ 1203, 20/08/63, grifos no original.

¹⁴⁷ Somente no ano de 1863, três extratos de cartas pessoais de Burton aparecem no livro *F.O.* 84\1203 contendo a documentação do consulado no *PRO*. Uma delas, escrita de Abomé em maio, continha a seguinte passagem: “*During my few days here, I have not seen a single death, nor even a relic of humanity....*” (Durante meus poucos dias aqui, eu não vi uma única morte, nem mesmo restos humanos...). Certamente não é a mesma liberdade que Burton mostrava nas cartas para Milnes já mencionadas, mas talvez tenha sido o suficiente para o *F.O.* julgar necessário um aviso.

diplomáticos ingleses desde o início da década de 1850, Daomé recusava-se a assinar tratado para o fim do tráfico escravo. Segundo Robin Law, durante a primeira metade da década de 50 houve uma melhoria nas relações anglo-daometanas, em razão de uma política reformista do rei Gezo, que diminuía de forma sensível os sacrifícios humanos e o tráfico de escravos. Mas já no final desta mesma década, uma reação “conservadora” passou a influenciar as decisões políticas, e Daomé retomou boa parte das excursões guerreiras de captura de escravos nas regiões ao redor.¹⁴⁸ Também de forma diferente de Abeokuta, a influencia missionária Inglesa quase não se fazia sentir em Daomé. Ao contrário, a parcela “branca” com maior penetração na configuração política do estado era a de mercadores de escravos que, estabelecidos no porto de Whydah, financiavam boa parte do estado daometano até ao menos o início da década de 50.

A missão de Burton foi continuar as negociações, já em um período no qual o tráfico atlântico de escravos estava em seus momentos finais. Esta viagem do cônsul inglês para Daomé durou mais de dois meses – período no qual ele permaneceu como um convidado ‘forçado’ em Abomé, pois Gelele esperava o final dos costumes anuais (*Xwetanu*) para receber de forma oficial a mensagem inglesa. Esta estadia resultou numa nova série de escritos, quais sejam, o relatório para o *F.O.* e sua versão apresentada ao parlamento, um relato de viagem, um artigo para a *Anthropological Society* e outro para a *London Ethnological Society*.¹⁴⁹

As diferenças entre o relatório de Burton e a versão apresentada ao parlamento começam a aparecer logo no início, quando o cônsul informou Russell sobre a demora do rei em recebê-lo, o que segundo ele devia-se ao fato de que ele não portava todos os presentes solicitados por Gelele à Wilmot no ano anterior, e em especial uma carruagem

¹⁴⁸ LAW, Robin. “The Politics of Commercial Transition: Factional Conflict in Dahomey in the Context of the Ending of the Atlantic Slave Trade. *Journal of African History*, n. 38, 1997, pp. 213 – 233.

¹⁴⁹ O relato é: *A mission to Gelele, King of Dahome, with notices of the so called “amazonas” the grand customs, the yearly customs the human sacrifices, the present state of the slave trade and the Negro’s place in nature*. 2 vols., Londres, Tinsley Brothers, 1864. O artigo para a *ASL* é “Notes of matters connected with dahomans”, *Memoirs read before Anthropological Society of London*, vol. 1, 1863-4, pp. 308-21 e o artigo para a *LES* é “The present state of Dahome”, *Transactions of Royal ethnological Society*, vol. III, 1865. pp. 400-408.

com cavalos ingleses.¹⁵⁰ Esta suposição de Burton foi suprimida da versão enviada ao parlamento.

Este documento é muito mais longo que os demais despachos apresentados até agora, com quase sessenta folhas manuscritas, e pode ser interpretado como a fonte a partir da qual Burton mais tarde escreveu o livro sobre esta viagem. As semelhanças existem, inclusive na proporção do texto, Burton dedicou a maior parte do relatório, bem como do relato publicado, à descrição dos “costumes anuais” (*Xwetanu*). Mas a concepção que o autor faz destes costumes é bem diferente daquela que circulava na Inglaterra. Segundo ele:

*“The press and public of England have completely mistaken the nature of Dahomian ‘customs’ and the peculiarities of human sacrifices that disgrace the country. They are in fact the yearly execution, as if all the murderers in Great Britain were kept for hanging on a certain day in London.”*¹⁵¹

Burton procurou tratar os costumes anuais, e por conseguinte os sacrifícios humanos, como manifestações legítimas da cultura daomeana, embora julgasse que seus resultados fossem prejudiciais ao próprio estado. Segundo ele, impedir o Gelele de realizar os sacrifícios seria o mesmo que impedir que um “rei europeu rezasse pelos seus mortos”. Apesar disto, criticava os sacrifícios humanos que tinham lugar ao longo do ano, por outros propósitos, e que eram “secreto e temivelmente freqüentes”.

No texto do relatório, bem como do relato publicado, não se encontram descrições detalhadas dos corpos sacrificados, como as que apareceram um ano antes na *Fraser’s Magazine* sobre a região do Benim. As únicas menções próximas disso surgem quando, após uma das noites de sacrifícios dos “costumes”, Burton avistou os corpos mortos presos na praça central. Mesmo assim, não há detalhes do estado físico destes corpos, com

¹⁵⁰ Segundo Burton ele acreditava que a demora devia-se “*Chiefly, I believe, (because) his disappointment at the presents sent by Her Majesty’s Government instead of those mentioned to Cap. Wilmot.*” (“Principalmente, eu acredito, (por causa de) seu desapontamento com os presentes enviados pelo Governo de Sua Majestade ao invés daqueles mencionados ao Capitão Wilmot.”)

¹⁵¹ “A imprensa e o público da Inglaterra erram completamente sobre a natureza dos ‘costumes’ daomeanos e das particularidades dos sacrifícios humanos que desgraçam o país. Eles são de fato as execuções anuais, como se todos os assassinos na Grã Bretanha fossem guardados para serem enforcados num certo dia em Londres.” *PRO*, FO, 1221, 23/03/64.

exceção da menção aos órgãos sexuais cortados, segundo o autor para não ofender as mulheres nativas.

Entretanto, a aparente isenção com a qual o autor descreve os costumes – de forma diversa do que fizera John Duncan por exemplo – parece servir ao objetivo de desfazer a fama que Daomé desfrutava na Europa de ser uma região cruel e temível. O povo daomeano, que, segundo Burton, fora “um dia corajoso”, surgia como totalmente covarde, como os “africanos da costa ocidental em geral”.

*“...the reason is, that the old blood has been killed off, except in the Royal family, and the present race is a mongrel mixture of captives and serviles.”*¹⁵²

É significativo que asserção venha em seguida de uma outra parte retirada do documento que foi encaminhado ao parlamento, na qual Burton afirmava que haveria poucas dificuldades para um avanço militar entre Whydah e Abomé, enumerando inclusive qual a melhor rota, e como conseguir suprimentos para um eventual exército em marcha. Desta forma, o lugar da consideração de Burton sobre a “raça” daomeana parece ser a continuação do argumento de que era não apenas possível, mas relativamente fácil tomar o reino de Daomé por meio de uma invasão terrestre.¹⁵³

O estado do reino aparece, por sua vez, como o outro lado da moeda desta “raça mestiça e acovardada”. Elementos que supostamente deveriam ser vistos como símbolos da magnificência de Daomé – tal como o desfile das “riquezas” do rei durante um dos dias dos costumes por exemplo – são tratados como resultado da “mistura negrótica de miséria e ostentação”.¹⁵⁴

¹⁵² “...a razão é, que o antigo sangue foi extinto, exceto na família real, e a raça presente é uma mistura ‘vira lata’ de cativos e servos.” *PRO*, FO, 1221, 23/03/64.

¹⁵³ Uma comparação detalhada entre o relatório original e aquele enviado ao parlamento mostra que as passagens suprimidas do último são exatamente aquelas que referem-se a possíveis intervenções militares terrestres em Daomé, bem como todas as críticas à missão do ano anterior, e outras que Burton considerava fracassadas, por conferirem exagerada importância ao reino africano, e falharem em mostrar a grandeza da Inglaterra frente a “miserável” Daomé.

¹⁵⁴ No texto de Forbes, por exemplo, o autor informa que apesar de não haver comparação possível entre as riquezas de Daomé e da Inglaterra, ainda assim, “num país como Daomé, era uma quantidade imensa”. Forbes, *Dahomey and Dahomans...*, p. 40.

A suposta situação miserável de Daomé fornecia também a explicação para quando não era permitida a presença de Burton em determinadas passagens das cerimônias, revelando outra vez a impossibilidade de compreensão do autor de momentos nos quais os nativos selecionam de forma clara o que é dado a conhecer aos seus visitantes europeus. De fato, Burton chega a admitir que os nativos estavam escondendo alguma coisa dele, mas sua explicação retorna ao motivo aparente da representação neste texto, qual seja, argumentar a decadência e a miséria de Daomé em contraposição à relatos de grandeza e poderio que circularam em anos anteriores na Inglaterra. Como exemplo, tome-se a passagem na qual Burton descreve a visita cerimonial de Gelele aos mausolés de seus antepassados:

*“The king [...]visits in turn the six Royal houses, or rather ruins, and per forms there a second rite. We were not invited to attend, the king being probably little desirous that we should see the wretched condition of his forefathers’ abode.”*¹⁵⁵

Frente a expressão da miséria e pequenez de Daomé, Burton reafirmava com constância no texto a sua própria posição de importância, enfatizando seu papel de representante da Inglaterra para Gelele, desde o momento de sua chegada à Abome.¹⁵⁶ Ao longo do texto, aparecem ressaltados momentos nos quais a condição de representante oficial da Inglaterra parecia estar sendo desrespeitada, ou ao menos não recebendo a consideração devida. Em determinada passagem, Burton reclamava da espera de quatro horas sob um forte sol, devido a um atraso de Gelele, dizendo que:

*“...it was certainly not a dignified position for an English official, in full uniform, to sit opposite the tattered mud wall of a petty African Chief”*¹⁵⁷

¹⁵⁵ “O rei visita as seis casas reais, ou antes ruínas, e realiza um segundo rito. Não fomos convidados a presenciar, o rei provavelmente estando pouco desejoso de que víssemos as condições miseráveis da habitação de seus ancestrais.” *PRO*, FO, 84/1221, 23/03/64.

¹⁵⁶ Na salva de tiros que marcou a recepção da comitiva de Burton em Abome, a rainha da Inglaterra foi homenageada com 21, Capt. Wilmot, que havia estado lá no ano anterior, 11, e Burton apenas 9. No mesmo momento, o cônsul exigiu mais dois tiros, o que acabou sendo feito. Entretanto, para valorizar-se também frente ao FO, neste mesmo episódio, informa que houve desentendimento entre os intérpretes, e que desta forma ele julgou ser necessário aprender a língua nativa, o que fez em seis semanas.

¹⁵⁷ “certamente não era uma posição dignificante para um oficial inglês, em uniforme completo, sentar ao lado de uma muralha de barro arruinada de um pequeno chefe africano.” *PRO*, FO, 1221, 23/03/64.

Fatos como este servem para legitimar a forma pouco amigável com a qual Burton parlamentou com Gelele, quando este enfim o recebeu para cumprir as formalidades da visita, quais sejam, a entrega dos presentes e a discussão das mensagens enviadas pelo *F.O.* a respeito do tráfico escravo, comércio lícito e sacrifícios humanos. Burton reclamou abertamente ao rei da forma como havia sido tratado, mais como um prisioneiro do que como um convidado. Segundo ele:

*“The King had never heard so much truth in his life. My plain speaking was not well received, nor could I expect that it should be”.*¹⁵⁸

Em outro momento, voltou a reclamar à Gelele, desta vez não sobre a forma de tratamento recebido, mas da falta de concessões de Daomé nas negociações com a Inglaterra:

*“Not a shade of concession had been made to Her Majesty’s Government; warned his two confidants that in this way - by their fault - friendship would not endure...”*¹⁵⁹

Segundo Newbury, a visita de Burton foi um “desastre nas relações anglo-fon”, devido à ausência de paciência e tato diplomático.¹⁶⁰ Ainda segundo o mesmo autor, o reverendo Bernasko, que acompanhou Burton durante parte da visita, escreveu para a *Church Missionary Society* dizendo que Gelele ficou mal impressionado com a postura de Burton, tendo lhe falado particularmente que se a rainha da Inglaterra mandasse outro representante como este, “estragaria tudo e acabaria com a amizade entre a Inglaterra e Daomé”.¹⁶¹

Ao que tudo indica, por um lado Burton vislumbrava um estado fraco, pobre e pouco merecedor da fama de temível da qual desfrutava na Europa. Por outro, ele se ressentia de ter sido colocado em uma posição indigna à qual, como representante oficial da

¹⁵⁸ “O rei nunca ouviu tanta verdade em sua vida. Minha fala sem volteios não foi bem recebida, nem eu poderia esperar que fosse. *PRO*, FO, 1221, 23/03/64.

¹⁵⁹ “Nem uma sombra de concessão foi feita para o governo de Vossa Majestade; avisei seus dois confidentes que desta forma – por culpa deles – a amizade não perduraria.” *PRO*, FO, 1221, 23/03/64.

¹⁶⁰ Newbury, C.W. “Introduction” in BURTON, Richard. *A Mission to Gelele, King of Dahome*. London: Routledge, 1966. p. 23.

¹⁶¹ Apud Newbury, C.W. *Introduction...* p. 23

Inglaterra, foi submetido durante o período no qual esteve em Daomé. Esta situação, segundo sua interpretação, era derivada da falha de representantes anteriores em mostrar a verdadeira grandeza da Inglaterra frente ao rei africano. A parte final do relatório, também suprimida do texto apresentado ao parlamento, apresenta justamente um conjunto de medidas para que esta situação não mais se repetisse. Trata-se de uma crítica às missões anteriores, que permitiram e concederam todos os desejos do rei de Daomé. Uma das sugestões de Burton era que em futuras missões fosse mantido um refém importante enquanto o comissionado inglês estivesse na capital.¹⁶²

Os planos de Burton pareciam mais uma vez agressivos demais para o *F.O.* e de certa forma ofensivos ao próprio governo, que financiara as missões anteriores, consideradas fracassos totais no relatório. Quando Burton esteve na Inglaterra, a partir da metade de 1864, pediu permissão à Russell para publicar os despachos contendo as instruções para a missão em Daomé, pois estava prestes a publicar um livro sobre a sua viagem. A resposta recebida por Burton foi bastante enfática. Ao mesmo tempo em que permitia a inclusão dos despachos, o *F.O.* pedia o livro “antes” da publicação:

*“I am however to add that it will be necessary that you should submit your book for perusal to this department previous to publication and be guided by the decision of Lord Russell as to the exclusion of any (papers) which his lordship may think it desirable should not be published.”*¹⁶³

Estas instruções do *F.O.*, adicionam algumas restrições ao texto do relato, que por certo já estava submetido a alguns cuidados discursivos por tratar-se de um texto voltado para um público mais amplo, que poderia mostrar-se suscetível e refratário às suas opiniões mais radicais sobre a África.¹⁶⁴ Apesar disso, o texto continua contendo não apenas

¹⁶² Burton, a despeito de suas sugestões intervencionistas, parecia já vislumbrar que nenhuma atitude de interferência militar direta teria lugar em anos próximos, e a idéia do refém servia como paliativo uma vez que a verdadeira força da Inglaterra não seria demonstrada da forma como ele julgava adequada.

¹⁶³ “Devo de qualquer forma acrescentar que será necessário que você submeta seu livro para o estudo deste departamento antes da publicação e seja guiado pela decisão de Lorde Russell de forma que seja excluído de qualquer (artigo) que ele achar desejável não seja publicado.” *PRO*, FO, 84/1221, 06/09/64.

¹⁶⁴ Apesar disso, como se verá, Burton vislumbrava uma mudança em curso na Inglaterra quanto à representação do negro, com o fim anunciado da imagem filantrópica e o início da difusão de uma opinião bastante radical sobre a inferioridade do africano.

algumas críticas à estrutura do estado britânico na costa africana – em especial ao esquadrão africano, apelidado neste texto de “*Sentimental squadron*”¹⁶⁵ – mas também representações da África e dos africanos bastante agressivas à ouvidos missionários, filantrópicos e anti-escravistas.

A narrativa do livro começa no espaço da sede de seu consulado em Fernando Pó, num capítulo intitulado “*I Fell in Love with Fernando Po*”. A estranha jura de amor à ilha da costa africana fica um pouco mais clara quando se nota como Burton se sentia naquele momento em relação à sua posição de comando. Com um grupo de negros trabalhando para ele, embora livres, sua situação é descrita à semelhança de um senhor de escravos no sul dos EUA. Segundo ele,

“*Nothing will prevent them [the negroes] calling themselves my ‘children’ that is to say, my slaves; and indeed no White man who has lived long in the outer tropics can prevent feeling that he is pro tempore the lord, the master, and the proprietor of the black humanity placed under him.*”¹⁶⁶

“Senhor, mestre e proprietário” dos negros que trabalhavam para ele. Este era o sentimento expresso por Burton sobre os serviços do consulado. Estão implícitas no parágrafo citado, tanto as expectativas de Burton sobre a organização do trabalho na África, quanto sua crença numa suposta tendência natural de brancos e negros em disporem-se desta forma na estrutura social. Os negros chamavam a si mesmos de escravos, e Burton sentia-se *proprietário* deles. Claro está que estes africanos não estavam submetidos à disciplina do chicote como na América, continuava o autor, mas a “influência moral” era necessária para livrá-los de sua existência de preguiça e inutilidade, que causa “tanto desconforto à eles próprios quanto ao seus *donos*”.¹⁶⁷

¹⁶⁵ Em outros textos, Burton foi ainda mais contundente. Em seu relato sobre o Brasil, alguns anos depois, o esquadrão ganhou a alcunha de “*coffin squadron*”.

¹⁶⁶ “Nada os impedirá de chamarem a si mesmos de minhas ‘crianças’ o que quer dizer, meus escravos; E de fato, nenhum homem branco que viveu bastante tempo nos trópicos pode impedir o sentimento de que ele é *pro tempore* o senhor, o mestre, e o proprietário da humanidade negra colocada sob ele.” Burton, *A mission to Gelele...*, vol. 1, p. 18. negritos meus.

¹⁶⁷ Burton, *A mission to Gelele...*, vol. 1, p. 19. A idéia da imposição moral e de trabalho ao africano volta a aparecer quando Burton fala de Daomé, mencionando que “*much might be expected from the soldier like*

O segundo capítulo, por oposição ao primeiro, é sobre Lagos, então colônia inglesa, que é retratada como um lugar absolutamente degenerado em razão da penetração de “idéias filantrópicas” sobre a igualdade das raças, o que tornava, para Burton, a convivência entre brancos e negros insuportável.¹⁶⁸

Neste relato, não há uma descrição da população estruturada como era costume Burton apresentar nos seus livros da década anterior. Entretanto, ao longo do texto, sempre que algum indivíduo merece uma descrição mais detida, a imagem do africano que aflora não é nada positiva. De fato, mesmo quando algum deles merece menções favoráveis, elas são cuidadosamente classificadas como exceção.¹⁶⁹

A razão para a ausência destas descrições estruturadas pode ser creditada ao fato do livro encartar uma peça de Burton sobre o famoso artigo de James Hunt, *The Negroe's Place in Nature*.¹⁷⁰ O capítulo no qual Burton comenta o artigo de Hunt serve como um resumo de suas concepções raciais neste momento, bem como um índice de suas dúvidas e ambigüidades. A própria epígrafe do capítulo já fornece elementos para a reflexão. Retirada do verbete “*negro*” da Enciclopédia Britânica de 1797.

“Vicious the most notorious seem to be the portion of this unhappy race – idleness, treachery, cruelty, impudence, stealing, lying, profanity, debauchery and intemperance, are said to have extinguished the principals of natural law and have silenced the reproofs of conscience. They are strangers to every

discipline of Dahoman despotism, if compuslorily applied to honest labor” p. 75. (muito pode ser esperado da disciplina militar do despotismo daomeano, se compulsoriamente aplicada ao trabalho honesto.)

¹⁶⁸ Burton, *A mission to Gelele...*, capítulo 2.

¹⁶⁹ Por exemplo, a descrição do ‘segundo’ vice rei de Whydah - ‘alto, bem feito’, ‘conhecedor de costumes europeus’ - aparece em contraste com o seu superior, cuja aparência ‘revolta’, “a compound of bovine cerebelum, a deeply wrinkled brow villainously low, a doublé prognathousness, massive lips, etc...” Burton, *A mission to Gelele...*, vol. 1, pp. 209-211.

¹⁷⁰ Hunt, J. “The negroe’s place in nature” *Memoirs Read Before the Anthropological society of London*, 1863-4, vol. 1. Neste texto, Hunt realiza uma análise comparativa de características anatômicas entre negros e Brancos, para concluir pela diferença intrínseca entre eles. Mais do que isto, utilizando testemunhos de outros europeus, em especial de Burton sobre a África, conclui da mesma forma que ele: o lugar do negro é como escravo, para seu próprio bem e da raça branca.

sentiment of compassion, and are an awful example of the corruption of man when left to himself.”¹⁷¹

Apesar da definição da Enciclopédia Britânica parecer estar baseada em conceitos degeneracionistas, uma vez que as características negativas são derivadas da “extinção dos princípios da lei natural”, e mostrando a “corrupção” do ser humano, Burton não se furtou de utilizá-la, talvez como forma de garantir a autoridade do juízo negativo sobre o negro por meio da citação de uma obra reconhecida e antiga. Mas o artigo de Hunt estava baseado em concepções bastante diferentes. Ele sugeria que o negro era uma “espécie” diferente, e procurava argumentar através de um exercício de comparação anatômica. De acordo com o próprio Burton, Hunt tinha sido vaiado na apresentação do texto frente à *British Association*, em razão de ‘sentimentos filantrópicos’ terem sido feridos.¹⁷²

O capítulo de Burton começa com uma carta à Hunt, agradecendo-o por ter “tão graficamente mostrado o grande golfo, moral e físico, separando as raças branca e negra, e por ter colocado em luz tão brilhante a causa da diferença – nomeadamente, o fato do negro parar de se desenvolver em certo momento da vida.”¹⁷³ Ao congratular Hunt por sua “demonstração”, Burton também fazia considerações sobre a representação do negro na Inglaterra, notando que uma mudança estava em curso naquele momento. Segundo ele, a ideologia filantrópica que representava o negro como “um homem e um irmão”, havia chegado ao máximo do exagero, e o pêndulo começava a mover-se para o outro lado. De fato, ele previa um movimento reflexo de exagero para o lado oposto, ou seja, a

¹⁷¹ “Os vícios mais notórios parecem ser a porção desta raça infeliz – preguiça, perfídia, crueldade, insolência, roubo, mentira, irreverência na fala, intemperança, dizem ter extinguido os princípios da lei natural e silenciado as reprovações da consciência. Eles são estranhos a todos os sentimentos de compaixão, e são um exemplo horrível de corrupção do homem quando deixados para si mesmos.” Burton, *A Mission to Gelele...*, vol. 2, 177

¹⁷² Burton, ao comentar as vaias, afirma que : “*Truth – especially new truth – will ever meet with some such left handed compliment, which is, however, the sincerest homage. This hisses would have sounded in my ears far sweeter than any cheers.*” .Burton, *A mission to Gelele...*, vol 2, p 178. (“Verdade – especialmente a nova verdade – sempre encontrará alguns cumprimentos irônicos, o que é, de qualquer forma, a mais sincera homenagem. Estas vaias teriam soado em minhas orelhas bem mais doces do que quaisquer aplausos.”

¹⁷³ Burton, *A Mission to Gelele...*, vol. 2, p. 179.

representação do negro como absolutamente inferiorizado e diferente.¹⁷⁴ Mas ele mesmo parecia manifestar cuidado com as opiniões mais radicais, como se pode notar na passagem:

*“Already there is a dawn of belief in a specific difference between the races, which, carried out, leads to **strange conclusions**. Perhaps, our society could do nothing more useful than to determine what signification the debated word ‘species’ should convey to the English anthropologist.”*¹⁷⁵

Embora não seja possível precisar com exatidão, nesta carta à Hunt, Burton parecia colocar em dúvida as concepções poligênicas.¹⁷⁶ De qualquer forma, a questão entre poligenia e monogenia não parecia ser tão importante para Burton, bastando comprovar, como Hunt havia feito, o grande ‘golfo’ entre as raças humanas.¹⁷⁷

¹⁷⁴ Segundo o autor, “sons may avenge the credulity of their sires, by running into the clear contrary extremes, and the unnatural ‘man and brother’ of the day may relapse into the ‘nigger’, the ‘savage’ and the ‘semi gorilla’ of the morrow.” Burton, *A mission to Gelele...*, vol. 2, p. 180. (“Filhos deverão vingar a credulidade de seus pais, correndo para o extremo contrário, e o não natural ‘homem e irmão’ de hoje, deverá regredir ao ‘nigger’ e ‘selvagem’, ou no ‘semi gorila’ de amanhã”)

¹⁷⁵ “Há já um amanhecer de crença numa diferença específica entre as raças, a qual, levada a cabo, leva à conclusões estranhas. Talvez, nossa sociedade não poderia fazer nada mais útil do que determinar qual significação a debatida palavra ‘espécie’ deve carregar para o antropólogo inglês.” Burton, *A mission to Gelele...*, vol. 2, pp. 180-181 negritos meus.

¹⁷⁶ Ao discutir a possível esterilidade de mulatos, Burton cita trabalhos de Geoffrey e Nott, Dr. Seemann, entre outros, que apontavam para a inviabilidade de uma “raça mulata” apresentando dados sobre a infertilidade de mulatos a partir da segunda ou terceira gerações. Na mesma nota, Burton recupera a definição de espécie de Buffon, segundo a qual isto significava “uma sucessão constante de indivíduos semelhantes e capazes de se reproduzir”, e também de Cuvier e Prichard, que segundo ele definiam espécie através da “origem separada, e transmissão constante de peculiaridades orgânicas”, embora critique esta última, justamente pela impossibilidade de provar qualquer origem separada. A conclusão é que, se levar em conta os dados de Nott, e a definição de Buffon, “o negro é uma sub espécie ou variedade permanente do Gênero *Homo*.”. Burton, *A Mission to Gelele...*, vol. 2, p. 197.

¹⁷⁷ Mesmo o próprio Hunt em seu texto, apesar de considerar um erro agrupar “as diferentes raças da humanidade em apenas um grupo” faz questão de lembrar que “If the negro could be proved to be a distinct species from the European, it would not follow that they had not the same origin – it would only render their identity of origin less likely” Hunt, J. “*On the Negroe’s Place in Nature...*” (“Se puder se provar que o negro é

Afora a carta à Hunt, o texto em si é um argumento claro em favor da escravidão, que se baseia na assunção do negro como ser inferior. As principais instâncias legitimadoras do argumento são duas: a primeira delas a observação empírica e comparativa do negro com outros “povos”, da qual Burton podia se arvorar,¹⁷⁸ e a segunda, a utilização da frenologia como instrumento de compreensão e demonstração da inferioridade relativa do negro.¹⁷⁹ A descrição do negro assume tons bastante agressivos, ele é “cruel”, “preguiçoso”, “covarde”, “feroz”, incapaz de produzir qualquer tipo de civilização, sendo apenas capaz de imitá-la imperfeitamente.¹⁸⁰

As conclusões tiradas destas generalizações apontam para a necessidade de *forçar* o negro africano ao trabalho, pois:

“The Negro, in his wild state, makes his wives work; he will not, or rather he cannot, labour, except by individual compulsion, as in the Confederate States; or by necessity, as in the Barbadoes; When so compelled, he labours well, and he becomes civilized and humanized to the extent of his

uma espécie diferente do europeu, disto não se seguiria que eles não teriam a mesma origem – apenas se inferiria que a identidade de origem seria menos provável.”)

¹⁷⁸ Em suas palavras, “When doctors are differing, and the professionally learned are disputing, about the existence or non existence of a great structural gulf between the black and white races, it behoves the empirical student, in other words, the traveller, to record his experience of, and to offer his opinion upon, the working of the African’s mental machinery.”. Burton, *A mission to Gelele...*, vol. 2, p. 182. (“Quando médicos estão diferindo, e os sábios profissionais estão disputando, sobre a existência ou não de um grande golfo estrutural entre as raças brancas e negras, torna-se necessário que o estudante empírico, em outras palavras, o viajante, grave suas experiências, e ofereça sua opinião sobre o funcionamento do maquinário mental africano.”)

¹⁷⁹ Ao falar sobre o Negro africano, Burton afirma que : “*his face is an index to his mind*”. Considerações sobre a relação entre as formações faciais e cranianas e o desenvolvimento mental e moral encontram-se nas páginas 198 e 199 do segundo volume do relato.

¹⁸⁰ As generalizações estão bastante difusas no texto a partir da página 196, na qual Burton indica que a partir de então: irá “oferecer ao leitor o resultado de minha experiência real sobre o caráter do negro.” Esta afirmação mostra mais uma vez a valorização da observação empírica como instrumento legitimador de sua argumentação.

small powers. When not compelled, as S'a Leone and Jamaica prove, he becomes degraded, debauched, and depraved."¹⁸¹

Embora o argumento da inferioridade do negro fosse o ponto básico da defesa da escravidão, este não era o único. Segundo Burton, a própria natureza havia traçado uma faixa dentro da qual o trabalho livre era impossível, tratava-se de "*a moral tropic, a boundary between free labour and slave labour, laid down by the nature herself.*"¹⁸² Finalmente, havia ainda o caráter "educativo" da escravidão, que seria para ele a única forma de trazer alguma melhoria à existência miserável levada pelos africanos, em geral. Para Burton, retirar um negro da África e posicioná-lo como escravo sob senhores brancos na América era similar a "enviar um garoto à escola". Depois deste aprendizado forçado, segundo o autor, o africano talvez pudesse levar à sua terra natal as possibilidades de melhoria para seus desafortunados conterrâneos, que não tinham tido a opção redentora de serem escravos em terras mais civilizadas.¹⁸³

O texto do capítulo que havia começado com certas ambigüidades sobre a questão da poligenia, não deixa dúvidas quanto à crença do autor na inferioridade total do negro. A questão da origem apenas não parecia ser mais importante para o argumento de Burton, sendo objetivo do "estudante empírico" da antropologia narrar os fatos que comprovassem

¹⁸¹ "O negro, em seu estado selvagem, faz sua mulher trabalhar; ele não trabalha, ou melhor, não consegue trabalhar, exceto por compulsão individual, como nos estados confederados; ou por necessidade, como em Barbados; quando compelido desta forma, ele trabalha bem, e torna-se civilizado e humanizado nos limites de seus pequenos poderes. Quando não compelido, como Serra Leoa e Jamaica provam, ele torna-se degradado, moralmente corrompido e depravado." Burton, *A mission to Gelele...*, vol. 2, p. 204.

¹⁸² "um trópico moral, uma fronteira entre trabalho livre e escravo, colocada pela própria natureza." Burton, *A mission to Gelele...*, vol. 2, p. 185. O texto está recheado de afirmações sobre a necessidade da escravidão para o trabalho nos trópicos. Em nota na página seguinte a afirmação mencionada acima, Burton afirma que o trabalho branco não seria possível, por exemplo em nenhum dos Estados algodoeiros do Sul dos Estados Unidos.

¹⁸³ Burton, *A mission to Gelele...*, vol. 2, p. 204-205. Segundo Burton, ser escravo na América era "*his only chance of improvement, of learning that there is something more in life than drumming and dancing, talking and singing, drinking and killing. After a time, colonists returned to Africa may exert upon the continent an effect for which we have as yet vainly looked.*". ("sua única chance de melhoria, de aprender que há algo mais na vida do que batucar e dançar, falar e cantar, beber e matar. Depois de algum tempo, colonos retornados à África podem exercer sobre o continente um efeito pelo qual ate agora procuramos em vão.")

a condição de inferior do africano e seu lugar como escravo dentro do processo de desenvolvimento da humanidade.

É neste contexto que se coloca a exaustiva descrição dos “costumes anuais” da cultura daomeana, um estudo “empírico” de uma cultura africana, que ocupa mais da metade dos dois volumes do relato. Esta descrição minuciosa, que em alguns pontos contém comparações entre africanos e europeus¹⁸⁴, abre espaço para uma leitura enviesada do texto de Burton como um precursor do relativismo cultural do final do século XIX. Segundo Dane Kennedy, a compreensão de “raça” como um espaço fechado definido pela diferença, serviria a um duplo propósito para Burton:

*“... it supports the standard racists’ contention that biology is destiny, but it also ventures the view that races have their own systems of beliefs and behavior, each incommensurate with the other and implicitly standing against any universalist standard of values. To put it another way, it opens the door to a relativist conception of culture.”*¹⁸⁵

Trata-se de um interessante argumento, pois sugere que o racismo “científico” ao tratar as “raças” como indiscutivelmente diferentes, abria espaço para a análise do sistema cultural que caracterizaria cada uma delas dentro de sua própria lógica de funcionamento, lançando as bases da possibilidade de avaliações relativistas sobre elas. Kennedy continua, no entanto, sugerindo que Burton abraçara a causa do poligenismo de forma completa neste momento – o que difere da interpretação apresentada aqui – pois:

“...a poligenist understanding of race was motivated not just by his belief in the separate genesis of Africans, but by his desire to defend their distinctive social practices and sense of cultural identity against extinction.[...]”

¹⁸⁴ Como se viu no texto do relatório enviado ao *F.O.*, Burton comparou os sacrifícios humanos em Daomé às execuções anuais na Europa, afirmando mesmo que os sacrifícios eram para o rei de Daomé a mesma coisa que um rei europeu rezando para seus mortos. Esta passagem volta a aparecer no texto do relato.

¹⁸⁵ “... ela suporta o argumento racista de que biologia é destino, mas também incita a visão de que as raças tem seus próprios sistemas de crenças e comportamentos, cada uma incompatível com as outras e implicitamente colocando-se contra qualquer padrão universalista de valores, colocado de outra forma, abre a porta para uma concepção relativista de cultura.” Kennedy, Dane. *The Highly Civilized Man, Richard Burton and the Victorian World*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 2005, p. 156.

Racism freed Burton from the obligation of evaluating Africans by the standards of his own society. Ironically, then, it made it possible for him to move in the direction of cultural relativism."¹⁸⁶

Como se viu, no entanto, Burton de forma alguma avaliava a África de fora dos padrões europeus. Muito pelo contrário, colocava as diferentes *raças* dentro de uma escala de evolução na qual a *raça* branca européia era o ponto mais adiantado, embora não necessariamente o último. Este posicionamento “exterior” de Burton, no qual ele parecia colocar-se fora tanto da sociedade africana quanto da européia, foi analisado aqui como uma estratégia retórica que lhe permitia tecer considerações supostamente isentas sobre a forma de atuação européia na África, criticando em especial a ideologia filantrópico-missionária de igualdade entre negros e brancos.¹⁸⁷ O capítulo no qual Burton comenta o artigo de Hunt, tem uma função bastante específica, qual seja, apresentar sua opinião sobre *o lugar do negro na natureza*.

As conclusões de Burton no livro não são diferentes das apresentadas nos dois artigos oriundos da mesma viagem, escritos para a *London Anthropological Society* e para a *Ethnological Society of London*,¹⁸⁸ isto apesar de ambos os textos só possuírem em comum uma breve história de Daomé como introdução e a previsão de uma futura islamização da África ao final. No artigo para a *ESL*, Burton se ateve, de novo, a questões relativas aos “costumes anuais”, enquanto para a *ASL* a ênfase se deu, em geral, nas descrições de circuncisões e de cultos fálicos, assuntos os quais ele parecia não ter espaço para apresentar em nenhum outro fórum de discussão institucional, nem mesmo em seus relatos. Mesmo

¹⁸⁶“...uma compreensão poligênica de raça era motivada não apenas por sua crença na gênese separada dos Africanos, mas por seu desejo de defender suas práticas sociais distintivas e seu senso de identidade cultural contra a extinção.[...]”

O racismo liberou Burton da obrigação de avaliar os africanos pelos padrões de sua própria sociedade. Ironicamente, assim, tornou possível para ele mover-se em direção ao relativismo cultural.” Kennedy, D. *The Highly Civilized Man...*, p. 159.

¹⁸⁷ Além desta estratégia retórica, o argumento apresentado aqui é que este “deslocamento” do autor pode ser derivado da experiência de vida de Burton, que permaneceu fora das fronteiras continentais européias por grande parte de sua vida adulta.

¹⁸⁸ Publicados respectivamente em 1864 e 1865.

assim, Burton não se furtou de considerações a respeito das opiniões sobre o negro na Inglaterra.

“Before the Wilberforcean age, he was simply a negro. That counteraction of the Asiento Treaty and of the other little jobs, which founded Liverpool, and which poured five millions of pounds sterling into the national pocket marked him to the one class a Man and a Brother, to the other a nigger. But in the light of increased experience, the two extreme opinions must eventually disappear. [...] Our strong young society will aid by difference and discussion in establishing the Golden Mean, and thus by individual and combined exertion we shall succeed in restoring the Negro to his Proper Place in Nature, - whatever that may be.”¹⁸⁹

Ora, frente a leitura dos textos realizada até aqui, o “lugar do negro na natureza”, para Burton, parecia ser o de escravo, trabalhando para seus “mestres naturais brancos”, e possivelmente aniquilados no futuro. Cabe lembrar também que no início da década de 1860 ocorria a guerra da secessão nos Estados Unidos e, conseqüentemente, havia um amplo debate sobre a questão da legitimidade da escravidão na América, que voltou a espalhar-se pela sociedade inglesa, como lembra o próprio Dane Kennedy. A ASL era um fórum no qual advogados da causa sulista conseguiam significativo espaço, tal como Henry Hotz, o agente comercial da confederação em Londres.¹⁹⁰ É preciso compreender desta forma, o

¹⁸⁹ “Antes da era Wilberforceana, ele era simplesmente um negro. A contra reação do tratado do Asiento e de outros pequenos trabalhos, que fundaram Liverpool, e que encheu com 5 milhões de libras o bolso nacional marcou-o como para uma classe como um homem e um irmão, e para outra como um *nigger*. Mas na luz do aumento da experiência, as duas opiniões extremas devem finalmente desaparecer. [...] Nossa jovem e forte sociedade ajudará a estabelecer pelas discussões e diferenças o significado dourado, e assim, pelo esforço individual e combinado deveremos ter sucesso em restaurar o Negro ao seu próprio lugar na natureza, - qualquer que seja ele. “Notes of matters connected with dahomans”, *Memoirs read before Anthropological Society of London*, vol. 1, 1863-4, p.321.

¹⁹⁰ Kennedy, D. *The Highly Civilized Man...*, p. 139. Como se viu, outros autores também notam a importância da guerra da secessão no debate sobre o negro na Inglaterra, tal como Bolt, Christine. *Victorian Attitudes to Race*, London, Routledge and Kegan Paul, 1971. Bolt inclusive sugere que a posição simpática aos confederados não se restringia à fóruns tais como a ASL, sendo, de fato, a opinião expressa em grande parte dos jornais ingleses. Alfredo Cordiviola também nota a participação de Hotz em reuniões da ASL, e a defesa desta última da causa confederada.

argumento escravista de Burton dentro deste contexto complexo, considerando o texto frente à exposição de seus projetos intervencionistas suprimidos dos relatórios oficiais enviados ao Parlamento, pela construção retórica do narrador “externo” de Burton, passando por seu diálogo com os demais membros da *ASL* e outros discursos sobre “raça”, e pela crise no fornecimento de algodão derivada da guerra da secessão americana.

Restam ainda outros enunciados de Burton produzidos durante a primeira metade da década de 1860 a ser analisados. Estes podem auxiliar na compreensão da construção tanto das imagens constituídas sobre o continente africano pelo autor, como do jogo de representações que envolvia as suas múltiplas posições naquele momento, como cônsul, escritor de relatos de viagem, antropólogo, e explorador decadente.

Delta do Níger e Comitê para a África Ocidental.

Uma das últimas correspondências enviadas por Burton da costa ocidental africana foi uma análise geral da situação do comércio nos limites de seu consulado. Um relatório relativamente longo e bem detalhado, referindo-se à uma por uma das casas de comércio, em cada uma das cidades do Delta do Níger.

Em primeiro lugar, fica claro que no início da década de 1860 o comércio da região era na prática um monopólio britânico, com raros casos de comerciantes de outras nacionalidades com alguma participação. O relatório apresenta em linhas gerais as opiniões de Burton sobre os agentes envolvidos nas relações comerciais e políticas do Delta do Níger que, em grande parte, refletem as posições já assumidas por ele anteriormente.

Os serra leoneses por exemplo, voltam a ser retratados como prejudiciais ao bom andamento das relações comerciais. Em Camarões, eles “lucram promovendo desacordo entre brancos e negros, e preservam a peculiar independência de maneiras que os distingue em sua colônia”. Em Old Calabar, surgem de novo como más influências “fazendo todo o mal que podem, ao fazerem pequenos comércios e possuindo escravos, um mal exemplo ao

povo do lugar”. E de forma reversa, onde eles não estão presentes, isto é um bem para a localidade.¹⁹¹

Os missionários, embora não fossem sempre prejudiciais, raramente mereciam algum crédito. De fato, Burton afirma sobre a missão da *United Presbyterian Mission of the Church of Scotland*, que:

*“It is impossible too much to admire the fait and energy of this mission, or to compassionate their complete failure. [...]The doctrine of monogamy is unanimously rejected by the people....”*¹⁹²

E, neste caso ainda, um “mal maior” resultara da ação missionária, uma vez que eles pregavam aos negros noções de igualdade entre as raças. Embora estas noções fossem, para Burton, algo que de início causasse completa “surpresa” às mentes “africanas”, tinham como consequência o fato de:

*“the blacks presently learned to act upon, if not to believe, an idea at first so insulting o his common sense, and a general upheaval of the lower strata of society was the result.”*¹⁹³

Quanto a organização do comércio e a atuação consular, Burton coloca-se de maneira dúbia. Em alguns momentos valoriza a demonstração de força, citando inclusive o caso de “Dick Merchant” como uma ação de sucesso. Em outros momentos sugere que, em determinados lugares, o cônsul deveria se abster de qualquer procedimento de interferência, pois seria melhor, tanto para os nativos, quanto para os comerciantes ingleses.

Aparentemente, Burton estava consciente da política oficial de não intervenção do *F.O.* para a região evitando entrar em confronto com estas. De certa forma a condição do Delta do Níger era diferente daquelas em Abeokuta e Daomé. A primeira estava em guerra, o que resultava numa diminuição do fluxo comercial por Lagos, e ao mesmo tempo num

¹⁹¹ Como no caso de Brass River, por exemplo. Segundo Burton, nesta localidade, uma união dos comerciantes ingleses, juntamente com “*a total absence of Sierra Leone men has wrought wonders in the river.*” *PRO*, FO, 84/1221, 15/04/64.

¹⁹² “É impossível admirar demais a fé e energia de sua missão ou ter compaixão por sua falha completa. [...] A doutrina da monogamia é unanimemente rejeitada pelo povo...” *PRO*, FO, 84/1221, 15/04/64

¹⁹³ “Os negros atualmente aprenderam a agir sobre, se não a acreditar, numa idéia inicialmente tão ofensiva ao seu senso comum, e um levante geral do estrato mais baixo da sociedade foi o resultado.” *PRO*, FO, 84/1221, 15/04/64

aumento do tráfico escravo. Esta situação levou à intervenção e anexação inglesa de Lagos e, desta forma uma interferência muito mais direta na política regional. Embora o tráfico estivesse de fato em seus estertores, Daomé, por seu lado, carregava ainda a fama de ser uma região exportadora de escravos. Além disso, ambas as regiões eram interioranas, dificultando a eficiência da atuação do esquadrão naval britânico na visão de Burton. Desta forma, a hipótese de uma intervenção mais direta parecia-lhe uma solução mais eficiente para a questão, do que a patrulha na costa, supostamente mais efetiva no caso dos “Rios do óleo”.

No Delta do Níger, apesar de problemas localizados e da resistência nativa em permitir a penetração inglesa no interior via navegação do rio, o comércio continuava existindo. Embora em números relativos este fosse de pequena importância para a Inglaterra, como um todo, em números absolutos, era de um volume considerável. É certo que a situação não era a melhor na concepção de Burton, que vislumbrava um grande aumento do fluxo comercial através da imposição do poder inglês frente aos pequenos estados nativos da costa e a conseqüente liberdade para comerciar de forma direta com as zonas do interior, produtoras das mercadorias de interesse da Inglaterra.

Desta forma, embora o tom geral do relatório seja de uma apresentação da situação geral sob luzes favoráveis, o ressentimento de Burton quanto a limitação do poder de ação consular aparece na sua conclusão. De forma resignada ele afirmava que:

*“I will no more trouble your lordship with the difficulties with which the want of a cruiser stationed in the Bight of Biafra, and the absence of all magisterial control in the rivers, heap upon me. It is somewhat with regret that I find myself in a place where so much is to be done both for reform and for progress, and yet in a position where little of nothing can be effected.”*¹⁹⁴

A situação na Inglaterra caminhava para a elaboração de um discurso político cada vez menos intervencionista, o que se depreendia da correspondência entre Burton e o *F.O.*

¹⁹⁴ “Eu não vou mais incomodar sua senhoria com as dificuldades que a necessidade de um cruzador estacionado na Baía de Biafra, e a ausência de controles de magistrado sobre os rios, lançaram sobre mim. É com alguma tristeza que eu me encontro num local onde tanto pode ser feito por ambos, a reforma e o progresso, mas numa posição onde pouco ou nada pode ser efetuado.” *PRO*, FO, 84/1221, 15/04/64.

Mais claro ainda isto se tornaria no começo de 1865, quando da instalação de um comitê especial no Parlamento para discutir a situação da África Ocidental.¹⁹⁵

O comitê tem sua origem mais imediata em razão do fracasso da campanha militar inglesa em Ashanti, que redundara em grandes gastos e na morte de muitos ingleses, antes mesmo de qualquer batalha. A ação militar era uma represália às agressões de Ashanti sobre os Fanti na Costa do Ouro, que estavam sob regime de protetorado britânico. Este fracasso levou certos membros do parlamento a proporem uma discussão mais detida do papel da Inglaterra na costa ocidental da África, tendendo claramente para a defesa de uma política de não intervenção.¹⁹⁶

Segundo o próprio Hargreaves, Adderley que havia proposto o comitê era manifestamente contra as políticas de ‘colonização sentimental’, que por motivos filantrópicos sustentavam a anexação e o governo de regiões africanas. Ainda assim, como foi possível perceber, os resultados do comitê foram ambíguos, restando brechas importantes no relatório final, que continuariam a possibilitar a ação mais agressiva em momentos no qual a conjuntura local parecesse ‘demandar’ repressão por parte dos agentes britânicos na África.

O depoimento de Burton ao comitê revela, por um lado, uma certa heterogeneidade na composição e nas perspectivas por parte de seus membros e, por outro, uma postura cuidadosa por parte do depoente, ao mesmo tempo em que aponta para a elaboração, por sua parte, de um projeto aparentemente pouco ortodoxo para solucionar os problemas na África Ocidental.

¹⁹⁵ Segundo Hargreaves, entretanto, o próprio Russell era, a despeito da maioria do governo, favorável à certas demonstrações de força para controlar o comércio da região. Talvez por isto, passagens como as mencionadas acima, não tivessem sido excluídas dos relatórios apresentados ao parlamento, muito embora, as sugestões mais radicais fossem cortadas de forma sumária. Entretanto, mesmo cortadas das apresentações ao parlamento, a política de relativa intervenção continuou de fato enquanto Russell esteve no F.O e Palmerston como primeiro ministro. Desta forma, opiniões como as de Burton não deviam parecer pouco importantes ou fora de lugar para Russell, embora fossem significativamente excluídas do discurso “oficial” frente ao parlamento. Hargreaves, John. *Prelude to Partition of West Africa*. London: Macmillan, 1966.

¹⁹⁶ Hargreaves sugere uma discordância entre o *F.O.* e o *Colonial Office*, sendo que o primeiro apesar do discurso de não intervenção, continuava mantendo ações agressivas, enquanto o último, fazia todo o esforço possível para evitar qualquer anexação ou envolvimento maior. Hargreaves, John. *Prelude to Partition...*

A maior parte das questões, esperavam de Burton respostas que sugerissem que o comércio puderia ser levado à cabo sem interferência governamental, em especial as que partem do presidente do comitê, C.B. Adderley. O cônsul, por sua vez, realmente opinou que a melhor perspectiva comercial seria a possibilidade de estabelecer uma rota para o interior via rio Níger, pois assim, “*esta região enorme estaria sob nossas mãos como propriedade comercial*”.¹⁹⁷ Entretanto, não menciona o que deveria ser feito para efetivar tal perspectiva, afirmando apenas que um vapor mensal subindo o rio seria suficiente, deixando de relatar as experiências que ele mesmo tivera com as resistências nativas em permitir a navegação desta forma. Ao contrário, afirmava que a presença do cônsul nos “Rios do Óleo” era quase sempre prejudicial à situação comercial, pois:

*“The consul was obliged to go there in a vessel of war; it was no use going in a Merchant steamer; the moment a vessel of war appeared in the river there was a general disturbance and upsetting of the trade; those that fancied they deserved to be punished ran away into the bush, and there was general confusion.”*¹⁹⁸

De forma geral, as questões demonstravam as preocupações dos parlamentares com questões tais como: o final do tráfico escravo, o aumento do comércio, a relação entre estes fatores e a presença ou ausência de assentamentos britânicos e de estruturas militares. Boa parte das perguntas indicam uma preocupação com a forma de governo utilizada por outras nações na costa africana.¹⁹⁹

Sobre a situação do tráfico escravo, Burton testemunhava que este estava em seu final devido à uma combinação de várias circunstâncias, quais sejam, “a presença dos cruzadores e dos missionários, e a facilidade dos nativos participarem de um comércio mais

¹⁹⁷ *Parliamentary Papers*, 1865, vol. V, p. 89.

¹⁹⁸ “O cônsul era obrigado a ir num navio de guerra; não tinha nenhuma utilidade seguir num vapor mercador; no momento que um navio de guerra aparecia no rio, havia uma perturbação geral e uma parada no comércio; aqueles que imaginavam que mereciam punição fugiam para a floresta, e havia uma confusão geral.” *Parliamentary Papers*, 1865, vol. V, p. 89. Por outro lado, ele reconhece que freqüentemente precisou interferir no comércio, mas que precisava tomar cuidado, pois muitas das vezes, o causador do problema não era o nativo, mas sim o europeu.

¹⁹⁹ O início do interrogatório de Burton tem várias questões sobre a administração espanhola em Fernando Pó e a portuguesa em Luanda.

lucrativo”.²⁰⁰ A menção de Burton ao esquadrão de combate ao tráfico e aos missionários como elementos que ajudaram no final do comércio escravo soa relativamente estranha frente as suas opiniões já conhecidas sobre estas instituições, apresentadas nos relatórios ao F.O.²⁰¹ No que diz respeito à “facilidade” de participar de um comércio mais lucrativo, Burton explicava citando o exemplo de Bonny, onde a população costeira não trabalhava, limitando-se a comprar escravos e enviá-los ao interior para que trouxessem o óleo de palma. Desta forma, a estrutura de geração de renda continuava dependente da escravidão.

Por sua vez, esta dependência continuada da escravidão apresentava outros problemas, em especial o aumento do número de escravos na própria costa africana. Segundo o autor, os escravos antes direcionados para o comércio atlântico eram então comprados a baixo preço pelos comerciantes africanos, que os empregavam no transporte do óleo das regiões produtoras do interior para a costa. O resultado da relação entre baixo preço do escravo e alto custo de manutenção, associados ao caráter “cruel” dos africanos era uma condição absolutamente degradada do escravo, que estaria melhor se fosse exportado para a América, pois “nada pode ser pior do que a condição dos escravos hoje [...] nos Rios do Óleo em geral.”²⁰²

Como não estava em questão a possibilidade de retomada do tráfico escravo, Burton propôs então um esquema de “imigração livre”.

“My idea has always been that emigration [to West Indies] from those parts upon bona fide principles, as distinct from a slave trade, would at once do a great deal of good. In the first place, there is a large criminal population, who are all liable to be put to death with cruelty; The chiefs

²⁰⁰ *Parliamentary Papers*, 1865, vol. V, p.90. Quanto a “facilidade” de participar de um comércio não lucrativo, Burton explica que os nativos da costa não trabalhavam, apenas compravam escravos que mandavam ao interior para trazer o óleo de palma, logo, a estrutura de geração de renda continuava dependente da escravidão.

²⁰¹ Mas de fato, ele ressalva um pouco mais a frente no interrogatório, que o final do tráfico escravo tinha tido lugar por estas circunstâncias apenas no Delta do Níger, e que em outros lugares, como Daomé, por exemplo, apesar de um longo bloqueio da costa pelo esquadrão africano, ainda havia escravos sendo exportados. *Parliamentary Papers*, 1865, vol. V, p. 92

²⁰² *Parliamentary Papers*, 1865, vol. V, p.91.

say, 'Why do you not take those men; we shall kill them; we want no money for them; take them away.'"²⁰³

Ou seja, não era necessário nem mesmo forçar os chefes a entregarem este “excedente populacional”. Em caso contrário, se eles comessem a procurar alguma forma de lucro com esta situação, bastava entrar no texto dos tratados que vinham sendo assinados com estes pequenos estados costeiros. Segundo ele, deveria ser dito aos chefes africanos:

*“You have made treaties with us for the prevention of putting men to death, and if you not put those men into my hands, I must them act up to the terms of the treaty.”*²⁰⁴

Desta forma, parece claro que a ‘imigração livre’ proposta por Burton seria uma forma de forçar os chefes a liberarem os escravos, antes destinados ao tráfico atlântico sem nenhuma remuneração. E, se fosse necessário, forçá-los à fazer isto, voltando assim ao emprego da força, que tanto reclamara anteriormente à Russell não dispor para realizar seu trabalho consular. Mais do que uma questão sobre se a Inglaterra deveria ou não anexar territórios, estabelecer protetorados ou colônias, tratava-se, na visão de Burton, de uma imposição da vontade britânica aos africanos, qualquer que fosse esta vontade, e em qualquer circunstância.²⁰⁵

Em suas respostas ao comitê, ele se aproximava de uma explicação “moral” para a expansão da influência britânica na África, inclusive afirmando que o comércio

²⁰³ “Minha idéia sempre foi que a emigração [para as Índias Ocidentais] destas regiões baseadas em princípios de boa fé, distinta do comércio escravo, faria rapidamente um grande bem. Em primeiro lugar, há uma grande população de criminosos, que são passíveis de serem mortos com crueldade; Os chefes dizem, Por que vocês não levam estes homens, nós devemos matá-los, não queremos dinheiro por eles, levem-nos embora.” *Parliamentary Papers*, 1865, vol. V, p.91

²⁰⁴ “Vocês fizeram tratados conosco para prevenir o fato de colocar homens à morte, e se vocês não colocarem estes homens em nossas mãos, nós então agiremos sobre os termos dos tratados.” *Parliamentary Papers*, 1865, vol. V, p.92

²⁰⁵ Muito embora Burton tenha sido obrigado a concordar que esta forma de atuação não tem nada a ver com ‘livre comércio’, em especial no caso das anexações territoriais ao redor de Lagos, e da interferência na guerra entre Abeokuta e Ibadan. Burton considerava que as ações do governo de Lagos tinham como único objetivo permitir que Ibadan também negociasse diretamente com a costa, sem pagar tarifas à Abeokuta, e que estava em seu direito ao agir desta forma.

contemporâneo, embora não se computasse mais escravos, continuava “desmoralizando” os africanos, por ser composto, em sua maioria de bebidas, armas e munição. Embora este tipo de comércio tendesse a diminuir o tráfico escravo, dizia Burton, “o fazia com os seus próprios malefícios.” Para isto era necessário em primeiro lugar uma melhora ‘moral’ do próprio comerciante europeu, já que a melhora do africano “tomaria um período incalculável de tempo” para ter lugar.

Enfim, dadas as afirmações sobre a dificuldade de melhoramento moral do africano, uma série de questões foram feitas sobre a condição de Serra Leoa. Stanley, por exemplo pergunta sobre se o “experimento de tentar a civilização das raças africanas” havia tido sucesso ali, ao que Burton respondeu:

*“...the general voice of the coast is against the Sierra Leone men; they are looked upon as men who have sufficient education to deceive others and not sufficient to keep themselves straight.”*²⁰⁶

Com muita relutância, entretanto, ele concedeu que havia pessoas inteligentes na colônia – alguns mulatos e negros – mas que, via de regra, apesar de aprenderem a tirar proveito da situação comercial, em seus hábitos íntimos eles continuavam não civilizados. Segundo Burton,

*“He delights in carriages and horses and a broad cloth coat with a large velvet collar, but in the house all this is removed and he places a rag round his waist[...] and with his coat he takes off his manners.”*²⁰⁷

²⁰⁶ “A voz geral da costa é contra os homens de Serra Leoa; eles são vistos como homens que tem educação suficiente para enganar os outros, mas não suficiente para manterem-se na linha.” *Parliamentary Papers*, 1865, vol. V, p. 105.

²⁰⁷ “Ele se delicia com carruagens e cavalos e um grande casaco com gola de veludo, mas em sua casa, tudo isto é removido e ele coloca um trapo em sua cintura [...] e com o seu casaco ele também tira suas boas maneiras.” *Parliamentary Papers*, 1865, vol. V, p. 105.

Considerações finais.

Ao longo das reflexões neste texto foi possível observar uma série de elementos que colaboram na constituição da representação de Burton sobre as regiões da África Ocidental durante seu período consular entre 1861 e 1865.

As tendências aristocráticas e a posição social do autor, bem como suas filiações conservadoras, sugerem uma classificação à priori do negro como inferiorizado. Através de uma concepção da sociedade como naturalmente dividida em ‘castas’ o autor procurava apresentar o negro cada vez mais dentro de uma estrutura na qual sua posição estava definitivamente atrelada à condição de trabalhador sob a tutela e influência das camadas superiores da humanidade, da mesma forma que a classe trabalhadora inglesa deveria estar sujeita à condição de inferioridade frente aos *gentlemen*.¹

Uma vez na África, as propostas de Burton foram, desde seus primeiros textos, bastante intervencionistas, negando a possibilidade de igualdade entre africanos e europeus, em especial no que se referia à colônia de Serra Leoa. Estas posturas intervencionistas, que aparecem muito mais em discurso do que na prática, estabelecem ao longo do tempo um diálogo complexo com as instituições do governo inglês, voltadas para a administração das regiões africanas.

Como se viu, tratava-se de um governo com práticas intervencionistas apesar de um discurso contrário à intervenção e anexações de novas regiões na costa africana. Durante os primeiros anos, Burton sugeriu interferências militares diretas em Abeokuta e manifestou, em diversas oportunidades, o desejo de dispor de meios de coerção para intervir na região do Delta do Níger. Os relatórios e relatos que se restringiam mais a assuntos “geográficos” apresentavam-se como tradicionais narrativas de “tomada de posse”, ao passo em que as representações das populações coadunavam com estas possibilidades.

O “negro” era representado pelo autor como incapaz de civilizar-se por si próprio, legitimando suas propostas intervencionistas. Movimentando-se bastante livremente dentro das possibilidades de conceituação das populações africanas desenvolvidas na Inglaterra na

¹ De fato, como se viu, o autor chega a associar diretamente estratificação social rígida com grau de civilização.

metade do século XIX, Burton utilizava-se de elementos que pareciam contraditórios na construção das suas próprias representações, ora defendendo idéias evolucionistas ainda bastante confusas, referindo-se à unidade original da humanidade, ora aproximando-se de forma mais direta de concepções que apregoavam a diferença intrínseca entre as ‘raças’ humanas.

Burton nunca chegou a abraçar em definitivo nenhum dos dois “modelos” rivais, supostamente suportados pela *ESL* e *ASL*.² Suas posições permaneceram sempre relativamente idiossincráticas, mencionando Darwin dentro da Sociedade Antropológica, considerada anti evolucionista por excelência, e por outro lado criticando as supostas limitações ‘filantrópicas’ que impediam a representação adequada do ‘negro’ na sociedade Etnológica e até mesmo na *RGS*.

A sua postura frente à etnografia e antropologia era a de legitimar as considerações sempre através da observação direta. Desta forma, sua ‘autoridade’ emanava da própria experiência da viagem e do contato com as diferentes sociedades que descrevia, mascarando sob a ‘empíria’ destas observações as afirmações sobre a inferioridade das populações não européias, em especial a dos “africanos puros”, ou “ignóbeis”.

Esta atitude empírica entretanto, não era apenas uma máscara ideológica que sustentava a representação de inferioridade. Os resultados de suas observações são descrições muito detalhadas e minuciosas destas sociedades. Desta forma, esta postura tornava possível observar os costumes africanos como social e culturalmente enraizados, levando a considerações que buscavam compreender, por exemplo, a funcionalidade dos sacrifícios humanos, muito embora as reflexões sobre eles fossem, de forma inevitável e invariável, eurocêntricas.

De fato, apesar da idéia de relativismo que possa minimamente transparecer desta postura, a imagem resultante é sempre a de “selvagens” irrecuperáveis ou quase impossíveis de “civilizar”. Apesar disto talvez seja esta posição empiricista que torne difícil

² Claramente é preciso dizer que na prática não haviam estes ‘modelos’, e que intelectuais em ambas as sociedades apresentavam graus variados de divisão interna.

para o autor aceitar as hipóteses antropológicas mais controversas sobre o grau de infertilidade das populações híbridas por exemplo.³

Enfim, a despeito das diferentes correntes “científicas” sobre raça, a representação de Burton permaneceu relativamente constante durante seu período como cônsul na África Ocidental, afirmando que o negro, por suas características naturais - se fosse capaz de civilização – o seria somente sob tutela européia, e em posição social dependente, nunca de igualdade.

Estas considerações tornavam bastante difícil a sua compreensão da, e mesmo a convivência com, a resistência por parte dos nativos à interferência européia. Como foi possível notar, a resistência nativa, mais do que casos de exceção, eram a regra no comércio anglo-africano. As críticas agudas de Burton à atuação ‘pacífica’ da Inglaterra em relação às sociedades costeiras torna clara a insatisfação do autor perante sua posição ‘impotente’ em Fernando Pó.⁴ Não se pode deixar de notar que no final de seu período consular na África Ocidental, talvez por experienciar esta resistência de forma efetiva, ou talvez por perceber que o discurso intervencionista encontrava-se em baixa no parlamento, as sugestões de Burton neste sentido passam a rarear cada vez mais quando da aproximação.⁵

É um tanto clara a preocupação de Burton com os diferentes veículos nos quais suas opiniões eram emitidas. Nas suas cartas particulares, a crítica à ‘passividade’ da Inglaterra

³ Esta hipótese, de que mulatos e híbridos em geral eram em algum grau inférteis, o que impossibilitava o crescimento natural de uma população mestiça era um argumento poligenista, que defendia a diferença intrínseca entre as ‘raças’ humanas. Burton quando questionado diretamente sobre o assunto durante o depoimento ao comitê parlamentar em 1865, informa que isto “ainda é objeto de discussão dentro da Sociedade Antropológica de Londres”. Ao passo que suas ligações institucionais com esta sociedade talvez tornassem bastante difícil a negação categórica de tal postulado. Ele manifestou também frente ao comitê parlamentar que acreditava na possibilidade de auto sustentação em termos populacionais da “miscigenada Serra Leoa”.

⁴ De fato, a atuação inglesa não foi propriamente ‘pacífica’, entretanto, Russell cuidadosamente evitava conceder poderes e condições à Burton, talvez com receio da forma de atuação agressiva que o último freqüentemente propunha ao *F.O.*

⁵ Em seus papéis pessoais, Burton parecia considerar cada vez mais difícil a possibilidade de estabelecimento de governo inglês na região, passando a apregoar que a única possibilidade de incrementar o comércio era a expansão da influência do Islã, chegando a defender esta possibilidade mesmo frente ao comitê de 65, ao qual sabia não poder advogar a política mais agressiva que lhe era peculiar.

era evidente, bem como em artigos não assinados. Estes são textos nos quais se encontram as caracterizações mais negativas do ‘negro’, ficando clara a ligação entre a inferioridade do africano e o ‘direito’ de domínio inglês.

Por outro lado, em seus relatos, embora o negro continuasse surgindo sob ângulos pouco favoráveis, e os objetivos manifestos continuassem a ser a ‘expansão da influência inglesa’, a razão desta expansão coadunava com as opiniões de filantropos e missionários, de que era um ‘dever’ da Inglaterra levar a ‘civilização’ à África, embora os meios fossem bem diferentes.

A caracterização da ‘miséria’ e da fraqueza dos africanos serviam, ao mesmo tempo, para justificar, de forma legítima, a interferência e demonstrar a facilidade com que este objetivo poderia ser atingido, isto a despeito, como se viu, da resistência nativa bastante forte encontrada na relação inglesa com a África Ocidental.

Enfim, parece bastante claro que a posição de Burton e suas construções discursivas refletem vários elementos, entre eles alguns pareceram importantes: a) as considerações teóricas sobre “raças” produzidas pela etnologia/antropologia inglesa e européia no período e as conexões institucionais do autor; b) a relação de Burton com o *F.O.* e com o esquadrão naval britânico na costa ocidental; e c) a própria experiência de residência na costa africana.

Sobre as teorias e discursos raciais em desenvolvimento na Europa e a conexão de Burton com a *Anthropological Society*, é importante ressaltar alguns elementos. A ligação próxima de Burton com esta sociedade e com seu presidente, James Hunt, rotulou de certa forma o discurso de Burton. A própria sociedade, entretanto, não era unívoca. Havia expressões internas de dúvidas sobre questões que são consideradas parte do “modelo” defendido por ela. Havia dúvidas mesmo quanto à validade “científica” de postulados que parecem cruciais para a reflexão sobre “raças”, como a origem múltipla da humanidade ou sobre a ausência da influência climática na configuração fenotípica e moral das “diferentes raças” do globo.

A sociedade parecia servir à Burton como um espaço de legitimação e configuração de identidade, como se viu mais especificamente no caso do grupo interno denominado *Cannibal Club*. Burton identificava-se com a condição aristocrática de boa parte de seus membros e com sua posição conservadora que reforçava as rígidas divisões da estratificada sociedade vitoriana, mais do que com um suposto “modelo” científico de reflexão sobre as

questões raciais. Aliás, o autor não parece encaixar-se num “modelo”, longe disto, manifestou opiniões um tanto ‘heréticas’ frente às concepções majoritárias da *ASL*. Influências climáticas sempre foram importantes para ele, que parece também adotar bastante cedo um evolucionismo social darwinista, ao passo que mesmo assim, nunca colocou em dúvida a necessidade de explicar as profundas diferenças que para ele caracterizam brancos e negros. Entretanto, as conexões institucionais e a relevância de seu nome dentro da própria *ASL* pareciam, por um lado, impedir uma crítica mais direta de Burton aos postulados com os quais parecia não concordar, e por outro, fazer com que a sociedade aceitasse de um de seus mais proeminentes membros, opiniões que fugiam de sua ortodoxia.

Já a relação de Burton com o *F.O.* parece ter sido marcada, pelo menos em seu período como cônsul na África Ocidental, por um erro de avaliação do autor em relação às suas perspectivas sobre esta posição na estrutura diplomática britânica. Em primeiro lugar, fica claro que o status da posição consular era inferior ao que Burton supunha antes de ingressar no serviço. Na parte financeira, a posição não era recompensadora e a fatia do “pão governamental” que ele imaginava estar compartilhando logo revelou-se pouco mais do que as “migalhas” das quais reclamava em textos anteriores. Ao mesmo tempo Burton, na prática, não dispunha de autoridade nenhuma frente aos outros participantes da burocracia inglesa na região, tendo solicitado a Russell uma patente militar, possivelmente para remediar esta situação.

Em segundo lugar, Burton logo se desiludiu com esta situação de impotência que limitava a imposição de políticas mais intervencionistas que julgava adequadas nas relações entre Inglaterra e África Ocidental. Seu discurso cada vez mais se tornava menos agressivo. De certa forma, em seu discurso “oficial” – aquele que aparece nos documentos consulares – ele se adaptou às demandas do *F.O.*, embora não sem uma parcela de rancor. Ao mesmo tempo, no entanto, a negatividade de sua representação sobre a população africana permanecia como um recurso para – sutilmente em alguns textos e não tão sutilmente em outros – criticar as posições britânicas e sua atuação na costa africana.

Enfim, a experiência de residência na costa africana também mostra-se como elemento importante na configuração de suas representações. Por um lado, Burton vivenciou, de forma bastante próxima, diferentes mecanismos de resistência e adaptação

empregados pelas sociedades nativas africanas frente ao constante aumento da interferência inglesa, desde o enfrentamento direto contra as imposições comerciais e culturais européias, até as construções discursivas como as do rei Pepple, que buscava utilizar-se de uma retórica filantrópica para garantir sua proeminência dentro de seu próprio pequeno estado africano. Esta vivência do autor, frente à impossibilidade prática de implementar seus projetos pessoais de dominação, pareceram exacerbar seus sentimentos aristocráticos tornando cada vez mais a “igualdade” uma condição insuportável para ele.

Por outro lado, estas mesmas condições fizeram com que fosse possível para o autor assumir um suposto empiricismo como principal objetivo e instrumento legitimador de sua “antropologia”, ao mesmo tempo em que permitia-lhe constituir para si um lugar de ‘isenção’ do qual emanava sua autoridade sobre estes temas, que por sua vez tornava viável desafiar os conceitos teóricos mais ‘estáticos’ que emanavam dos antropólogos de gabinete na Europa e na América do Norte.

A relação entre estes fatores, torna as representações de Burton mais complexas do que a simples redução de seus textos à determinada corrente teórica “racial”, qualquer que seja ela. É preciso tomar bastante cuidado com quaisquer afirmações sobre pequenas passagens de seus textos, e somente uma avaliação mais global permite compreender de maneira mais efetiva, através das diferenças entre várias de suas enunciações, algumas das circunstâncias contextuais que fazem parte da construção de seu discurso. Um discurso bastante intervencionista, tal como aquele que viria a legitimar as ações britânicas e européias cerca de duas décadas depois, quando da colonização efetiva da África.

Assim, nos contextos tais como recuperados neste trabalho, a obra de Burton coloca-se como um elemento importante na compreensão da dinâmica que constitui a história da relação entre Inglaterra e África Ocidental. Apesar de sua aparente idiossincrasia, o autor foi participante da constituição de um discurso mais amplo sobre a “raça negra” que se formulava na Inglaterra na segunda metade do século XIX. Sua obra reflete a postura de uma classe social, com a qual ele se identificava. Postura esta que por diversas razões tornou-se cada vez mais difundida no corpo social inglês. Além disto, também reflete a sua experiência na costa africana, as resistências africanas, as dificuldades que enfrentou em seu trabalho, e a impotência de sua função dentro da estrutura burocrática imperial para atuar de acordo com suas concepções pessoais. Esta frustração de suas

expectativas transparecem nas críticas à postura oficial de não intervencionismo na década de 1860. Postura esta que se transformaria num imperialismo agressivo cerca de duas décadas depois.

Não se trata de procurar estabelecer relações causais para o avanço imperialista no final do século XIX, diversos outros fatores precisam ser levados em consideração para a compreensão deste fenômeno. Entretanto, entre estes fatores não é mais possível desconsiderar a constituição de um discurso sobre a África que viria a legitimar esta nova postura política. Mais importante ainda é notar que este discurso é fruto justamente de uma dinâmica relacional, que traz a África e os africanos para o campo da agência histórica, mesmo que neste momento suas ações pareçam ter sido, paradoxalmente, um fator que contribuiu para o acirramento de uma visão negativista da “raça negra” na Inglaterra. Desta forma, a análise dos documentos de Burton frente ao contexto no qual ele esteve inserido na costa ocidental africana torna possível vislumbrar esta dinâmica complexa da relação entre Inglaterra e África Ocidental, tanto na esfera discursiva, quanto nas relações materiais. A resistência local dos africanos, experienciada pelos representantes britânicos, bem como suas estratégias de adaptação, surgem assim como elementos importantes para compreender este contexto. Mais do que a um projeto imperial unicamente inglês, a dinâmica histórica local responde à interação material entre ingleses e africanos. De fato, mesmo as construções discursivas racialistas “eurocêtricas” podem ser remetidas a esta interação, como formas de expressar os desejos dos diferentes ingleses que estiveram nesta zona de contato cultural, e que por sua vez, foram reelaboradas para comportar expressões ideológicas de “cientistas de gabinete” na própria Inglaterra.

Mapa

Fontes e Bibliografia:

Fontes:

Public Record Office, Londres:

As series de correspondências entre Burton e o *Foreign Office* no período entre 1861 e 1865, que dividem-se em:

Tráfico escravo:

PRO, FO, 84/ 1147

84/ 1176

84/ 1203

84/1221.

Correspondências gerais:

PRO, FO, 02/40

02/42

02/45

Além disto, há um livro especificamente sobre as questões judiciais a respeito da intermediação de Burton sobre a venda de uma embarcação de um mercador de Serra Leoa, PRO, FO, 97/438.

Artigos:

Burton speech when receiving the gold medal of the society, **Journal of the Royal Geographical Society**, vol 29, 1859, pp xcvi – xcvi.

Ethnological notes on M Du Chaillu's "explorations...", **Transactions of Ethnological society of London**, 1861, vol 1, new series, pp 316-26.

Ascent of the ogun or abeokuta river, **Proceedings of the Royal Geographical society (PRGS)**, vol VI, 1861-62, pp 64-66.

Ascent to Cameroon mountains, **Proceedings of the Royal Geographical society (PRGS)**, vol VI, 1861-62, pp 238-48.

Explorations of Elephant Mountains, **PRGS** , 1863, vol VII, pp 104-5.

A Day amongst the fans, **Anthropological Review**, 1863, vol 1, pp 43 – 54

Elephant mountains, **Journal of Royal Geographical society**, 1863, vol. XXXIII, pp 241-50.

Wanderings in West Africa, Fraser's **magazine of Town and country**, 1863, vol 57, pp 135-57, 273-89, 407-22.

Notes on scalping, **Antropological Review**, 1864, pp 49-52.

Notes on Waitz's anthropology, **Anthropological Review**, vol II, 1864, pp 233 – 250.

Notes of matters connected with dahomans, **Memoirs read before Anthropological Society of London**, vol 1, 1863-4, pp 308-21.

A day amongst the fans, **Transactions of Royal ethnological Society**, 1865, vol III pp 36-47.

The present state of Dahome, **Transactions of Royal ethnological Society**, 1865, vol III, pp 400-408.

Notes on a paper of Reade, on "missionary efforts amongst savages", **Journal of Anthropological society of London**, 1865, vol 3, pp clxiii – clxxxiii.

Relatos:

Goa and the Blue Mountains, or Six Months of Sick Leave. Londres: Richard Bentley, 1851.

The lake regions of Central equatorial Africa, with notices of the lunar mountains and the sources of the white Nile; being the results of an expedition undertaken under patronage of His Majesty's Government and the Royal Geographical Society of London. Londres, W. Clowes and Sons, 1860.

Continua daqui.

Abeokuta and the Cameroon Mountains: an exploration. 2 vols., Londres, Tinsley Brothers 1863.

Wanderings in West Africa from Liverpool to Fernando Pó. 2 vols., Londres, Tinsley Brothers, 1863.

A mission to Gelele, King of Dahome, with notices of the so called "amazonas" the grand customs, the yearly customs the human sacrifices, the present state of the slave trade and the Negro's place in nature. 2 vols., Londres, Tinsley Brothers, 1864.

Two trips to gorilla land and the cataracts of the Congo. 2 vols., Londres, Sampson Low, Marston, Low and Searle, 1876.

Outros documentos:

Cartas de Burton à Lord Houghton (Richard Molckton Milnes), na Biblioteca do Trinity college em Cambridge. (cerca de 35 cartas compreendidas entre os anos de 1857 e 1880).

The Papers of Sir Richard Burton (1821-1890), from the Wiltshire and Swindon Record Office (microfilmados).

Correspondência entre Burton e a Royal Geographical Society (cerca de 15 cartas compreendidas entre os anos de 1852- 1870.)

Bibliografia:

Adeyinka, A. "King Gezo of Dahomey: A Reassessment of a West African Monarch in the Nineteenth Century". *African Studies Review*, vol. 17, n 3, 1974, pp. 541-548.

Alagoa, E.J., "The Development of Institutions in the States of the Eastern Niger Delta." *The Journal of African History*, vol. 12, no 2, 1971, pp 269-278.

Alter, Stephen G., *Darwinism and the Linguistic Image: Language, Race and Natural Theology*. London: The John Hopkins University Press, 1999.

Argyle, W.J. *The Fon of Dahomey: a History and Ethnography of the Old Kingdom*. Oxford: Clarendon Press, 1966.

Ashcroft, B., Griffiths, G., Tiffin, H. *The Empire Writes Back, Theory and Practice in Post Colonial Literature*. London: Routledge, 1989.

Atanda, J. A. "Government of Yorubaland in Pre-colonial Period" *Tarik*, vol. 4, n 2, 1973. pp. 1-9.

Barnett, Clive. "Impure and Worldly Geography: the Africanist Discourse of the Royal Geographical Society". *Transactions of the Institute of British Geographers*, New Series, vol. 23, n 2 (1998), 239 -251.

Bay, Edna. "On the Trail of the Bush King: a Dohomean Lesson in the Use of Evidence". *History in Africa*, vol. 6, 1979, pp. 1-15.

Biobaku, S. *The Egba and Their Neighborhood*. 1842-72. Oxford: Clarendon Press, 1857.

Bivona, Daniel. *Desire and Contradiction. Imperial Visions and Domestic Debates in Victorian Literature*. Manchester: Manchester University Press, 1990.

Bolt, Christine. *Victorians Attitudes to Race*. London: Routledge and Kegan Paul, 1971.

Brantlinger, Patrick. *Rule of Darkness. British Literature and Imperialism, 1830-1914*. Ithaca: Cornell University Press, 1988.

"Victorians and Africans, the Genealogy of the Myth of the Dark Continent", in: GATES, Henry Louis Jr., Race, Writing and Difference, Chicago: University of Chicago Press, 1986, pp. 185 – 222.

Broadie, Fawn. *The Devil Drives*. New York: Norton, 1984.

Burnett, D. Graham. *Master of All They Surveyed*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

Burrow, J. W. *Evolution and Society, a Study in Victorian Social Theory*, Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

"Evolution and Anthropology in the 60s: The Anthropological Society of London", *Victorian Studies*, vol. 7, dezembro de 1963.

Cairns, H.A. *Prelude to Imperialism, British Reactions to Central African Societies*. London: Routledge and Kegan Paul, 1965.

Cameron, Ian. *To the Farthest End of the Earth: the History of the Royal Geographical Society*. London: Macdonald and Jane's, 1980.

Combers, Annie. *Reinventing Africa, Museums Material Culture, and Popular Imagination*. New Haven: Yale University Press, 1994.

Cordiviola, Afredo. *Richard Burton, a Traveller in Brazil*. New York: Edwin Mellen Press, 2000.

Curtin, Phillip (ed.). *Africa and the West: Intellectual Responses to European Culture*. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1972.

The image of Africa. British Ideas and Action, 1780 1850. London: MacMillan &co., 1965.

Dickenson, John. "The Naturalist on the River Amazon and a Wider World: Reflections on the Centenary of Henry Walter Bates. *The Geographical Journal*, vol. 158, N° 2, julho de 1992, 207-214.

Dike, K. Onwuka. *Trade and Politics in the Niger Delta 1830-1885*. Oxford: Clarendon Press, 1956.

Driver, Felix. *Geography Militant*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

Falola, Toyin. "The End of Slavery among the Yoruba", In: Miers, Suzane and Klein, Martin. *Slavery and Colonial Rule in Africa*, London: Frank Cass 1999.

Farnsworth, Susan H. *The Evolution of British Imperial Policy During the Mid Nineteenth Century, a Study of the Peelite Contribution, 1846 – 1874*. London: Garland Publishing, 1992.

Fyfe, Christopher. “*Freed Slave colonies in West Africa*”, in: Flint, J. (ed.) The Cambridge History of Africa, Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

Gailey, Harry. *Lugard and the Abeokuta Uprising, the Demise of Egba Independence*. London: Frank Cass, 1982.

Gallagher, J. e Robinson, R. “Imperialism of Free Trade”, *The Economic Historic Review*, Sec. Series, vol. VI, n 1, 1953.

Gebara, Alexsander L. A. *A Experiência do Contato, as Descrições Populacionais de Richard Francis Burton*. Dissertação de mestrado, FFLCH, USP, 1999.

Gilroy, Paul. *The Black Atlantic, Modernity and double consciousness*. London: Verso, 1993.

Guimarães, M. Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos”. *Estudos Históricos* nº 1, 1988.

Green, William. “The West Indies and British West African policy in the Nineteenth Century – A corrective Comment”. *The Journal of African History*, vol. 15, n 2, 1974, pp. 247-259.

Hargreaves, John D. *Prelude to the Partition of West Africa*. London: Macmillan, 1966.

Herskovits, Jean. “The Sierra Leoneans of Yorubaland”. In: Curtin, Phillip. *Africa and the West*, Madison: University of Wisconsin Press, 1972.

Heuman, Gad. *The Killing time: the Morant Bay rebellion in Jamaica*. London: McMillan, 1994.

Jack, Sibil. *Imperial Pawns: the Role of the British Consul*, in Scheuder, Derick M. (ed.). *Imperialisms*, Canberra: Highland Press, 1991.

Kearns, Gerry. "The imperial subject: geography and travel in the work of Mary Kingsley and Halford Mackinder". *Transactions of the Institute of British Geographers*, new series, vol. 22, n. 4, 1997, pp 450-472.

Kolapo, Femi. "CMS Missionaries of African Origin and Extra Religious Encounters at the Niger-Benue Confluence, 1858-1880. *African Studies Review*, vol. 43, n. 2, 2000. pp. 87-115.

Law, Robin. "The Politics of Commercial Transition: Factional Conflict in Dahomey in the Context of the Ending of the Atlantic Slave Trade". *Journal of African History*, n. 38, 1997, pp. 213 – 233.

From slave trade to 'legitimate' commerce, the commercial transition in nineteenth century West Africa, Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

"My Head Belongs to the King: On the Political and Ritual Significance of Decapitation in Pre Colonial Dahomey". *The Journal of African History*, vol. 30, n 3, 1989, pp. 399-415.

Leite, Dante Moreira. *O caráter Nacional Brasileiro: História de uma Ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1976.

Loomba, Ania. *Colonialism and Postcolonialism*. London: Routledge, 1998.

Lorimer, Douglas. *Colour, Class and the Victorians, English Attitudes to the Negro in the Mid Nineteenth Century*. London: Leicester University Press, 1978.

Lovejoy, P. and Richardson, D. *The Initial 'Crisis of Adaptation: the Impact of British Abolition on the Atlantic Slave Trade in West Africa*. In: Law, R. From Slave Trade to 'Legitimate' Commerce, the Commercial Transition in Nineteenth Century West Africa, Cambridge: Cambridge University Press, 1995, pp. 32-56.

Lynn, Martin. "The West African Palm Oil trade in the Nineteenth Century and the 'Crisis of Adaptation'". In: Law, R. *From Slave Trade to 'Legitimate' Commerce, the Commercial Transition in Nineteenth Century West Africa*, Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

"From Sail to Steam: the Impact of the Steamship Services on the British Palm Oil Trade with West Africa, 1850-1890. *The Journal of African History*. Vol. 30, n 2, 1989, pp. 227-245.

"Technology, Trade and a 'Race of Native Capitalists': The Krio Diaspora of West Africa and the Steamship, 1852-95". *The Journal of African History*, vol. 33, n 3, 1992, pp. 421-440.

Manning, Patrick. *Slavery, Colonialism and Economic Growth in Dahomey, 1640-1960*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

"Slaves, Palm Oil, and Political Power on the West African Coast". *African Historical Studies*, vol. 2, n 2, 1969, pp 279-288.

Mbaeyi, Paul Mmega. *British Military and Naval forces in West African History 1807-1874*. London: KOK Publishers, 1978.

Mckay, Brenda. *George Eliot and Victorian Attitude to Racial Diversity, Colonialism, Darwinism, Class, Gender and the Jewish Culture and Prophecy*. Lewiston, New York, Lampeter: the Edwin Mellen Press, 2003.

McYntire, W. David. *The Imperial Frontier in the Tropics, 1865-75, a Study of British Colonial Policy in West Africa, Malaya and the South Pacific in the Age of Gladstone and Disraeli*. London: Macmillan 1967.

“Commander Glover and the Colony of Lagos, 1861-73”. *The Journal of African History*, vol. 4, n 1, 1963, pp. 57-79.

Mill, Hough Robert. *The Record of the Royal Geographical Society, 1830-1939*. The Royal Geographical Society: London, 1930.

Moore-Gilbert, Bart. *Postcolonial Theory, Contexts, Practices, Politics*. Londres: Verso, 1998.

Newbury, C.W. *The Western Slave Coast and Its Rulers, European Trade and Administration Among the Yoruba and Adja Speaking Peoples of South Western Nigeria Southern Dahomey and Togo*. Oxford: Clarendon Press, 1961.

British Policy Towards West Africa, Selected Documents, 1786-1874. Oxford: Clarendon Press, 1865.

Introduction. In: BURTON, Richard. *A mission to Gelele King of Dahomey*. London: Routledge, 1966.

Nwaubani, E. “Kenneth Onwuka Dike ‘Trade and Politics’, and the Restoration of the African in History”, *History in Africa*, vol. 27, 2000, pp. 229-248.

Nzemeke, Alexander. *British Imperialism and African Response, the Niger Valley, 1851 – 1905*. Paderborn: Schöning, 1982.

Oguntomisin, G. O. “Political Change and Adaptation in Yorubaland in the Nineteenth Century”. *The Canadian Journal of African History*, vol. 15, n 2, 1981, pp. 223-237.

Olander, Maurice. *The Languages of Paradise, Race, Religion and Philology in the Nineteenth Century*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

Ortiz, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Pallinder-Law, Agneta. *Government in Abeokuta, 1830-1914, With Special Reference to the Egba United Government 1898-1914*. Tese de Doutorado, Universidade de Götemborg, 1973.

Parry, Benita. *Post Colonial Studies, a Materialist Critique*. London: Routledge, 2004.

Parsons, Timothy. *The British Imperial Century, 1815-1914*. Oxford: Rowman and Littlefield Publishers, 1999.

Phillips, Earl. "The Egba at Abeokuta: Acculturation and Political Change, 1830-1870". *Journal of African History*, vol. 10, n 1, 1969, pp. 117-131. p. 121.

Platt, D.C.M. *The Cinderella Service*. London: Longman Group Ltd, 1971.

Pratt, Mary L. *Os Olhos do Império, Relatos de Viagem e Transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

Rainger, Ronald. "Race, Politics and Science, the Anthropological Society of London in the 1860s". *Victorian Studies*, vol. 22, 1978, pp. 51-70.

Rice, Edward. *Sir Richard Francis Burton, o Agente Secreto que Fez a Peregrinação a Meca, Descobriu o Kama Sutra e Trouxe as Mil e Uma Noites para o Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

Richards, Thomas. *The Imperial Archive, Knowledge and Fantasy of Empire*. London: Verso, 1993.

Said, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

Cultura e Imperialismo. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

Schwarcz, Lilia. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Sigel, Lisa S. *Governing Pleasures, Pornography and Social Changes in England, 1815 – 1914*. London: Rutgers University Press, 2002.

Smith, Robert. “The Lagos Consulate, 1851-1861: An Outline. *The Journal of African History*, vol. 15, n 3, 1974, pp. 393-416.

Spurr, David. *The Rhetoric of Empire. Colonial Discourse in Journalism, Travel Writing and Imperial Administration*. London: Duke university Press, 1993.

Stafford, Robert. *Scientific Exploration and Empire*, in: The Oxford History of British Empire, vol. 3, Andrew Porter (ed.), Oxford and New York: Oxford University Press, 1989.

Scientist of empire: Sir Roderick Murchinson, Scientific exploration and victorian imperialism., Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

Stepan Nancy. *The Idea of Race in Science*. Oxford: MacMillan, 1987.

Stocking, George. *Victorian Anthropology*. New York: The Free Press, 1987.

Race Culture and Evolution. New York: the Free Press, 1968.

“What’s in a Name? The Origins of the Royal Anthropological Institute (1837-71). *Man, the Journal of the Royal Anthropological Institute*, vol. 6, n 3, 1971. pp. 369-390.

Sol, Tax. "The settings of the Science of Man". *Horizons of Anthropology*. Chicago: Albine, 1964.

Trautman, Thomas. *Aryans and British India*. Berkeley: University of California Press, 1977.

Williams, Patrick, and Chrisman, Laura. *Colonial Discourse and Postcolonial Theory*. New York: Columbia University Press, 1994.

Yoder, John. "Fly and Elephant Parties: Political Polarization in Dahomey, 1840-1870. *The Journal of African History*, vol. 15, n 3, 1974, pp. 417-432.

Young, Robert. *Postcolonialism, an Historical Introduction*. London: Blakwell, 2001.

Colonial Desire, Hybridity in Theory, Culture and Race, London: Routledge, 1995.